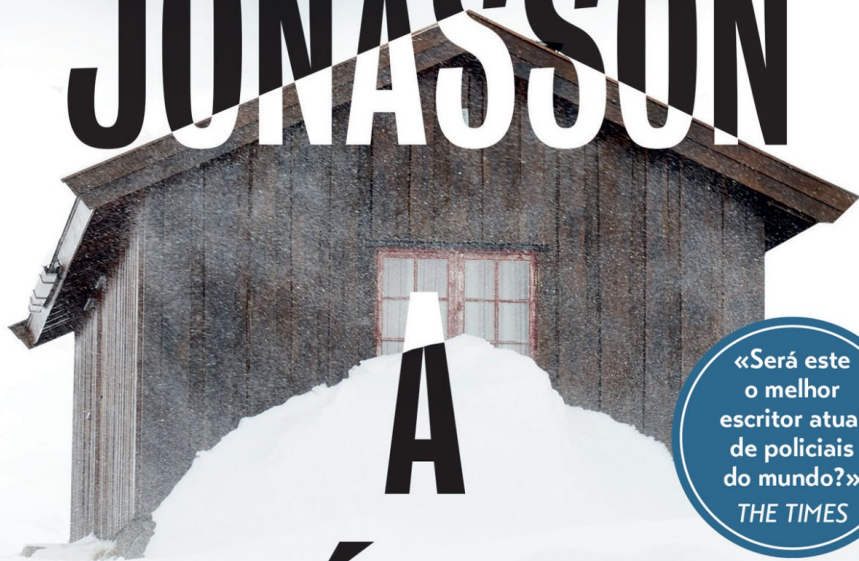


A NOVA VOZ DO POLICIAL NÓRDICO
2 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

INCLUI
CONTO INÉDITO

RAGNAR JÓNASSON



«Será este
o melhor
escritor atual
de policiais
do mundo?»
THE TIMES

A NÉVOA

TOP
SEL
LER

«Espantoso.»
The Sunday Times

«Uma obra excecional.»
Publishers Weekly

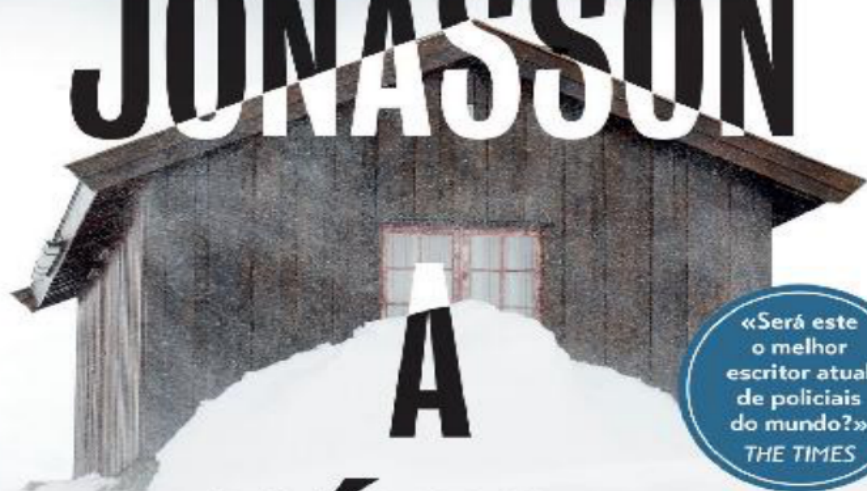
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A NOVA VOZ DO POLICIAL NÓRDICO
2 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

INCLUI
CONTO INÉDITO

RAGNAR JÓNASSON



A NÉVOA

«Será este
o melhor
escritor atual
de policiais
do mundo?»
THE TIMES

TOP
SEL
LER

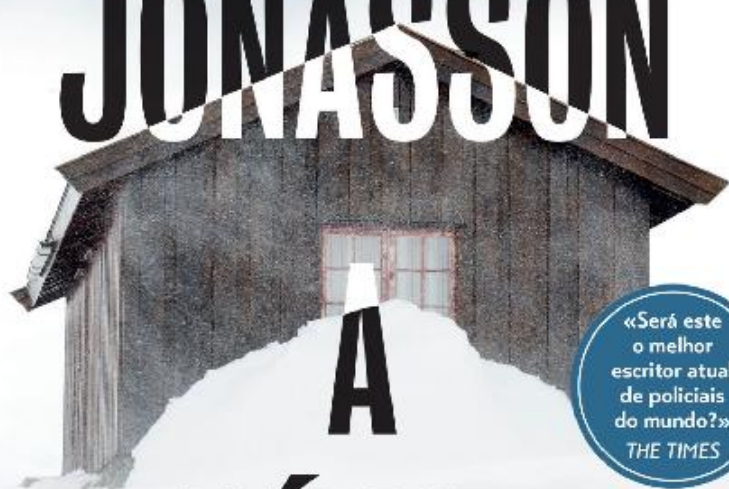
«Espantoso.»
The Sunday Times

«Uma obra excepcional.»
Publishers Weekly

A NOVA VOZ DO POLICIAL NÓRDICO
2 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

INCLUI
CONTO INÉDITO

RAGNAR JÓNASSON



A NÉVOA

«Será este
o melhor
escritor atual
de policiais
do mundo?»
THE TIMES

TOP
SEL
LER

«Espantoso.»
The Sunday Times

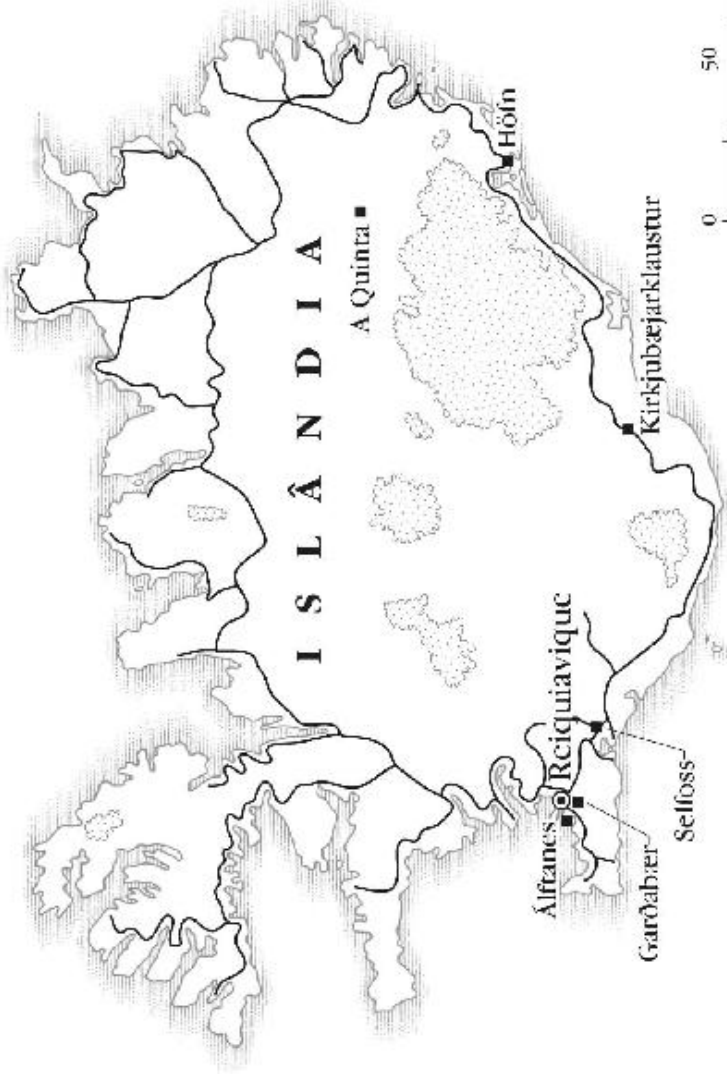
«Uma obra excepcional.»
Publishers Weekly

Para a Kira e a Natalia

«Os dias sucederam-se devagar,
mas os anos passaram a correr,
e, ainda assim, continuei a falar contigo no vazio.»

Ólafur Jóhann Ólafsson, em *O Almanaque* (2015)

N



0 50 100 150
0 50 100 150
milhas
km

Prólogo

Fevereiro, 1988

Hulda Hermannsdóttir abriu os olhos.

A sensação de letargia que a oprimia era tão intensa e constante que se assemelhava à de ter sido drogada. Podia ter continuado a dormir, ali mesmo, naquela cadeira dura. Era uma coisa boa, que o cargo de inspetora lhe permitisse dispor daquele gabinete privado. Isso significava que ela podia fechar a porta ao mundo exterior e esperar que as horas passassem, com o olhar preso no vazio ou deixando as pálpebras fechar. Entretanto, os papéis iam-se amontoando na secretária à sua frente. Desde que regressara da baixa, há duas semanas, ela não tinha pegado num único processo.

Aquela negligência não passara inteiramente despercebida ao seu chefe, Snorri, embora, verdade fosse dita, ele tratasse Hulda de modo compreensivo e paciente. O facto é que Hulda precisava simplesmente de ir trabalhar; não suportava passar mais um minuto fechada dentro de casa com Jón. Nem a impressionante beleza natural que rodeava a casa do casal em Álftanes conseguia exercer a sua magia naqueles dias. Hulda estava surda ao marulhar das ondas, e cega às estrelas e auroras boreais que resplandeciam no céu. Ela e Jón mal comunicavam, e Hulda tinha deixado de encetar qualquer conversa com o marido, embora continuasse a responder-lhe se ele se lhe dirigisse.

A escuridão de fevereiro em nada ajudava. Aquele era o período do ano mais frio e cinzento, e o tempo parecia agravar-se a cada dia que passava. Como se a situação não fosse já suficientemente má, fora um mês especialmente nevoso, tendo a cidade ficado coberta por um manto sufocante e com todas as artérias obstruídas. Os carros estavam sempre a ficar atolados nas ruas, e Hulda tinha de recorrer a toda a sua perícia para transitar com o seu *Skoda* nos caminhos secundários e cheios de neve de Álftanes, para chegar à estrada principal em Kópavogur sem problemas.

Durante algum tempo, ela chegara a duvidar que alguma vez voltasse ao trabalho. Na verdade, custara-lhe acreditar que alguma vez voltasse a sair de casa, ou que viesse a encontrar forças para se arrastar para fora da cama. Mas, por fim, Hulda vira-se obrigada a enfrentar as suas duas únicas opções: ficar em casa com Jón ou permanecer no seu gabinete entre o amanhecer e o crepúsculo, mesmo sem fazer grande coisa em termos de trabalho.

Depois de optar pelo gabinete, e apesar dos seus esforços para se concentrar, passava os dias a mudar os dossiês e processos de um lugar para outro, e a tentar lê-los, ainda que não se conseguisse focar. As coisas não podiam continuar assim; a situação tinha de melhorar. É claro que Hulda jamais iria ultrapassar a culpa que sentia, e tinha consciência disso; porém, a dor havia de atenuar com o tempo. Pelo menos, restava-lhe essa esperança. No entanto, para já, a raiva que sentia por Jón, longe de se dissipar, inflamava-se e tornava-se cada vez maior. À medida que os dias passavam, Hulda sentia a raiva e o ódio a fervilhar dentro de si, corroendo-a. Mesmo sabendo que isso não lhe fazia bem, ela não conseguia controlar as emoções. Tinha de encontrar um escape para elas, de uma maneira ou de outra...

Quando o telefone tocou na secretária, Hulda não reagiu. Perdida num mundo escuro e privado, nem chegou a levantar os olhos durante vários toques. Depois, finalmente, movendo-se devagar como se estivesse debaixo de água, ela estendeu a mão para o auscultador.

— Hulda.

— Viva, Hulda. Fala o Snorri.

Ela ficou logo inquieta. Não era habitual o chefe telefonar-lhe, a não ser que fosse urgente. Os contactos entre os dois costumavam limitar-se às reuniões da manhã, e, regra geral, ele não interferia muito na rotina diária das suas investigações.

— Ah, viva — retorquiu ela, após uma breve pausa.

— Pode dar um salto ao meu gabinete? Apareceu uma coisa.

— Vou já para aí.

Hulda pousou o auscultador, levantou-se e deu uma olhadela ao rosto num pequeno espelho que guardava na mala. Por muito mal que se sentisse, estava determinada a não deixar transparecer qualquer sinal de fraqueza no trabalho. É claro que nenhum dos colegas tinha a mais pequena dúvida do estado em que ela se encontrava, mas Hulda temia acima de tudo ir para casa de novo com uma licença de nojo.

Manter-se ocupada era a única forma de ela conseguir aguentar-se no que restava da sua sanidade.

Snorri recebeu-a com um sorriso quando Hulda entrou no gabinete dele, que era incomensuravelmente maior do que o dela. Ao sentir as ondas de compaixão que emanavam do seu chefe, ela praguejou por entre dentes, receando que qualquer demonstração de solidariedade da parte dele enfraquecesse o autocontrole que se esforçara tanto por conquistar.

— Como está, Hulda? — perguntou, convidando-a a sentar-se com um gesto, antes de ela ter tempo de lhe responder.

— Bem... dadas as circunstâncias.

— Como está a ser o regresso ao trabalho?

— Estou só a pôr tudo em andamento de novo. A atar pontas soltas em alguns casos do ano passado. Tudo começa a compor-se.

— Tem a certeza absoluta de que se sente em condições para isso? — inquiriu Snorri. — Não tenho qualquer problema em dar-lhe mais algum tempo, se precisar. É claro que nós também precisamos da Hulda aqui, como sabe, mas quero ter a certeza de que se sente à altura para trabalhar em casos mais desafiantes.

— Compreendo isso.

— E sente-se?

— Sinto-me como?

— Sente-se à altura?

— Sim — mentiu ela, olhando-o fixamente nos olhos.

— Então, está bem. Nesse caso, surgiu uma coisa que eu gostava que a Hulda investigasse.

— Ah, sim?

— Um assunto desagradável. — Snorri fez uma pausa, e depois franziu o sobrolho, agitando o braço a realçar as suas palavras. — *Extremamente* desagradável, na verdade. A suspeita de um homicídio, no Leste. Precisamos de enviar alguém para lá imediatamente. Lamento muito pedir-lhe isto assim de repente, tão pouco tempo depois do seu regresso, mas não existe ninguém com a sua experiência que esteja livre neste momento.

Hulda ponderou as palavras e em como o elogio poderia ter sido mais bem traçado, mas isso não era relevante.

— Eu posso ir, sem dúvida nenhuma. Estou em perfeitas condições para o fazer — afirmou ela, completamente ciente de aquilo não

corresponder à verdade, enquanto o dizia. — Em que ponto do Leste?

— Ah, numa quinta no meio do nada. É incrível como ainda há pessoas com atividades agrícolas num sítio daqueles.

— Quem é a vítima? Já foi identificada?

— A vítima? Ah, desculpe, Hulda... Eu não lhe contei a história toda. Não estamos a falar de um corpo apenas... — Snorri fez uma pausa. — Aparentemente, a descoberta tem contornos horrendos. Não está claro há quanto tempo os corpos jazem ali, mas supõe-se que seja desde o Natal...

PARTE I

Dois meses antes.

Pouco antes do Natal de 1987.

I

Fim.

Erla pousou o livro e reclinou-se na poltrona velha e coçada, soltando um suspiro profundo.

Não fazia ideia de que horas eram. O relógio de parede da sala de estar deixara de funcionar há algum tempo; na verdade, há já vários anos. Eles não sabiam consertá-lo, e o relógio era tão pesado e difícil de transportar que nunca lhes ocorrera carregá-lo até ao velho jipe e levá-lo pela estrada longa e esburacada que os separava da povoação. Ignoravam até se o relógio caberia na viatura ou se haveria alguém na povoação dotado da perícia necessária para reparar um mecanismo tão antigo. Por isso, ele ia ficando ali, reduzido à sua função decorativa. O relógio pertencera ao avô de Einar, o seu marido. Contava-se que ele o trouxera da Dinamarca, para onde tinha ido formar-se em Agronomia, regressando anos depois a casa para tomar conta da quinta. Era aquilo que se esperava que ele fizesse, dizia Einar. Mais tarde, calhara a vez ao pai dele, até o testemunho passar finalmente para as mãos do próprio filho. O avô falecera há muito; e o pai também, numa morte prematura, de certa forma. Ser agricultor ali — viver ali — tinha os seus custos, físicos e mentais.

Ela deu-se conta do frio cortante. Era expectável naquela altura do ano, naturalmente. A casa acusava a passagem do tempo, e, quando o vento soprava de determinado quadrante, a única maneira de uma pessoa se manter aquecida em algumas divisões era envolver-se num cobertor espesso, como Erla fazia agora. Embora o cobertor mantivesse o corpo aconchegado, as mãos ficavam tão geladas quando as tirava para fora que se tornava difícil virar as páginas. Mas ela aguentava — ler dava-lhe um prazer supremo em comparação com

qualquer outra atividade. Um bom livro conseguia levá-la para longe, muito longe, para um mundo diferente, outro país, outra cultura, onde o clima era mais quente e a vida mais fácil. Isso não queria dizer que ela não se sentisse grata ou satisfeita com a quinta ou a sua localização; longe disso. Afinal, aquela era a casa de família de Einar, pelo que apenas lhe restava cerrar os dentes e fazer o melhor que podia. Criada na ReiQUIAVIQUE do pós-guerra, Erla jamais imaginara tornar-se a mulher de um agricultor nas montanhas da Islândia selvagem. Mas, depois, conheceu Einar, e deixou-se encantar por ele. Mais tarde, quando ambos tinham 20 e poucos anos, Anna nasceu.

Erla pensou em Anna, cuja casa estava em muito melhor estado do que a deles. Tinha sido construída há muito menos tempo, a alguma distância do sítio onde eles moravam, destinando-se a acomodar rendeiros, inicialmente. Uma das desvantagens da distância era eles não poderem dar um salto até lá quando o tempo começava a ficar assim, ou pelo menos ser bastante difícil fazê-lo. Einar costumava deixar o jipe parado durante os meses mais rigorosos do inverno, já que os pneus com pregos e as correntes deixavam de ser eficazes, mesmo com a tração às quatro rodas, quando a neve começava a cair ininterruptamente, dia após dia. Nessas condições, era mais fácil fazer o percurso a pé ou em esquis de fundo, e tanto ela como Einar eram esquiadores bastante razoáveis, felizmente. Seria bom disporem da hipótese de esquiarmos com mais frequência, nem que fosse meia dúzia de vezes, e exercitar a sua destreza. E o dinheiro também nunca abundava; a quinta dava à justa para cobrir as despesas, pelo que gastos supérfluos em divertimentos ou viagens não tinham qualquer razão de ser. Era raro falarem sobre isso. Agora, como sempre acontecera, o objetivo que os movia era manter a quinta de pé, e sem dívidas, se possível. Ela sabia que, para Einar, o que estava em jogo era a honra da família; o marido carregava sobre os ombros um fardo ancestral tremendo, com os espelhos dos antepassados a exercerem a sua vigilância eterna a partir das sombras.

O avô dele, Einar Einarsson, o primeiro, observava-os na parte mais antiga da casa, onde Erla se encontrava neste momento — a estrutura de madeira original que ele construíra «com as próprias mãos, com sangue, suor e lágrimas», conforme o marido o enunciara um dia. O pai de Einar, Einar Einarsson, o segundo, presidia sobre o que Erla designava por nova ala, o prolongamento já em placa que, atualmente,

abrigava os quartos e que tinha sido construído quando o seu marido, Einar Einarsson, o terceiro, era criança.

Em relação aos seus antepassados, Erla não sentia nada que se pudesse comparar àquela reverência. Era raro falar neles. Os pais, já divorciados, viviam no Sul, e ela raramente se encontrava com alguma das suas três irmãs. A distância também contribuía para isso, naturalmente, mas a verdade é que os laços entre ela e a família nunca haviam sido fortes. A seguir à separação dos pais, as irmãs tinham deixado de fazer grandes esforços para manter o contacto, e as reuniões familiares eram poucas e bastante espaçadas. Erla encarava o facto sem grande tristeza. Teria sido bom dispor da sua própria rede de apoio para quando precisasse, mas, em contrapartida, ela passara a ser um membro da família de Einar e empenhara-se em cultivar a sua relação com eles.

Erla continuava na sua cadeira. Sem se mexer. Ainda não tinha energia para se levantar. Afinal, além da cama, não havia outro lugar aonde ir, e ela queria ficar acordada um pouco mais, desfrutando da paz e do sossego. Einar adormecera há horas. Para o marido, madrugar era uma virtude e, de qualquer modo, ele tinha de alimentar as ovelhas. Contudo, naquela altura do ano, tão perto do Natal e com o dia a atingir a sua duração mínima, Erla não tinha uma razão plausível para se forçar a sair da cama de madrugada, quando ainda estava escuro como breu. A luz iria chegar apenas por volta das 11 horas, o que ainda era uma hora bastante matutina para o mês de dezembro, a seu ver. Com a passagem dos anos, o casal aprendera a não discutir em torno de questões tão triviais como a hora de sair da cama. O facto é que as visitas que eles recebiam eram diminutas, pelo que não lhes restava outra alternativa senão entenderem-se. E a chama do amor também continuava acesa entre os dois, talvez menos viva do que nos velhos tempos, quando eles se haviam conhecido; ainda assim, o sentimento amadurecera à medida que a relação se fora aprofundando.

Erla estava arrependida de ter devorado o livro tão depressa; gostaria de o ter feito render um pouco mais. Da última vez que os dois tinham ido juntos à povoação, ela requisitara 15 romances na biblioteca, um número que ultrapassava o limite, claro, mas ela dispunha de um acordo especial, o que era perfeitamente natural dadas as circunstâncias. Do mesmo modo, era-lhe permitido manter os

livros por um período mais longo do que o habitual, por vezes durante dois ou três meses, quando o tempo estava mais inclemente. Contudo, ela já tinha lido os 15, aquele era o último. Lera-os a uma velocidade inusitada, embora só Deus soubesse quando ela conseguiria voltar à biblioteca. Teria sido injusto pedir a Einar para requisitar mais livros quando ele fora de esquí à povoação alguns dias antes, já que apenas o iriam sobrecarregar. Erla sentiu-se dominada pela sensação familiar de vazio que a assaltava sempre que alguma coisa acabava sem que fosse possível substituí-la. Sentia-se desamparada. Na verdade, falar em sensação de vazio não era correto; seria mais apropriado dizer que ela se sentia quase uma prisioneira ali — naquela região selvagem.

Fosse como fosse, qualquer alusão a claustrofobia estava proibida na quinta — essa era uma sensação que eles tinham de ignorar; caso contrário, tenderia facilmente a tornar-se algo insuportável.

Sufocante...

Sim, aquele tinha sido um livro realmente bom, o melhor dos 15. Mas não tão bom que Erla ponderasse relê-lo já de seguida. Ela já tinha lido todos os livros que eles possuíam, os que tinham comprado ou que já existiam na casa; alguns deles, vezes sem conta.

O seu olhar absorto desviou-se para o abeto colocado ao canto da sala de estar. Desta vez, Einar tinha feito algum esforço para escolher um exemplar atraente. O aroma que inundava a pequena sala era uma alusão confortável à chegada iminente do Natal. Eles costumavam envidar todos os esforços para banir a escuridão durante a época festiva, mesmo que por breves momentos, convertendo a sua solidão num isolamento acolhedor. Erla deleitou-se com a ideia de eles ficarem completamente sozinhos durante aquela época de calma e descanso, já que ninguém viajaria até àquele ponto tão remoto do interior, rodeado de neve, salvo alguém invulgarmente determinado. E, até ao momento, isso nunca acontecera.

A árvore ainda não tinha sido decorada. De acordo com a tradição familiar, isso seria feito a 23 de dezembro, o dia da festa de São Thorlákur, embora já houvesse alguns embrulhos colocados por baixo dela. Não fazia sentido tentar esconder os presentes um do outro, já que estes tinham sido comprados há bastante tempo. Afinal, eles não iam propriamente dar um salto às lojas na véspera de Natal para comprar presentes de última hora ou natas para o molho da carne.

Havia livros debaixo da árvore, Erla tinha a certeza disso, e era

terrivelmente tentador abrir um dos livros antes de tempo. Einar oferecia-lhe sempre dois romances, pelo menos, e aquilo de que ela gostava mais no Natal era de descobrir que livros eram e instalar-se na sua poltrona a seguir, com uma caixa de chocolates e a cerveja de Natal, lendo pela noite fora. Já tinham sido feitos todos os preparativos. A caixa de chocolates estava em cima da mesa de jantar, à espera de ser aberta. O refrigerante à base de laranja encontrava-se na despensa, e ninguém estava autorizado a tocar-lhe até ao início oficial das festividades, que, de acordo com a tradição islandesa, era às 18 horas do dia 24, quando os sinos dobravam a chamar para a Missa de Natal. Escusado seria dizer que eles iriam desfrutar do habitual cordeiro fumado, ou *hangikjöt*, como prato principal na noite de 24. À semelhança do ano anterior, e do ano anterior a esse; à semelhança de todos os anos...

Erla levantou-se, um pouco hirta, atingida por um calafrio assim que emergiu do seu casulo aquecido. Ao aproximar-se da janela da sala, afastou a cortina e perscrutou a escuridão. Estava a nevar. Mas já sabia isso. Ali, nevava sempre no inverno. Que outra coisa se poderia esperar na Islândia, num ponto tão interior e tão elevado em relação ao mar? Ela sorriu com alguma amargura. Aquele não era um sítio para se viver naquela altura do ano. A obstinação dos antepassados de Einar era admirável à sua maneira; contudo, naquele momento, Erla tinha a sensação de estar a ser punida pelas decisões deles. Graças a eles, ela estava aprisionada ali.

A quinta tinha de continuar a funcionar, custasse o que custasse. Ela não estava propriamente a queixar-se, nada disso. Várias quintas da vizinhança, se é que se podia chamar vizinhança a uma zona tão vasta e escassamente povoada, tinham sido votadas ao abandono na última década, o que provocava invariavelmente a mesma reação em Einar: amaldiçoar aqueles que partiam devido à sua cobardia, desistindo assim tão facilmente. De qualquer forma, se eles desistissem da quinta, do que viveriam? Não sabiam se a terra valia alguma coisa, caso tentassem vendê-la, e as demais oportunidades de trabalho eram escassas naquela região. Erla simplesmente não conseguia imaginar Einar a querer trabalhar para outra pessoa, depois de trabalhar por conta própria a maior parte da vida.

— Erla! — Era o marido a chamá-la, do quarto, com a voz rouca. Ela tinha a certeza de que o ouvira ressonar algum tempo antes. —

Porque não vens para a cama?

— Já vou — retorquiu ela, e desligou o candeeiro da sala, soprando de seguida a vela que acendera na mesa ao seu lado, para criar um ambiente aconchegante enquanto lia.

Einar tinha a luz acesa. Estava deitado do lado dele da cama, o eterno animal de hábitos: na mesinha de cabeceira, um copo de água, o despertador e um romance de Laxness. Erla conhecia-o suficientemente bem para saber que o marido achava que ter um clássico como Laxness à cabeceira favorecia a sua imagem, mesmo que, na prática, nunca lhe desse um avanço significativo ao deitar. Eles tinham em casa a maior parte da obra de Halldór Laxness — livros que a própria Erla já tinha lido e relido —, mas o verdadeiro interesse de Einar naqueles tempos centrava-se mais em revistas e jornais antigos, ou artigos sobre fenómenos paranormais. É claro que eles só tinham jornais desatualizados, alguns muito mais do que outros; naquela altura do ano, podiam passar vários meses entre cada jornal. Apesar disso, mantinham a assinatura do jornal do partido, cujas edições se iam acumulando na estação dos correios entre as suas idas até lá, e ainda de vários periódicos, como o *Reader's Digest* da Islândia.

Se, por um lado, o interesse de Einar em assuntos da atualidade era perfeitamente compreensível, por outro, ela não conseguia entender de todo por que motivo ele se sentia atraído por histórias de fantasmas ou livros de médiuns sobre o mundo espiritual, quando eles viviam num lugar inquietante como aquele.

No inverno, não havia um dia em que ela não testemunhasse alguma coisa que lhe causava arrepios. Erla não acreditava em fantasmas; contudo, o isolamento, o silêncio, a maldita escuridão, tudo se combinava para ampliar cada rangido do soalho e das paredes, o uivo do vento, a oscilação entre a luz e a sombra, a ponto de às vezes a fazer refletir sobre se acreditava em fantasmas ou não; se isso poderia tornar a vida mais suportável.

Apenas quando se sentava a ler um livro à luz da vela, imersa num mundo desconhecido, é que os fantasmas na sua mente perdiam toda a capacidade de a assustar.

Erla deitou-se e fez por encontrar uma posição confortável. Tentou pensar na manhã seguinte com expectativa, mas não era fácil. Ela queria muito sentir-se fascinada por aquele lugar, pela solidão, tal

como Einar o estava, mas era-lhe impossível sentir isso; já não. Sabia que o dia seguinte não ia ser melhor, e que não seria muito diferente do dia que agora terminava. O Natal imprimia alguma novidade à rotina deles, mas era somente isso. A véspera do Ano Novo também era apenas mais um dia, embora eles desfrutassem igualmente de uma refeição especial, o cordeiro fumado, como na ceia de Natal, se bem que não soltassem fogo de artifício há largos anos. Sendo um material perigoso, o fogo de artifício apenas estava à venda durante um período limitado, pelo que não era possível encontrá-lo na ida que faziam à povoação para se abastecer antes do Natal. Regra geral, eles faziam-no em novembro, antes de caírem os piores nevões, e dificilmente se poderia justificar outra deslocação especial no pico do inverno só para comprar uns quantos foguetes e estrelinhas. Além disso, ambos consideravam que lançar fogo de artifício no meio do nada não fazia muito sentido. Pelo menos, fora isso que Einar entendera, e Erla não o contradissera, como era habitual, embora lá no fundo sentisse a falta da explosão de cor com que eles costumavam saudar o Ano Novo.

— Porque demoraste tanto tempo, querida? — inquiriu ele gentilmente.

Ao olhar para o despertador, Erla viu que não eram sequer 11 da noite, mas o tempo pouco significava naquela escuridão perpétua. Eles viviam de acordo com o próprio ritmo, indo para a cama demasiado cedo e levantando-se demasiado cedo. A sua rebeldia em surdina, que consistia em ficar acordada até mais tarde, não lhe trazia qualquer resultado.

— Estive a acabar de ler o livro — explicou-lhe. — Não tinha sono. E estava a pensar se não deveríamos telefonar à Anna para saber se está tudo bem. — Depois, respondendo à sua própria questão, acrescentou: — Mas é capaz de ser demasiado tarde para lhe telefonar agora.

— Posso apagar a luz? — perguntou ele.

— Sim, apaga — anuiu ela com relutância.

O marido tocou no interruptor e eles foram envolvidos pela escuridão. Tão implacável e, apesar disso, tão serena. Não se vislumbrava a mais ténue luz. Ela conseguia *sentir* a neve a cair lá fora; e sabia que tão depressa eles não iriam a lugar nenhum. Aquela era a vida que eles tinham construído para si. Nada mais lhe restava,

senão aguentá-la.

II

Já passava muito das 10 da noite. Hulda estava parada junto à porta de casa a remexer no interior da mala à procura das chaves, praguejando por entre dentes. Não conseguia ver nada. A lâmpada por cima da porta estava fundida e o clarão das luzes da iluminação pública era demasiado fraco para lhe servir de ajuda.

Jón prometera-lhe que compraria uma lâmpada nova, mas ainda não o tinha feito, como era evidente. Eles viviam praticamente numa zona rural, junto ao mar, na península de Álfanes, longe das luzes brilhantes da cidade. Sempre considerara a região um bom sítio para viver, embora nos meses mais recentes pairasse sobre a família uma nuvem de melancolia, como se o céu por cima deles estivesse toldado.

Por fim, Hulda encontrou as chaves. Não tinha querido tocar à porta para o caso de Jón e Dimma já estarem a dormir. Até esperava chegar a casa mais tarde, já que contavam com ela para o turno da noite, mas a situação estava calma, para variar, e Snorri deixara-a sair mais cedo. Ele era bastante perspicaz, havia que o reconhecer, e talvez tivesse intuído que nem tudo corria bem em sua casa. Tanto ela como Jón, o marido, trabalhavam arduamente, tendo horários bastante diferentes dos convencionais. Jón trabalhava por conta própria, como investidor e grossista, e, ainda que em teoria isso lhe desse algum controlo sobre o seu tempo, na verdade, ele passava largas horas fechado no seu escritório em casa, ou em reuniões na cidade. Sempre que havia uma sobrecarga de trabalho, esperava-se que Hulda fizesse horas extra, além dos serões e turnos noturnos a que estava obrigada, e ainda trabalhava num ou outro feriado. Nesse ano, por exemplo, ela ia estar de serviço no dia de Natal. Mas, com alguma sorte, não haveria nada para fazer, o que lhe permitiria regressar para junto da

família a uma hora razoável.

A casa estava mergulhada em silêncio. Não havia luz na sala de estar e na cozinha, e Hulda deu logo pela falta do cheiro a cozinhados. Aparentemente, Jón não se dera novamente ao trabalho de preparar o jantar para ele e para a filha. Ele devia dar mais atenção à alimentação de Dimma; ela não podia sobreviver apenas com cereais ao pequeno-almoço e ao jantar. A falta de uma refeição decente em nada ajudava a sua disposição, e Dimma já se mostrava suficientemente difícil nos últimos tempos. A filha tinha 13 anos, e a sua entrada na adolescência parecia revelar-se problemática. Tinha-se distanciado dos amigos da escola e passava os serões em casa, sozinha, trancada no quarto.

Hulda sempre assumira que Álfanes fosse um sítio maravilhoso para criar um filho, uma boa fusão entre a cidade e o campo, razoavelmente próximo de Reiquiavique, mas com a Natureza mesmo à porta de casa, repleto de ar marítimo puro e saudável. Porém, nesse momento, ela tinha de reconhecer que a decisão de viverem ali talvez tivesse sido um erro; talvez fosse melhor mudarem-se para um ponto mais próximo do centro da cidade, proporcionando a Dimma uma vida mais social.

Hulda estava parada à entrada quando a porta do quarto de Dimma se abriu inesperadamente e Jón saiu de lá.

— Já voltaste? — admirou-se ele, correspondendo ao olhar dela com um sorriso. — Tão cedo? Estava a pensar que tinha de ficar a pé até mais tarde para te ver.

— O que estavas a fazer no quarto da Dimma, Jón? Ela está a dormir?

— Sim; profundamente. Só fui ver como estava. Pareceu-me tão indisposta esta noite que quis certificar-me de que estava tudo bem com ela.

— Ah, sim? Ela tinha febre?

— Não, nada disso. A testa não estava quente. Acho que é melhor deixá-la dormir.

Então, Jón aproximou-se de Hulda, rodeando-lhe o ombro com o braço e conduzindo-a de certa forma em direção à sala de estar.

— O que achas de tomarmos um copo de vinho, meu amor? Hoje, passei pelo *Ríki* e comprei duas garrafas de vinho tinto.

Hulda hesitou, ainda apreensiva por causa de Dimma. Sentia que

alguma coisa não estava bem. No entanto, obrigou-se a pôr esse pensamento de lado. Na verdade, ela precisava de relaxar depois do dia extenuante de trabalho que tivera; o emprego já a esgotava o suficiente, sem ser preciso viver igualmente sob tensão em casa. Provavelmente, Jón estava certo e talvez ela precisasse apenas de uma bebida que a ajudasse a descomprimir antes de se deitar.

Despiu o casaco, colocando-o sobre as costas do sofá, e sentou-se. Jón foi até à cozinha, regressando de lá com uma garrafa e dois copos antigos, uma herança dos avós de Hulda. Tirou a rolha com algum esforço e serviu o vinho. Aquele era um luxo raro. Não só o imposto sobre o álcool era demasiado alto, como era difícil a qualquer um deles ir ao *Ríki*, nome pelo qual era conhecida a loja de bebidas alcoólicas estatal, durante o seu exíguo período de funcionamento.

— Vinho tinto! Isto é uma extravagância bastante inesperada. O que estamos nós a comemorar?

— O facto de o dia me ter corrido bem — disse ele. — Em princípio, consegui finalmente vender aquele prédio na rua Hverfisgata que estava a ter dificuldade em despachar. O banco tem andado atrás de mim, a ameaçar apropriar-se dele de novo. São todos uma cambada de burocratas! Não fazem a mínima ideia do que é gerir um negócio. Seja como for, saúde!

— Saúde!

— Há dias em que eu desejava verdadeiramente que vivêssemos no estrangeiro, com bancos decentes. É desesperante tentar trabalhar num meio em que tudo se resume à política, e em que os bancos são geridos por antigos políticos. Isto é de loucos. Estou no partido errado e sofro represálias devido a isso. — O marido soltou um suspiro desalentado.

Hulda ouvia-o, algo desatenta. Faltava-lhe paciência para se manter a par de todos os meandros dos intermináveis imbróglis financeiros de Jón. Os problemas que ela própria enfrentava no seu trabalho eram bastantes, mas ela cumpria escrupulosamente a regra de não os levar para casa, ao contrário do que o marido estava inclinado a fazer. Ela confiava em absoluto nas capacidades dele para conduzir as suas manobras de bastidores: Jón parecia dominar todos os truques. Num momento, ele estava a comprar um imóvel de primeira linha para, no momento seguinte, lhe comunicar que o tinha vendido com um lucro assombroso, dedicando o resto do seu tempo a expandir o seu negócio

de grossista. Hulda tinha de reconhecer os méritos do marido, os quais lhes haviam garantido uma situação financeira confortável ao longo dos anos. Eles tinham aquela moradia confortável, dois carros, e ainda acesso a alguns luxos, como levar Dimma a jantar fora uma ou duas vezes por mês, regra geral à hamburgueria preferida da filha. Reiquiavique, que ficava a dez minutos de distância de carro, tinha tão poucos restaurantes que a ida a um restaurante de *fast food* se tornava uma ocasião especial. Por falar nisso, há já muito tempo que eles não desfrutavam de uma refeição em família. Dimma parecia ter deixado de querer passar tempo com os pais e recusara várias vezes juntar-se a eles nas suas saídas, nas últimas semanas — até meses.

— Jón, porque não vamos comer fora amanhã?

— No dia da festa de São Thorlákur? Deve haver enchentes em todo o lado.

— Pensei que podíamos ir ao sítio do costume, comer hambúrgueres e batatas fritas.

— Hum... — respondeu o marido após uma breve pausa. — Vamos ver como correm as coisas. O restaurante deve estar cheio, além de o trânsito ficar caótico nas vésperas do Natal. Não te esqueças de que ainda temos de decorar a árvore.

— Ah, diabo! — exclamou ela. — Esqueci-me de a comprar hoje.

— Tinhas prometido tratar disso, Hulda. Não há uma loja de venda de árvores ao pé do teu trabalho?

— Sim, há, e eu passo por ela todos os dias.

— Nesse caso, podes ir logo lá ao início da manhã e comprar uma? Acho que vamos ter de nos conformar com uma enfezada que alguém rejeitou.

Depois de um momento de silêncio, Hulda mudou de assunto.

— Compraste alguma coisa para a Dimma? — perguntou ela. — Tínhamos falado em oferecer-lhe uma joia, não era? Eu comprei-lhe aquele livro que ela queria, e a Dimma sempre gostou de ler no Natal, de qualquer fôrma. E já sei que a minha mãe lhe fez uma camisola, por isso, ela está a salvo do Gato do Natal, pelo menos. — Hulda sublinhou com um sorriso a sua própria piada, a referência ao gato maléfico que, de acordo com a lenda, comia as crianças islandesas que não recebiam roupa nova no Natal.

— Não sei o que ela quer — afirmou Jón. — Ainda não deu nenhuma dica, mas eu vou sondá-la amanhã. — A seguir, perguntou,

abafando um riso: — Tu acreditas realmente que a Dimma vai vestir uma camisola feita pela tua mãe? — Antes de a mulher reagir, acrescentou: — Caramba, este vinho é mesmo bom, não achas? Na verdade, não foi barato.

— Sim, não é mau — concordou Hulda, embora a sua pouca experiência em relação a vinho tinto não lhe permitisse distinguir um vinho de qualidade de uma zurrapa. — Não faças troça da minha mãe, ela faz o melhor que pode. — Mesmo que ela não fosse tão próxima da sua mãe como teria desejado, havia vezes em que Hulda ficava magoada pela forma como Jón se referia a ela. Sempre fizera o possível para fortalecer os laços entre Dimma e a avó, e isso tinha corrido bem, pelo menos.

— Há séculos que a tua mãe não põe cá os pés, pois não? — referiu Jón, e Hulda notou uma crítica latente na leve nota trocista do seu tom, embora não soubesse dizer se esta se dirigia a ela ou à mãe. Talvez a ambas.

— Não, e a culpa é minha. Para ser franca, tenho andado tão ocupada que não tive tempo de a convidar a vir até cá.

Era uma meia-verdade. Na verdade, Hulda não apreciava por aí além a companhia da mãe. A relação entre as duas fora sempre algo tensa, e a mãe conseguia ser uma pessoa bastante opressiva, sem respeitar verdadeiramente o espaço da filha. Além disso, não é que elas conversassem propriamente sobre alguma coisa de interessante.

Hulda passara os dois primeiros anos da sua vida numa instituição de menores, e sempre desejara que a sua mãe lhe falasse do passado e da razão pela qual a levara para lá. Ela desconfiava que os avós seriam os principais culpados, havendo, no entanto, algo que a levava a perdoá-los mais facilmente do que à própria mãe. Embora ela fosse claramente demasiado nova para ter alguma memória do tempo passado na instituição, a partir do momento em que o avô a pusera ao corrente da história, esta nunca deixara de a atormentar. Talvez isso explicasse a sua incapacidade para estreitar laços com a mãe: era difícil suportar a sensação de ter sido abandonada, de não ter sido amada.

Deu mais um gole no vinho caro de Jón. Pelo menos agora era amada. Tinha um casamento feliz com Jón, e uma filha encantadora. Esperava sinceramente que Dimma pusesse de parte o seu mau humor durante o Natal.

Nesse preciso momento, chegou-lhe um ruído vindo da entrada.

— Ela está acordada? — inquiriu Hulda, fazendo menção de se levantar.

— Deixa-te estar, meu amor — disse Jón, colocando-lhe a mão na coxa.

Hulda sentiu que ele a agarrava com demasiada força, mas não reagiu.

Em seguida, ouviu-se uma porta a fechar-se e a ser trancada.

— A Dimma foi só à casa de banho. Tem calma, querida. Nós temos de lhe dar algum espaço. Ela está a crescer muito depressa.

Ele tinha razão, claro. A adolescência trazia grandes transformações, e era certo que as crianças lidavam com elas de maneira diferente. Aquela fase ia passar, e talvez Hulda tivesse simplesmente de recuar um pouco. O seu papel de mãe levava-a a ser arrastada por emoções intensas, mas ela sabia que, por vezes, o melhor a fazer era relaxar.

Os dois ficaram ali sentados durante algum tempo, num silêncio amigável, algo que fora sempre natural entre eles. Jón deitou mais vinho no copo de Hulda, embora ela ainda não o tivesse bebido todo, e a mulher agradeceu-lhe.

— Não devíamos arranjar lombo de porco fumado para comer na véspera de Natal, como de costume? — inquiriu Jón. Era óbvio que ele ainda não tinha descoberto o lombo de porco, guardado em segurança na prateleira inferior do frigorífico.

— Vocês não jantaram? — retorquiu Hulda em resposta. — E, sim, já temos o lombo de porco fumado.

— Não houve tempo. Eu comprei uma sanduíche a caminho de casa e a Dimma costuma desenrascar-se sozinha. Há sempre *skyr* ou outra coisa qualquer no frigorífico, não é?

Hulda assentiu.

— Muito trabalho hoje? — perguntou ele cordialmente, mudando de assunto.

— Sim, sem dúvida. Estamos sempre a tentar conciliar uma quantidade excessiva de casos. A equipa é demasiado pequena.

— Ah, vá lá, nós vivemos num dos países mais pacíficos do mundo.

Ela limitou-se a sorrir, tentando que a conversa ficasse por ali. Alguns dos casos que lhe passavam pelas mãos eram profundamente chocantes, e não era seu desejo debatê-los com Jón. E havia ainda

aquele incidente que Hulda não conseguia esquecer, embora já tivesse ocorrido no outono: uma jovem que tinha desaparecido em Selfoss. Um caso estranho. Talvez valesse a pena dar uma nova olhadela ao processo no dia seguinte.

Ouviu-se outro ruído vindo da entrada, e Hulda levantou-se instantaneamente, sem ligar aos protestos de Jón.

Ao chegar ao vestíbulo, viu Dimma junto à porta do seu quarto, preparando-se para entrar. A rapariga parou, fitando a mãe com o rosto tão vazio como se estivesse num mundo só seu.

— Dimma, minha querida, estás acordada... Está tudo bem? — indagou Hulda, sentindo uma nota de desespero a transparecer-lhe da voz, apesar de o tentar evitar.

Ela deu um salto ao sentir Jón a estreitá-la nos ombros com firmeza. E então Dimma lançou-lhes um olhar silencioso, desaparecendo de seguida no interior do quarto.

III

Erla estava sentada em frente a Einar, do outro lado da mesa da cozinha. Em segundo plano, a voz do locutor a ler as notícias do meio-dia competia com o silvo da estática do velho rádio de ondas longas. Aquela região tivera sempre uma recepção deficiente, e, segundo lhes diziam, eles até tinham sorte em poder selecionar algumas estações. No entanto, embora a qualidade fosse muito variável, eles conseguiam captar normalmente o que estava a ser dito, mesmo quando as interferências atingiam o seu pico máximo. Para Erla, a rádio era uma tábua de salvação, quase uma condição para continuar a viver ali. Apesar de ser uma leitora ávida, não conseguia imaginar-se a aguentar os longos e sombrios meses de inverno sem a rádio. Os seus programas preferidos eram peças e folhetins; na verdade, tudo o que ajudasse a mente a abstrair-se. Erla costumava servir o almoço enquanto ouvia a última música antes do noticiário, e, a seguir, eles sentavam-se e comiam acompanhados pela edição do meio-dia, o que não lhes dava muito terreno para uma conversa. Os almoços não variavam muito de dia para dia: pão de centeio, soro de leite como bebida e as sobras requentadas da noite anterior, naquele caso carne estufada. A cozinha estava inundada pelo seu aroma suculento e caloroso.

Erla observou o marido. Ele tinha um ar cansado. Umas olheiras profundas, e a fronte apresentava rugas vincadas, embora ele tivesse apenas 50 e poucos anos. Einar trabalhara arduamente toda a sua vida; contudo, não havia um fim à vista para aquela labuta. Pouco a pouco, eles tinham perdido o hábito de conviver com velhos amigos e conhecidos da região, além de passarem vários meses por ano mais ou menos isolados devido à condição das estradas. Einar fora sempre uma pessoa politicamente empenhada; porém, agora, contentava-se em

assinar o jornal do partido e em lançar o seu voto nas eleições. As questões da atualidade já não o afetavam, e ele deixara de se envolver em discussões políticas. Além disso, tendo em conta que o casal estava quase sempre de acordo, não existia ninguém com quem ele pudesse entrar em confronto, a não ser com as vozes que saíam do rádio, eventualmente.

Apesar de promessas sucessivas, eles ainda não conseguiam receber o sinal de televisão. Todos os anos, isso dava azo a uma contenda feroz com as entidades responsáveis, mas, até ao momento, a zona não estava abrangida por nenhum transmissor. Por outro lado, talvez fosse bom para eles manterem-se livres desse feitiço. Isso permitia-lhes viver mais algum tempo no passado, ou era nisso que Erla queria acreditar. Porém, no seu íntimo, ela teria gostado de se sentar ao serão a assistir aos noticiários e às séries dramáticas de que os jornais falavam constantemente. Agora, até havia um segundo canal de televisão, mas a ideia de que eles iriam alguma vez receber as emissões naquele vale remoto não passava de uma fantasia.

— A temperatura vai descer, diz ele — resmoneou Einar, a seguir ao noticiário.

As conversas que os dois tinham às refeições giravam demasiadas vezes em torno do tempo. Era importante, sim, mas, por vezes, Erla tinha pena de não conseguir levar as conversas para um plano ligeiramente mais elevado.

— Hum... — proferiu ela, sem lhe prestar verdadeiramente atenção.

— E já vem outro maldito temporal a caminho. Este inverno não nos dá tréguas, só neve, neve e mais neve, que diabo! Se isto continua assim, não sei como as nossas reservas de feno vão aguentar até à primavera.

— É assim que as coisas são, Einar. Outra coisa não seria de se esperar. Quero dizer, esta situação repete-se todos os anos. Nós ficamos sempre encurralados aqui.

— Bom, «encurralados» é um pouco exagerado. É claro que se torna difícil no pico do inverno — afirmou ele, dirigindo novamente a sua atenção para a carne estufada e evitando o olhar de Erla.

Um som inesperado fê-la sobressaltar-se.

Parecia alguém a bater à porta.

Ela olhou de relance para o marido. Einar ficara paralisado, com a

colher a meio caminho da boca, estupefacto. Nesse caso, ele também tinha ouvido.

— Anna? — aventou Erla. — É a Anna? — Einar não respondeu. — Alguém bateu à porta, não foi, Einar?

O marido assentiu e pôs-se de pé. Erla imitou-o e foi atrás dele, enquanto Einar atravessava a sala de estar devagar, para se dirigir ao vestíbulo. Talvez tivesse ouvido mal e não passasse de um efeito do vento.

Mas Erla sabia que não era.

Estava alguém à porta.

IV

Hulda encontrava-se no refeitório do seu local de trabalho, forçando-se a engolir garfadas de raia. Não suportava aquele cheiro — um odor penetrante amoniacado —, e, se bem que o sabor não fosse tão mau como se podia esperar, aquele estava longe de ser o seu prato preferido. Uma vez por ano, no Dia de São Thorlákur, era servida na esquadra de polícia a tradicional *kæst skata*, ou raia fermentada, e aqueles que não conseguiam suportá-la tinham de se contentar com umas tostas, rodeados pelo seu cheiro fétido pungente, ou sair à rua para comprar qualquer coisa na loja da esquina.

Naquela manhã, ela e Jón tinham incitado Dimma a juntar-se a eles para irem comer um hambúrguer a seguir ao trabalho. Se, nos velhos tempos, o convite teria sido acolhido com prazer, desta vez Dimma não demonstrara qualquer entusiasmo. Queixara-se de estar indisposta, e, de facto, ela estava um pouco pálida, mas Hulda não a sentiu febril ao apalpar-lhe a testa. Ela ainda não tinha perdido a esperança de ver a filha arrebitar, e de os três saírem para desfrutar de um momento especial.

Hulda estava igualmente determinada a convencer Dimma a acompanhá-los numa expedição familiar a Laugavegur, ao final do dia, para comprar mais uns presentes e vivenciar o ambiente de Natal na Baixa, deliciando-se mais tarde com uma caneca de chocolate quente no regresso a casa. Sim, porque não arranjar mais qualquer coisa para colocar debaixo da árvore para Dimma? Podia dar-lhe um novo disco para ela escutar na aparelhagem que lhe tinham oferecido nesse ano, aquando do seu crisma. E deixavam-na abrir o presente nessa noite, depois de decorarem a árvore.

Uma coisa era certa: eles não iam deixar aquele mau humor

perdurar ao longo do Natal. Hulda e Jón tinham de concertar esforços para levar a filha a ultrapassar aquela... bom, aquela depressão. Mal a palavra se formou na sua cabeça, Hulda apressou-se a rejeitá-la. Uma depressão numa jovem de 13 anos era algo quase impossível. Quando pensava melhor no assunto, Hulda sentia-se envergonhada por estar a reagir exageradamente. Aquilo só piorava as coisas.

Dimma era apenas a típica adolescente instável a atravessar uma fase de rebeldia. *Isto vai passar*, garantiu Hulda a si própria.

V

Soaram novas pancadas, e mais fortes do que antes. Erla estremeceu mais uma vez.

Einar estacou em frente à porta, hesitando um momento, antes de a abrir. Erla pairava atrás dele, a uma distância segura.

Foram recebidos por uma saraivada de neve, com uma rajada de vento a impelir os cristais em suspensão para o interior. Em seguida, com os olhos a piscar, eles distinguiram o vulto de um homem, bem agasalhado para se proteger do frio, com um gorro de lã espesso na cabeça.

— Peço desculpa, posso entrar? — perguntou ele em voz baixa.

— Hã... sim, claro — respondeu Einar com uma hesitação que não lhe era característica, e Erla percebeu pelo tom de voz do marido que ele estava receoso.

Era raro Einar ter medo de alguma coisa. Não conheciam o homem, o que só por si era praticamente inusitado. Eles nunca recebiam visitas no inverno. Nos verões, sim, era diferente; costumavam receber jovens, que pagavam com trabalho as suas refeições e estadia.

— Obrigado — agradeceu o homem, transpondo o umbral da porta. — Muito obrigado. — Libertou-se da mochila, pousando-a no chão e provocando uma chuva de neve; depois, sentou-se numa cadeira à entrada para descalçar as botas.

— Não tem de quê — retorquiu Einar, e Erla sentiu-o um pouco mais confiante. — Não recebemos muitas visitas no inverno. Bom, eu estou a dizer que não recebemos muitas, mas *nenhumas* seria mais correto. Este sítio não é propriamente muito acessível.

O visitante assentiu com a cabeça.

— É verdade. — Ele já tinha descalçado uma bota e remexia

desajeitadamente nos atacadores da outra com os dedos dormentes. Pingos de neve derretida deslizavam-lhe do corpo para o chão. — Desculpem — acrescentou ele. — Se calhar, teria sido melhor fazer isto lá fora.

— Que disparate. Venha aquecer-se, meu amigo — disse-lhe Einar. — Como se um pouco de neve na casa tivesse importância. Isso é que era bom!

— Obrigado, eu limpo-a depois.

O homem descalçou a outra bota e despiu o casaco. O frio ruborizava-lhe as faces, e ele tinha os olhos cavados e raiados de vermelho devido à exaustão.

Ele nunca irá conseguir chegar a casa a tempo do Natal, pensou Erla. A perspectiva não era assim tão má, de um ponto de vista puramente egoísta, já que eles quase nunca tinham companhia durante a época festiva. De acordo com a previsão do tempo que ela acabara de ouvir na rádio, as condições atmosféricas iam piorar, sendo quase impossível o homem regressar à povoação naquele dia. Principalmente devido ao seu visível estado de exaustão, mesmo que ele não aparentasse ter qualquer ferimento. A sua primeira reação instintiva fora observar-lhe o nariz, as faces e os dedos à procura de sinais indicadores de queimaduras de frio, mas tudo parecia estar bem.

Ainda assim, Erla sentia-se cada vez mais apreensiva. Ela observava-o sub-repticiamente; havia algo nele que a punha nervosa. Algo difícil de definir. Einar continuava a bloquear a porta do vestíbulo. Embora tivesse convidado o homem a entrar, ele parecia nervoso. Afinal, não se podia fugir ao facto de um perfeito desconhecido ter entrado em casa deles e ainda não ter dado qualquer razão para a sua presença ali. Mas ele não demoraria a explicar por que motivo o tinha feito, certamente.

— Estávamos a acabar de almoçar — referiu Einar. — Quer vir até à cozinha e comer qualquer coisa? Deve ter fome.

— Ficava-lhe muito grato, na verdade — respondeu o homem. — Devo confessar-lhe que estou esfomeado.

— Temos pão, e acho que ainda sobrou qualquer coisa da carne estufada — disse Einar.

Erla mantinha-se à parte.

Einar conduziu o homem, atravessando a sala de estar na direção da cozinha, com Erla a segui-los a pouca distância. O visitante olhava

atentamente à sua volta, como se fosse a primeira vez que punha os pés numa casa de quinta islandesa. E talvez fosse esse o caso.

Sentaram-se à mesa. Do rádio saía música clássica, distorcida pelas interferências habituais. Enquanto o convidado saboreava a comida, ninguém pronunciou uma palavra. Einar e Erla entreolharam-se. Deveria ela tomar a iniciativa e perguntar o que estava o homem a fazer ali?

— É agradável receber visitas — arriscou ela dizer. — É bom, para variar. Chamo-me Erla, a propósito.

Ela estendeu-lhe a mão e o homem apertou-a.

— E eu chamo-me Einar — acrescentou o marido.

— Perdoem a minha indelicadeza — desculpou-se o homem. — Estava só completamente extenuado e cheio de fome. Chamo-me Leó.

— Então, Leó, o que o traz aqui nesta altura do ano?

— É uma longa história — respondeu, e Erla pareceu notar alguma tensão latente na sua voz. — Estava a dar um passeio com dois amigos de Reiquiavique. Tínhamos previsto regressar a casa hoje, mas eu... bom... acabei por perdê-los. — O homem soltou um suspiro pesaroso.

— Perdeu-os?

— Bom, na verdade, acho que fui eu que me perdi. Eles têm muito mais experiência do que eu. Não consigo sequer imaginar como eles estarão neste momento... Certamente, a morrer de preocupação.

— O que andavam a fazer nesta área?

— A caçar lagópodes. Desculpem, será que eu posso usar o vosso telefone? Têm telefone?

Ele desviou a cadeira para trás e levantou-se.

— É claro que sim — respondeu Einar. — Quando o tempo está assim, a linha pode ter algumas interferências, mas estava a funcionar da última vez...

— Ontem — interrompeu Erla. — Nós fizemos uma chamada ontem.

— Está na sala de estar — continuou Einar. — Pode ser preciso fazer várias tentativas para estabelecer a ligação, já que se trata de uma linha partilhada, pelo que tem de ter alguma paciência.

Leó desapareceu na sala adjacente.

— Não estou a obter o sinal de marcação — disse ele, algum tempo depois, elevando a voz.

Einar levantou-se e foi até à sala.

— Não é preciso carregar em nada; só tem de ouvir o sinal de marcação ao levantar o auscultador. Embora, tal como eu disse, seja preciso tentar várias vezes até ter linha.

Erla manteve-se onde estava, na cozinha, ouvindo os homens a tentarem estabelecer a ligação repetidas vezes.

— Que diabo! — proferiu Einar, quando os dois regressaram. — O telefone não está a funcionar. Não temos linha.

— Não temos linha? Mas como pode... Como...? — balbuciou Erla. — Tens a certeza? Há anos que não acontece uma coisa dessas.

— Deve ser por causa do peso da neve — afirmou Einar. — Que grande chatice.

— Alguém pode vir aqui repará-la? — perguntou Leó.

— Depende. Há alturas em que temos de esperar bastante até os técnicos resolverem o problema. Para eles, nós não estamos no topo da lista, como deve imaginar. — Einar fez um sorriso amargo. — Receio que isto o ponha numa posição difícil, mas eu não sei que raio posso fazer. Nestas condições, não é possível transitar na estrada com o jipe. Regra geral, nós nunca saímos daqui em pleno inverno.

— Ah, estou a ver — retorquiu Leó. — A questão é que eu não sei se me atrevo a voltar já de seguida.

— Céus, é claro que não! Esteja à vontade para ficar aqui enquanto precisar. Estava só a pensar que era urgente informar os seus amigos de que o Leó está vivo.

— Bom, sim, é verdade. Só espero que eles não enviem uma expedição de socorro à minha procura, embora me pareça que isso possa acontecer.

— Se isso acontecer, eles vão localizar a nossa casa, com certeza — observou Einar.

— Por falar nisso, como é que nos encontrou? — interveio Erla. — Como é que sabia que existiam casas aqui em cima?

— O quê? Há mais de uma casa?

— Há duas, na verdade — respondeu Einar.

— Não, eu nem sabia que vivia aqui alguém — disse Leó.

Erla sentia algum desconforto em relação àquela visita. Observou o homem, que voltara a sentar-se à mesa da cozinha, tentando descobrir se ele estava a dizer a verdade. Leó parecia bastante impenetrável. Tinha um olhar fixo e intenso, mas a expressão dele deixava transparecer pouca coisa. Ela reparou que ele tinha uma compleição

forte, e parecia estar em boa forma física. Devia ter entre 40 e 50 anos. Apesar do cansaço, ele não parecia ter o aspeto frágil de alguém que passara por uma prova tão dura, embora as aparências pudessem iludir, naturalmente.

— Vim ter aqui absolutamente por acaso — continuou ele. — Foi um golpe de sorte incrível. Vi postes de sinalização a despontar da neve, aqui e ali, e deduzi que havia um caminho, pelo que tentei segui-lo. É verdade que há apenas duas casas nesta região toda?

— Sim, é verdade, numa região tão vasta — confirmou Einar.

— Nesta quinta, somos dois — acrescentou Erla —, e depois há a casa da nossa filha Anna, a alguma distância daqui.

— O Leó teve muita sorte — sublinhou Einar.

— Estou a ver que sim.

O homem engoliu mais uma garfada de carne estufada. Erla estava certa de que a comida já devia estar fria, mas o seu convidado não parecia importar-se.

— Não disseram nada no noticiário do meio-dia — observou ela, desejando imediatamente não ter dito aquilo.

Seguiu-se um silêncio tenso. Ela viu Einar a franzir-lhe o sobrolho, nitidamente aborrecido com a sua observação.

— Em relação a quê? — perguntou Leó, a seguir a uma pausa, embora fosse evidente que ele sabia perfeitamente ao que ela se referia.

— Em relação a si, ao facto de estar desaparecido.

— Ah, bom, agora que fala nisso, nunca me passou pela cabeça que isso acabasse por aparecer no noticiário. Os meus amigos são uns tipos destemidos, e duvido que eles fossem logo à polícia. Na realidade, aposto em como eles ainda andam a tentar encontrar-me sozinhos. Não passou muito tempo desde que me perdi, e eles têm um mapa da região, ou um deles tem, pelo menos. A vossa quinta está assinalada no mapa com clareza, não está? Tenho esperança de que eles estejam a dirigir-se para aqui neste preciso momento. — O homem fez um sorriso constrangido.

— Sim, está assinalada em alguns mapas. Seja como for, julgo que eles não tardarão a aparecer se vocês se separaram na zona das turfeiras aqui perto. Isso faria sentido.

A conversa esmoreceu, e ninguém acrescentou uma palavra durante algum tempo. Erla não queria estar a observar o homem enquanto este

comia, pelo que ia olhando para o marido ou para a janela. Não estava a nevar; porém, o vento soprava em fortes rajadas, fazendo a casa ressoar de uma ponta à outra como de costume, enquanto correntes de ar gélido se infiltravam por cada fresta nas paredes ou nos caixilhos das janelas. Quando a temperatura descia a pique, conforme acontecera na noite anterior, o aquecimento de nada valia como forma de fazer frente ao frio. De manhã, a temperatura subira ligeiramente, embora continuasse negativa, provavelmente. Mas, afinal, era altamente improvável que o mercúrio subisse acima do zero em pleno inverno.

— Muito obrigado — disse Leó, já depois de esvaziar a sua tijela. Do mesmo modo, despachara a maior parte do pão.

— Vai ficar aqui connosco. Temos um quarto a mais ao fundo do corredor destinado às visitas — indicou Einar.

— É muito amável, obrigado.

— Eu oferecia-me para o levar de volta à povoação amanhã, mas é véspera de Natal, está a ver? Torna-se um bocado difícil ficar longe de casa. E é um percurso longo... Espero que compreenda. Mas está à vontade para passar o Natal connosco. Depois disso, eu posso fazer a viagem de regresso consigo, ou orientá-lo para seguir o caminho correto, se preferir.

— A última coisa que eu queria era alterar os vossos planos para o Natal — apressou-se Leó a dizer. — Eu tento regressar amanhã, de manhã, partindo do princípio de que já estarei recuperado. Esta noite, depois desta pequena aventura, vou cair à cama e adormecer em menos de nada, como uma pedra. — Parou de falar para bocejar. — Depois disso, vou-me embora, assim que me levantar, e deixo-os a festejar o vosso Natal em sossego.

Erla sentia-se inexplicavelmente inquieta; havia qualquer coisa na postura dele que a perturbava, que não batia certo. Algo vagamente ameaçador. Aquele olhar fixo enervante.

— A sua família deve estar a estranhar a sua ausência — proferiu ela. Era mais uma constatação do que uma pergunta.

A reação de Leó foi estranha. Ele crispou o rosto num esgar e não respondeu de imediato, retomando a palavra após uma pausa, como se não aguentasse ficar mais tempo em silêncio.

— Não, eu não tenho ninguém à minha espera — afirmou ele.

— É uma altura do ano pouco habitual para andar a caçar —

insistiu Erla. Era-lhe difícil acreditar numa só palavra que ele dizia. E o facto de Einar estar a ser tão complacente só a deixava espantada. Talvez se tratasse apenas da sua delicadeza inata. Como verdadeiro homem do campo, o marido fora ensinado a jamais negar a hospitalidade a alguém. — Quero dizer, tão próximo do Natal.

Mais uma vez, seguiu-se um compasso de espera, até Leó responder.

— Para ser franco, eu e os meus amigos não ligamos muito ao Natal — explicou ele —, embora tencionássemos voltar para a cidade amanhã de manhã. Não é que isso se possa fazer agora, o que me deixa lixado. — O homem sorriu. — Perdoem-me a linguagem. Nem consigo dizer-vos quão contente fiquei ao avistar as vossas luzes. Estava completamente perdido e cheio de medo de... Bom, de ser apanhado pelo anoitecer.

— Ah, as noites aqui são qualquer coisa!... — proferiu Erla em voz baixa, mas com tanta convicção que pareceu apanhar Leó um pouco de surpresa. — Espero que não se sinta intimidado pela escuridão.

— Santo Deus, não! Eu vou ficar bem, tenho a certeza. Em todo o caso, o que fazem... hã... como passam o tempo nas longas noites de inverno? Julgo que não têm televisão aqui, pois não?

— Não, graças a Deus! — respondeu Einar enfaticamente.

Erla lançou um olhar ao marido, percebendo que este estava ansioso por mudar de assunto e impedi-la de prosseguir o que quase parecia um interrogatório ao homem.

— Nesse caso, talvez possamos sentar-nos ao serão e ter uma boa conversa — sugeriu Leó, com uma inflexão estranha na voz.

— Erla, porque não mostras o quarto de hóspedes ao Leó? — pediu Einar.

Ela levantou-se com relutância. Teria preferido que ele se fosse embora nesse preciso momento. Ao perceber que a ideia de dormir debaixo do mesmo teto que ele a deixava nervosa, Erla censurou-se a si própria por estar a ser uma idiota. Que razão haveria para o homem lhes querer fazer mal? E, além disso, eles eram dois contra um.

— Obrigado. — Leó esboçou um sorriso caloroso, fitando-a nos olhos, e Erla sentiu-se momentaneamente envergonhada pelas suas suspeitas. Ele era um homem bem-parecido, com o cabelo negro e denso, raiado de fios brancos. — Agradeço-lhes mais uma vez. Não sei o que me teria acontecido se não os tivesse encontrado.

E, novamente, veio-lhe à lembrança a falta de referências a um homem desaparecido no noticiário. Isso causava-lhe alguma apreensão, mas haveria certamente uma razão perfeitamente natural para o facto.

— Preciso de ir ver os animais — anunciou Einar. — Fique à vontade, Leó, e não tenha problemas em ficar connosco o tempo que quiser.

Erla conduziu-o ao quarto de hóspedes, que ficava ao lado do antigo quarto de Anna. Não era muito grande e eles raramente o utilizavam, pelo que se sentia no ar um leve cheiro a mofo. Ela abriu a janela, deixando passar uma corrente de ar frio que levou as cortinas a agitarem-se descontroladamente. A mobília era composta por um velho divã decrépito, uma cómoda e uma mesinha de cabeceira. A cómoda destinava-se a guardar roupa de cama e roupas antigas do casal e de Anna, já fora de uso. Sobre o tampo, havia um conjunto de molduras — algumas fotografias dos pais de Einar e outros familiares, outras da própria coleção do casal, incluindo um instantâneo a preto-e-branco da altura em que Erla e Einar se tinham conhecido, quando eram jovens e imaturos, e costumavam ocupar os tempos livres a percorrer os caminhos acidentados do campo numa carripa velha. Já nesse tempo se esperava que Einar viesse a tomar conta da quinta; contudo, Erla não intuía na altura tudo o que isso implicava. De modo subconsciente, ela esperara que eles acabassem por escolher o seu próprio destino, e que fossem antes viver para a capital, chegando até a fazer férias no estrangeiro, ocasionalmente. Mas nenhum desses sonhos se concretizara.

Depois, havia o retrato de família com Anna, uma bonita adolescente de cabelo ruivo.

— Há lençóis aqui — disse ela, apontando para a cómoda e esforçando-se por não falar com muita brusquidão.

— Obrigado, obrigado.

O homem fitava-a tão intensamente que Erla começou a sentir-se desconfortável de novo. Era como se ele tentasse ler o seu pensamento. Mas talvez, como acontecia tantas vezes, ela estivesse simplesmente a deixar-se levar pela imaginação.

Leó deu um ou dois passos na sua direção, e Erla encolheu-se, acreditando por momentos que o homem ia atacá-la. Porém, para seu alívio, ele parou e disse-lhe delicadamente:

— Acho que me vou deitar um bocado. Estou completamente arrasado.

Erla assentiu, passando por ele em silêncio e saindo do quarto.

— Vou ter com o Einar ao estábulo. Se precisar de alguma coisa, vá ter connosco — disse ela. — Com alguma sorte, amanhã já vai estar em casa — acrescentou ainda, em jeito de despedida, fechando de seguida a porta nas suas costas com firmeza.

Não era seu costume ir auxiliar Einar a alimentar os animais, já que este era perfeitamente capaz de o fazer sem ajuda, mas não queria ficar em casa sozinha com aquele desconhecido. Enfiou uma camisola *lopapeysa* grossa, um blusão de penas acolchoado e umas botas, e saiu então em direção ao frio. Na realidade, o frio não era o pior. Erla gostava de encher os pulmões com a aragem fria trazida pelos ventos do inverno, e a roupa quente mantinha-a a salvo dos piores efeitos do frio intenso. A paisagem que veio ao seu encontro era árida e indistinta, com todos os pontos de referência obliterados por uma brancura sufocante. O dia estava cinzento, vendo-se as nuvens inchadas pela neve retida a deslizarem, velozes, com a força do vento agreste, sendo que tudo mergulharia na escuridão dentro de duas horas. Era a escuridão que a afetava. No inverno, quando as noites se avizinhavam, ela evitava em absoluto sair, caso pudesse fazê-lo, para não ter de ver as intermináveis trevas a alongarem-se a perder de vista, sem se vislumbrar o mais leve pontinho de luz em parte alguma que fizesse despontar uma réstia de esperança. A casa de Anna ficava demasiado distante, e num ponto a menor altitude para que se pudesse distinguir o clarão das janelas. Só quando havia luar é que Erla se atrevia a sair à noite. A Lua era sua amiga; as duas davam-se bem. Contudo, nem o brilho do luar a punha a salvo do isolamento, do maldito isolamento. Aquela constatação pavorosa de que lhe estava vedado ir a qualquer outro sítio; que, se alguma coisa corresse mal, talvez não fosse possível obter ajuda... Erla apressou-se a afastar tais pensamentos.

Embora houvesse uma acalmia temporária na queda da neve, a julgar pelo céu ameaçador, já não ia tardar muito até desabar outro grande nevão. Os bancos de neve iam-se acumulando naquela altura do ano, congelando completamente devido ao frio extremo, e permanecendo ali até fevereiro, se eles tivessem sorte; ou até março, se não tivessem.

Foi então que ela avistou as pegadas de Leó. Sem saber ao certo porquê, Erla começou a segui-las, reparando que ele percorrera realmente o caminho, conforme havia afirmado. O único caminho. O caminho que começava na povoação, passando pela casa de Anna primeiro, e desembocando na casa deles a seguir.

O hóspede fora perentório ao afirmar que não tinha visto outra casa. Como era isso possível, sem que estivesse a mentir? Apesar do frio, Erla ficou alagada em suor debaixo da espessa camisola de lã e do blusão. Devagar, cuidadosamente, ela voltou-se, escutando apenas os uivos do vento, com a visão lateral delimitada pelo capuz. De súbito, ela convencera-se de que o seu visitante, Leó — se esse fosse realmente o nome dele —, a tinha seguido para o exterior e se encontrava parado mesmo atrás de si.

Não havia ali ninguém. Ela estava completamente sozinha, sobre a neve, permitindo-se ser assustada por fantasmas imaginários, como já acontecera tantas vezes no passado.

Erla começou a avançar com dificuldade, regressando a casa o mais depressa que conseguia, com as botas a enterrarem-se nos bancos de neve quebradiços e a abrandarem-lhe a marcha, até ela ter a sensação de estar enleada num pesadelo, a debater-se e sem conseguir avançar.

Por fim, ao chegar à porta, abriu-a, batendo os pés no tapete para tirar a maior parte da neve, e depois ergueu os olhos rapidamente, porque agora estava de facto diante de um fantasma. O coração de Erla deu um salto quando ela deu por si a encarar o rosto pálido de Leó. Ele estava parado no corredor, mas ela podia jurar que ele acabara de sair precipitadamente do quarto dela e de Einar.

VI

— Apenas podemos deduzir que ela terá apanhado uma boleia do homem errado — dizia o inspetor da polícia de Selfoss ao telefone. — Não nos chegou mais nenhum dado que pudesse lançar alguma luz sobre o caso.

— Compreendo — replicou Hulda.

O facto de aquele incidente ainda não ter sido solucionado perturbava-a, mesmo que fosse perfeitamente possível que o desaparecimento da rapariga tivesse sido deliberado. O suicídio não era algo tão fora do comum, infelizmente. No entanto, a outra tese defendida pela polícia na altura era a de que ela podia ter apanhado uma boleia de carro de alguém que depois a tivesse atacado.

A rapariga, uma jovem de 21 anos oriunda de Gardabær, um subúrbio da classe alta de Reiquiavique, desfrutava de um ano de pausa entre o secundário e a universidade. Provinha de uma família estável, sendo o pai advogado e a mãe enfermeira. Ao longo da investigação, Hulda falara com eles repetidas vezes, sem nunca detetar, no entanto, qualquer sinal que sugerisse problemas em casa. Tudo indicava que ela era uma rapariga perfeitamente normal que tinha desaparecido, simplesmente.

— E do vosso lado? — indagou o inspetor de Selfoss.

— Do nosso lado?

— Como está a correr a investigação? O processo está consigo, não é?

— Ah, sim, está comigo — confirmou Hulda. — Os nossos progressos são nulos. O caso está completamente estagnado. Foi isso que me levou a contactá-lo. Tive esperança de que houvesse alguma novidade.

A última coisa que se sabia da jovem era que ela estava a passar uma temporada numa velha casa de férias nos arredores da pequena cidade de Selfoss, nas terras baixas do Sul, cerca de meia centena de quilómetros a leste de Reiquiavique. Enquanto ali esteve, os pais tinham notícias dela, e os habitantes locais estavam a par da sua presença; porém, depois disso, nada mais se sabia sobre os seus movimentos. A polícia esquadrinhara todos os centímetros da casa de férias, mas não deparara com quaisquer sinais de uma luta ou da presença de outra pessoa no local. Os pertences da rapariga também haviam desaparecido, o que sugeria que ela partira por vontade própria.

A polícia tinha igualmente passado a pente fino as margens do Ölfúsá, o rio glacial de aspeto leitoso que atravessava a cidade, bem como uma vasta faixa de terreno à volta da casa. Os edifícios vizinhos haviam sido revistados e fora lançado um apelo a informações, mas ninguém avançara com qualquer dado. Nessa altura, a polícia colocara a hipótese preocupante de a rapariga, conforme o inspetor dissera, ter entrado no carro do homem errado. Ela era jovem, vulnerável e espantosamente bonita, a julgar pelas fotografias que mostravam uma rapariga ruiva, alta e esbelta. E era uma viajante experiente, apesar da sua idade. Todos eram unânimes em descrevê-la como uma jovem encantadora, com um futuro promissor no campo das artes; ela estava a fazer aquela pausa para se dedicar à escrita e à pintura.

«Ela era muito dada às artes», referira a mãe, durante uma das visitas de Hulda à luxuosa mansão dos pais. «Os poemas dela tinham uma simplicidade pura e genuína. E ela estava finalmente a concretizar o seu sonho de escrever um romance.»

O caso fora amplamente divulgado pela comunicação social, já que um desaparecimento como aquele era invulgar na pequena e pacífica comunidade insular da Islândia, e raramente resultava num homicídio. No entanto, à medida que os dias passavam, Hulda tinha a impressão de que a maior parte das pessoas concluíra que a jovem devia ter posto termo à vida, embora a polícia não tivesse qualquer motivo especial para acreditar nisso.

— Eu aviso-a se surgir algum elemento novo, Hulda — continuou o inspetor —, mas eu não teria grandes esperanças. Deve ter sido algum perverso, compreende? Um pulha nojento que a aliciou a aceitar uma boleia e... e que, bom, que a atacou. Não é a primeira vez que

assistimos a este tipo de coisas. E tudo acaba sempre mal. Estou convencido de que ela está morta. Tenho a certeza disso. Vão aparecer indícios, mais cedo ou mais tarde, mas julgo não existir nada que possamos fazer, entretanto.

Ainda que Hulda estivesse de acordo com o que ouvia, havia nela um sentido de dever para com a rapariga. O caso tinha-lhe sido entregue e ela falhara na sua resolução. E, independentemente disso, ela precisava de alguma coisa que a fizesse abstrair-se dos seus próprios problemas. A taciturnidade constante de Dimma tornava a convivência em casa cada vez mais difícil.

— Existe alguma coisa que nós possamos fazer? — inquiriu ela. — Algumas pistas que eu possa seguir, mesmo que pouco consistentes?

Do outro lado da linha fez-se silêncio; em seguida, o seu colega disse-lhe:

— Vá apenas para casa, Hulda, para junto da sua família. Afinal, é Natal.

Hulda proferiu uma despedida seca e pousou o auscultador, ligeiramente agitada.

O ambiente estava calmo no trabalho; todos aguardavam ansiosamente a chegada do Natal, e não havia investigações importantes em curso, nada que não pudesse esperar até depois da quadra festiva. Como Hulda ia estar de serviço no dia 25 de dezembro, podia ter saído um pouco mais cedo nesse dia, dando um salto à cidade a caminho de casa, para comprar uma joia para a filha, como planeava. Mas ela sabia que não ia fazer isso. Hulda travava uma batalha constante para provar o seu valor no mundo patriarcal da polícia, e não se podia dar ao luxo de evidenciar sinais de fraqueza. Não queria ser «a mãe» que saía mais cedo no Dia de São Thorlákur, pondo a família acima do trabalho. Era preciso que a considerassem mais empenhada do que os seus colegas homens. Essa era simplesmente a realidade.

Dedicou-se novamente a folhear os processos, mas todos os seus pensamentos iam dar a Dimma.

VII

Unnur voltou uma última vez à casa de férias para se certificar de que não tinha deixado nada esquecido. Os dias que passara ali haviam sido excepcionalmente agradáveis e tranquilos. Acima de tudo, aquele verão permitira-lhe orientar-se pelo acaso, temporariamente livre das amarras da escola; mais livre do que nunca. A decisão de tirar um ano de folga surpreendera-a mais a si própria do que a qualquer outra pessoa; contudo, acabara por se revelar mais fácil do que ela tinha previsto. Unnur estivera sempre entre os melhores alunos da sua turma, e os pais, aquele casal convencional de Gardabær, haviam naturalmente assumido que ela iria diretamente para a universidade. A bem da verdade, ela própria imaginara-se igualmente a trilhar esse caminho, só que uma amiga havia-lhe dito na altura que ia passar um ano no estrangeiro, para «se encontrar». Unnur não precisava de se encontrar, porque ela não estava perdida; no entanto, aquela pareceu-lhe uma boa ideia. Passar um ano a fazer tudo o que lhe apetecesse, a conhecer pessoas novas e, eventualmente, a escrever um pouco. Sempre que pensava nisso, Unnur achava que essa poderia ser a verdadeira razão: ela queria escrever um livro. Desde criança que andava sempre a escrevinhar e, nos anos mais recentes, começara a germinar nela a ideia para um romance. Chegara a ponderar ir para o estrangeiro, tal como a sua amiga; porém, acabara por preferir viajar pela Islândia. Deixar tudo nas mãos do destino. Não sabia para onde ia e não tinha muito dinheiro, pelo que teria de ser engenhosa. É claro que ela podia ter pedido dinheiro emprestado aos pais, mas não queria fazê-lo; pela primeira vez na sua vida, Unnur queria voar pelas suas próprias asas.

Passara as últimas semanas naquela velha casa de férias, mesmo às portas de Selfoss. Fiel ao seu plano, fora uma pura coincidência que a

guiara até ali, ao saber por uma amiga da existência de uma casa que era emprestada a artistas. Unnur entrara em contacto com a proprietária, apostando numa hipótese remota, com a consciência plena de que ainda não se podia qualificar como artista, apesar do seu desejo de escrever um livro. A dona da casa era uma mulher já reformada. As duas tinham tomado um café juntas, gerando-se de imediato uma empatia entre elas. Em resultado, a mulher acedera a emprestar a casa a Unnur, «o tempo que quiseses, minha querida. Deixa só a chave debaixo do tapete quanto te fores embora.» E, agora, Unnur sentia que chegara a hora de seguir em frente. O romance estava a correr bastante bem; ela já tinha completado um caderno e ia a meio do segundo. E também conhecera pessoas simpáticas. Embora os vizinhos mais próximos vivessem um pouco distantes, Unnur empenhava-se em estabelecer contactos, deslocando-se várias vezes a Selfoss. Era fundamental que convivesse com todo o tipo de pessoas, se queria ser escritora. Ao contrário da sua amiga, ela não empreendera aquela caminhada como uma viagem de autodescoberta, mas sim para conhecer a vida das outras pessoas, adquirir experiência e aperfeiçoar o seu conhecimento do mundo. E mais tarde, assim o esperava, iria ser capaz de passar para o papel todos os pensamentos que lhe fervilhavam na cabeça, moldando-os num livro.

Depois de garantir que não ficava nada esquecido na casa de férias, trancou a porta e guardou zelosamente a chave debaixo do tapete. Todos os seus pertences, sendo os cadernos os mais valiosos, cabiam numa grande mochila. Agora, aquilo de que ela precisava era de viajar para um sítio novo e conhecer pessoas novas, num ambiente diferente. Não importava muito onde, e Unnur não esboçara qualquer plano específico. Ser livre como um pássaro... O pensamento deixava-lhe o coração a palpitar.

Unnur caminhava sem pressas pela estrada que conduzia a Selfoss. Àquela hora matutina, havia pouco trânsito. Ela estava habituada a levantar-se ao raiar do dia para ir para a escola, e isso não se alterara só por passar a ser dona dos seus dias, sem estar sujeita a obrigações. Na sua opinião, a autodisciplina era fundamental para quem ambicionava ser um escritor de sucesso. E Unnur achava que aquele modo de vida se encaixava tão bem nela que até começara a avaliar a hipótese de abandonar o plano de ir para a universidade. É claro que ela sabia que essa ideia seria mal acolhida pelos pais, e talvez fosse uma utopia, uma visão do futuro que a seduzia nesse momento, mas que não resistiria à fria luz do dia quando regressasse à sua antiga vida. Mesmo assim, acontecesse o que acontecesse,

ela estava determinada a acabar o seu livro.

A jovem sabia, por experiência própria, que ia demorar algum tempo até apanhar uma boleia. Eram poucos os condutores dispostos a parar e a aceitar transportar uma desconhecida. Sempre que isso chegava a acontecer, quase todos falavam com ela em inglês, embora fossem indubitavelmente islandeses, já que ninguém acreditava que uma pessoa, salvo se fosse um turista estrangeiro, iria andar à beira da estrada a pedir boleia. Agradava-lhe pensar que ela não se enquadrava em nenhum dos estereótipos habituais. Como jamais passaria pela cabeça da mãe dela autorizá-la a percorrer o país à boleia, Unnur mentira-lhe, dizendo que ia recorrer a autocarros. Independentemente disso, ela tinha dito o mínimo possível aos pais, falando-lhes apenas do seu projeto de passar um ano a viajar pela Islândia, conhecendo novas pessoas e arranjando trabalhos ocasionais para pagar as despesas. De tempos a tempos, a jovem escrevia-lhes e, por seu lado, os pais deixavam-na inteiramente entregue a si própria. Eles confiavam na filha. A única promessa que ela lhes fizera fora regressar a Gardabær assim que o ano terminasse e candidatar-se à universidade.

Vários carros passaram enquanto Unnur seguia o seu caminho, mas nenhum lhe prestara atenção. Tudo bem; ela não tinha pressa. A fase seguinte da sua aventura estava prestes a começar. Ela tinha esperança de arranjar trabalho em troca de um telhado que a abrigasse, embora pudesse pagar a sua estadia se fosse necessário. Tinha levado as suas poupanças e, mesmo não estando propriamente muito abonada, sabia fazer o dinheiro render. Unnur também sabia que os pais lhe enviariam tudo o que ela lhes pedisse, o que era algo que a deixava segura, mesmo que ela não pretendesse recorrer a isso. Só mesmo num caso de força maior... Para ela, era um pouco exasperante ter sido criada numa casa com tantos privilégios. Desejava ser independente, provar que sabia tomar conta de si; apenas assim conseguiria sentir que o cordão umbilical tinha sido cortado.

Ao ouvir o motor de um carro a aproximar-se, ela parou e deu meia-volta. Era um velho BMW branco, semelhante a um que os seus pais tinham tido em tempos. Unnur esticou o polegar e o condutor abrandou. Finalmente. Agora, ela podia dar o passo seguinte, embora o seu destino permanecesse estimulantemente desconhecido.

VIII

Erla ficou imóvel sobre o tapete, como se se tivesse transformado em pedra, incapaz de articular uma palavra. O seu coração começara a bater descompassado, e ela sentia-se, pela primeira vez há muito tempo, genuinamente assustada.

— Procurava apenas a casa de banho — explicou Leó.

Ele estava a mentir, Erla tinha a certeza disso. A porta do quarto encontrava-se aberta, como sempre, e era impossível que ele o tivesse confundido com a casa de banho. A porta da casa de banho também estava aberta, logo ao lado do quarto de hóspedes, pelo que era muito difícil que ele não tivesse reparado nela.

— É ali... — balbuciou ela. — Ali ao fundo, ao lado do seu quarto.

— Oh, sim, claro, claro, agora já me lembro.

O homem sorriu. De certa forma, era um sorriso encantador, mas Erla achou-o estranhamente ameaçador. Desistiu de imediato de fazer a Leó qualquer pergunta mais embaraçosa sem ter a presença de Einar ali para a apoiar. A sua cólera dera rapidamente lugar ao medo. Ela controlou o impulso de ir ao seu quarto verificar se ele mexera em alguma coisa, optando por voltar de novo ao exterior, por muito estranho que isso parecesse, para procurar Einar.

*

Enquanto observava o marido a dar de comer às ovelhas, o coração de Erla continuava a palpitar a um ritmo invulgarmente célere. O ar do estábulo enchia-se com os sons familiares de balidos e mastigação, o aroma doce do feno misturado com os odores dos excrementos e da lã, o calor que emanava dos dorsos dos animais em constante

movimento. Ela costumava apreciar a companhia dos animais; todavia, a passagem dos anos levava-a a ressentir-se deles como mais um elo da corrente que a mantinha ali cativa.

Perguntava-se se deveria dizer alguma coisa ou limitar-se a ficar em alerta e a manter o visitante debaixo de olho, sem nunca sair de perto de Einar. Acreditar simplesmente que nada de mau ia acontecer e que Leó se iria embora na manhã seguinte. Mas Erla tinha o terrível pressentimento de que isso era meramente uma ilusão.

— Estás bem, querida? — inquiriu Einar.

A ansiedade devia estar estampada no rosto dela.

— Sim, estou bem. Sinto-me apenas um pouco apreensiva em relação àquele homem. Não me agrada que ele fique aqui.

— Apreensiva? Porquê? Estamos habituados a receber visitas de vez em quando, querida.

— Eu sei, mas agora é diferente.

— Diferente de que maneira? Nós temos visitantes ocasionais no verão, além dos ajudantes habituais. Eles também são pessoas desconhecidas. E tu até chegaste a ter visitantes aqui em alturas em que estavas sozinha.

— Eu sei.

— A única diferença é que não vamos obrigar o coitado do homem a pagar alguma coisa. Isso não seria justo. Temos o dever de lhe dar abrigo. Não concordas? Ou querias pedir-lhe que pagasse?

— Que pagasse? É evidente que não, Einar, não era a nada disso que eu me referia. Estás a dizer-me que não achas tudo isto um pouco estranho?

— Nós só não estamos habituados à presença de pessoas aqui no inverno, querida. Mas isso não significa que tal não possa acontecer. Vamos apenas mostrar alguma hospitalidade ao pobre homem. Não tarda nada, ele já cá não está.

Ela assentiu, resignada.

IX

A escuridão já se instalara lá fora. Einar e Erla estavam sentados à mesa de jantar com o seu convidado. O noticiário soava em pano de fundo, com a voz do locutor, crepitante e distorcida pela estática, a transpor a montanha, as turfeiras e o deserto vulcânico gelado, para unir a capital ao outro lado do país. Por momentos, Erla observou a cozinha na perspectiva do desconhecido. As bancadas amarelas e brancas, herdadas dos pais de Einar, não eram as que eles teriam escolhido pessoalmente. A mesa em madeira maciça era igualmente um móvel herdado, embora as cadeiras tivessem sido compradas por Erla. No início, era uma fonte de irritação constante ela ter de viver em casa de outras pessoas, rodeada pelos seus gostos, pela sua mobília, mas acabara por se habituar ao longo dos anos. Na verdade, isso era algo que deixara de a afetar minimamente.

Até ao momento, ela mantivera-se em silêncio, deixando Einar fazer as despesas da conversa.

— Não é costume comer-se raia aqui? — perguntou Leó, atacando a carne estufada que Erla lhe servira.

— Nós nunca a comemos — respondeu Einar. — Aqui, no Leste, não era essa a tradição nos meus tempos de rapaz. O que não me incomoda nada, porque não tinha qualquer vontade de comer peixe podre! — Dito isso, soltou uma gargalhada que lhe reverberou no peito.

— Como está a correr o trabalho na quinta?

— Ah, não me faça falar! É uma labuta árdua e constante, mas nós continuamos a lutar. Se eu desistisse, não haveria mais nenhuma quinta em todo o vale, e eu não quero levar essa culpa para a sepultura.

— Mas isso não é inevitável? Quero dizer, os tempos estão a mudar.

— Bom, eu sou suficientemente antiquado para pensar que as pessoas deviam continuar a trabalhar a terra. Mas já estou a ver que tudo isto é uma novidade para si. Posso deduzir que nunca passou uns dias numa quinta, até hoje?

— Sim, tem razão, nunca passei — anuiu Leó. — Mas eu admiro a sua tenacidade, Einar.

Erla estava sentada de costas muito direitas, com o olhar fixo em Leó. Mal tinha tocado na comida. O homem parecia intuir a tensão dela, lançando-lhe um olhar de relance de vez em quando, enquanto mantinha um fluxo de conversa cordial com Einar. Ela lutava contra o impulso de interromper aquela conversa de circunstância e perguntar a Leó que diabo estava ele a tramar. Por que motivo aparecera ali e o que pretendia deles. Mas, antes disso, talvez fosse melhor ela tentar discutir novamente o assunto com o marido.

— Conseguem sair da quinta no inverno? — quis saber Leó.

— Muito poucas vezes. Nos meses mais frios, as estradas ficam mais ou menos bloqueadas — explicou Einar —, ou quase intransitáveis, em todo o caso. Nós não estamos assim tão bem relacionados para que eles se deem ao trabalho de enviar os limpa-neves a tão grande distância, compreende? E alguém tem de ficar aqui para alimentar o gado.

— Ninguém se importa connosco — interveio Erla.

— Eu não diria tanto. — Einar esboçou um sorriso constrangido. — Embora tenha a certeza de que, se nós fizéssemos parte de... hã, sei lá... da autarquia local, ou tivéssemos boas relações com o nosso deputado no parlamento, a pressão para manter a estrada aberta mais tempo seria maior. Mas em Reiquiavique deve acontecer o mesmo, não é?

Leó não respondeu de imediato.

— Sim, agora que fala nisso, eu acho que sim — acabou ele por dizer.

Ao observá-lo, Erla tinha a impressão de estar perante alguém que nunca tivera de se preocupar em conhecer as pessoas certas. Leó parecia levar uma vida confortável, sem problemas de dinheiro. As roupas eram nitidamente caras e pouco usadas, o que lhe despertava uma profunda consciência do quanto ela e Einar pareciam andrajosos

em comparação. E a hesitação ao responder parecera sincera, como se o homem nunca tivesse refletido seriamente sobre as grandes dificuldades que se colocavam a quem não conhecia as pessoas certas.

Não era propriamente vulgar que homens citadinos empreendessem uma expedição às montanhas para caçar naquela altura do ano. Não, aquele era um desporto para os ricos. Se, ao menos, ela e Einar tivessem esse dinheiro... Então, talvez pudessem viver num sítio diferente e arranjar uns rendeiros para tomarem conta da quinta.

Erla sabia que Einar jamais concordaria em vender as terras; não obstante, havia vezes em que ela fantasiava que eles saíam dali sem terem de vender nada, um compromisso que o marido talvez estivesse disposto a aceitar. A ideia levava-a a comprar um bilhete da lotaria de cada vez que ia à povoação. A rapariga da loja sorria sempre que a via chegar.

«Chegou a altura da lotaria novamente, Erla?», perguntava ela, e depois acrescentava um comentário do género: «Sabe uma coisa? Tenho o pressentimento de que este vai ser o seu dia de sorte.» O sonho dela não era assim tão inverosímil. Um bilhete com o número vencedor fora vendido numa loja da povoação vizinha há não muito tempo. Escusado seria dizer que o premiado fora viver para Reiquiavique.

— Sirva-se de... — Einar ficou a meio da frase quando as luzes da cozinha começaram a piscar.

— O que aconteceu? — perguntou Leó.

Parecia que a eletricidade estava prestes a ir abaixo. As luzes continuaram a enfraquecer de forma preocupante e, depois, voltaram a avivar-se, como se nada tivesse acontecido.

— Nada de novo — disse Einar. — Os cortes de energia fazem parte da vida diária nestas paragens. Bom, eles não são diários, obviamente, mas acontecem com bastante regularidade.

— Que diabo! Não estava à espera disso.

— Bem-vindo ao campo, amigo. Nós estamos habituados a isso. Temos sempre velas à mão e andamos com fósforos nos bolsos. Também utilizamos lanternas, claro, mas as velas são mais aconchegantes, na minha opinião. — Einar retirou do bolso uma caixa de fósforos e agitou-a a enfatizar o que dizia. — Eu estou sempre preparado. — O sorriso dele parecia ligeiramente forçado, e Erla sentiu que o marido estava perturbado.

Teria Einar começado a perceber que a visita de Leó tinha algo de estranho? Talvez a ameaça do corte de energia, a juntar à estranha coincidência de o telefone ter deixado de funcionar, o comesse a deixar apreensivo.

— Ainda não há notícias sobre o seu desaparecimento — murmurou ela, erguendo a voz apenas o suficiente para os dois homens a ouvirem.

— Na realidade, não estava a prestar atenção — observou Leó. Não passava de uma desculpa esfarrapada. Se tivesse havido alguma alusão a um caçador de lagópodes, isso não passaria despercebido a ninguém. — Além disso, o noticiário ainda não terminou.

Nem Einar nem Erla proferiram uma palavra. Leó pôs os olhos no prato e levou uma garfada de carne à boca. A voz monótona do locutor ouvia-se em segundo plano.

— Eu julgo que eles andam todos à minha procura e ainda não devem ter descido da montanha. Eu... eu tenho a certeza de que a explicação está aí. Certamente, farão uma busca exaustiva na área antes de pedirem ajuda.

— Todos? — repetiu Erla, destacando a palavra. — Nesse caso, quantos são eles?

— Como? — Leó parecia confuso. — São três.

— Ah, isso é estranho — comentou Erla, tendo o cuidado de transmitir uma imagem de serenidade. Ela esperava que o homem não lhe detetasse na voz o bater acelerado do coração ou a ansiedade que ela sentia.

— Estranho? — retorquiu Einar. — Porquê?

Erla olhou para o marido, voltando a fitar o visitante em seguida.

— Acho que o ouvi dizer antes que tinha vindo caçar com *dois* amigos. Que vocês eram três, no total.

Embora visivelmente desconcertado, Leó foi rápido a responder.

— Eu disse isso? Dois? Não, são três. Nós éramos quatro ao todo. Não... não se faz uma viagem como esta no inverno sem, sem... uma grande base de apoio.

Para Erla, era mais do que evidente que ele estava a mentir.

O homem retribuiu-lhe o olhar com uma expressão de desafio. Erla teria jurado que, num momento de descuido, uma centelha de hostilidade perpassara os olhos de Leó, antes de se controlar e adotar de novo um ar inexpressivo.

As luzes voltaram a piscar, e Erla estremeceu.

Einar aproveitou o pretexto para mudar de assunto.

— Malditos cortes de energia!

Aquilo era característico nele. Excetuando os protestos bem-humorados em torno da política, ele era não pessoa para entrar em conflitos de qualquer natureza, fossem eles verbais ou físicos. Einar fazia sempre o possível por evitar disputas, preferindo, tal como a água, encontrar o caminho onde a resistência fosse menor. Isto é, desde que não o pressionassem demasiado. Nessas alturas, Erla nunca saberia dizer como ele iria reagir. Mas esta era a maneira de ser do seu Einar, e ele não ia mudar. Burro velho não aprende línguas, como se costuma dizer. Não, Erla sabia que lhe cabia a ela tomar a iniciativa, como de costume. Cabia-lhe a ela livrar-se daquele homem potencialmente perigoso.

— Malditos cortes de energia — voltou Einar a dizer. — O Natal sujeita o sistema a uma grande pressão, compreende? Mas nós estamos habituados a tirar o melhor partido das coisas. Não é verdade, querida? — Erla assentiu com a cabeça, sem dizer uma palavra. — Desembrulhamos os presentes e lemos à luz de castiçais. O que é ótimo, na verdade. Faz-me recordar os velhos tempos. A minha família habita esta região há séculos. Este é o nosso território ancestral. A nossa pequena parcela de terra. E nós temos de nos desenrascar sozinhos.

— Tem toda a razão.

— E o Leó, qual é a sua ocupação? — quis saber Erla. — Contou que tinha vindo para aqui com amigos de Reiquiavique. Presumo que vive lá, é isso?

— Como? Ah, sim, eu vivo em Reiquiavique. Isso mesmo. Sou professor.

— Nesse caso, a escola está temporariamente fechada?

— Exatamente.

— Qual é a escola?

— Qual é a escola? — repetiu ele, como se quisesse ganhar tempo.

Ele devia ter ensaiado melhor a história da escola, pensou Erla.

— É uma universidade, mais precisamente — afirmou ele. — Eu dou aulas na universidade.

— O quê? — replicou Erla, precisando depois melhor: — O que é que ensina?

— Psicologia.

— Ora essa, então é um psicólogo, é isso? Espero que não esteja a pensar analisar-nos! — exclamou Einar, fingindo-se alarmado, mas a piada não conseguiu dispersar a tensão.

— Pode ficar descansado. — O sorriso de Leó era forçado.

As luzes voltaram a piscar.

— Bom, receio que um corte de energia esteja para breve. Começa sempre assim. Tem uma vela no seu quarto para esta noite, Leó? — Einar começou por olhar para o convidado, lançando depois um olhar inquisitivo a Erla.

— Acho que não existe nenhuma vela no quarto de hóspedes — respondeu a mulher, após uma pausa. — Mas tenho a certeza de que vamos encontrar uma de reserva, já que é para uma noite apenas. Afinal, o Leó vai-se embora amanhã de manhã. Parto do princípio de que quer sair de manhã cedo, não é? Assim que o dia nascer?

— Sim, absolutamente. O plano é esse.

— Fique com os fósforos. — Einar estendeu-lhe a caixa, que tirara do bolso. — Temos outra no nosso quarto. E não se deixe intimidar pela escuridão, amigo.

— Obrigado pelo jantar. Estava muito bom.

— A Erla é uma excelente cozinheira. Não quer mesmo mais um bocadinho?

— Obrigado, mas não consigo. Estou cheio. Vocês são uns verdadeiros salva-vidas. Já me sinto muito melhor. Deviam abrir uma pousada. — Ele ia alternando o olhar entre um e outro.

Einar sorriu.

— Na realidade, nós recebemos visitas de vez em quando, pelo que estamos habituados. Neste verão, mais precisamente nos últimos dias, recebemos aqui dois rapazes de Reiquiavique; uns miúdos impecáveis! Ficaram três ou quatro dias connosco. Ah, isso faz-me lembrar, Erla, que eu pus a carta deles no correio da última vez que fui à povoação.

— A carta deles?

— Sim, encontrei uma carta entre os livros no quarto de hóspedes, que deve ter caído para ali, pelo que a levei comigo. Imagino que eles devem estar a interrogar-se sobre o que lhe terá acontecido, ou então terá sido o seu destinatário a ficar espantado.

— Deve ser... — Leó deteve-se, como se procurasse as palavras certas, e depois prosseguiu: — Tudo se move claramente ao seu

próprio ritmo, aqui, no campo.

— Bem pode dizê-lo — concordou Einar. — Os jornais estão sempre desatualizados quando os recebemos, e o relógio já deixou de funcionar há muito tempo! — A gargalhada dele soou falsa.

O olhar absorto de Erla desviou-se para a janela. A neve começara a cair de novo, cobrindo, serena e inexoravelmente, as pegadas de Leó, obliterando as provas da sua mentira. Porém, ela sabia, e isso bastava. Teria de se manter de sobreaviso e zelar pelos dois. Por muito belos que os flocos brancos parecessem, ali a flutuar do outro lado da janela, eles eram ominosos para Erla. Ela conseguia sentir a neve a acumular-se, a rodeá-la, a sufocá-la. Aquele ia ser um Natal branco. Opressivamente branco. E, agora, aquele intruso tinha invadido a sua casa repleta de paz e envenenado o ambiente. Não havia outra maneira de o dizer. Ele envenenara-o. O vento uivava lá fora... Dificilmente, seria um prenúncio de paz na Terra entre os homens de boa vontade.

— Vamos para a sala de estar? — propôs Einar, levantando-se. — Aceita um café?

— Isso seria ótimo — respondeu Leó, seguindo o exemplo de Einar.

— Eu trato disso. — Erla ficou a ver os homens a dirigirem-se para a sala ao lado.

Em seguida, foi buscar o pacote de café ao armário, tirou a quantidade suficiente para três chávenas, encheu a máquina com água e ligou-a, esperando que a eletricidade não fosse abaixo antes de terminar. Enquanto observava as gotas a serem coadas para o jarro, uma após a outra, chegava-lhe aos ouvidos o murmúrio das vozes dos homens na sala de estar. O rádio ainda estava ligado; nesse momento, transmitiam a previsão do tempo. Ela desligou-o. Não necessitava que lhe dissessem que vinha mais uma tempestade de neve a caminho.

Erla levou o café para a sala, enchendo também uma chávena para si. Tencionava beber bastante cafeína para se manter acordada e alerta nessa noite.

— Leite ou açúcar? — perguntou ela a Leó.

Em relação ao marido, a pergunta era dispensável: bastante leite, bastante açúcar.

— Apenas simples, obrigado.

Ela sentou-se e, durante alguns momentos, ninguém disse nada. As cortinas estavam abertas, e eles contemplavam a neve a cair lá fora,

ou a girar num torvelinho do outro lado do vidro, melhor dizendo.

— Têm aqui uma bela árvore de Natal — elogiou o visitante, como que para preencher o silêncio.

Erla optou por não lhe responder. Embora não fosse uma pessoa naturalmente rude, não era sua intenção entrar no jogo daquele homem, conversando animadamente como se nada de anormal se passasse. A única coisa em que ela pensava era em livrar-se dele tão depressa quanto possível. Era preciso deixar perfeitamente claro a Leó que ele não era bem-vindo ali. Mesmo que ela não tivesse sido sempre feliz naquela casa, aquele era o seu lar e o de Einar — o seu santuário. Todavia, agora, Erla sentia que tanto a sua paz de espírito como a sua segurança estavam em risco.

— Sim, embora seja um colosso, desta vez — comentou Einar. — Não tencionava arranjar uma tão grande, só que é difícil ter uma ideia exata da dimensão da árvore antes de a colocarmos na sala de estar.

— Bom, eu devo dizer que tudo tem um aspeto agradável e festivo. Já vivem aqui há muito tempo?

Há demasiado tempo, gostaria Erla de dizer, mas conteve-se.

— A minha vida inteira — declarou Einar, com o orgulho a transparecer-lhe na voz. — A Erla é de ReiQUIAVIQUE, mas ela adotou a quinta ao aceitar casar comigo. É um belo sítio para se viver. Acabamos por nos habituar ao silêncio e ao facto de nunca acontecer nada aqui, compreende? É claro que isto não é para todos, mas eu tenho de reconhecer que a Erla se adaptou muito bem. Mas, para si, deve ser uma grande mudança, não é?

— Tem toda a razão. Eu cresci rodeado pelo barulho e agitação constantes da cidade. Quase sinto pena de ter de sair à pressa de manhã, pois deve ser uma experiência única passar o Natal aqui, com a neve e a solidão.

— Sim, pois é, vai perder tudo isso — afirmou Erla num tom incisivo.

— É claro que aqui está sempre tudo calmo — prosseguiu Einar, tentando amenizar a aspereza da mulher. — Nunca acontece nada. Porém, nós arranjamos sempre uma maneira de festejar. Temos uma refeição especial, cuidamos bem de nós, compreende? E ouvimos a missa do Natal quando a receção de ondas longas está em condições, embora seja algo instável, como deve ter reparado ao ouvir o noticiário há pouco. Por vezes, até é bom sabermos de cor a maior

parte dos cânticos, porque assim não importa se não conseguirmos ouvir as palavras. — Ele riu-se por entre dentes.

— Imagino que seja uma grande distância até à igreja mais próxima — disse Leó.

— Sim, é. Não vale mesmo a pena tentarmos ir à igreja no inverno. Lembro-me de como isso deixava a minha mãe aborrecida antigamente, mas eu e a Erla tentamos não deixar que isso nos afete. Afinal, conseguimos habituar-nos a quase tudo.

— E... — Leó virou-se para Erla — em relação à vossa filha? Ela vai passar por cá amanhã? Disse que ela vivia aqui perto, não foi?

— É claro que ela vai passar por cá — respondeu Erla imediatamente, num tom ríspido. — Ela vem ter connosco de manhã. Mas não me parece que o Leó se vá encontrar com ela, porque já não deve cá estar nessa altura.

— Que... que idade tem ela? — perguntou Leó, após uma pausa embaraçosa.

Erla não lhe respondeu imediatamente, porque ponderava seriamente naquilo que ia dizer. Chegara a altura de denunciar as mentiras do homem. Olhou de relance para Einar, tentando transmitir-lhe a mensagem: *Eu encarrego-me disto*.

— O senhor deve saber — retorquiu ela, então, num tom duro, quase acusatório.

As palavras tiveram um tremendo impacto sobre Leó. Ele deu um salto para trás no sofá, entornando parte do café sobre si.

— Desculpe? — disse ele, inspirando o ar precipitadamente.

As luzes voltaram a piscar, de forma mais preocupante desta vez e com a escuridão a prolongar-se mais tempo, antes de se acenderem de novo. O breve apagão distraiu-os da conversa, proporcionando ao visitante um pretexto para se esquivar à questão de Erla, e ele tirou todo o partido disso.

— Meu Deus, não estou habituado a isto — exclamou Leó. — Não há nada que se possa fazer para resolver esta... Quero dizer, para impedir que a eletricidade vá completamente abaixo? Vocês têm um gerador, não têm?

— Não temos nada disso, lamento — respondeu Einar, com um sorriso irónico. — Nunca chegámos a instalar um gerador aqui. São demasiado caros.

Erla tinha a impressão de que o marido sentia um prazer secreto

em provocar o rapaz da cidade. Ela olhou para Leó, ali sentado, a bebericar o seu café. Teria sido muito fácil deitar dois dos seus comprimidos para dormir na chávena dele, para passar uma noite mais descansada. Como lamentava não ter tido essa ideia antes... No ponto em que as coisas estavam, ela duvidava que chegasse até a fechar os olhos.

— Obrigado pelo café — agradeceu Leó, embora não o tivesse terminado ainda — e pela hospitalidade. Estou-vos muito grato a ambos.

— Não tenha pressa em ir deitar-se — disse Einar. — Eu e a Erla estamos a gostar de ter companhia, para variar.

— É simpático da sua parte dizer isso, mas eu estou a perder um pouco as forças, honestamente. E é Dia de São Thorlákur, afinal. Calculo que tenham outros planos. — O homem sorriu. — Fazer os últimos preparativos para o Natal e tudo o mais.

Não existem planos nenhuns, pensou Erla. Há muito que ela já tinha deixado tudo pronto, e sem a ajuda de Einar, que, apesar do que dizia, era bastante indiferente à ocasião. Para o marido, a maior parte dos dias era igual, e muito dificilmente ele se dava ao trabalho de alterar a rotina devido ao Natal, à Páscoa, ou, a bem da verdade, a qualquer outro feriado ou dia especial. Eles nunca iam a lado nenhum, e cabia-lhe sempre a ela tratar de tudo. Havia alturas em que Erla chegava a pensar em não fazer nada no Natal e ver se ele dava por isso. Se ele diria alguma coisa caso ela não lhe pedisse para cortar um abeto; caso ela se limitasse a grelhar umas morcelas no dia 24 e não lhe oferecesse nenhum presente.

— Fique mais um bocadinho — insistiu Einar. — Acabe de beber o café, pelo menos.

— Obrigado, eu fico — acedeu Leó, embora, pela sua cara, devesse preferir estar noutro lugar qualquer. O olhar dele vagueava pela sala. Erla não sabia se ele procurava alguma coisa em particular ou se tentava simplesmente arranjar uma via de fuga daquele trio opressivo. — Que tamanho tem esta casa? — perguntou o homem abruptamente, como se fizesse uma tentativa desesperada de arranjar um tema de conversa.

— Tamanho? Refere-se ao número de metros quadrados? — inquiriu Einar. — Ah, não me lembro. Não é algo em que tivesse de pensar nos últimos tempos. Afinal, não estou propriamente a pensar

vendê-la. Nós tencionamos passar aqui a nossa velhice, eu e a Erla. — Dirigiui um sorriso à mulher, mas esta não o retribuiu.

— Tem apenas um único piso, não é?

— Exatamente, embora nós tenhamos um pequeno sótão.

— Ah, certo, uma zona para arrumos, é isso?

— Sim, arrecadações e um pequeno quarto destinado aos jovens que vêm dar uma ajuda na quinta, ou a algum hóspede ocasional que o queira arrendar.

— Nesse caso, porque não me põem lá? Atrapalhava-vos menos a vida.

— Não, não, nem pensar nisso. O quarto não tem aquecimento. Fica mais confortável onde está. Nós costumamos manter alguma privacidade e alojar as visitas no sótão; contudo, o Leó passou um mau bocado e não o vamos enfiar lá em cima, ao frio. Não podemos arriscar-nos a que fique engripado. Temos a obrigação de cuidar das pessoas que são apanhadas pelo mau tempo ou que se perdem nas turfeiras. Já lhe ocorreu que podia ter morrido de hipotermia? A andar lá fora assim, sem o equipamento apropriado e sem estar habituado às condições da montanha... Tenho a certeza de que os seus amigos já reconheceram que agiram mal. Deviam ter tido mais cuidado e assegurarem-se de que cada elemento do grupo estava munido de uma bússola, um mapa, e coisas do género. Foi extremamente imprudente da parte deles. — A voz de Einar estava impregnada de censura.

Leó abanou a cabeça e retorquiu num tom benevolente:

— Eu preferia não os culpar; eles são bons rapazes. Na verdade, a culpa é minha. Devia ter tido mais cuidado. Afinal, eu sou o responsável por mim próprio. Em última análise, todos somos responsáveis por nós próprios, não é?

— Concordo plenamente com isso — afirmou Einar, mas Erla permaneceu de boca fechada.

— Bom, seja como for, vocês têm uma casa encantadora, muito confortável — prosseguiu Leó.

— Sim, nós somos felizes aqui — disse Einar.

— Calculo que também tenham uma cave, não?

— Uma cave? Ah, sim, uma cave. Quem o ouvisse diria que o Leó quer comprar a casa! — Einar riu tão vigorosamente da própria piada que quase entornava café na sua camisa aos quadrados.

— Oh... Ah! Ah! Ah! Não, é um pouco remota demais para o meu gosto. Não, perguntei apenas por uma questão de interesse. Só para fazer conversa.

— Não há nada que tenha interesse lá em baixo, apenas uma arca congeladora, mantimentos e coisas do género — proferiu Erla em voz baixa, lançando um olhar fulminante ao visitante indesejado.

— Hã, certo... Eu não tencionava ir lá abaixo, na realidade — retorquiu Leó, tentando levar o caso para a brincadeira.

O homem lançou-lhe um olhar penetrante, mas Erla evitou fitá-lo, desviando antes o olhar para a janela, onde conseguia ver a sala de estar espelhada no vidro.

— Passou pela casa da Anna no caminho para cá? — perguntou ela num tom casual, observando a reação de Leó refletida no vidro.

— Erla, por favor... — começou Einar, mas a mulher não o deixou falar, determinada a ir ao fundo da questão.

— Passou pela casa dela? — voltou ela a perguntar.

— Desculpe, não compreendo a sua questão.

— A Anna, a nossa filha. Eu disse-lhe que ela vive na casa mais próxima, a cerca de 20 minutos daqui, seguindo pela estrada. Passou por ela quando vinha para aqui, não foi? — Enquanto o dizia, Erla foi acometida pelo receio súbito e devastador de que alguma coisa pudesse ter acontecido à filha, de que aquele desconhecido lhe tivesse feito algo de mal...

— Não, eu já... hã... já lhe disse. Vim diretamente para aqui. Não passei por outras casas no caminho.

Nesse momento, Erla não tinha dúvidas de que Leó lhes mentira a respeito da sua identidade e do motivo que o levava até ali. Ela tinha a certeza de que ele fora ali para lhes fazer mal, de uma maneira ou de outra.

— Está a mentir — acusou-o ela, ferozmente. — Eu vi por onde é que veio, Leó. Vi as suas pegadas na neve. Veio pela estrada que passa pela casa da Anna e, se andava realmente à procura de ajuda, foi-lhe bater à porta.

— Eu... eu não me recordo de ter visto outra casa, mas, por outro lado, eu estava muito exausto na altura. Talvez tenha sido por isso que me passou despercebida.

— Foi-lhe bater à porta?

— Não, eu vim diretamente para aqui. Não há nenhuma

possibilidade de a Erla... ter visto mal as minhas pegadas ou algo parecido? — O olhar dele desviou-se para a janela. — Porque não vamos lá fora e verificamos isso? É que eu estou a dizer-lhe a pura verdade.

— É claro que o Leó nos está a dizer a verdade, Erla, minha querida — interveio Einar. Contudo, Erla ouvia agora na voz do marido a semente da dúvida. — Porque não ligamos de novo o rádio? Não podemos perder as mensagens de boas-festas para os amigos e familiares.

Erla prosseguiu, irredutível, como se ele não tivesse falado.

— Agora é demasiado tarde para ir lá fora, como muito bem sabe. Todos os rastros já devem estar enterrados sob a neve que acabou de cair. Mas existe uma única estrada para aqui e ela passa pela casa da Anna, e eu sei... eu sei...

Nesse momento, a luz foi-se abaixo.

X

Hulda estava parada na esquina, ao frio gélido e húmido do inverno, a escutar um coro feminino que competia com o vento para cantar o Natal, Natal em toda a parte. Tal como ela, as raparigas estavam bem agasalhadas, e pareciam decididas a não deixar que aquele tempo miserável arruinasse o espetáculo. Hulda transportava dois sacos de compras, contendo um livro e um disco, ambos para Dimma. Já passava das 22 horas e as lojas iam encerrar em breve, dando início à quadra festiva.

Encontrava-se sozinha. Não tinha sido assim que planeara aquele final de dia. A ideia era ir comer fora e depois desfrutar da atmosfera festiva na cidade com Jón e Dimma, mas tudo falhara. Dimma recusara-se perentoriamente a sair de casa e, mais uma vez, trancara-se no quarto. Hulda e Jón tinham-se mantido junto à porta durante muito tempo, a tentar convencê-la a mudar de opinião, a argumentar com ela, até a gritar, mas nada resultara. Dimma recusava-se a sair.

«Vai tu, Hulda, meu amor», acabara Jón por dizer. «Descontraí-te e diverte-te. Eu fico aqui com a Dimma. Vai e compra-lhe uma coisa bonita em nome dos dois.»

Hulda mostrara-se reticente, até acabar por ceder à insistência do marido. Jón podia ser bastante persuasivo. Além disso, Hulda concluíra ainda que o principal objetivo da ida à cidade era comprar qualquer coisa para Dimma. Ela teria apenas de procurar tirar o melhor partido de uma situação menos boa. Aquela fase *teria* de passar rapidamente. Dimma estaria certamente com uma disposição melhor e mais animada no dia seguinte. Ela ia voltar a ser a jovem feliz e bem-disposta de sempre.

Hulda percorria a Laugavegur, a grande artéria comercial, tentando

sem sucesso deixar-se influenciar pelo espírito do Natal. A multidão de pessoas pressionava-a de um lado e do outro, no seu vaivém constante, enquanto o tempo sombrio a deixava com os nervos à flor da pele. Talvez os três precisassem de sair dali — de ir para o estrangeiro até, para um local quente e ensolarado. Era capaz de valer a pena analisar com Jón se haveria dinheiro para umas férias no fim do ano, uma vez que os negócios dele estavam a correr bem, tanto quanto lhe era dado a conhecer. Talvez um novo ambiente tivesse um efeito positivo em Dimma e a impelisse para fora da espiral descendente em que vivia agora. E talvez Hulda e Jón devessem trabalhar um pouco menos e dedicar mais tempo à filha.

Hulda tinha noção de que o seu trabalho a absorvia em demasia. No entanto, ao mesmo tempo que a ideia lhe ocorria, os seus pensamentos regressaram mais uma vez a Unnur, a rapariga desaparecida. O caso que ela não tinha conseguido resolver; até ao momento, pelo menos. Agora, o mais provável era que fosse demasiado tarde para salvar Unnur, se é que isso fora alguma vez possível. Ainda assim, Hulda era assaltada por dúvidas incómodas sobre se teria feito o suficiente. O inspetor da polícia de Selfoss pusera a hipótese de a jovem ter entrado no carro do homem errado, sendo depois atacada e assassinada. Se ele estivesse certo, isso implicava que o assassino ainda estava em liberdade.

Hulda inspirou o ar fresco do inverno e voltou-se, empreendendo o caminho de regresso ao longo da Laugavegur.

Ela tinha de conseguir comunicar com a sua filha e ajudá-la a ultrapassar aquela crise.

XI

Anna.

Erla pensava na filha, enquanto permanecia deitada no quarto escuro como breu, apreensiva com a possibilidade de ela não poder ir ter com eles no dia seguinte, se o tempo fosse estar tão agreste como os meteorologistas haviam anunciado. Ela ainda estava bem acordada, mas ouvia Einar ressonar ao seu lado. O marido fora sempre uma pessoa tranquila; tão diferente dela...

Como podia ele dormir enquanto aquele homem se encontrava debaixo do seu teto?

Leó — se é que era esse o seu verdadeiro nome — tinha invadido o santuário que era a sua casa, e ainda por cima no Natal. Depois de a casa mergulhar na escuridão, não fizera sentido prosseguirem a conversa. Leó ficara bastante perturbado, Erla apercebera-se disso pela voz dele, enquanto ela e Einar haviam reagido com um à-vontade imediato e pragmático, não tendo dúvidas sobre os sítios onde podiam ir buscar as velas e restituir um pouco de luz à sala. Consequentemente, todos acabaram por ter de se deitar mais cedo. Assim que Einar caiu no sono, ela saíra da cama, atravessando o quarto em bicos de pés para ir trancar a porta. Eles já não o faziam há anos, mas a chave mantinha-se na fechadura por força do hábito, felizmente.

Embora tivesse fechado as cortinas para se abstrair da noite, Erla sentia a neve a acumular-se implacavelmente no exterior. Quando os dois se tinham ido deitar, ela acendera a vela de um castiçal na sua mesinha de cabeceira, fingindo começar a ler um velho romance de Agatha Christie, enquanto Einar se virava para o outro lado, preparando-se para dormir. Erla já lera o livro e era-lhe difícil

concentrar-se, com os pensamentos a desfilerem pela sua cabeça, impedindo-a de se focar nos caracteres negros das páginas brancas. Deixara a vela arder até ao fim, até esta se apagar com um sibilo da cera quente, e a escuridão a envolver. Tanto quanto sabia, a eletricidade já podia ter voltado nessa altura, mas ela duvidava que assim fosse.

O mais certo era eles terem de passar sem eletricidade durante a época de Natal; já não era a primeira vez que isso acontecia. Mas isso não importava; tudo o que verdadeiramente importava era tirar aquele homem da sua casa e das suas vidas.

Mesmo sem conseguir ver nada, ela ouvia o vento e sentia o frio a insinuar-se através das frestas dos caixilhos da janela. O rugido da ventania era suficientemente estridente para manter acordados todos quantos não estivessem habituados a ele, o que não era o caso dela e de Einar. Aquela era uma situação tão frequente naquele malfadado sítio que eles já estavam imunes ao barulho. Erla mantinha-se muito atenta, fazendo o possível para se abstrair do temporal e captar apenas o que acontecia ali ao lado, tentando ouvir o visitante através da delgada parede divisória; no entanto, por aquilo que lhe era dado a perceber, tudo estava em sossego dentro de portas.

Deixou-se ficar ali, completamente imóvel, mal respirando, atenta ao mais leve ruído.

Deitada de costas, com os seus olhos bem abertos, a fitarem, absortos, o teto.

Às vezes, quando atravessava um dos seus momentos difíceis, Erla costumava passar assim metade da noite, ou mais tempo até, perguntando-se se a vida teria sido melhor se ela tivesse ido viver para Reiquiavique; se Einar pudesse ter cortado aquele maldito cordão umbilical e vendido a quinta, libertando-se do seu jugo ancestral. E havia momentos, mais raros, em que Erla se permitia questionar sobre se a vida teria sido melhor caso ela nunca tivesse conhecido Einar... Mas a resposta a isso era mais complicada porque, sem Einar, não teria existido Anna. Embora aquelas reflexões não a levassem a lugar nenhum, Erla continuava a fazê-las à mesma, aprisionada pelas próprias memórias, ou, antes, aprisionada pela própria mente.

Havia outra vela na gaveta da mesinha de cabeceira. Erla estendeu a mão para ela, procurando os fósforos às apalpadelas na escuridão. Era impossível continuar assim; ela precisava de um pouco de luz.

Soergueu-se na cama, mas Einar nem se mexeu, obviamente. Ele dormia o sono dos despreocupados, dos reservados. Erla acendeu um fósforo, aproximou-o do pavio, até este se atear, e depois apurou o ouvido. Já que não conseguia pegar no sono, ia ficar de vigília.

Sentia, no entanto, algum cansaço latente; por muito atenta que estivesse agora, existia sempre o risco de poder dormir. Como medida de precaução contra o sono, começou a pensar nos seus parentes de ReiQUIAVIQUE. Atualmente, Erla tinha pouco contacto com eles. Na verdade, estava presa àquele casamento pelo simples motivo de não ter outro sítio para onde ir. Se alguma vez saísse dali e voltasse à cidade, não saberia o que fazer. Apesar de tudo, acabara por criar raízes ali.

Erla emergiu desta linha familiar de pensamento, reparando que continuava sentada na cama. Fechou os olhos e prestou atenção ao silêncio circundante. Pouco a pouco, foi-se apercebendo do zunido suave da casa, que parecia tornar-se mais persistente a cada momento. Depois, havia o tiquetaque ritmado do despertador, tão tremendamente ruidoso naquela quietude, e cada vez mais ruidoso com o avançar dos minutos. Os uivos do vento, o zunido das paredes, o tiquetaque do relógio, tudo se conjugava até o ruído atingir um ponto insustentável, como uma dor lancinante a atacar-lhe os ouvidos. Erla abriu muito os olhos, tentando libertar-se daquela sensação.

Então, ouviu qualquer coisa.

Algo real, desta vez.

Não havia dúvida, alguém andava a circular pela casa.

Evidentemente, só podia ser uma pessoa. Erla distinguiu uma porta a chiar, o ranger abafado das tábuas do soalho. Era impossível deambular naquela casa velha em surdina; contudo, era isso mesmo que Leó estava a tentar fazer, e talvez ele o tivesse conseguido se Erla estivesse a dormir, à semelhança de Einar.

Onde iria aquele traste?

Ouviu de novo o chiado, mais uma porta. *Não dramatizes*, disse Erla a si própria. Ele estaria apenas a ir à casa de banho, provavelmente. No entanto, ela podia jurar que o barulho provinha do sótão. Teria Leó subido até lá? Por momentos, considerou seriamente a possibilidade de sair em silêncio do quarto e aparecer de repente ao pé dele, para lhe pregar um susto. Porém, não tinha coragem para isso. Embora conhecesse aquela casa como a palma da mão, tivesse

feito o seu melhor para aprender a reconhecer todos os seus ruídos idiossincráticos e soubesse movimentar-se para qualquer ponto mesmo com as luzes apagadas, dessa vez a causa do seu medo era uma pessoa de carne e osso. A última coisa que ela queria era arriscar-se a enfrentá-lo na escuridão.

Aquilo que ela devia fazer era acordar Einar, mas Erla estava hesitante, sem saber como ele iria reagir. Além do mais, ele poderia fazer barulho ao mexer-se, com o risco de isso assustar Leó, levando-o a regressar ao quarto.

Erla levantou-se e aproximou-se da porta devagar, apurando o ouvido, após o que rodou a maçaneta com todo o cuidado, evitando fazer qualquer barulho que a denunciasse, para se certificar de que a porta estava trancada. Estava trancada, claro. Aquela certeza inspirou-lhe uma profunda sensação de alívio. Ali dentro, ela estava em segurança.

O silêncio voltara a imperar. Erla não conseguia ouvir nada que indicasse que Leó continuava a andar por ali ou que a ajudasse a determinar com precisão o ponto onde ele se encontrava. Ainda assim, estava certa de que ele saíra do seu quarto e ainda não tinha regressado. Manteve-se imóvel no quarto gelado, com as sombras oscilantes a bailar à luz tremulante da vela, a aguardar. De vez em quando, olhava de relance para a cama, onde Einar dormia como se não tivesse qualquer preocupação.

Depois, Erla voltou a ouvi-lo. Encostou o ouvido à porta e, sim, reconheceu aquela sucessão de rangidos: Leó estava a descer as escadas do sótão; agora, ela tinha a certeza disso. Portanto, não se enganara. Os passos furtivos dele percorriam o corredor em direção a ela, e Erla sentiu um baque no coração. Desconhecia há quanto tempo ele andava a bisbilhotar pela casa, mas, no seu entender, as coisas tinham ido longe demais. Sem se deter a pensar um segundo, Erla aproximou-se da cama com cautela. Enquanto o fazia, distinguiu mais ruídos, uma porta a chiar, passos. Abanou Einar, mas este não reagiu imediatamente.

— Einar, Einar — murmurou ela freneticamente, com a respiração rápida e superficial. — Tens de acordar. Agora. Acorda! — Os olhos dele abriram-se de repente. — É o Leó. Eu estou a ouvi-lo, Einar, eu estou a ouvi-lo! — Einar pestanejou, confuso, e esfregou os olhos. — Levanta-te! — pediu ela, num tom sibilante. — Mas não faças barulho.

Obedientemente, o marido puxou as cobertas para trás e saiu da cama.

— O que se passa, querida? — perguntou ele em voz baixa. — Porque é que me acordaste?

— Tens de o deter — sussurrou ela. — É o Leó! Ele anda a rondar pela casa... a meio da noite!

Einar foi até à porta e tentou abri-la.

— Está trancada — murmurou ele, apanhado de surpresa. — Que diabo se passa? Porque é que a porta está trancada?

— Fui *eu* que a tranquei. Por causa dele. — Erla aproximou-se do marido e girou a chave devagar, permitindo-lhe abrir a porta.

Einar perscrutou o corredor, com Erla a espreitar por cima do seu ombro. Nada mais se via além da escuridão.

— Passa-me o castiçal — pediu ele, apontando para a mesinha de cabeceira.

Erla fez o que ele lhe pedia. Einar voltou a examinar o corredor e, em seguida, aventurou-se a sair do quarto. Erla permaneceu onde estava, morta de aflição.

O marido regressou quase de seguida.

— Não está ali ninguém, querida. Deves ter tido um sonho. Oxalá o coitado do homem esteja a dormir profundamente. — Erla abanou a cabeça; porém, não disse nada. — Anda, querida. Temos de tentar voltar a adormecer. Não vamos ficar a pé a meio da noite. — Einar fechou a porta, mas não a trancou, para contrariedade de Erla.

Então, ela dirigiu-se à porta e trancou-a, deitando-se na cama ao lado do marido, mas virando-se para o seu lado, de costas para ele, ficando ali deitada de olhos muito abertos.

XII

— A tua mãe sempre vem cá amanhã? — perguntou Jón, da sua poltrona, sem levantar os olhos do livro.

Havia um cheiro doce a cacau no ar. Ele aquecera leite para todos, adicionando-lhe o chocolate em pó da melhor qualidade, mas uma das três canecas mantinha-se intacta na mesa de centro.

Hulda, que se empenhava na tarefa anual de tentar desenredar as luzinhas de Natal, deu-lhe uma resposta lacónica:

— Sim.

Para variar, ela teria dispensado a obrigação de receber a mãe em sua casa, preferindo festejar o Natal apenas com Jón e Dimma. Desta vez, em particular, a visita da mãe despertava-lhe alguma preocupação, tendo em conta o comportamento tão rebelde e imprevisível de Dimma ultimamente.

— Parece-me que já temos tudo em ordem — observou Jón, desviando finalmente os olhos do seu livro. — Não é verdade, querida?

— Sim, à exceção da Dimma.

— Ah, não podemos falar sobre outra coisa? Deixa-a resolver as coisas sozinha. A Dimma vai aparecer quando chegar a altura de abrir os presentes. — Ele sorriu para Hulda; porém, nem aquele sorriso nem o seu tom jovial pareciam sinceros.

Em pano de fundo, ouvia-se o rádio a transmitir as tradicionais mensagens de boas-festas para familiares e amigos, uma lembrança de que aquele era um tempo de paz e concórdia; no entanto, as emoções com que Hulda se debatia intimamente estavam em perfeito antagonismo com aquele espírito. Ela sentia-se ansiosa e enervada. Mais do que isso, sentia-se receosa, embora não conseguisse perceber

porque.

— Tu tens mesmo de trabalhar no dia de Natal? — inquiriu Jón. — Não tens já anos de carreira suficientes para ter algo mais a dizer sobre a escolha dos turnos que te impõem nestes dias?

— Não posso fazer nada em relação a isso; foi assim que calhou na escala de serviço. Há algum problema?

— Não, é claro que não. Está tudo bem. Eu e a Dimma vamos ler os nossos livros enquanto estiveres fora. E talvez possamos fazer um puzzle também. Temos um puzzle antigo no sótão, não temos?

— Sim, temos vários.

— Nesse caso, vamos passar umas belas horas a preguiçar. Como nos velhos tempos, antes de a Dimma nascer, quando éramos só tu e eu. Lembras-te de como costumávamos enroscar-nos no sofá e ler dias a fio, no Natal e na Páscoa, sem ninguém a importunar-nos?

— Sim, antes de tu teres começado a trabalhar tanto.

Ele sorriu. Hulda conhecia aquele sorriso. Era a forma como Jón amenizava conversas difíceis, e ela deixara-se sempre levar por ele. Logo desde o primeiro encontro.

— Vais tomar bem conta dela enquanto eu estiver fora, sim, Jón? — pediu Hulda, com um tom suplicante na voz.

— No dia de Natal? É claro que sim.

— Promete-me, Jón — insistiu ela.

XIII

Erla acordou em sobressalto e estendeu automaticamente a mão para o despertador, esforçando-se por distinguir os ponteiros no meio da obscuridade. Era de manhã, e já passava das 7 horas. Devia ter adormecido, apesar do seu esforço. A turbulência da noite passada parecia-lhe um pesadelo. Teria imaginado aquilo, ou parte daquilo, pelo menos? De repente, já não tinha a certeza... não inteiramente, e a ideia deixava-a perturbada.

Um momento depois, Erla apercebeu-se de que Einar já não estava deitado ao seu lado. Soergueu-se e tentou acender o candeeiro; porém, nada aconteceu; era óbvio que a eletricidade ainda não fora reposta. Imperava uma escuridão absoluta, como era habitual naquela altura do ano de manhã, mas o relógio não mentia. Por momentos, ela sentiu uma ponta de medo. Teria acontecido alguma coisa a Einar? Então, fechou os olhos e pôs-se à escuta, mas não conseguia distinguir nada. Tudo estava tranquilo em casa.

Demasiado tranquilo?

O coração de Erla começou a bater com mais força, levando o sangue a latejar-lhe na cabeça. No minuto seguinte, ela já estava fora da cama e corria pelo corredor em camisa de dormir. Ali estava menos escuro do que no quarto, graças a um rasto de luz que parecia emanar da sala de estar. Ao dirigir-se para lá, Erla deparou com a sala iluminada por velas e com Einar e o homem que dizia chamar-se Leó sentados.

Flutuava no ar o aroma reconfortante do café. Então, ao deter o seu olhar na árvore e nos embrulhos coloridos por baixo, Erla deu-se conta de que era véspera de Natal.

— Já acordaste, querida — saudou-a Einar. — Tens café quente na

cafeteira. Graças a Deus, ainda temos gás.

Erla estava pregada ao chão, com as palavras presas na garganta. Os segundos pareciam passar à velocidade de minutos, enquanto ali permanecia em silêncio, sentindo o peso do olhar fixo dos homens sobre ela.

Abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu.

— Porque não te juntas a nós? — convidou Einar.

— A Anna? — proferiu ela, num tom roufenho. — Porque não está ela ainda aqui?

— Mas a estrada não está bloqueada? — murmurou Leó, evitando o olhar de Erla.

— Também se pode chegar aqui a pé — replicou Erla, bruscamente.

— Como está o tempo agora?

Ela olhou de relance para a janela, mas tudo quanto conseguia ver era o reflexo das velas.

— Senta-te, querida — insistiu Einar. — Eu não quis acordar-te.

Em vez de lhe obedecer, ela deu meia-volta e dirigiu-se para o vestíbulo.

— Tiveste uma noite muito agitada — disse Einar nas costas dela.

— Achei melhor deixar-te dormir mais um pouco. Parece que este corte de energia te deixou realmente afetada.

— Eu estou mais do que habituada a ficar sem eletricidade — retorquiu Erla, da entrada.

Abriu a porta da rua, espreitou em direção à escuridão infinita e deu um passo em frente, calçada com as suas meias grossas e mal se apercebendo do que fazia, ficando imediatamente enterrada num banco profundo de neve acabado de se formar. Impeliu-se bruscamente para trás, sentindo o frio a trespassar-lhe a carne e os ossos. Que coisa tão incrivelmente estúpida de se fazer, andar a patinhar ali fora com aquele nevão.

Voltou a entrar em casa e fechou a porta.

— Erla, mas que diabo te passou pela cabeça? — A voz de Einar ribombou-lhe aos ouvidos, enquanto ele lhe pousava a mão no ombro. Ela ficou tão atarantada que quase perdia o equilíbrio. — Está tudo bem? — perguntou o marido, preocupado.

Erla sentiu o sangue a latejar-lhe de novo na cabeça. Friccionou as têmporas e tentou raciocinar. Tudo indicava que ela se levantara da cama indisposta. Precisava de tentar recompor-se. Afinal, refletiu ela

com uma sensação de alívio inesperada, eles tinham passado uma noite sem problemas, e Leó ia partir dali a pouco.

Virou-se para o marido e respondeu-lhe num tom forçadamente animado.

— Sim, é claro que está tudo bem. Ia apenas ver como estava o tempo e fiquei enterrada na neve, sem querer. Amontou-se mesmo à porta.

— Esteve a nevar a noite toda, querida. Volta para aqui e bebe o café.

Ela seguiu Einar para a sala de estar e sentou-se numa poltrona, esperando que ele lhe enchesse uma chávena, desconfortavelmente consciente das suas meias molhadas. Permaneceu em silêncio e evitou deliberadamente olhar para Leó, que se encontrava sentado no sofá em frente a ela, do outro lado da mesa de centro, envolvendo a sua chávena com as mãos e levando-a aos lábios de vez em quando.

Apenas quando Einar regressou, sentando-se na poltrona ao seu lado, é que Erla recuperou a voz.

— Ainda não temos luz? — perguntou ela ao marido em voz baixa.

Ela sabia que não, mas sentira-se compelida a quebrar o silêncio de alguma forma. Em todo o caso, era algo reconfortante, fazer uma pergunta para a qual já sabia a resposta.

— Vai estar assim todo o maldito Natal, garanto-te — declarou Einar.

— É possível habituarmo-nos a uma coisa destas? — perguntou Leó, com um sorriso.

A sala estava iluminada por cinco velas, três em cima da mesa de centro e duas no aparador, com as sombras irregulares a conferir ao ambiente familiar um ar estranhamente sinistro. Erla quase sentia que eles estavam retidos num pesadelo.

— Sim, é possível — respondeu ela, após uma pausa, acrescentando com alguma veemência: —, mas não tem de se preocupar com isso, porque vai sair daqui assim que acabar de tomar o café. O Einar já lhe deu indicações sobre o caminho?

Em vez de lhe responder, Leó olhou de relance para Einar, seguindo-se uns momentos de silêncio embaraçoso, como se os dois homens tivessem formado uma aliança da qual ela estava excluída.

Einar pigarreou.

— Eu acho que o Leó não vai a lugar nenhum hoje.

— Não vai a lugar nenhum? O que estás tu a dizer?

— Vê por ti própria, querida; a neve está demasiado espessa. Formou-se um valente temporal lá fora. Não podemos esperar que o coitado do homem saia daqui nessas condições. — Pela maneira como falava, Einar podia estar a referir-se a alguém ausente da sala, e não ao homem sentado à frente deles.

— É claro que ele pode ir! — Erla esforçava-se por controlar a voz para não começar a gritar. — Se a Anna consegue chegar aqui, então é possível ele fazer o caminho, mesmo que a distância seja um pouco maior.

— O seu marido referiu-me que, na verdade, o percurso é um pouco...

— E porque não nos disse que passou pela casa da Anna primeiro? — interrompeu-o Erla. — Esteve a falar com ela? É isso? Esteve a falar com ela?

— Eu não encontrei ninguém no caminho para aqui. Não encontrei viva! — asseverou Leó, parecendo pouco à vontade. — É verdade.

— Porque não voltas para a cama, querida? — sugeriu Einar, gentilmente. — Estás cansada. O Leó vai passar o Natal connosco e não há mais nada a dizer. Não podemos simplesmente mandá-lo embora com um tempo destes.

Erla suspirou. Parecia que as paredes em redor se fechavam à sua volta, como se estivesse sozinha no mundo, sem um único aliado. E estava morta de aflição em relação a Anna. Sentiu a respiração a acelerar. A sua ânsia em falar, em transmitir a Einar os seus receios, era tão intensa que quase a sufocava.

Leó levantou-se.

— Bom, acho que vou de novo para o meu quarto. Lamento profundamente este incómodo. Sinto mesmo muito. E estou-vos muito grato pela vossa hospitalidade... Espero que saibam isso.

Einar assentiu, mas não disse nada.

Só depois de Leó ter saído da sala é que Erla teve a calma suficiente para falar.

— Einar... — Ela debatia-se com a escolha das palavras certas para transmitir o pavor que sentia. — Einar, ouve, eu acho que ele está a mentir-nos.

— Não devemos pensar sempre o pior das pessoas, Erla.

— Mas porque é que não falam dele nos noticiários?

— Talvez tenham falado, querida. Desde que a eletricidade foi cortada, deixámos de poder ouvir rádio. Se calhar, neste preciso momento, há uma expedição de socorro à procura dele.

— Sabes perfeitamente que não há. E as pegadas dele... Ele veio pela estrada e passou pela casa da Anna. Ele mentiu ao dizer que encontrou a nossa casa por acaso. E... — Mais uma vez, Erla sentia a tensão a acumular-se nas têmporas e uma violenta dor de cabeça a formar-se. — E ele andou a bisbilhotar esta noite, e ontem também, quando nós não estávamos a ver. Ele pretende qualquer coisa de nós, Einar. Eu vi-o, ele esteve no *nosso quarto* ontem. E esta noite... Eu não sei bem onde... Talvez lá em cima no sótão, ou na sala de estar. Eu não sei, Einar, tudo o que sei é que ele... ele...

— Vamos, vou levar-te para a cama, querida — disse ele, amavelmente. — Precisas de descansar.

XIV

Hulda voltou a bater à porta, desta vez de forma enérgica e prolongada.

— Porque estás a proceder assim, Dimma?! — bradou ela, com a garganta sufocada por lágrimas não derramadas e frustração.

Do interior do quarto, chegou-lhe uma resposta qualquer, mas ela não conseguiu distinguir as palavras. Dimma saíra nessa manhã e tomara o pequeno-almoço em silêncio, sem devolver o «bom-dia» aos pais.

Hulda sugerira-lhe que as duas se juntassem a embrulhar os presentes ou, pelo menos, fossem de carro tratar do envio dos que iam ser expedidos, mas Dimma limitara-se a abanar a cabeça a cada ideia avançada pela mãe. Parecia que o facto de ser véspera de Natal não tinha qualquer significado para ela. Dimma isolara-se tão profundamente no seu pequeno mundo que nada do que acontecia em redor parecia importar-lhe.

Hulda convencera-se de que tudo iria melhorar com a chegada do Natal e, no entanto, era por demais evidente que o espírito festivo da época iria estar ausente naquela casa. E só agora, de forma tardia, Hulda constatava o óbvio: era impensável ela continuar simplesmente de braços cruzados; alguma coisa tinha de ser feita.

Até então, havia-lhe sido difícil reconhecer a situação e enfrentar o facto de a filha precisar de ajuda profissional, mas ela já não sabia o que fazer. E não podia contar com Jón. Continuou a bater furiosamente na porta do quarto, mesmo sabendo que não ia ter qualquer resultado. A raiva que sentia dirigia-se a si própria, essencialmente, por não ter agido há mais tempo. Vivera na ilusão de que Dimma ia despertar daquele estado, mas agora era óbvio que já

não lhe restava qualquer esperança.

— Vamos, Dimma, sai daí imediatamente! — gritou ela. — Ou... ou nós arrombamos a porta. Eu não estou a brincar.

Jón segurou-a nos ombros com firmeza.

— Acalma-te, Hulda. Ela vai ultrapassar...

— Ela não vai ultrapassar nada, Jón! — berrou Hulda, virando-se para o marido. — Ela não vai ultrapassar porcaria nenhuma! Já teve muitas oportunidades para isso. Ninguém se comporta desta maneira.

— Anda, volta para a sala; tens de te acalmar.

— Eu não tenho vontade nenhuma de me acalmar. Nós temos de a levar... de a levar ao médico. — A voz de Hulda fraquejou, e, com todas as barreiras derrubadas, ela deu por si a soluçar incontrolavelmente, quase incapaz de balbuciar uma palavra.

Jón desviou-a da porta com suavidade, mas ainda assim sem lhe dar hipótese de recusar, e conduziu-a para a sala de estar. A princípio, Hulda tentou resistir; porém, acabou por ceder, sentindo-se completamente derrotada.

— Jón — disse ela, a chorar —, nós temos de lhe marcar uma consulta... num terapeuta, num psiquiatra... Temos de fazer alguma coisa.

— Isso não é um pouco drástico, Hulda, meu amor? — argumentou ele, num tom tranquilizador. — Não é preciso empolar mais a questão, dando-lhe uma importância desproporcionada.

— Uma importância desproporcionada?! Tu estás completamente cego, Jón?! Deliberadamente cego? Existe aqui qualquer coisa de profundamente errado e nós já nos devíamos ter apercebido disso há muito tempo. Será um problema na escola? Alguma coisa... Quero dizer, o que aconteceu a todos os amigos dela? Ela parece já não ter nenhum.

— Querida, vamos aguardar e ver como as coisas estão a seguir ao Natal. Eu sei que tu tinhas esperança de que ela ultrapassasse a crise e de que as coisas voltassem a ser como antes, mas temos de aceitar que isso não vai acontecer. Vamos respirar fundo, simplesmente, e deixar que ela fique trancada no quarto se assim o quiser. Talvez a Dimma queira apenas ficar sozinha. O que sabemos nós sobre isso?

— Mas é exatamente a isso que eu me refiro! O que sabemos nós sobre aquilo que se passa na cabeça dela? Nada! É por isso que precisamos de ajuda profissional. Vamos contactar alguém hoje, neste

instante!

— É véspera de Natal. Nós não vamos falar com ninguém, Hulda. Esquece isso. Toda a gente está de férias. Garanto-te que falamos com alguém entre o Natal e o fim do ano se o comportamento da Dimma não mudar. Está bem?

Hulda ponderou o que ele dizia, com o peito a arquejar com os soluços contidos. Embora não concordasse em esperar, não podia deixar de reconhecer que Jón tinha alguma razão no que dizia. Chamar um médico ou um pedopsiquiatra durante um feriado oficial seria algo muito difícil de justificar, salvo se fosse um caso de emergência. Talvez ela estivesse a exagerar.

— Vamos ver — respondeu de mau modo. Era tudo o que ela ia dizer para já.

O pior de tudo era ter de ir trabalhar no dia seguinte, o dia de Natal. Era muito mau o turno dela ter calhado naquele dia, e é claro que Jón tinha razão ao afirmar que ela já estava na polícia há tempo suficiente para ter o direito de recusar trabalhar nos feriados principais. Mas a verdade é que ela não se atrevia a fazê-lo: a sua vida na polícia era uma batalha eterna contra o regime patriarcal, e Hulda sentia-se compelida a fazer mais do que aquilo que se esperava dela, por muito que o lamentasse neste momento.

Na verdade — que diabo! —, por que motivo tinha de ser ela a fazer o turno? Ia dizer-lhes que arranjassem outra pessoa. Hulda precipitou-se para o vestíbulo, arrebatou o telefone e ligou para o colega que estava de serviço.

— Viva, fala a Hulda... — No momento em que começou a falar, ela percebeu que aquela era uma ideia sem lógica; não estava ninguém no Departamento de Investigação Criminal, à exceção daquele colega, que não tinha poderes para a libertar do turno do dia seguinte.

— Viva! Está tudo bem?

— Desculpa? Ah, sim, claro... És a única pessoa de serviço hoje?

— Claro. As pessoas não estão propriamente a formar uma fila para vir para cá na véspera de Natal. É uma chatice do caraças ter sido escalado para este turno. Mas espero ir para casa cedo esta noite, se tudo continuar calmo como até agora.

— É... hã, suponho que não há possibilidade de ficares com o meu turno amanhã...

Do outro lado da linha, fez-se um momento de silêncio; depois, o colega desatou a rir.

— Boa tentativa, Hulda! A resposta é não... não há.

— Sabes se... haverá alguém... O que se passa é que eu tenho um problema aqui em casa — insistiu ela, tentando controlar o tremor na voz.

— Com tão pouca antecedência, não há a mínima hipótese de arranjar alguém que faça o teu turno. Vais mesmo ter de vir trabalhar amanhã e arranjar outra forma de resolver o problema em casa.

— Pois, acho... que sim...

— Ah, agora me lembro, Hulda, havia uma mensagem para ti quando eu cheguei esta manhã. Foi alguém da central telefónica que a registou.

— Uma mensagem?

— Sim, a pedirem que ligasses para um número... Espera um momento... 656 qualquer coisa, não me lembro do resto. Dá-me um segundo.

Hulda só queria desligar o telefone; não tinha qualquer interesse em estar a lidar com assuntos de trabalho; porém, não lhe restava outro remédio senão esperar. Por fim, o colega encontrou o número de telefone, mas a mensagem parecia não ter qualquer outra informação.

— Podes ver de onde é? — pediu ela. — Não faço ideia a quem pertencerá esse número.

— Sim, com certeza. Não é que eu tenha propriamente mais alguma coisa para fazer. Dá-me um minuto. — Seguiu-se um rumorejar, enquanto ele pousava o auscultador. Pouco tempo depois, o colega regressava à linha. — É um número de Gardabær, Kolbrún e Haukur...

— Ah, estou a ver quem são... — Hulda perguntou-se porque queriam falar com ela. — Quando é que telefonaram?

— Aqui não diz. Pode ter sido ontem, ao final do dia, ou talvez esta manhã. Quando é que saíste do turno?

— Ontem à tarde... Certo, OK, eu vou... Eu ligo para eles.

Os pais da rapariga que tinha desaparecido... O caso que estivera tão presente no seu pensamento nos últimos tempos. Talvez quisessem pedir-lhe um ponto de situação, antes de tudo ficar encerrado para a época festiva.

Hulda ainda pensou em devolver a chamada nesse preciso

momento, mas não se conseguiu obrigar a fazê-lo. Já tinha muito com que se preocupar em casa. Ao invés, resolveu adiar o assunto para quando estivesse a trabalhar no dia seguinte, já que lhe parecia não ter outra alternativa senão voltar ao escritório.

XV

Quando Erla acordou de novo, depois de ter voltado a deitar-se a pedido do marido, a primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi um desejo ardente de que os acontecimentos daquela manhã não passassem de um sonho longo e turbulento; de que Leó tivesse partido, finalmente, e Anna já se encontrasse ali, para o Natal poder começar em todo o seu esplendor.

Para se distrair, ela focou-se nas tarefas domésticas rotineiras que tinham de ser feitas antes de a noite chegar, como preparar a ceia, o que consistia em cozinhar o cordeiro fumado no fogão a gás e garantir que a casa estava num brinco às 18 horas, momento em que a celebração do Natal se iniciava na Islândia, de acordo com a tradição. Erla deu por si a sorrir com expectativa; no entanto, o sorriso desvaneceu-se quando ela se lembrou da falta da eletricidade. Que maçada; eles não iam poder escutar os cânticos de Natal naquele ano. Na casa, havia um transístor a pilhas, mas estava avariado há anos e Einar acabara por nunca o mandar reparar. Na altura, o marido dissera-lhe que dispensava perfeitamente ouvir as notícias durante alguns dias, quando a eletricidade voltasse a falhar.

«Assim como assim, são só desgraças», observara ele. «Até é melhor não ouvirmos nada disso.»

O som da voz de Leó, vindo da sala de estar, invadiu-lhe o seu devaneio feliz, levando-a a aterrar bruscamente na realidade.

— Raios... — resmoneou para si própria, dando uma olhadela ao despertador.

Tinha estado a dormir até ao meio-dia. Já não se lembrava da última vez em que isso acontecera. Devia ter sido por causa da longa vigília da noite anterior.

Anna. Decerto, Anna já devia estar ali agora. Ela costumava chegar à hora de almoço, pensou Erla para consigo, sorrindo de novo. E com Anna ali para a apoiar, talvez fosse possível ela conseguir sobreviver à visita de Leó, afinal.

Saiu da cama, vestiu-se e percorreu lentamente o corredor, dirigindo-se para a sala de estar. Lá estavam os dois sentados, Einar e Leó, como se não se tivessem mexido desde manhã. Tinham apagado as velas, e uma claridade débil e pálida filtrava-se pelas janelas. Era o despontar de um dia característico do inverno, e fazia sentido poupar as velas e tirar o melhor partido de toda a luz do dia que pudessem ter, já que a escuridão voltava a instalar-se dentro de três horas apenas. A neve havia parado de cair, felizmente, pelo que talvez eles conseguissem livrar-se de Leó.

— Onde está a Anna? — perguntou ela. Foi confrontada com o silêncio. Leó olhava para o chão, evitando o seu olhar fixo. — Porque não está a Anna aqui? É hora de almoço, Einar. Ela já devia ter chegado.

O marido levantou-se.

— Está tudo bem, querida. Vem, senta-te aqui; eu vou buscar-te café.

Ele dirigiu-se para a cozinha, regressando com uma chávena que colocou sobre a mesa, enchendo-a de café. Erla tinha a sensação de que a manhã se repetia como se tivesse sido apanhada por uma qualquer espiral de terror.

— Não está tudo bem, Einar. É véspera de Natal, e ela nunca se atrasou desta maneira. E aí estás tu, a agir como se nada se passasse! — Erla fez um movimento brusco em direção ao marido, dando-lhe um encontrão. — O que se passa contigo? Porque estás a reagir assim? — Ao mesmo tempo que falava, Erla apercebia-se de que estava a descarregar a sua raiva no homem errado. Erla apenas dispunha de um aliado ali, o marido. Então, redirecionou o seu ataque para Leó. — Chegou a altura de parar com as suas mentiras, Leó! — disse-lhe num tom agressivo, dando um passo em direção ao homem.

Ele fez um ar alarmado. Afinal, o pulha estava com medo dela! Pois ainda bem.

— Eu... eu não estou a mentir — balbuciou ele.

Erla foi até junto dele e sentou-se no sofá ao seu lado, ainda que não houvesse muito espaço. Ia arrancar-lhe a verdade, custasse o que

custasse.

— Contou-nos que encontrou esta casa por acaso, não foi?

— Sim, graças a Deus... Acho que isso me salvou a vida — respondeu ele numa voz trémula.

Ele estava nervoso, não havia dúvidas disso.

— Está a mentir. Isso não é verdade. Eu vi o seu rasto na neve. O Leó veio pela estrada até aqui. Ah, sim, foi isso que nos disse... que havia postes de sinalização na neve e que os seguiu. — Erla estava surpreendida pela firmeza na sua voz e pela coragem que conseguia convocar, agora que a hora da verdade tinha chegado. No entanto, ela sentia um medo arrepiante a instalar-se-lhe na boca do estômago. Temia pela sua filha, temia que aquele intruso pudesse ter feito mal a Anna de alguma maneira. Leó não dizia nada. — Foi isso que nos disse ontem, não foi?

— Sim, hã, claro, mas eu não queria dizer que... eu vi alguns postes, é verdade, mas...

— E eles seguiam até aqui, só que passavam ao lado da casa da Anna primeiro. A estrada parte da povoação. E foi por ela que o Leó chegou aqui. O Leó não andava nas turfeiras com os seus amigos... fossem eles dois ou três, ou quantos quer que possam ser hoje! — O pensamento de que ela podia estar a lutar pela vida da filha trazia-lhe uma força acrescida. Anna já devia estar ali agora.

— Eu andava a caçar! — refutou Leó, desta vez com mais veemência. — Nós andávamos... hã... a caçar lagópodes.

Por fim, Einar interveio.

— Nesse caso, onde está a sua espingarda, amigo? — perguntou ele calmamente, com um tom duro na voz.

Por fim — *por fim* —, ele começava a ver a luz, pensou Erla. Einar já estava a perceber que alguma coisa não estava bem.

— A minha espingarda? Ah, a minha espingarda. Eu... eu deixei-a ficar para trás quando me separei dos outros. Estava a ficar extenuado e não precisava de ficar ainda mais sobrecarregado com uma tralha inútil.

Erla absteve-se de intervir, deixando Einar reagir àquela explicação com o desprezo que ela merecia.

Einar, contudo, não reagiu de imediato, e um silêncio embaraçoso instalou-se na pequena sala. De qualquer forma, a quebra de energia já conferia características peculiares ao ambiente; predominava ali uma

espécie de obscuridade crepuscular, a evocar a altura do dia que Erla sempre considerara mais sinistra, a hora em que os fantasmas emergem das sombras para revestir figuras humanas, sem que alguém dê por isso.

Ela estremeceu; fazia frio na sala, como de costume, mas não era isso que lhe provocava aquela reação, mas sim um desejo ardente de que aquele estranho nunca tivesse aparecido à porta deles, nunca tivesse perturbado o equilíbrio precário da sua vida familiar. Sim, ela era infeliz ali... de certa forma; Erla não podia iludir-se a si própria; no entanto, desejava que a deixassem em paz com a sua infelicidade.

Erla apurou o ouvido, à espera do som de uma porta a abrir que anunciasse a chegada da filha. À espera de que Anna entrasse intempestivamente na sala, com o cabelo ainda matizado pela neve após a caminhada, multiplicando-se em desculpas por estar atrasada. Assim que ela chegasse, já não seria preciso perguntar mais nada a Leó. Porque talvez — apenas talvez — ele estivesse a dizer a verdade. Erla vacilou na sua certeza; porém, a seguir, recordou a si própria que ele podia estar a mentir para encobrir o facto de ter feito alguma coisa a Anna.

— Então, deixou ficar a sua espingarda para trás, foi isso, amigo? — acabou por perguntar Einar, numa voz enganadoramente calma.

Leó acenou afirmativamente com a cabeça, com os olhos a oscilarem de um lado para o outro, como se constatasse que o jogo chegara ao fim e que ele tinha perdido. Que ele já deixara de ser bem-vindo ali.

— Sim — afirmou ele, após uma breve hesitação.

— Essa parece-me ser uma decisão um pouco estranha. As armas são brinquedos caros; elas custam os olhos da cara, como tenho a certeza de que sabe. É a primeira vez que ouço alguém dizer que deixou ficar a sua arma para trás. Faz alguma ideia do sítio onde ela ficou? Deixou o local assinalado?

— Não, na verdade, não. Em todo o caso, eu não tinha nada que pudesse usar para o assinalar.

— Nesse caso, é óbvio que não tem falta de dinheiro.

— O quê? Não, é claro que este prejuízo me deixa aborrecido. Só que entrei em pânico, acho eu. Estava com medo de morrer de hipotermia ali.

— E diz que veio pela estrada. Não reparou na outra casa quando

vinha a caminho daqui?

Seguiu-se uma pausa longa.

— A outra casa? — repetiu Leó, com ar hesitante.

— Sim, a minha mulher já o questionou sobre isso ontem à noite, e esta manhã também.

— Ah, certo, pois...

— Disse que não tinha avistado mais nenhuma construção, além da nossa, mas existe outra casa que também nos pertence, e que não fica muito distante daqui. A estrada que vem da povoação passa mesmo ao lado dela. — Einar falava num tom invulgarmente duro. — Leó não respondeu. — Nesse caso, não seguiu o percurso da estrada? Os postes sinalizadores?

— Sim... hã, sim, segui.

— E, no entanto, não avistou a casa. Ou era a nossa casa que procurava?

O silêncio prolongou-se, carregado de tensão. Einar recuara ligeiramente, como se quisesse aumentar a distância entre ele e Leó, enquanto Erla se inclinava para trás, afastando-se o mais possível do seu visitante, como que a realçar que eram dois contra um, e que ele estava numa posição isolada.

— Repare — começou Leó, agora numa posição defensiva —, é possível que eu a tenha visto. Eu... eu avistei um edifício à distância, mas todas as luzes estavam apagadas, pelo que me limitei a seguir em frente. Podia ser a casa que refere, só que eu estava esgotado e tão enregelado na altura... Aquilo que procurava eram sinais de vida, uma luz...

— Era a casa da nossa filha — interveio Erla —, e ela jamais lhe recusaria ajuda se lhe fosse bater à porta. Sabe o que eu penso? — Ela ergueu a voz. — Eu acho que foi lá e a Anna o deixou entrar, e... e depois fez-lhe alguma coisa. É isso que eu penso! Ela ainda não está aqui, ainda não apareceu... Diga-nos a verdade, Leó. Por amor de Deus, tem de nos dizer a verdade!

— Erla! — atalhou Einar. — Erla, querida...

— Eu juro que não estive com ela, nem lhe bati à porta. A casa parecia... Não havia nenhuma luz que eu pudesse vislumbrar. Eu não faço verdadeiramente ideia do que estaria a pensar. É difícil raciocinar normalmente numa situação como a que eu enfrentava.

De repente, Einar deu um passo na direção de Leó e falou-lhe num

tom alterado.

— O que quer de nós? — exigiu ele saber.

— O que... o que eu quero de vocês? Nada, eu precisava apenas de me abrigar. Há aqui um mal-entendido terrível.

— O que fez à Anna? — gritou Erla, sentindo as lágrimas a rolarem-lhe pelas faces. — O que é que lhe fez?

— Eu nunca estive com a Anna, juro-vos...

— A minha mulher contou-me que andou a bisbilhotar o nosso quarto ontem — acusou Einar, prosseguindo aquela inquisição sem tréguas. — Isso é verdade?

A acusação deixou Leó visivelmente afetado.

— Não — respondeu ele. — Não, eu não compreendo como ela pode ter pensado isso.

— Eu vi-o quando entrei em casa. Tenho a certeza — afirmou Erla num tom categórico.

— Viu-me no corredor, é isso que quer dizer. Deve estar a imaginar coisas — ripostou Leó.

— Vamos ter cuidado com a linguagem — advertiu Einar com firmeza, mas ainda com um tom duro na sua voz. — É possível que a minha mulher se tenha enganado, mas eu penso que existem algumas coisas que devem ser esclarecidas.

— Eu não sei o que vos posso dizer mais — protestou o visitante, soltando um suspiro. — Não vos contei mentira nenhuma, e, para mim, é incompreensível que me estejam a fazer essas acusações. Se não me querem aqui, eu posso ir-me já embora.

— Tenha lá calma. Ninguém lhe está a dizer isso — replicou Einar. — Nós apenas queremos que seja honesto connosco.

— Mas eu tenho sido honesto...

Erla voltou a intervir.

— E em relação à noite passada? O que pretendia ao andar a deambular pela casa?

Ao pronunciar aquelas palavras, Erla foi acometida por uma dúvida momentânea, interrogando-se sobre se aquilo teria sido um sonho. Talvez ela não tivesse ouvido efetivamente os ruídos furtivos ou o ranger da porta no sótão. Contudo, ao reparar na leve contração de um músculo na face de Leó, num quase impercetível arregalar de olhos, ela soube que não tinha sido fruto da sua imaginação. Erla lançou um olhar fugaz ao marido e viu que ele reparara no mesmo,

nos sinais reveladores de culpa.

Leó manteve-se em silêncio.

— Eu ouvi-o, o Leó foi ao sótão.

— Mas como é...

— Que eu sei isso? — atalhou Erla. — Porque eu conheço esta casa. Portanto, existem mais algumas questões às quais vai ter de responder, Leó.

— Eu... — começou o visitante, mas estacou. Erla pressentiu que ele estava a tentar decidir se iria continuar a mentir-lhes ou se confessaria a verdade. — Muito bem — prosseguiu o homem —, de facto, eu passei parte da noite a pé. Não conseguia dormir. Para ser honesto, sentia-me ligeiramente claustrofóbico. Não estou habituado a ficar bloqueado pela neve desta forma. Fui espreitar lá fora, para inspirar um pouco de ar, mas isso não ajudou; apenas contribuiu para reforçar a minha consciência de como... de como este sítio é isolado.

— E o sótão? O que andava a fazer ali? Agora não pense que me vai mentir, Leó. Eu ouvi-o a abrir a porta lá em cima — afirmou Erla, e, para reforçar a sua posição, acrescentou: — E o meu marido também o ouviu.

— Oh, não sei realmente o que me passou pela cabeça. Pensei apenas em experimentar a cama lá de cima e ver se me sentia menos claustrofóbico...

Einar aproximou-se do sofá e colocou uma mão pesada sobre o ombro de Leó.

— E qual foi o resultado disso, amigo? Acabou por voltar para o seu quarto a seguir? — Havia um tom de advertência na voz dele.

Leó baixou os olhos, dando-se um ou dois segundos antes de responder.

— Sim, acabei por conseguir adormecer novamente — disse ele. — Lamento tê-los acordado.

— Venha comigo — pediu Einar. Era uma ordem, mas dada de forma delicada. A mão dele continuava pousada no ombro do seu convidado.

— Aonde? O que pretende fazer?

— Vamos lá acima.

— Lá acima... ao sótão?

— Sim, venha comigo. Só quero certificar-me de que não há nada estragado ou que tenha sido roubado — disse Einar com firmeza. Ao

ver que Leó não se movia, acrescentou: — A não ser que prefira que eu não vá verificar...

— Não, é claro que não. Não tenho nada a esconder.

— Muito bem, nesse caso, vamos subir. Vá o Leó à frente... Afinal, já sabe o caminho.

Erla reparou no olhar confuso do visitante, mas este fez o que lhe pediam, dirigindo-se para as escadas devagar, à frente de Einar. A porta do quarto no sótão estava trancada, e, ao ouvir o rangido da chave, ela constatou que provavelmente teria sido aquele barulho que lhe despertara a atenção na noite anterior.

— Ah, está escuro aqui! — ouviu Einar a dizer. — A janela está tapada pela neve. Vou buscar uma vela.

Erla sobressaltou-se ao ouvir o som da porta a fechar-se e da chave a rodar na fechadura. O tempo pareceu abrandar até se tornar progressivamente evidente para ela que o marido tinha deixado o visitante trancado lá dentro.

A seguir, ela ouviu as primeiras pancadas.

— Mas que porcaria é esta? — A voz de Leó chegava distintamente ao ponto onde Erla estava sentada. O homem sacudiu a maçaneta, para depois começar a bater com estrondo na porta, mas Erla sabia que a estrutura não ia ceder tão facilmente. Aquela era uma casa antiga e sólida, e, do mesmo modo, a maior parte das portas era grossa e resistente. — Deixe-me sair, que grande merda! Deixe-me sair! Isto é contra a lei. Deixe-me sair! — Ele começou a bater novamente na porta, furiosamente.

Einar desceu do sótão com uma expressão imperturbável.

— Muito bem, querida, vamos dar uma rápida vista de olhos às coisas dele. Este tipo não me inspira muita confiança. Acho que tu tinhas razão em relação a ele desde o início. — A seguir, Einar levantou a voz, falando por cima do ombro. — Espere só um minuto, amigo, tenha paciência — bradou ele. — Eu já vou ter consigo.

Erla nem queria acreditar que aquilo estava a acontecer, embora se sentisse aliviada ao ver que Einar parecia levar os seus temores a sério.

— O que estás tu a fazer? — perguntou ela, baixinho, seguindo o marido.

— Há qualquer coisa de suspeito em tudo isto, querida. Vamos descobrir se ele nos está a dizer a verdade.

— Mas... o que vais fazer? Estás a pensar mantê-lo ali fechado... durante o Natal?

— Não, é claro que não — retorquiu Einar, enquanto Leó continuava a investir violentamente contra a porta no piso de cima. — Isso não ia resultar. Além do mais, tudo isto pode vir a revelar-se um grande mal-entendido, e, se assim for, temos de o libertar imediatamente. Mas precisamos de ter cuidado. Não vou pôr a tua vida em risco por causa de um estranho.

— Mas o que...?

— Vou só dar uma vista de olhos às coisas dele. Daqui a pouco, já sei se ele nos mentiu ou não. — Einar abanou a cabeça e resfolegou com ar depreciativo. — Ir caçar sem uma espingarda? Quem pode acreditar numa coisa dessas?

Teria sido aquele o ponto de viragem? Pouco a pouco, os sinais de que alguma coisa não estava bem foram-se acumulando. No entanto, talvez apenas agora Einar tivesse começado a somar dois mais dois, já que aquilo era algo a que ele era sensível, sendo um caçador exímio e tendo até caçado vários lagópodes nesse inverno: um verdadeiro caçador nunca deixa a sua arma para trás.

A espingarda de Einar... De súbito, ocorreu a Erla um pensamento terrível.

— Einar — murmurou ela —, a tua espingarda! Terá ele ido ao armário ontem à noite? Seria isso que ele procurava?

O marido fez uma expressão apreensiva.

— O armário está trancado e a chave anda sempre comigo, como tu sabes. — Bateu ao de leve no bolso. — Mesmo assim, fazes bem em lembrar-me. Vou ver.

Ele desapareceu ao fundo do corredor, reaparecendo pouco tempo depois, a abanar a cabeça.

— Não, a espingarda ainda está no armário, e não há vestígios de a fechadura ter sido forçada. Muito bem, vamos dar uma olhadela às coisas dele.

Erla mantinha-se firme, vendo o marido a dirigir-se para o quarto de hóspedes; de repente, inexplicavelmente, deu por si a pensar no cordeiro. Para se descontrair, começou a planificar a que horas teria de o pôr a cozer e também quando iria preparar os acompanhamentos. A ceia de Natal era a refeição mais importante do ano, exigindo sempre uma contagem decrescente para garantir que tudo corria na

perfeição. Regra geral, eles faziam ainda uma refeição ligeira a meio do dia; contudo, aquela agitação levava-a a esquecer-se disso por completo.

Erla fechou os olhos, tentando abstrair-se do som das pancadas e berros que vinham do sótão e concentrar-se em questões prosaicas, como se elas a pudessem transportar para um mundo diferente onde tudo corria bem. Onde a luz não se eclipsara face à escuridão de um corte de energia; onde nenhum visitante despontara inesperadamente do meio da neve; onde os cânticos de Natal soavam melodiosamente na aparelhagem como música de fundo; onde apenas os fantasmas familiares, e não um desconhecido sinistro, deambulavam à noite, e onde Anna tinha chegado para almoçar na véspera do Natal...

Anna?

A imagem de Anna arrancou bruscamente Erla do seu devaneio, trazendo-a de volta à dura realidade. Ainda não havia sinal da filha deles.

XVI

A mãe de Hulda estava confortavelmente aninhada no sofá e segurava um copo com cerveja de Natal. Ela não falava muito, embora fosse tirando de vez em quando um bombom da taça pousada na mesa de centro. Hulda esforçara-se ao máximo para transmitir a ideia de que tudo corria bem. No rádio, em plano de fundo, ouviam-se as mensagens de boas-festas das famílias dos pescadores que passavam aquela época no mar.

— Parece que vamos ter um Natal extralongo este ano — anunciou a mãe de Hulda, a propósito de nada.

— Extralongo?

— Sim, alguém dizia isso na rádio ontem. Quando o Natal calha na véspera de um domingo, o período de descanso é maior.

O sorriso da mãe parecia forçado. Era habitual ela estar cansada, e isso fora sempre assim, desde que Hulda se recordava; a mãe não parava um segundo, sempre a tentar equilibrar o orçamento e conciliar vários trabalhos em simultâneo. Até agora, com a idade da reforma a aproximar-se, ela continuava a trabalhar de manhã à noite, a fazer limpeza de casas.

Hulda prometera muitas vezes a si própria que não ia acabar assim quando chegasse à idade da mãe. Pelo contrário, estava determinada a que ela e Jón já estivessem livres de dívidas e com uma situação financeira estável nessa altura, para poderem deixar de trabalhar numa idade razoável e tirarem o melhor partido da sua reforma.

Jón eclipsara-se; tinha ido para o seu escritório, alegando ter uns assuntos urgentes para resolver antes do Natal. O facto de o marido optar por trabalhar tantas horas, apesar de ser patrão de si próprio, era algo que a deixava exasperada, mas Hulda não podia realmente

queixar-se quando a contrapartida era terem aquele nível de vida tão confortável. Fosse como fosse, havia alturas, como no caso presente, em que ela desconfiava que aquilo não passava de uma desculpa dele para não passar demasiado tempo com a sogra.

Hulda obrigou-se a ficar na sala de estar a fazer companhia à mãe, embora cada uma delas tivesse muito pouco para dizer à outra, e qualquer conversa mantida entre as duas não resultasse de uma iniciativa sua, normalmente.

— Vamos ouvir os cânticos de Natal esta noite?

— Sim, mãe, durante a ceia, como de costume.

— Só queria ter a certeza. Sabe bem, de certa maneira. Faz-nos comungar do espírito natalício. — Depois de um breve silêncio, ela perguntou: — Esta noite vamos ter o lombo de porco fumado do costume?

— Sim, mãe, não vamos fazer nada que seja diferente dos outros anos.

— Ah, bom, isso é magnífico. Não é exatamente aquele com que fui criada, mas é agradável à mesma... A propósito, onde está a Dimma?

— Está a descansar, mãe. Sabe como são os adolescentes...

— Ah. Trouxe dois presentes para a minha querida menina. — Baixou o tom de voz para acrescentar: — Uma camisola que eu tricotei e um livro. Espero que ela goste de ambos.

Hulda assentiu, respeitosamente.

— Tenho a certeza de que sim, mãe. Tenho a certeza.

XVII

Erla preferiu ficar para trás, deixando Einar entrar sozinho no quarto de hóspedes para revistar a bagagem de Leó. Ficou à espera, dividida entre a esperança e o medo, continuando a tentar abstrair-se das pancadas e dos berros que vinham do sótão.

Agora que Einar agia com base nas suspeitas dela, Erla começava inesperadamente a reconsiderar melhor tudo aquilo. E se ela se tivesse enganado e Leó não lhes tivesse mentido? Ele podia ter-se perdido de facto e o seu estado de cansaço após aquela provação poderia tê-lo levado a baralhar alguns pormenores.

Oh, meu Deus, deu por si a pensar, se isso for verdade, o que vai acontecer? Ele ia denunciá-los à polícia assim que chegasse à povoação, com toda a certeza. Os dois corriam até o risco de enfrentarem um processo criminal... Erla sentia a respiração a ficar convulsiva. *Não, deixa de ser idiota*, admoestou-se. Eles iam simplesmente negar tudo. Era a única solução. Seria a palavra de Leó contra a deles.

Não, eu não faço a mais pequena ideia do que este homem está a dizer. Nós acolhemo-lo e oferecemos-lhe um quarto para passar a noite, e foi assim que ele nos retribuiu!

Ela ensaiava mentalmente a conversa que iria ter com a polícia, tentando imaginar quem seria o oficial que falaria com eles. Talvez o inspetor? Sim, era provável. Ele era um homem de meia-idade de quem Erla nunca gostara muito.

— Erla! Chega aqui! — A voz de Einar a chamá-la invadiu a névoa que a rodeava. — Vem ver o que eu encontrei! — Algo apreensiva, ela dirigiu-se para o quarto de hóspedes, com o coração a bater-lhe descompassado no peito. — Despacha-te.

Ao espreitar à porta, Erla deu com o marido a segurar uma bússola, com uma expressão triunfante.

— Afinal, ele tinha uma bússola, o mentiroso filho da mãe! Por isso, era impossível ele ter-se desorientado. E isso significa que ele nos mentiu ao dizer que não sabia qual a direção a tomar. Sabes que não me admirava nada que também tivesse sido ele a sabotar a linha do telefone? Se queres que te diga, é um bocado suspeito que a maldita linha tenha ido abaixo exatamente na altura em que o Leó apareceu.

— Tu achas... Estás a falar a sério?

Na verdade, a hipótese de Einar não era assim tão descabida. Um dia antes de Leó chegar, o telefone funcionava perfeitamente, e a linha não costumava ficar afetada pelo mau tempo, mesmo quando a eletricidade falhava.

— É melhor irmos lá dar uma vista de olhos. Não sou técnico de telefones, mas ainda assim quero ver como estão as coisas — disse Einar, continuando a vasculhar a mochila do visitante.

Erla recuou uns passos. Depois, ficou imóvel, ligeiramente aturdida, vendo o marido a comportar-se como se tivesse sido tomado por um ataque de loucura, sacudindo o interior da mochila e retirando bruscamente os pertences que ia encontrando.

Einar costumava ser um homem tranquilo, mas ela já o vira reagir daquela maneira antes. Não muito frequentemente, mas uma meia dúzia de vezes; as suficientes para ela saber do que ele era capaz. Felizmente, ela nunca fora objeto da sua ira. Não, o marido tratara-a sempre bem, embora pudesse ter ataques de fúria violentos se fosse levado ao limite. Não era exagerado dizer que ele se transformava noutra pessoa nessas alturas.

— Ei, olha para isto, Erla! — Einar mostrava-lhe um maço de notas de 500 coroas islandesas. — Dinheiro, montes dele. Tu tinhas razão; a história dele não faz sentido.

O pensamento de Erla precipitou-se de novo para Anna. O homem havia-lhes mentido continuamente.

— Está bem, continua a revistar as coisas — disse ela. — Mas que Deus nos ajude se nós estivermos enganados, Einar! Que Deus nos ajude!

No sótão, as pancadas na porta eram suficientemente violentas para fazer a casa estremecer.

— Abram a porta imediatamente! — berrava Leó. — Não me

podem fazer isto!

XVIII

— Erla, volta para aqui. Tens de ver isto! — insistia Einar num tom de urgência.

Ela tinha estacado na ombreira da porta, sem se conseguir mover, desejando do fundo do coração estar noutro sítio qualquer. Em qualquer sítio que não ali, enredada naquela situação terrível.

E se ela desistisse nesse preciso momento? Abandonasse a casa e fugisse dali, para nenhum sítio em particular, apenas para escapar? Mas Erla sabia que isso não ia adiantar. Ela sentia-se a sufocar pelo peso opressivo da neve que os cercava e enclausurava ali.

Naquela altura do ano, com aquele tempo, não havia nenhuma forma de escape.

Por muito alto que gritasse, por muito depressa que corresse, tudo o que ela podia esperar era uma morte agonizante por hipotermia. Não era de espantar que, muitas vezes, Erla encarasse a sua casa como uma prisão.

— Erla, estás a ouvir? Vem cá.

— Eu ouvi-te — respondeu ela, controlando a voz. — Só que não quero entrar, Einar. Não quero fazer parte disto. Isto... isto parece-me errado. Estamos a cometer um crime contra este homem. Nós não o podemos manter fechado desta maneira. Temos de o deixar sair.

— Mas eras tu quem estava com medo dele, Erla! Não eu. Há alturas em que não te compreendo, sabes? Tens de parar com esse disparate. Isto é real, Erla, esta é a realidade. Este homem é real, e eu penso que ele está a esconder alguma coisa. Na verdade, tenho a certeza disso. E *esta* é a prova! — Ele brandia uma carteira bastante usada.

— Eu não quero entrar! — gritou Erla num tom estridente, sentindo

que começava a tremer.

— Bom, então, repara nisto. — O marido abriu a carteira e ergueu-a na sua direção. Erla deu um passo cauteloso para o interior do quarto, como se estivesse a invadir uma casa estranha. Obedientemente, observou o documento de identificação do homem. — Vê a carta de condução dele — insistiu Einar. — A fotografia é a dele, mas Leó é o nome do meio. Parece que não nos queria dizer o nome verdadeiro.

— Talvez seja mais conhecido pelo nome do meio — aventou Erla. Já não sabia o que pensar. Desde a chegada daquele homem que as dúvidas não paravam de a atormentar. — O que está a acontecer, Einar? — perguntou ela com a voz trémula.

— Não sei, querida, mas vou descobrir. — O marido falava num tom duro, decidido.

De certa forma, Erla sentia-se aliviada por Einar estar a tomar as rédeas do problema, embora não conseguisse deixar de sentir um certo receio ao mesmo tempo. Quando o marido se enfurecia daquela maneira, havia o risco de ele agir de modo irrefletido.

Einar pegou na mochila e virou-a ao contrário, deixando o resto do conteúdo cair numa pilha no chão — roupa, artigos de higiene, nada que despertasse suspeitas de imediato. Ele sacudiu a mochila e espreitou para o interior.

— Vazia. Temos de examinar os pertences dele; ver se conseguimos encontrar alguma pista que nos diga quem é este homem e o que pretende. Ele pode ser um criminoso em fuga.

— Não achas que ele consegue arrombar a porta, pois não? — perguntou Erla.

— Eu espero que não, mas ele vai ter de se haver comigo, se o fizer. Não tenho medo de um franganote da cidade. Eu chego bem para ele.

Erla não duvidava que assim fosse. Einar possuía uma constituição poderosa, como se tivesse herdado a energia acumulada de todos os seus antepassados, que haviam travado uma batalha tão dura contra as forças da natureza para manter aquela remota parcela de terra habitada. Até ao presente, essa batalha fora ganha; contudo, agora, os sinais iam-se avolumando, sugerindo que a quinta tinha os dias contados, como qualquer pessoa podia ver, à exceção do próprio Einar. Se, ao menos, eles pudessem sair dali... criar raízes noutro lugar. Porém, Erla sabia que não era assim tão simples. Todos os bens

materiais deles estavam de certa forma ancorados àquela propriedade: a exploração agrícola, o equipamento, o gado... Vender tudo aquilo não era tarefa fácil. Uma casa antiga que ficava longe da povoação mais próxima não tinha valor se ninguém quisesse lá viver. Todas as propriedades abandonadas que se espalhavam pela paisagem rural islandesa eram testemunhas silenciosas desse facto, e Erla conseguia imaginar aquela mesma sina a atingir a própria casa, assim que eles partissem: janelas partidas, tinta a lascar, a ferrugem a alastrar-se nas chapas de ferro do telhado; um invólucro vazio, que já deixara de ser uma casa, sem préstimo para ninguém a não ser para os fantasmas a deambular entre os despojos.

É certo que eles também eram donos da terra, uma propriedade bastante extensa; porém, o problema da casa colocava-se igualmente ali; uma propriedade naquela região não valia um tostão furado, a não ser para um agricultor que estivesse disposto a viver lá. Por outro lado, os invernos violentos e os verões pouco quentes tornavam aquele sítio pouco convidativo para um empreendimento de turismo.

Enquanto o fluxo de pensamentos de Erla resvalava para um caminho já demasiado batido, Einar estivera a remexer no conteúdo da mochila.

— Aqui não há nada que nos possa interessar — concluiu ele.

— E no bolso? — lembrou Erla.

— O quê? Onde? — perguntou ele, ansioso.

— De lado. Aqui. — Erla apontava para um bolso fundo num dos lados da mochila.

— Ah, sim, bem visto. Talvez ele tenha alguma coisa escondida aqui. — Einar correu o fecho e introduziu a mão no interior. — Mas que...?

XIX

Einar retirou uma faca de caça do bolso da mochila. Depois de a desembainhar, testou a lâmina com o polegar.

— Está tremendamente afiada.

Erla ficou hirta. Percebia que era fundamental acalmar o marido. Ela conhecia-o quando ele atingia aquele estado; aquela expressão era-lhe familiar, o tom ameaçador da sua voz.

— Pode haver uma explicação perfeitamente natural para isso, querido. Afinal, o homem andava numa caçada.

— A caçar lagópodes com uma faca?

— Não existe nada de estranho em levar uma faca quando se participa numa expedição de caça... como medida de precaução — retorquiu, mas o marido já não a ouvia.

— Pois a mim parece-me que está na altura de eu ir ter uma conversa com ele — declarou Einar num tom sombrio, dirigindo-se para a porta.

Erla bloqueou-lhe a passagem.

— Einar... Einar...

— Deixa-me ir falar com ele, Erla. — Ele ainda tinha a faca na mão.

— Deixa ficar a faca, Einar.

— Vou levá-la comigo, pelo sim pelo não. Como medida de precaução, como tu disseste. Afinal, nós não sabemos com quem estamos a lidar.

— Pelo menos, volta a pô-la na bacia... — pediu, mas as suas palavras foram ignoradas.

Erla manteve-se onde estava, decidida a não deixar o marido passar. À distância, ela ouvia Leó a martelar a porta com os punhos, a dar pontapés e a gritar com a voz enrouquecida.

Então, os pensamentos dela regressaram a Anna.

— Einar, tu não achas que ele terá passado pela casa da Anna e lhe fez algum mal? — perguntou ela, mas era tarde demais.

Einar já não a ouvia. Ele conseguira fintá-la, e encaminhava-se para as escadas.

A faca, aquela arma letal... Por momentos, o mundo ficou às escuras, quando Erla pensou no que podia ter acontecido. Porque teria Leó mentido ao dizer que não avistara nenhuma casa quando se dirigia para a quinta? Santo Deus, como ela desejava ouvir o som da porta a abrir-se, e Anna a chamá-los, para eles saberem que ela estava ali. E se ele a tinha atacado? A faca parecia estar limpa, mas ele podia tê-la limpado, naturalmente. Pela cabeça dela passou uma imagem vívida de Anna estendida no chão, impotente, a esvair-se em sangue. Erla sentiu um impulso incontrollável de se precipitar para a porta e correr pela estrada em direção à casa da filha, desafiando o temporal.

— Vou à procura da Anna — disse para si própria.

Contudo, ao ouvir o rugido do vento no exterior, ela soube que ia ser difícil, senão impossível, chegar lá com vida. Então, dirigiu-se para a sala de estar.

— Eu vou entrar! — ouviu Einar a dizer, no piso de cima, num tom ameaçador. — Pode afastar-se da porta?

O som das pancadas estacou, e, do interior do quarto no sótão, Erla escutou Leó a gritar:

— Então, entre!

Erla foi acometida por um pavor tremendo em relação ao que podia acontecer. O mais prudente seria correr pelas escadas e separá-los à força e, depois, ordenar a Einar que deixasse o homem ir-se embora. Mostrar-lhe a porta da rua... ou, talvez, a porta da cave; a entrada ficava no exterior, e eles podiam deixá-lo ficar lá. A seguir, os dois trancavam-se dentro de casa e celebravam o seu Natal em paz, adiando a resolução do problema para mais tarde. Teriam de mentir à polícia. Sim, infelizmente, era preciso fazê-lo. Mas ela ia conseguir... tinha a certeza disso. Erla era capaz de mentir por Einar. Declarar, indignada, que o marido nunca trancara ninguém em lado nenhum. *Que ridículo! O meu marido jamais faria uma coisa dessas.* Sim, era provável que ela fosse bastante convincente, se tentasse. Porque, apesar de tudo, ela não conseguia conceber a sua vida sem Einar. Ainda que Erla pudesse dar quase tudo para sair dali, há muito que ela

decidira envelhecer junto do marido. A ideia de o perder era devastadora.

Nesse momento, fizera-se um silêncio estranho. Decerto, Einar estava a abrir a porta; sim, Erla conseguia distinguir o rangido da chave a girar na fechadura. Em seguida, houve um chiado dos ferrolhos, seguido de uma torrente de perguntas feitas pelo marido, num tom alto e irado:

— Mas que raio pretende de nós? E o que é isto? Ei, o que é isto? Porque veio para esta casa com uma arma?

Erla não conseguia ouvir mais nada. Tapou os ouvidos com as mãos e correu para a porta da rua; contudo, teve de baixar as mãos para a abrir, distinguindo então o clamor de vozes exaltadas vindo do sótão. A gemer com o desespero, investiu em direção ao exterior, indiferente ao facto de vestir apenas a roupa de andar por casa e descobrindo que começara a nevar de novo com intensidade.

Foi-se afastando da casa, arrastando-se pelos bancos de neve que lhe davam pelos joelhos. O temporal tinha-se agravado, era agora uma tempestade de neve que lhe reduzia a visibilidade para alguns passos apenas, mas ela não se importou; não suportava ouvir aquilo que estava a acontecer dentro de casa. Não aguentava ouvir o momento em que Einar perderia o domínio sobre si próprio.

Desejou ardentemente — inutilmente — que o desconhecido nunca tivesse entrado em sua casa; que pudesse fazer o relógio voltar 24 horas atrás. Se lhe fosse dada outra oportunidade, Erla iria bater com a porta na cara do indivíduo.

Outra oportunidade...

Ali estava ela, na véspera de Natal, a muitos quilómetros de algum lugar. Era um Natal branco, sim, de facto, era um Natal branco, pensava ela, com uma vontade irreprimível de rir histericamente, mas não tinha nada de mágico. O frio revestia-se de contornos chocantes, brutais; no entanto, Erla continuava a avançar o mais depressa que podia, afastando-se da casa, descendo a encosta por onde ela sabia ser a estrada, embora os postes estivessem camuflados pela neve amontoada.

Erla tinha a sensação de estar a correr ao encontro de Anna, mesmo sabendo que a casa estava demasiado afastada e que ela nunca iria chegar lá com vida; era impossível com aquele tempo, e vestida daquela maneira. Ainda assim, ela sentia-se impelida a continuar a

avancar como se estivesse num pesadelo, devagar, a lutar contra a tempestade, com o frio a trespassar-lhe os ossos, e mal conseguindo respirar. Não tinha resistência suficiente para continuar a andar àquele ritmo e, no entanto, não podia parar.

Ela não ia desistir até o seu corpo se recusar a avançar mais.

De repente, ocorreu-lhe a ideia de que ela podia mesmo morrer ali, mas o pensamento já se havia dissipado no momento seguinte, e Erla voltou a cismar uma vez mais sobre Einar e o seu génio terrível; sobre Anna, a sua filha tão amada, a única criança que eles tinham gerado. E sobre o desconhecido que viera arrasar tudo; destruir a vida que eles haviam construído para si ao longo de anos, de décadas. Talvez ela não tivesse sido sempre feliz, não o seria todos os dias, ainda assim aquela continuava a ser a sua vida, e ele não tinha o direito — *não tinha!* — de fazer aquilo. De deitar tudo a perder.

Foi abrandando até parar por completo, exausta. Fitou o espaço em redor, semicerrando os olhos para conseguir ver através da precipitação de neve ardente, e teve um choque ao verificar que percorreria pouca distância. Ainda que a casa deles não estivesse muito longe, Erla apenas lhe distinguia os contornos em breves hiatos entre as barreiras de branco que varriam a paisagem. A casa parecia melancolicamente sombria e inóspita devido ao corte de energia, sem a luminosidade calorosa a ressaltar das janelas. Encurralada pelo abraço gelado do inverno.

Era provável que Einar e o visitante continuassem a berrar um com o outro no sótão, e Erla sentia-se aliviada por estar longe daquele espetáculo brutal de agressividade. Prosseguiu a sua caminhada às cegas, em passos inseguros, tentando recuperar a respiração entre as investidas do vento, como se fugisse de alguém ou de *alguma coisa* palpável.

Os flocos de neve sufocantes invadiam-lhe o nariz e a boca, enquanto o frio se ia alastrando pelo seu corpo coberto por roupas leves; todavia, ela não tinha tempo para pensar nisso. Não tinha tempo para sacudir o gelo das pestanas; apenas para continuar a caminhar aos tropeções. O instinto dizia-lhe que ela estava a seguir pela estrada. Enquanto assim o fizesse, não se perderia. Isso não podia acontecer de forma alguma. Ela ia voltar para trás, evidentemente, mas apenas depois de Einar resolver o problema, como ele sempre fazia. Erla sabia que podia contar com ele.

Einar podia ser uma pessoa obstinada. Teimoso, colérico até; contudo, e Erla não deixava de o recordar a si própria, ele nunca descarregara a sua ira nela.

Erla tinha a percepção de que cada passo que dava a aproximava mais da casa de Anna, embora esta estivesse a uma distância impossível de alcançar.

Abrandou o passo, incapaz de continuar com aquele ritmo, e parou por momentos, o que apenas serviu para o frio se insinuar de novo na sua mente. Com os dedos dormentes, ela cerrou os punhos uma e outra vez, para fazer o sangue circular, mas aquilo não serviu de nada. Tinha de voltar para trás; não podia continuar com aquela loucura. Foi então que Erla avistou o carro.

Ali estava ele, o jipe deles, o velho jipe verde, quase impercetível sob um espesso manto de neve. No inverno, Einar deixava-o sempre estacionado a alguma distância de casa, já que a última encosta para a quinta era a estrada mais difícil, concentrando-se ali os bancos de neve mais profundos.

Erla olhou de relance por cima do ombro, aterrada com o receio de ter sido seguida. De frente para o vento, semicerrou os olhos, espreitando através dos cristais de neve, mas não vislumbrou qualquer perseguidor, apenas um turbilhão de flocos prestes a cair.

Não ia conseguir fazer o caminho de regresso se não descansasse um pouco. Com o corpo flagelado por arrepios e os dentes a bater, Erla começou a raspar freneticamente a neve em volta da porta do condutor do jipe, e depois tentou abri-la forçando o puxador com os dedos doridos do frio, quase a chorar com medo de que o mecanismo estivesse congelado. Graças a Deus, eles nunca deixavam o carro trancado. Por fim, ela conseguiu abrir a porta, arrastando-a através do amontoado de neve macia que a bloqueava, até conseguir trepar pela abertura e sentar-se ao volante. O interior do carro estava numa penumbra, com uma cortina de gelo a bloquear os vidros. Ao estender a mão para a ignição, ela descobriu que Einar não deixara as chaves ali, ao contrário do que costumava fazer, não lhe permitindo ligar o motor para pôr o aquecimento a funcionar. Embora o interior do carro estivesse gelado, ela conseguiu desfrutar de um período de tréguas com a tempestade. Deixou-se ficar ali, ofegante, fazendo por recuperar o ritmo de respiração normal e fechando os olhos por instantes, apenas para reunir forças, e não para se deixar adormecer. Ela sabia

que não podia ceder à sonolência que começava progressivamente a invadi-la.

XX

Erla acordou sobressaltada, constatando que estava sentada no banco do condutor do jipe. Devia ter adormecido, embora não soubesse por quanto tempo. Tendo em conta o risco de hipotermia, até tinha sido uma sorte ela ter acordado.

Teria mesmo ouvido um barulho, ou teria feito parte do sonho?

Distendeu os membros entorpecidos e espreitou para a janela à sua esquerda, apenas para dar de caras com uns olhos que a observavam através do pequeno círculo aberto na superfície gelada.

Recuou bruscamente, com o choque a deixá-la de respiração suspensa, e ficou hirta de pavor. Não conseguia ver quem era a pessoa que estava lá fora a olhar para ela, mas sabia que não tinha como fugir; as portas não estavam trancadas e ela estava encurralada no lugar do condutor.

Em pânico, baixou os olhos para o puxador da porta, evitando aqueles olhos horríveis e tentando atabalhoadamente trancar a porta por dentro.

Aquilo só lhe dava uns segundos de avanço, obviamente, já que, no sítio onde estava, para trancar o carro do lado oposto, teria de gatinhar pelo banco comprido para chegar ao trinco do passageiro.

Uma pancada leve no vidro fê-la dar um salto, e ela concluiu que devia ter sido aquele barulho que a acordara.

Tentando dominar o pavor que sentia, Erla ergueu novamente o olhar para a janela, com o coração a bater desenfreado, desta vez decidida a ver com atenção quem estava lá fora. Só podia ser uma de duas pessoas: Einar ou o visitante. Naquela altura, ela não se podia permitir acreditar em coisas sobrenaturais.

Oh, céus, ela esperava que fosse Einar.

Esforçou-se para conseguir distinguir o rosto através da abertura estreita.

Não era Einar.

Então, ficou paralisada de medo.

O homem voltou a bater na janela.

— Erla! — ouviu-o a chamar, com a voz abafada pelo vidro. O homem abanou ruidosamente a maçaneta da porta. — Erla? Pode abrir a porta? Preciso de falar consigo. — Ela tentou responder, mas tinha a boca seca. — Erla! Pode voltar comigo para sua casa, por favor? — Desta vez, Erla notou um tom receoso na voz dele. Aquilo, só por si, era estranho, já que, a haver alguém a morrer de medo, seria ela, e não Leó.

Onde está o Einar?, pensava ela. Porque não fora ele à sua procura? Erla esforçou-se por não se deixar levar pela imaginação. Ele estava bem, claro. Claro. Eles deviam ter-se dividido, e cada um teria ido procurá-la separadamente. Talvez Einar tivesse ido ver se ela estava no estábulo.

Só Deus saberia há quanto tempo ela andava por ali. Deixar-se adormecer dentro do carro tinha sido uma ideia verdadeiramente infeliz. A neve continuava a cair, e o velho jipe coberto de ferrugem não lhe fornecia grande proteção, com o ar frio a infiltrar-se por todas as fendas da carroçaria.

— Erla, por favor, saia do carro. Eu tenho de falar consigo!

Leó voltou a abanar a maçaneta, e, por momentos, Erla temeu que a porta acabasse por cair. Contudo, por muito velho e ferrugento que o jipe estivesse, não dava mostras de querer ceder.

Ela olhou em redor do interior sombrio, com uma sensação de impotência; por fim, arranjou coragem para encarar Leó de novo. *O que quer de mim?* Erla tentou transmitir-lhe aquelas palavras em silêncio. Não ousava pronunciá-las em voz alta.

Ele parecia assustado. Sim, não havia dúvidas disso. Mas, ao mesmo tempo, aterrorizava-a. Ambos estavam apavorados, o que só podia vir a ter consequências desastrosas. Leó raspou completamente a superfície da janela para conseguir ver melhor, e, nesse momento, Erla reparou que ele não trazia casaco; tal como ela, Leó devia ter saído precipitadamente para o temporal, sem se dar ao trabalho de vestir um agasalho, tendo a camisola e o cabelo cobertos de neve. E também devia estar enregelado, embora parecesse emanar dele uma energia

estranha. Erla precisava de saber o que se estava a passar; porém, receava igualmente saber a verdade.

No momento seguinte, Leó já tinha largado a maçaneta e investia pela neve, para chegar ao outro lado do carro o mais depressa possível. Erla tentou deslizar sobre o banco para alcançar o fecho do lado oposto, mas a sua extrema fragilidade e o corpo enregelado tolhiam-lhe os movimentos.

Leó chegou lá primeiro e abriu a porta violentamente.

XXI

Erla nunca estivera tão petrificada em toda a vida.

Olhava fixamente para o homem, para o intruso que arruinara o seu Natal tranquilo... Que aparecera armado com uma faca, que mentira aos dois. Não era suposto alguém ser capaz de chegar ali naquela altura do ano; eles deveriam estar ali seguros, isolados, a uma grande distância da povoação mais próxima.

No olhar dele havia uma intensidade feroz; contudo, nem ele nem Erla reagiram por momentos. Depois de abrir a porta do carro, Leó parecia não saber o que fazer. Ela moveu-se, quase impercetivelmente, para se distanciar dele. O homem continuava perfeitamente imóvel, não mostrando sinais de querer entrar no carro. Erla começou a aproximar a mão do trinco da porta do condutor, lentamente, sem nunca desviar o seu olhar de Leó.

Depois, ele falou, numa voz enrouquecida.

— Preciso de falar consigo, Erla. É urgente. — Ela não respondeu, limitando-se a manter o seu olhar preso ao dele. Após uma pausa, Leó acrescentou qualquer coisa, e, embora a fúria dos elementos tornasse as palavras praticamente inaudíveis, Erla pensou ter ouvido: — Eu não lhe vou fazer mal, prometo.

Ao ouvir aquilo, ela sentiu o sangue a gelar-lhe nas veias. Numa reação instintiva, abriu precipitadamente a porta do condutor, saindo atabalhoadamente do jipe.

Sem olhar sequer para trás, Erla lançou-se numa corrida desordenada, mantendo o seu olhar preso ao ponto onde a casa deveria estar. Porém, uma vez mais, deu por si a mover-se com uma lentidão anestesiante; a neve estava ainda mais funda e os flocos toldavam-lhe a visão.

Mas, pelo menos, ela sabia intuitivamente para onde ia, acercando-se da encosta familiar, conforme o fizera inúmeras vezes, embora nunca com aquela pressa desesperada, com a sua vida em jogo. Sentia-se dominada pelo pressentimento de que algo terrível tinha acontecido e que ela corria um perigo real, apesar de o homem lhe garantir o contrário.

Eu não lhe vou fazer mal. Ela não se atrevia a olhar em redor, não queria saber a que distância estava dele. Não se atrevia a abrandar a sua marcha frenética.

Enquanto se arrastava pelos bancos de neve, ia gritando para o vazio o mais alto que conseguia, chamando pelo marido, mesmo sabendo que as ondas de som se dissipavam rapidamente no meio do turbilhão de flocos de neve, e que a ventania ia asfixiar os seus gritos desesperados.

Pior do que isso, Erla tinha a terrível sensação de que não estava lá ninguém a escutar o seu chamamento. Que alguma coisa acontecera a Einar. Contudo, recusava-se a acreditar nisso. Não podia ser verdade.

Só que, nesse caso, onde diabo se encontrava ele?! Porque estava ela sozinha a fugir de um intruso perigoso, e na véspera de Natal, ainda por cima?

— *Einar!* — Erla nunca teria imaginado que conseguia gritar daquela forma. O terror era claramente uma enorme fonte de força.

Erla estava perigosamente enregelada nas suas roupas finas, mas isso não importava agora. A única coisa que importava era ela conseguir chegar a casa antes de Leó e trancar a porta mal estivesse lá dentro. Tinha de o impedir de entrar e garantir ainda que as janelas estavam bem fechadas. Depois, ela podia agir como se nada tivesse acontecido, como se aquele fosse apenas um dia normal.

Uma escuridão começou a invadir-lhe a visão periférica e a convergir como um túnel, mas Erla lutou para a dissipar. Ela não ia perder os sentidos; estava muito próxima agora. Ia conseguir chegar, e ninguém a deteria.

Sentia-se apavorada com a possibilidade de Leó a poder alcançar a cada momento e sentir a mão dele a arrebatá-la pelo ombro, a derrubá-la sobre a neve e... e o que aconteceria depois? Por muito difícil que fosse abrir caminho por entre os bancos de neve para regressar a casa, ele seria capaz de correr mais depressa do que ela, de certeza. Nesse caso, porque não a tinha ele apanhado ainda?

Erla desejava ardentemente olhar à sua volta e avaliar a vantagem que tinha sobre o homem, mas não se conseguia obrigar a virar-se, continuando apenas a avançar.

Uma silhueta escura começou a desenhar-se no meio da branquidão. A casa. Ela estava quase lá... Estava quase.

XXII

Ouvia-se um cântico de Natal em plano de fundo, mas a mesa estava em silêncio.

Cumprindo a tradição, Hulda ornamentara a mesa de acordo com a época: uma toalha vermelha e louça a condizer, os melhores copos de cristal. O refrigerante à base de laranja aguardava no seu jarro de cristal, enquanto a *pièce de résistance*, o lombo de porco fumado, ia arrefecendo à medida que o tempo passava.

Hulda já se tinha servido, bem como a mãe, que ia saboreando diligentemente a carne, a par do molho e das batatas caramelizadas. Hulda ainda não tocara na comida.

Não havia sinal de Jón ou de Dimma.

— Ele já a vai chamar daqui a pouco — murmurou Hulda por entre dentes, fitando o prato com um ar absorto, falando mais para si própria do que para a mãe.

— Hulda, minha querida... — Hulda olhou de relance para a mãe. Após um compasso de espera para comer mais uma garfada de carne, a mãe repetiu, ainda a mastigar: — Hulda, minha querida, eu não sei o que tu fazes para a educar, e também não conheço os teus hábitos e os do Jón, mas é extremamente indelicado da parte da Dimma não se sentar à mesa na ceia de Natal. Ainda nem a vi, e estamos na véspera de Natal! Um comportamento como este jamais seria tolerado nos meus tempos de juventude... E nós também não te permitíamos ser assim quando tu eras jovem.

— Mãe...

A mãe de Hulda bebeu um gole do refrigerante.

— Queres que eu vá lá para a tentar convencer a vir? Eu e a Dimma sempre fomos muito chegadas. — Ela fez um sorriso ligeiramente

presumido.

Ao contrário de nós, era o que Hulda gostaria de lhe replicar.

— Deixe o Jón tratar do assunto — disse-lhe ela, ao invés. — Está tudo bem.

Contudo, ela própria já deixara de acreditar que assim era.

— O trabalho deve roubar-vos muito tempo aos dois, Hulda. Tenho a certeza de que é isso que se passa. O Jón anda sempre assoberbado, e o trabalho na polícia exige muito de ti. Eu só penso que isso não está bem. Na minha opinião, tu devias dar mais atenção à pobre menina e pensar numa forma mais fácil de ganhar dinheiro. Porque não arranjas um emprego a tempo parcial, que te ocupe a parte da manhã, ou algo do género? Ao fim e ao cabo, eu tenho a impressão de que o Jón consegue ganhar mais do que o suficiente para a família.

— Não se intrometa, mãe — ripostou Hulda, bruscamente. Em seguida, levantou-se da cadeira e elevou a voz em direção ao vestíbulo: — Jón, Dimma, estamos à vossa espera!

— Bom, se queres saber o que eu acho, é falta de disciplina. Às vezes é preciso passar das palavras aos atos.

— Passar das palavras aos atos?

— Sim, é o que eu acho.

— E, na sua opinião, quem deveria passar das palavras aos atos? — questionou-a Hulda, irritada. — Nós? Ou talvez a mãe?

A mãe ficou ligeiramente desconcertada com a investida.

— Bom... não quero que me interpretes mal... Mas, como tua mãe, é meu dever interessar-me pela forma como a minha neta está a ser educada. E, afinal, eu tenho alguma experiência no que diz respeito a educar uma criança.

— Ah, tem? Acha que tem mesmo? — retorquiu Hulda com acrimónia, arrependendo-se de imediato da sua explosão.

Seguiu-se um silêncio de consternação, ouvindo-se então a voz de Jón.

— Eu vou já, querida — disse ele.

— O que queres dizer com isso, Hulda? O que estás tu a sugerir, exatamente?

A mãe parecia estar à beira das lágrimas, e Hulda, exasperada, fez uma prece silenciosa para não perder a paciência.

— Mãe, eu não estava a sugerir nada quando disse aquilo — apressou-se ela a esclarecer, controlando a irritação que sentia. —

Desculpe. Fico apenas enervada quando começa a criticar-nos. Sei que o faz com boa intenção, só que estamos a atravessar um período delicado com a Dimma, e tentamos fazer o nosso melhor, mas essas intromissões não ajudam muito.

A resposta foi um silêncio magoado, e Hulda teve a certeza de que a mãe captava, por detrás daquelas palavras inócuas, os ecos do fosso que se abrira entre elas ao longo dos anos; um fosso intransponível com que Hulda aprendera a lidar, ao contrário da mãe, aparentemente.

A mãe baixou os olhos para o prato e deu outra garfada na comida.

— Tu sabes, Hulda — disse ela, depois de engolir —, que nós... que eu tentei fazer o melhor que podia em relação a ti... — Ela vacilou, as suas palavras a esmorecerem, abafadas pelo coro na rádio a entoar *Noite Feliz*.

Pouco depois, Jón fazia a sua aparição, de sobrolho franzido e parecendo pouco disposto a conversar. Ele tinha a tendência para se fechar, mostrando-se pouco sociável na presença de outras pessoas.

Hulda lançou-lhe um olhar incisivo, tentando obter uma explicação para o que estava a acontecer, já que tudo parecia indicar que Dimma não se ia juntar a eles. Ela pensou nos presentes de Natal ainda por abrir, debaixo da árvore lindamente decorada, pressentindo um final desastroso para o que deveria ter sido uma noite de alegria. Desejava fervorosamente que a mãe aproveitasse a oportunidade e se fosse embora, mas sabia que isso não ia acontecer, e era praticamente impossível eles pedirem-lhe que o fizesse, muito menos naquele dia.

Foi a mãe quem quebrou aquele silêncio de tensão.

— O que se passa com a Dimma? Quer que eu vá lá falar com ela?

Jón hesitou, e depois sentou-se à mesa.

— Agradeço-lhe a sugestão, mas não ia servir de nada. — Ele deitou refrigerante no seu copo. — A Dimma vai ficar no quarto. Não quer vir jantar.

— Porque não? — A mãe de Hulda não desistia, insistindo na questão.

— Lamento, mas não faço ideia. Quem me dera saber. — Jón parecia anormalmente abatido. — É uma espécie de teimosia, uma espécie de... Bom, de rebeldia de adolescente, mas a um nível muito diferente. Suponho que é... o peso da tradição, aquilo que ela está a rejeitar, ou algo parecido; o Natal e tudo o que simboliza. É difícil

explicá-lo.

— Nesse caso, têm de fazer com que ela acabe com esses disparates! — afirmou a mãe de Hulda, dando uma pancada seca na mesa para realçar o que dizia. — Do que ela precisa é de mais disciplina.

— *Mãe!* — gritou Hulda. — Pode estar calada?! Isto não é da sua conta. Deixe o assunto comigo e com o Jón.

— Bom, nesse caso, parece que preferes que eu me vá embora, é isso? A meio da ceia de Natal? — replicou a mãe. — Se é isso que queres, Hulda, eu vou. Podes chamar-me um táxi, por favor?

Hulda teria dado tudo para conseguir aceitar aquela proposta e chamar um táxi, mas forçou-se a dizer:

— É claro que não, mãe. Não seja tonta. Vamos simplesmente desfrutar da ceia. Tentar ter uma noite agradável e abrir os presentes como de costume. — Sentiu uma lágrima a rolar-lhe pela face. Virou a cabeça e enxugou-a com a palma da mão, tentando controlar-se.

— A Dimma vai ultrapassar isto — afirmou Jón, servindo-se da carne.

— Ela não vai ultrapassar nada, Jón — ripostou Hulda, bruscamente, esquecendo-se por segundos de que a mãe estava ao seu lado. — Isso não vai acontecer. Assim que o Natal terminar, nós precisamos de falar com um médico ou um psicólogo, ou outra pessoa qualquer. Não quero ouvir mais desculpas.

Embaraçado, Jón começou por olhar de soslaio para a sogra, virando-se para Hulda a seguir.

— Não acredito que isso resolva alguma coisa; porém, agora não é o momento — disse ele. — Falamos sobre isso mais tarde, querida.

XXIII

Erla agarrou na maçaneta da porta com ambas as mãos. Estava destrancada, graças a Deus, como sempre, já que não existia nada a temer naquele sítio remoto, pacífico...

Ao abrir a porta, ela quase se atirou para a frente, ao ultrapassar a soleira para entrar em casa.

Tinha conseguido.

Agora, só faltava trancar a porta. Para isso, bastava-lhe pressionar o botão do trinco antes de a fechar. Precisava de agir rapidamente. Mas isso implicava dar meia-volta e enfrentar o terror — invisível até ao momento — atrás de si.

Espreitou rapidamente por cima do ombro; porém, Leó não se via em parte alguma.

Teve de apelar a toda a sua força de vontade para obrigar os dedos dormentes e enregelados a obedecer, mas o trinco emitiu um clique passado um instante. Depois, precisamente quando Erla se preparava para fechar a porta bruscamente, ele apareceu no seu campo de visão.

Era Leó, sem sombra de dúvida; Erla conseguia distinguir-lhe a silhueta entre as fortes bátegas de neve, embora ele estivesse mais distante do que ela esperaria. Isso significava que ela ainda dispunha de um momento para olhar com mais atenção. Era estranho, mas não existia qualquer dúvida: ele vinha a passo, em vez de correr. Mesmo estando inexoravelmente mais próximo a cada segundo, não demonstrava ter qualquer pressa.

Aquela tomada de consciência encheu-a de pavor. Atirou violentamente com a porta, verificando se estava devidamente trancada, e soltou um grande suspiro de alívio, sentindo-se finalmente em segurança.

Por que diabo estava ele tão calmo?

O que sabia Leó que ela ignorava? Que Einar não a poderia socorrer?

Ainda ofegante, Erla chamou por Einar aos gritos; depois inspirou profundamente, com o corpo a tremer do choque, tentando abrandar o batimento frenético do seu coração e raciocinar com calma.

As janelas... estavam todas fechadas, não estavam? Sim, deviam estar, com aquele tempo. E, fosse como fosse, eram tão pequenas que Erla não acreditava que Leó conseguisse encolher-se a ponto de passar por qualquer uma delas.

A porta das traseiras?

Lançou-se numa corrida, atravessando a sala de estar e seguindo pelo corredor, de braços esticados, para evitar colidir com as paredes.

Estava trancada.

Quase a soluçar de alívio, Erla encostou-se à parede, fechando os olhos momentaneamente. Agora que estava a salvo, percebia como estava enregelada, com o corpo acossado por arrepios.

Voltou a chamar o marido. Não ouviu qualquer resposta.

Fez um ponto da situação: o telefone não funcionava, não havia eletricidade e, a cada segundo, Leó estava mais próximo.

Porque não podia ele desaparecer, simplesmente? Porque não podia ela acordar? Com certeza que aquele pesadelo tinha de acabar em breve.

Era difícil distinguir alguma coisa ali dentro, agora que a tempestade de neve dissipara o que restava da luz do dia, e a experiência de Erla dizia-lhe que iam passar vários dias até a energia ser reposta. Seria mesmo obrigada a ficar ali escondida todo aquele tempo, até Leó desistir e partir? E onde — *oh, onde* — estava Einar?

— Einar! Einar! — Ela chamou-o de novo, e tão alto que sabia que os seus gritos iam chegar a cada recanto da casa, quebrando o silêncio ominoso, devassando a escuridão. Expectante, apurando o ouvido, ficou à espera da resposta. — Einar! — bradou ela, mais uma vez num tom estridente.

Foi deslizando pela parede até ficar sentada no chão, ao fundo do corredor, onde a escuridão era absoluta. Não havia janelas naquela zona da casa, e ela podia ficar sentada naquele canto, com a certeza de que ninguém se ia aproximar sorrrateiramente por trás. O cansaço roubava-lhe as forças.

Não se ouvia um som.

De novo, os seus pensamentos dirigiram-se a Anna. Ali estava o antigo quarto dela, com a porta fechada, como de costume. Ao contrário do quarto no sótão, este nunca havia sido arrendado a turistas. O quarto de Anna mantinha-se completamente intocado. Aquele fora o seu refúgio até ela ir para o colégio interno. Mais tarde, ela regressara à região, não para o antigo quarto, mas para a outra casa da quinta. O regresso da filha deixara Erla radiante de alegria, mesmo com alguma distância a separar as duas casas.

Embora do ponto onde estava sentada Erla não visse nenhuma janela, conseguia ouvir o vento a rugir e a uivar, sentindo a fúria da tempestade a investir contra a casa.

Desde sempre, Einar considerara aquele tempo estimulante, costumando realçar quão reconfortante era escutar o rugir da ventania, com a noção de se estar em segurança ali dentro, vendo os elementos a digladiar-se a partir do conforto da sua casa. Mas, afinal, ele era um filho da natureza, e pertencia àquela paisagem selvagem e desolada. Seria essa a principal diferença entre os dois, supunha ela.

Onde estaria ele? Devia chamá-lo outra vez? Talvez Einar não a ouvisse por ter ido ao estábulo ver se ela estava lá escondida.

Erla não era capaz de reunir coragem para voltar a quebrar o silêncio. A cada segundo que passava, aumentavam as hipóteses de Leó ter desistido e ter-se ido embora, deixando-a em paz.

Maldito corte de energia. Como é que eles podiam ter um azar daqueles? Por outro lado, que outra coisa seria de esperar? Aquilo ocorria demasiadas vezes no inverno, geralmente durante uma tempestade como aquela. É claro que não se deviam conformar com a situação, mas eles tinham muito pouca influência, e a reparação de linhas elétricas para repor o fornecimento de energia a algumas quintas isoladas, como a deles, nunca era uma prioridade. Seguramente, a energia também teria falhado em casa de Anna. Erla odiava pensar na filha ali sozinha, no meio da escuridão.

Depois, havia a questão do telefone. Aquilo era insólito. O telefone nunca deixava de funcionar, quaisquer que fossem as circunstâncias. Estariam as suspeitas de Einar de que Leó o sabotara certas? Erla não tinha a certeza.

Embora já não tiritasse tanto, continuava com as roupas molhadas e impregnadas de neve a derreter, enquanto o medo que a paralisava

não dava sinais de se extinguir.

Deixou-se ficar ali sentada, na casa silenciosa, esforçando-se por se abstrair do som do vendaval lá fora, para perceber se Leó já chegara junto à porta e a tentava abrir.

Oh, céus, oh, céus... Se o homem entrasse, daria por ele a tempo, com aquela escuridão crescente?

Voltou a fechar os olhos, naquela que não seria a atitude mais sensata dada a situação, mas Erla precisava simplesmente de se concentrar noutra coisa qualquer, para manter o seu pânico emergente sob controlo. Obrigou-se a pensar em Anna e Einar. Imaginou que era a véspera de Natal e que os três estavam juntos: ela, o marido e a filha. Mais ninguém. E que tinham aberto os presentes, finalmente.

Erla esperou, e esperou, não saberia dizer por quanto tempo, rezando para que o seu desejo se tornasse realidade; porém, nada aconteceu.

A ansiedade tornou-se demasiado difícil de aguentar.

— Einar! — gritou ela, ficando à espera da resposta. Apenas o uivo do vento veio ao seu encontro. — Einar! Onde estás?

Levantou-se com esforço. Aquilo não adiantava nada; tinha de descobrir onde estava o marido, começando pelo interior da casa. Não ousava arriscar-se a ir lá fora; por enquanto, não. Ia deixar a tempestade amainar e dar a Leó tempo de desistir e partir, assim que ele concluísse que não conseguia entrar em casa. Contudo, a mente de Erla não parava de lhe mostrar imagens horrendas. Einar podia estar caído na neve, ferido. E ela fora demasiado cobarde para ir à procura dele. Talvez... Porém, com um tempo daqueles e com Leó a rondar, à espera dela, seria uma loucura aventurar-se a sair. Erla manteve-se no seu canto, paralisada pelo medo e pela hesitação, até finalmente, a custo, dar um passo em frente.

Foi, então, que ela ouviu os toques na porta.

O som parecia repercutir-se pela casa toda, abafando as rajadas de vento, como se a tempestade tivesse amainado, tão forte era o efeito que exercia sobre ela.

O pesadelo estava a tornar-se real.

Ou teria ouvido mal? Era muito difícil destrinçar a realidade do imaginário.

Embora os seus olhos se tivessem adaptado progressivamente à escuridão, Erla apoiou a mão na parede para não perder o equilíbrio e

foi tateando o caminho ao longo do corredor. Precisava de se aproximar da porta de entrada para conseguir ouvir com mais nitidez. Desejava tanto que fosse Einar quem estivesse do outro lado.

Quase apanhou um susto de morte quando voltou a ouvir os toques na porta. Uma série de pancadas fortes. Para Erla, a mensagem era inequívoca: *Já deixaste de estar a salvo.*

Ela ficou completamente imóvel, e o tempo pareceu imitá-la, parando também.

Pela sua cabeça desfilava uma sucessão absurda de pensamentos inconsequentes. A véspera de Natal daquele ano era para esquecer. Não ia haver *hangikjöt* na mesa, cânticos de Natal na rádio e presentes. Nem livros do Natal. Habitualmente, aquilo por que Erla mais ansiava era abrir o embrulho que continha o seu novo romance e ficar a lê-lo pela noite dentro, à luz das velas. O pensamento animou-a por breves instantes, e conseguiu esquecer momentaneamente como aquele era um sonho remoto, mesmo estando na sua própria casa, onde ela se sentira sempre segura. Até hoje.

Contudo, já nada podia ser tido como certo, e Erla sabia que, até determinado ponto, nada voltaria a ser como antes depois daquilo. Nesse momento, a única questão era saber como aquele fim de dia, aquela noite, ia acabar.

Novas pancadas fortes soaram na porta. Ela acercou-se mais do seu ponto de origem, como se estivesse em transe; consciente do perigo, mas incapaz de se obrigar a parar.

Assomou cautelosamente a cabeça à esquina que dava para o vestíbulo e sentiu um baque tão forte no coração que ficou de respiração suspensa, ao ver a sombra de um rosto junto à janela de vitral ao lado da porta. Recuou tão precipitadamente que quase caía ao chão, desamparada.

Era ele, aquele canalha. Era Leó.

Mas é claro que era ele; ela já sabia isso. Quem mais poderia ser? Ainda assim, contra todas as probabilidades, Erla tivera esperança de que fosse Einar. De que Leó tivesse partido.

Não havia engano possível, mesmo que o vitral lhe esbatesse os contornos; ela tinha a certeza de que era Leó.

— Eu sei que está aí, Erla, eu sei que está. — Ele estava a falar, finalmente... Ou talvez ela não tivesse tido a capacidade de o ouvir até esse momento. — A porta estava destrancada antes e agora a Erla

trancou-a, o que me leva a concluir que está aí! — gritou ele. — Deixe-me entrar... Temos de falar. Há uma... aconteceu uma coisa... — Ele deteve-se, e depois recomeçou: — Eu preciso de saber...

Não, pensava Erla, sou eu que preciso de saber... Preciso de saber onde está o Einar.

Mas ela não lhe queria responder. Se o fizesse, isso apenas confirmava que ela estava dentro de casa. E, por aquilo que lhe era dado a ver, Leó seria perfeitamente capaz de partir o vidro e passar a mão pela janela para destrancar a porta.

O homem voltou a bater com estrondo; primeiro, na porta e, seguidamente, na janela.

Enchendo-se de coragem, Erla deu um passo em direção ao vestíbulo, com o coração a bater aceleradamente. Sentia que pisava um terreno desconhecido. Ela tinha de lhe responder. Parecia que estava a viver uma experiência extracorpórea, como se fosse outra pessoa a tomar a decisão por ela.

— O que quer de mim? — gritou-lhe, com a voz a sair num tom esganiçado. — Esta é a *minha* casa! Não sou obrigada a deixá-lo entrar.

— Vai deixar-me morrer de frio aqui fora?

— Isso... isso... não é um assunto que me diga respeito — replicou ela com a voz trémula, sentindo a coragem a fugir-lhe.

Ele deu uma pancada tão forte na porta que Erla estremeceu.

— Erla, tem de me deixar entrar.

— Você não me dá ordens!

Fez-se silêncio.

— Onde está o Einar? — exigiu ela saber.

Não houve resposta.

— Eu abro-lhe a porta se me disser onde está o Einar — acabou ela por dizer, embora não tencionasse cumprir a sua parte do acordo. No que dependesse de si, aquele pulha podia morrer enregelado na soleira da porta. Não ia permitir que ele se aproximasse de si.

A resposta demorou tanto tempo a chegar que Erla começou a questionar-se se ele ainda lá estava. Sentiu uma esperança absurda de que se tivesse ido embora, não importava para onde. Que tivesse partido, para nunca mais voltar. Ou, então, que ele não tivesse passado de um produto da sua imaginação durante todo aquele tempo...

Como se a situação não fosse já suficientemente má, a escuridão estava a deixá-la assustada. Embora as quebras de energia não costumassem surtir esse efeito sobre ela, naquele momento Erla não conseguia suportá-la; tinha de encontrar uma vela. Sim, era isso... Havia velas na mesa de jantar. Porém, no preciso momento em que se virava, Erla ouviu a voz do homem de novo.

— Eu digo-lhe onde ele está se me abrir a porta.

Erla foi percorrida por um calafrio de medo.

Tentou decifrar o que estava por detrás das palavras de Leó. Saberla mesmo onde estava Einar? Ou estaria a mentir-lhe? Ele fizera-lhe alguma coisa... Tê-lo-ia fechado nalgum sítio, talvez? Ou continuava Einar a andar lá fora, à neve e ao frio, à procura dela?

Factos e conjecturas rodopiavam na cabeça de Erla, até começarem a confundi-la, sem que ela soubesse já o que era verdade, desorientada pela escuridão, aterrorizada pelo homem irreduzível do outro lado da porta, por aquela pausa inesperada, um momento de acalmia antes da tempestade...

Em seguida, a cabeça dela desanuviou-se o suficiente. Erla começou a dirigir-se para a sala de estar, pé ante pé, agindo como se Leó não se encontrasse ali. Ela tinha de assumir o controlo da situação. Era óbvio que ele não iria a lugar nenhum. Mais cedo ou mais tarde, ele ia acabar por forçar a sua entrada na casa. Não havia ali ninguém para a ajudar; teria de se defender sozinha.

Ao sentir a borda da mesa de jantar, foi tateando ao acaso pela superfície até encontrar uma vela. Fósforos. Onde estavam os fósforos? Einar costumava andar com alguns no bolso, um hábito que mantinha desde os seus tempos de fumador. Mas ele não estava ali. De qualquer das formas, ele dera a caixa a Leó. Lembrava-se disso agora.

Tinha de pensar rapidamente. De momento, não ouvia qualquer ruído de Leó, e, uma vez mais, isso fê-la sentir uma vaga de medo arrepiante. *Pensa*, disse a si própria. Ambas as portas estavam trancadas em segurança, o que significava que ele não podia entrar sem fazer barulho.

Espere um minuto... Ela não tinha visto uma caixa de fósforos na cozinha? Por cima do frigorífico? Seguiu até lá, esticou o braço para a prateleira e foi tateando ao longo da superfície. Por um momento, recebeu ter-se enganado. Mas não, ali estava a caixa. Tirou um fósforo à pressa e tentou riscá-lo, mas as mãos tremiam-lhe tanto que ele não

acendia.

Voltou a tentar, com o novo fósforo riscado a atear-se desta vez, e aproximou cuidadosamente a pequena chama brilhante da vela, esforçando-se por manter a mão firme. Luz, finalmente.

A cena despertou-lhe uma série de memórias dos velhos tempos, quando Anna era pequena e o fornecimento de eletricidade se revelava ainda mais caprichoso. Na altura, as reuniões familiares à luz das velas revestiam-se de encanto. Era frequente os três sentarem-se a jogar às cartas — o *whist* era um dos seus jogos favoritos —, mas nem sempre Einar estava para aí virado, e, então, mãe e filha jogavam sob o clarão suave. Assim se passara a infância de Anna, numa luta eterna com os elementos; depois ela partira para ir fazer os seus estudos, e Erla agarrara-se à esperança de que seria a filha quem ia cortar definitivamente as amarras do passado. Aquele trabalho esforçado, sem tréguas, chegava ao fim com ela e Einar. Erla estava determinada a que a filha ficasse a viver na cidade, onde a vida era mais fácil. Só que Anna, ainda solteira, ainda demasiado jovem, anunciara inesperadamente que ia regressar ao lugar onde fora criada, para se ocupar da quinta vizinha que lhes pertencia e estava arrendada. Ninguém conceberia que alguém quisesse regressar àquele lugar, e, no entanto, Anna queria remodelar a casa e cuidar das terras para as impedir de se degradarem. A casa era um dos seus pousos favoritos em criança, e ela tinha resolvido que era ali que queria viver. Encontrar um marido e iniciar uma família era um assunto a tratar mais tarde. «Isso acontece quando tiver se ser», dissera ela.

Erla recordava-se nitidamente da conversa entre as duas. Fora a primeira vez que perdera a paciência com a filha. Repreendera-a pela sua decisão de regressar a casa, ficando igualmente furiosa consigo própria por nunca ter dito nada a Einar, por nunca lhe ter sugerido com seriedade que se mudassem dali. A reação de Anna deixara-a perplexa. Erla apercebera-se de que a filha queria realmente viver ali, que ela amava verdadeiramente aquela região, as turfeiras, o rebanho, o clima, tudo isso. Exatamente como Einar. Tal pai, tal filha... Ao passo que ela não podia ser mais diferente da filha. Erla nunca voltara a tocar naquele assunto com Anna.

Despertou bruscamente daqueles pensamentos, dando consigo parada na cozinha, com o olhar preso à chama bruxuleante. Leó começara a bater com estrondo na porta. Era óbvio que ele não ia

desistir, embora não parecesse ter intenções de arrombar a porta. Pelo menos, por enquanto. Já Erla não tinha intenções de o deixar entrar. Jamais.

Todavia, agora, era-lhe possível ver o que a rodeava. Ela ergueu a vela, observando a cozinha à sua volta e encaminhando-se depois para a sala de estar. Não estava ali ninguém. Obviamente; ela teria reparado se estivesse ali alguém. Do mesmo modo, nada parecia ter sido mexido; tudo estava arrumado, nos devidos lugares... Ah, não. Isso não era verdade. *Eles deviam ter estado sentados à mesa de jantar*, a família dela, a comer o cordeiro fumado. Era assim que as coisas deviam ter sido.

Mas onde estaria Einar? Estaria no sótão? Jazeria lá, ferido, em consequência de uma luta com Leó? A ideia deixou-a gelada.

Continuava a ouvir as pancadas insistentes na porta, mas ignorou-as. A única coisa em que conseguia pensar agora era em subir as escadas e verificar se Einar se encontrava lá. No entanto, as pernas pesavam-lhe, enquanto o medo parecia aumentar a cada momento.

Passo a passo, com uma relutância terrível, entorpecente, ela foi subindo as escadas; a algazarra que Leó estava a fazer chegava-lhe aos ouvidos como ecos de outro mundo.

Assim que alcançou o patamar, viu que a porta do quarto de hóspedes estava aberta. De imediato, o instinto avisou-a de que algo de horrendo acontecera ali, e o seu primeiro impulso foi fugir, descer as escadas a correr, abandonar a casa... fazer qualquer coisa que a impedisse de enfrentar a verdade.

Ficou parada, consciente de que o tempo se estava a esgotar. Se Leó ferira Einar de alguma maneira, ela tinha de saber. Precisava de tempo para reagir e elaborar um plano de fuga.

Erla percorreu a curta distância que a separava do limiar da porta, mantendo a cabeça baixa, sem ousar olhar para o quarto por enquanto. Em seguida, ergueu a vela para iluminar todo o espaço, fechou os olhos, sentindo que estava a ficar alagada em suor, e voltou a abri-los.

O choque foi tão terrível que, por um momento, ela não conseguiu respirar, não conseguiu raciocinar. Então, do ponto mais remoto do seu subconsciente, um pensamento veio à superfície: liberdade.

Ela estava finalmente livre.

Por fim, ela poderia deixar aquele lugar, libertar-se do peso

excruciante da solidão, mudar-se para uma comunidade maior, conhecer pessoas, fazer amigos, conviver mais com a família; deixar de ser uma prisioneira na sua própria casa durante meses a fio...

E, depois, o horror e a vergonha apoderaram-se de si, e Erla ficou chocada com a sua reação involuntária.

Ali, no chão, jazia o seu marido, o amor da sua vida, completamente imóvel, rodeado por uma mancha escura a alastrar-se.

XXIV

Erla tentou gritou, mas a garganta revelou-se incapaz de emitir um único som. Com receio de vomitar, ela agachou-se e inspirou profunda e tremulamente, de olhos fechados, para se tentar acalmar. Talvez estivesse a ver coisas; talvez não estivesse ali nada; nem corpo, nem sangue. Forçou-se a erguer o olhar, mas isso apenas a levou a ficar agoniada de novo, face àquele cenário.

O medo ia conquistando o seu lugar dentro de Erla, à medida que ela tomava consciência de que estava sozinha — *sozinha* — e de que Leó devia ter assassinado Einar. Não havia outra explicação.

O homem que estava à porta de sua casa, a exigir-lhe que o deixasse entrar, era um assassino impiedoso.

Ela corria perigo de vida. Sem sombra de dúvida. De súbito, Erla sentiu uma vontade louca de fugir pela claraboia, mas percebeu que isso não resultaria. A janela era pequena, o telhado íngreme, e ela estava sujeita a ser arrastada lá de cima pelo vento. Além disso, *ele* estava lá fora. Tinha de pensar rapidamente se queria sair dali com vida. Ao sentir algo húmido a salpicar-lhe a mão, Erla percebeu que estava a chorar.

Agora não era altura para chorar a morte de Einar. Isso teria de esperar. Primeiro, ela precisava de salvar a sua vida. Todavia, o fluxo de lágrimas parecia não estancar.

Pressionou o pescoço do corpo inerte com os dedos para se certificar de que o marido já deixara de respirar. Sim, não restavam dúvidas: ele estava morto. O sangue já lhe dissera isso mesmo, mas aquela fora a sua última esperança. Ainda que inútil, porque, mesmo que Einar manifestasse ténues sinais de vida, o auxílio encontrava-se a uma distância impraticável — eles estavam completamente isolados

do mundo exterior.

Erla endireitou-se, apressando-se a abandonar o quarto e a descer as escadas, arrebatando o castiçal, sem querer arriscar-se a mergulhar de novo na escuridão. Era uma questão de tempo até Leó forçar a sua entrada na casa. Ela perguntava-se por que razão não o fizera ele já. Queria Leó ganhar a sua confiança para evitar recorrer à violência? Ele tinha matado um homem, pelo que não havia motivos para Erla acreditar que a ia poupar.

No entanto, o medo provocara-lhe uma descarga súbita de adrenalina, e deu por si a avançar em direção à porta da frente com passos determinados. Não se ouvia qualquer som no exterior, mas ela precisava de saber se Leó ainda se encontrava lá.

— O que quer de mim? — bradou ela, nesse momento, num tom duro e firme.

A resposta não lhe foi dada imediatamente, o que a deixou enervada, até que Leó acabou por falar, ouvindo-se distintamente os dentes dele a bater.

— Por favor, deixe-me entrar — suplicou ele. — Por favor. Está tanto frio cá fora... Ainda não parou de nevar... e eu preciso de falar consigo.

— Sobre o quê?

— A Erla sabe sobre o quê. A Erla sabe.

O coração de Erla estremeceu, e, por um momento, as paredes pareciam estar a fechar-se à sua volta. À mente assomou-lhe uma visão: já não havia neve e era outono; foi, inesperadamente, atingida por uma lufada fria que a fez estremecer. Então, tentou recuperar o domínio sobre si própria.

— O que quer de mim? — repetiu ela.

Antes de Leó lhe poder responder, ela já se afastara, saindo a correr do vestíbulo e tendo o cuidado de não fazer barulho, para o levar a pensar que não se movera. Pousou o castiçal na mesa de centro, apagou a vela e percorreu o corredor velozmente em direção à cozinha, para ir buscar as chaves sobresselentes penduradas no gancho da parede. Ela sabia exatamente onde tinha de colocar a mão para as encontrar mesmo em plena escuridão. Em seguida, lançou-se numa corrida desenfreada até à sala de estar, passando ao lado das escadas e dos quartos, e dirigindo-se para a porta das traseiras, onde estivera sentada antes a desejar despertar daquele pesadelo.

A mente de Erla trabalhava a toda a velocidade. Não valia a pena tentar fugir a pé para chegar à casa de Anna ou à povoação mais próxima. Naquelas condições era impossível. Leó apanhá-la-ia com toda a facilidade, e o coitado do velho jipe, por muito estoico que fosse, não conseguiria ir longe devido aos grandes bancos de neve que bloqueavam a estrada.

Abriu a porta das traseiras com imenso cuidado, como que à espera de que Leó a surpreendesse, depois de adivinhar que ela estava a encetar aquele plano de fuga; aterroriza-a a hipótese de dar de caras com ele. Com a respiração a processar-se em arquejos superficiais, Erla ficou profundamente aliviada ao constatar que não havia sinal dele perto da casa. Em contrapartida, foi surpreendida por uma rajada de vento que lançou uma onda de neve gelada sobre ela e a entrada da casa. A ferocidade da tempestade era inacreditável. Não admirava que a eletricidade tivesse sido cortada. Em condições atmosféricas como aquelas, alguma coisa tinha de ceder.

Fechou silenciosamente a porta atrás de si, certificando-se de que a fechadura ficava trancada.

Agora já não podia voltar atrás.

Foi espreitar à esquina, semicerrando os olhos para conseguir ver além das bâtegas de neve. Embora pouco conseguisse distinguir, quase podia jurar que Leó não se encontrava nas imediações. Ele devia continuar junto à porta da frente, a implorar que ela o deixasse entrar, a falar com ela, convencido de que Erla o escutava do outro lado. Correu precipitadamente para as escadas que davam para a cave. Ia ficar lá a aguardar. Sendo por baixo da casa, não tinha janelas, e a porta era grossa e resistente. Guardavam lá todo o tipo de ferramentas e outros artefactos a que ela podia recorrer para se defender, se tal fosse preciso; e, o mais importante de tudo, ela ainda dispunha de um fornecimento de comida enlatada e alimentos que se conservavam melhor na cave gelada, como batatas.

Foi descendo com cuidado as escadas que davam acesso à porta da cave. A última coisa que queria naquele momento era escorregar e ficar magoada. Fez um esforço para rejeitar as imagens que tentavam aflorar-lhe à mente.

Em seguida, teve de encontrar a chave certa às apalpadelas, em movimentos desajeitados, com a escuridão a atrapalhá-la e quase a chorar de frustração. Mais uma vez, Erla olhou rapidamente à sua

volta, antes de rodar a chave na fechadura, mas, graças a Deus, não estava ninguém atrás de si.

Como de costume, a porta só se abriu com um pequeno empurrão. Apenas quando ela cedeu, recuando para a escuridão absoluta com um som arranhado, é que Erla se apercebeu de que, na sua fuga precipitada, se esquecera de levar velas e fósforos.

Raios!

Tentou ponderar as alternativas, ciente de que não tinha tempo a perder. Ou desperdiçava minutos valiosos indo de novo a casa, ou ficava ali à espera, na escuridão. Nenhuma das alternativas era boa. Desesperada, tentou raciocinar com clareza. Não podia esperar que Leó se mantivesse junto à porta da frente muito mais tempo sem desconfiar de nada. A qualquer momento, ele iria tentar descobrir outra forma de entrar em casa. Não, não valia a pena arriscar. Soltando um suspiro profundo, entrou na cave, forçando a porta a fechar-se nas suas costas.

XXV

Aquele novo problema não se comparava com qualquer outro que Erla tivesse vivido até então. Ali estava ela, agarrada à maçaneta da porta, como se esta fosse uma boia de salvação, sem ousar mexer-se e completamente às cegas, na cave negra como breu.

Erla sabia que ia ter de enfrentar a escuridão; porém, uma coisa era antecipar uma situação, outra era vivê-la. Ela estava com medo de se desorientar assim que soltasse a maçaneta. Enquanto a agarrasse, pelo menos, sabia por onde sair.

Em criança, Erla tivera sempre medo do escuro, embora achasse que o conseguira vencer ao chegar à idade adulta. Agora, no entanto, despertava de novo dentro de si aquele terror irracional, o medo do que podia esconder-se nas sombras. Por momentos, chegou a ter a ideia absurda de que Leó poderia estar ali também; de que, de algum modo, ele se tinha apropriado de uma chave e ficara ali à espera dela. Erla começou a gemer.

No momento seguinte, o senso comum voltou a imperar. Era impossível ele estar ali em baixo. Isso era absurdo. Leó teria de se mover a uma velocidade alucinante para chegar ali antes dela, além de que não havia pegadas na neve dos degraus. Ou havia, e tinham-lhe passado despercebidas? Erla obrigou-se a inspirar profundamente várias vezes e a rejeitar aqueles pensamentos disparatados. É claro que ela estava ali sozinha. Não podia deixar-se levar por aquele histerismo.

Gradualmente, foi-se apercebendo de que o ar estava seco e viciado naquele espaço fechado e sem janelas, e questionou-se se ir refugiar-se ali não tinha sido um erro terrível. O espectro da claustrofobia começava a desenhar-se na sua cabeça. Desde sempre, Erla fizera um

esforço de mentalização para evitar sentir-se enclausurada no inverno, quando a quinta ficava cercada pela neve; porém, naquele momento, ela sentia a garganta apertada por uma sensação de pânico emergente. Além disso, estava um frio de morte ali em baixo. Ela não ia conseguir sobreviver muito tempo com aquela temperatura, por muita comida enlatada que tivesse à disposição.

A forma como continuava a agarrar a maçaneta — o seu subterfúgio para dominar o medo — provocava-lhe dormência e câibras nos dedos. Enquanto soubesse onde estava a porta, podia voltar a sair quando quisesse, tentava convencer-se ela. Aquilo que mais a atemorizava era a ideia de se poder baralhar e ficar desnorreada na cave às escuras.

Mas, depois, Erla recordou a si própria que aqueles temores eram absurdos, enquanto Leó continuasse ali, a querer apanhá-la. Leó era a verdadeira ameaça, e era nisso que ela tinha de pensar. O que faria ela se ele fosse bater àquela porta? Se ele tentasse forçar a entrada? Erla interrogou-se sobre quanto tempo estava disposta a ficar ali à espera. Até ele partir, supunha. Mas para onde poderia ele ir? Leó também era um prisioneiro da neve, com tão poucas probabilidades de sair dali quanto ela.

Quanto mais pensava nisso, mais inevitável lhe parecia o desfecho: mais cedo ou mais tarde, Erla teria de passar por um ajuste de contas com Leó.

No entanto, ia fazer tudo o que pudesse para o evitar.

XXVI

Erla encontrava-se sentada no chão, enlaçando os joelhos encolhidos com os braços e apoiando as costas na porta, numa tentativa inútil de se manter aquecida, com o seu olhar absorto fixo na negritude, sem nada ver. Estava a perder a noção do tempo desde que tinha ido para ali. Era como se o próprio tempo se tivesse perdido na escuridão.

Já deixara de ouvir o vento. Talvez a tempestade tivesse amainado. A única coisa que Erla sabia é que se sentia segura por agora. Estava sozinha ali em baixo; Leó não se encontrava em nenhum ponto ali próximo e desconhecia onde ela estava. A não ser, claro, que ele tivesse descoberto as pegadas dela entre a porta das traseiras e as escadas da cave, mas Erla esperava que a neve impelida pelo vento já as tivesse esbatido.

Ao tomar a decisão precipitada de se refugiar na cave, Erla tivera em mente a comida enlatada que eles armazenavam ali; contudo, agora, percebia que nem se lembrara de levar um abre-latas. Contar com recursos a longo prazo era para esquecer. Ela acabaria por ter de ir ao exterior e confrontar-se não apenas com Leó, mas também com a morte do marido; com a percepção de que ele jazia numa poça do seu próprio sangue, no sótão.

Aquele pensamento chegou-lhe como um eco longínquo de algo perturbador, horrendo. Porém, Erla sentia-se estranhamente indiferente. Aquilo parecia tão irreal... A mente dela não conseguia assimilá-lo.

Teria Leó assassinado Einar?

Teria ela visto realmente o corpo dele?

Erla lembrava-se muito nitidamente do primeiro encontro entre os dois. Tinha 19 anos, mal passava de uma criança, e, no entanto, o

futuro dela havia ficado decidido naquele momento. Ele era muito atraente — ainda agora era, a bem da verdade, embora de uma maneira diferente. Um rapaz do campo na cidade, com boas maneiras e uma inocência cativante. Ela apaixonara-se por ele naquela primeira noite, no baile do famoso hotel Borg, em Reikiavique. Os dois haviam passado a noite inteira a dançar, enquanto ele lhe falava da sua vida no campo, traçando-lhe um retrato enganador das turfeiras e das montanhas, dos pássaros e ovelhas, sendo que Erla ainda tinha uns laivos de romantismo na altura, embora tudo isso se tivesse esvaído há muito. Mesmo com os seus 20 anos, Einar falara muito a sério na importância de manter a remota quinta em atividade, no seu sentido de dever para com a terra. Ela escutara, maravilhada, começando logo a fantasiar como seria viver ali.

Parecia estranho recordar agora como havia reagido com entusiasmo à ideia de ir viver para o campo. Erla considerava que isso se devia em parte a um desejo imaturo de se rebelar, de fazer algo que chocasse os seus pais.

E se eles tinham manifestado a sua discordância! Não por desaprovarem Einar; isso seria impensável, sendo ele um jovem tão encantador. Eles apreciavam as boas maneiras de Einar, que se revelara ainda um jovem instruído. Isso era algo que os pais apreciavam, certamente. Ainda assim, haviam continuado a insistir com ambos, perguntando reiteradamente a Einar se ele não gostava de ver como era viver numa cidade, para variar. Tentar qualquer coisa diferente. Contudo, desde o primeiro momento, Erla sabia que ele tinha as suas ideias bem definidas, pelo que não fez qualquer tentativa de o convencer a mudá-las. Por muito irónico que isso lhe parecesse agora, na realidade, ela estava ansiosa por ir viver para a quinta.

Desde então, Erla desenvolvera uma relação de amor e ódio com aquele sítio. Por muito que quisesse desesperadamente sair dali, jamais abandonaria Einar e Anna. Eles estavam unidos por laços inquebráveis. Erla também sentia uma ligação àquele local solitário; sem o querer, ela criara raízes naquela terra. Havia coisas que não podiam ser mudadas. Se calhar, a verdade é que ela nunca iria sair dali. Na realidade, há muito que Erla se resignara a esse facto, mesmo continuando a sentir-se angustiada devido à solidão.

Aquela era a casa dos três: dela, de Einar e de Anna. A família pertencia àquele lugar. Não havia como fugir a isso.

Erla tinha fechado os olhos. Dessa forma, era-lhe possível ignorar a escuridão e deixar as imagens aflorarem à sua mente com toda a clareza.

Os seus pensamentos começaram a divagar. Estava agora de novo envolta numa névoa, sendo-lhe difícil destrinçar o real do imaginário. Céus, como ela odiava o inverno. Nem de propósito — uma tempestade de neve em plena véspera de Natal. Anna devia estar retida em sua casa. Ou ter-lhe-ia Leó feito algum mal? A ideia era tão insuportável que Erla envidou todos os esforços para a dissipar. Tinha de se forçar a acreditar que Anna estava em sua casa, sã e salva. Era triste imaginá-la ali tão sozinha, mas a filha fora sempre uma pessoa autónoma e independente, à semelhança do pai. Pelo menos, Erla esperava que ela se mimoseasse com uma boa refeição. Uma tempestade como aquela podia demorar vários dias a acalmar.

Erla tinha apenas de aguardar até Anna conseguir sair da quinta. O cordeiro fumado podia esperar. Não se estragava.

Ela chegara a comprar o presente para Anna? E tinha-o embrulhado? O presente de Einar estava na sala de estar, ela tinha a certeza disso. O livro dele. E havia ainda o seu romance habitual, a oferta de Einar para ela, claro; Erla mal podia esperar por o abrir.

Se, ao menos, tivesse um livro para ler agora... e um pouco de luz, obviamente... a situação não lhe pareceria tão desoladora. Ela não precisava de mais nada, apenas de fugir por algum tempo, evadir-se da realidade sombria para um mundo ficcionado. Faltavam poucas horas para o dia de Natal. Então, Erla ia ter tempo para ler, embora tencionasse dar uma olhadela ao seu livro nessa noite, naturalmente, como sempre fazia.

Estava terrivelmente gelada. Não conseguia parar de tiritar, nem impedir os dentes de bater. Era uma estupidez ficar ali sentada daquela maneira. Devia estar a andar de um lado para o outro para se manter aquecida. No entanto, mantinha-se imóvel, demasiado receosa de perder o contacto com a porta, o único ponto consistente no mundo das trevas. Os seus olhos continuavam firmemente fechados; porém, o silêncio era ameaçador. Tinha de se focar em alguma coisa positiva. Decidiu permitir que a memória viajasse até ao seu passado, aos primeiros anos com Einar. Da primeira vez que o seu olhar se fixara naquele local, Erla dissera para si própria: *Quero viver aqui o resto da minha vida.*

Os pais de Einar haviam-na recebido de braços abertos, e ela sentira-se imediatamente à vontade com eles, sendo aceite como um membro da família, participando em todas as tarefas, aprendendo coisas sobre a quinta, os animais, usufruindo da proximidade com a natureza. Depois, o inverno chegara, aquele primeiro inverno, e Erla experimentara o sabor da claustrofobia sufocante — que viria a dominar a sua existência posterior, apesar de ela se esforçar por a ignorar. Erla aprendera a abstrair-se, mantendo-se ocupada, refugiando-se nos livros e apoiando-se em Einar, que conhecia a terra, conhecia o tempo e sabia como podia reconfortá-la e garantir que tudo ia correr bem. Ele cuidara sempre dela aqueles anos todos. Décadas, agora. É claro que ela jamais o ia deixar, jamais o iria deixar entregue ao seu destino.

Depois, no ano seguinte, Anna chegara. Embora não fizesse parte dos planos terem um filho imediatamente, fora uma bela surpresa, com a menina a tornar-se de imediato o foco da existência dos seus pais e avós. Se, inicialmente, Erla se imaginava a viverem ali para sempre, mais tarde, enraizara-se nela o firme desejo de levar Anna a sair dali, de a ajudar a criar raízes noutro lugar. Contudo, esse projeto saldara-se pelo fracasso, infelizmente.

Erla começava a sentir-se sonolenta, mas sabia que não podia adormecer ali, com aquele frio terrível. Arriscava-se a não voltar a acordar. Estivera a dormir? Aturdida, abriu os olhos, mas não havia qualquer mudança, apenas aquela escuridão, ainda pior — quase palpável. Aquilo não podia continuar assim. Ela já não sentia os dedos dos pés e das mãos. Levantou-se a custo, determinada a andar um pouco pela cave para restabelecer a circulação e impedir a sua mente de divagar, mas, acima de tudo, para se manter acordada. Deu alguns passos cautelosamente, mantendo a mão na parede, sem se atrever a desviar-se muito da porta.

Tinha a sensação de estar à espera de Einar. Porém, não sabia porquê. Ter-lhe-ia ele pedido realmente para esperar ali em baixo? Na cave escura?

Experimentou dar mais uns passos hesitantes, e, no momento seguinte, qualquer coisa macia roçou-lhe na cara e Erla gritou, erguendo os braços para a repelir e sentindo algo em movimento a balançar-se contra si. Por momentos, teve a certeza de que era um ser vivo e voltou a gritar, constatando um segundo depois que devia ser o

par de lagópodes que Einar abatera na semana anterior e pendurara ali, na cave. Nessa altura, ela já não sabia onde se encontrava a porta, tendo perdido o contacto com a parede e sentindo-se completamente desorientada, sem conseguir dizer há quanto tempo estava ali fechada. Sem conseguir respirar. Estava perdida no meio do escuro, enclausurada, prisioneira... Parou uns momentos, debatendo-se contra a histeria emergente, e, a seguir, começou a mover-se de novo, demasiado depressa, até acabar por bater com a cabeça em algo invisível. A dor foi atroz. Erla levou as mãos à cabeça e sentiu, ou julgou sentir, sangue a escorrer da ferida. Maldição!

Acocorou-se no chão, voltando a fechar os olhos, a gemer baixinho. O mundo começara a andar à roda. Não conseguia pensar com clareza. O que estava ela a fazer ali?

Onde estava Einar?

Porque não aparecia ele?

E onde estava Anna?

Erla esforçava-se para decidir qual o caminho a tomar. Devia sair dali e ir à procura do marido? Ele devia estar em casa, na sala de estar. Ou no estábulo, talvez. Talvez estivesse a tratar dos animais. Saberia ele que Erla estava na cave? Tinha ficado ali trancada, ou podia sair se assim o quisesse? Sentia-se tão atordoada que pensou vagamente na hipótese de ter uma concussão.

Para já, era melhor ficar onde estava. Conservar os olhos fechados, respirar pausadamente e imaginar que estava noutro sítio.

Contudo, havia uma coisa de que ela tinha a certeza: era véspera de Natal.

Então, Erla ouviu música. Ou imaginou que ouvia. Sim, claro, era a missa do Natal. A rádio transmitia o coro da igreja a cantar um cântico de Natal. As notas suaves de *Noite Feliz*... Erla ouvia-as com toda a nitidez.

Quando abriu os olhos, a música cessou abruptamente; então, a escuridão, a escuridão penetrante, abateu-se sobre ela. O mundo começou novamente a rodopiar e Erla sentiu-se agoniada. Estava a perder o controlo, a perder o equilíbrio, a sufocar naquela cave abafada.

Oh, meu Deus, por onde anda o Einar?, pensou ela. Ele já não devia demorar, e abrir-lhe-ia a porta e deixá-la-ia sair para respirar ar puro.

Não havia nada a temer.

Ficou uns momentos à espera, a tremer, agachada naquele limbo estranho e despido de luz. Não soube ao certo quanto tempo. Depois, levantou-se com cuidado, para evitar bater novamente com a cabeça, com a respiração a sair-lhe em arquejos curtos e superficiais, movida por um só pensamento: tinha de sair dali. Começou a mover-se mais depressa, a cambalear, desnorteada, e depois abrandou, mas sem conseguir evitar chocar com qualquer coisa. Estava perdida num labirinto retangular.

Esticou os braços à frente, procurando o caminho às apalpadelas. O que era aquilo? Uma prateleira. E aquilo era uma ferramenta qualquer, era isso. *Concentra-te*. Aquilo significava que a porta devia estar do outro lado. Ela tinha de sair, apanhar um pouco de ar, acontecesse o que acontecesse. Foi Tateando ao longo da parede, devagar, sabendo que iria encontrar a porta no final.

Erla desejava que a música voltasse. Não compreendia como podia ter ouvido o cântico tão nitidamente. Já deixara de compreender fosse o que fosse. Tudo o que ela sabia era que não conseguia sair dali. *Noite Feliz* era uma bela canção de Natal; fora sempre uma das suas preferidas. Então, parou, fechou os olhos, e lá estavam elas outra vez, as vozes a cantar. Mas com certeza que a missa teria terminado há horas, não? Já devia ser de noite.

Como ela esperava ansiosamente pela manhã do dia seguinte... Depois daquela experiência terrível, Erla ia relaxar, sentar-se confortavelmente e ler os livros que ainda estavam debaixo da árvore à espera de serem desembulhados. E também havia o cordeiro. Eles ainda tinham isso, a par do refresco de laranja e uma caixa de chocolates inteira. Um momento depois, ela recomeçou a andar devagar, hesitantemente, com os dedos dormentes a roçar na parede, sabendo que a qualquer momento ia sentir a porta.

Então, ouviu-se um homem a gritar:

— Está aí alguém?

De súbito, as palavras invadiram-lhe os pensamentos, chocantemente sonoras e reais, seguidas de um chocalhar, quando o homem tentou forçar a maçaneta. Alguém estava a tentar entrar, mas Erla lembrava-se agora de ter trancado a porta por dentro.

Einar. Finalmente, ele tinha ido buscá-la.

Erla deu mais uns passos, sentiu a madeira na ponta dos dedos, agarrou com força na maçaneta e rodou a chave.

Então, abriu a porta.

XXVII

Dia de Natal.

Costumava ser um dos dias do ano de que Hulda mais gostava. Depois da cansaça de ter a casa arrumada e a ceia de Natal pronta na véspera do Natal, o dia 25 era o momento de relaxar, o dia que Hulda gostava de passar em sossego, concentrada nos livros que recebera, sobretudo desde que Dimma era suficientemente crescida para se distrair sozinha. Até Jón conseguia fazer habitualmente uma pausa no seu trabalho e passar uns momentos ociosos em frente à televisão ou a ler jornais.

O dia 25 era sagrado; eles nunca saíam de casa e evitavam todos os contactos sociais, embora não recebessem propriamente um grande número de convites. Jón era filho único. Os pais, que já tinham alguma idade na altura do seu nascimento, haviam falecido, entretanto, e ele não tinha muitos parentes. Por isso, eram apenas eles os três, a sua pequena família. Desde sempre, tinham vivido em função uns dos outros, e Hulda sentia que lhe cabia o papel de cuidar de Jón e de Dimma. No entanto, nesse ano, nada era como devia ser, e ela não conseguia compreender porquê. Era como se a família se estivesse a desintegrar, como se Dimma estivesse a cortar os seus laços com ela e com Jón. É claro que o mundo não para, como Hulda sabia; tudo mudava. Contudo, aquelas não eram mudanças normais. Não existia uma explicação óbvia para o estranho afastamento de Dimma.

Hulda estava praticamente a contar os minutos que faltavam até aquele período de descanso terminar e poder contactar um psicólogo. Certamente haveria alguma espécie de serviço de emergência disponível; no entanto, no seguimento da sua conversa com Jón, Hulda optara por não seguir esse caminho. Não, a família teria

simplesmente de camuflar o problema até o Natal chegar ao fim.

O facto de estar de serviço no dia 25 também não ajudava. Embora raramente se registasse algum caso mais sério no dia de Natal, alguém tinha de estar disponível no Departamento de Investigação Criminal. Mas Hulda não conseguia concentrar-se no trabalho. O problema de Dimma absorvia inteiramente os seus pensamentos. Ela já não via a filha há quase 24 horas. A jovem não saía do quarto na véspera de Natal, exceto para ir à casa de banho, apesar dos seus pedidos insistentes para que se juntasse a eles à mesa. Não era o facto de Dimma poder ter fome que preocupava Hulda, já que o marido lhe levava um tabuleiro com comida ao quarto. Além do mais, Dimma era perfeitamente capaz de tratar disso sozinha, escapulindo-se para ir buscar qualquer coisa ao frigorífico quando ninguém estivesse por perto. Os adolescentes tinham sempre vontade de comer.

Hulda não costumava dar um salto a casa a meio do dia; porém, naquele dia, ia abrir uma exceção. Pressupunha-se que o turno abrangesse o dia inteiro, mas ela ia fazer uma pausa alargada para o almoço, restando-lhe a esperança de que nada surgisse na esquadra enquanto ela estivesse fora. Na pior das hipóteses, podiam sempre ligar-lhe para casa. De qualquer maneira, ela não tinha feito nada naquela manhã. A esquadra estava quase vazia, e com um ar meio soturno até, naquele que era o turno mais solitário do ano.

Ela não se esquecera de que tinha ficado de devolver o telefonema ao casal de Gardabær, apenas não lhes pretendia ligar numa manhã de Natal. Hulda calculava que tudo o que eles queriam era aquilo que tinham pedido semanas antes: um ponto de situação do estado em que a investigação se encontrava. Mas não havia nada de novo a dizer-lhes, infelizmente, e as probabilidades de a filha ser encontrada com vida ao fim de tanto tempo eram desoladoramente pequenas. Além disso, havia a hipótese de ela ter desaparecido por vontade própria, movida pelo desejo de quebrar o vínculo com os pais. Durante o inquérito, fora apurado que a jovem resolvera fazer um ano de pausa entre o secundário e a universidade para viajar pela Islândia e que os pais apenas tinham notícias dela esporadicamente desde a sua partida. Era possível que houvesse algum problema latente em casa, que ninguém queria admitir. E, claro, viajar pelo país era inerentemente arriscado. Não se podia descartar a hipótese de a rapariga ter ido fazer uma caminhada ou até uma escalada na montanha sozinha. O

ambiente da Islândia podia tornar-se perigoso e inóspito em qualquer altura do ano, como Hulda bem sabia. Embora, apesar de todos esses perigos, ela se sentisse mais em paz consigo própria na natureza selvagem.

Foi buscar novamente os dossiês do processo, já que não tinha mais nada para fazer, e sentou-se, a observar a fotografia da rapariga. Era muito bonita, com o cabelo longo e ruivo, e uns olhos cativantes. Hulda perguntara-se muitas vezes, contrariando o seu bom senso, claro, se conseguiria respigar alguma pista daquele olhar insondável. Estava ali uma jovem que empreendera uma viagem de autodescoberta, longe dos amigos e da família, e que acabara por se eclipsar sem deixar rasto.

Depois, repentinamente, era o olhar de Dimma que ela via ali. Sempre tivera um olhar demasiado inocente e luminoso. Todavia, desde que ela entrara na adolescência, os olhos azuis da sua filha estavam toldados de tristeza.

Hulda sentia-se demasiado agitada para se focar; com os pensamentos a regressarem constantemente à situação em casa, com o sofrimento de Dimma a deixá-la angustiada, sem conseguir compreender como Jón podia encarar aquilo com tanta calma. Ela sabia que o marido tencionava levantar-se tarde, ao contrário do costume, pelo que prometera a si própria não telefonar demasiado cedo. Mas eram quase 11 horas e não havia motivos para pensar que ele ainda estava deitado. Aquele não era um luxo que Jón se permitisse ter normalmente, sendo tão obcecado pelo trabalho. Hulda pegou no auscultador para fazer a chamada, mas mudou de ideias abruptamente e levantou-se. Iria fazer a pausa para o almoço mais cedo.

Lá fora, sentia-se um frio cortante no ar, mas a neve que caíra ao longo do Dia de São Thorlákur já tinha sido removida e o piso encontrava-se agora limpo, tornando o ambiente mais outonal do que próprio do inverno. E ainda bem que assim era, já que o número de limpa-neves era diminuto em feriados e dias santos, e, por muito que Hulda confiasse no seu *Skoda*, as quedas de neve não a deixavam muito tranquila. Embora detestasse os Natais sem neve, considerando-os sombrios e desoladores, sem o cenário branco a refletir a luminosidade fugaz do inverno, naquele dia o seu único pensamento concentrava-se na filha.

O percurso era o mesmo, dia após dia, os dez quilómetros que separavam a esquadra de polícia em Kópavogur da sua casa na península de Álfanes, mas agora Hulda conduzia o carro como um autónomo, ignorando completamente o que a rodeava. Apenas os problemas em casa povoavam a sua mente. Ao aproximar-se da sua velha e querida casa, com o mar a estender-se numa faixa serena de cinzento logo a seguir, Hulda teve a certeza inequívoca de que nunca devia ter ido trabalhar. Ela devia ter alegado que estava doente. Afinal, era verdade que não se sentia em condições para estar de serviço. Ao pensar nisso, foi invadida por uma onda de inquietação tão forte que a deixou quase atemorizada.

Estacionou o carro em frente à garagem e dirigiu-se em passo rápido para casa, obedecendo a uma necessidade súbita e inexplicável de celeridade. A pressa que sentia de entrar em casa e ver Jón e Dimma deixava-a quase ofegante. Não ia tolerar mais disparates: Dimma tinha de sair do seu quarto e falar com eles; o comportamento dela era absolutamente inaceitável. Hulda estava decidida a fazer uma tentativa desesperada para trazer de novo a sua família para o caminho certo. Tocou à campainha, mas não houve resposta, pelo que bateu à porta, mas nada aconteceu. Começou a procurar as chaves no bolso do casaco, mas levou mais tempo do que era costume a encontrá-las. Assim que as alcançou, sentiu que as mãos não lhe obedeciam, enquanto tentava introduzir a chave na fechadura. Por fim, abriu a porta e irrompeu casa adentro, dando de caras com Jón, parado à entrada, com ar aturrido.

— Desculpa, voltei a adormecer. Foi por isso que demorei tanto tempo a chegar à porta. Devia estar a dormir profundamente. Acordei quando saíste de manhã e depois peguei num livro e fui-me deitar novamente. Não sei o que me deu; não é costume dormir assim tanto. — Ele sorriu, piscando os olhos estremunhados. — Estes últimos meses devem ter-me deixado esgotado, só isso... O trabalho extenuante, e agora estes problemas com a Dimma.

— Oh, Jón... Precisas de ter cuidado. Tens de dar atenção ao coração. Lembra-te do que disse o médico. Tens tomado os comprimidos?

— É claro que sim. Não quero correr riscos.

— E... e... — Ela reuniu coragem para ouvir a resposta que temia.

— A Dimma está acordada? Ela já saiu do quarto?

Jón abanou a cabeça.

— Não. Tanto quanto percebi, ela ainda está a dormir.

— Não tentaste acordá-la?

Ele hesitou.

— Não, ainda não tive oportunidade de o fazer. Além disso, é feriado. E as nossas tentativas de falar com ela ontem à noite não foram propriamente bem-sucedidas. Ela precisa apenas de tempo, coitada da miúda.

Hulda deu mais uns passos para o interior da casa, sem se deter a tirar o casaco ou os sapatos.

— Não, isto já foi longe demais, Jón.

— O que queres dizer?

— Quero dizer exatamente isso. Não se pode desculpar esta atitude dia após dia, e principalmente no Natal, desvalorizando-a como uma fase que ela anda a atravessar. Ou dizendo que todos os adolescentes são assim. Olha, eu sei que a Dimma é a nossa única filha, a única adolescente com quem alguma vez lidámos, mas não podes estar à espera de que eu acredite que isto é normal, de maneira nenhuma.

— Acalma-te, querida. Nós vamos resolver isto juntos. — Jón impediu-a de passar, e depois voltou-se, caminhando resolutamente em direção ao quarto de Dimma. Bateu à porta, optando por uns toques iniciais suaves. — Espera um momento, querida. Eu vou falar com ela. Eu resolvo isto. — Em seguida, perguntou, como se apenas nessa altura se apercebesse do facto: — Porque não estás a trabalhar?

— Não consigo trabalhar, com o que está a acontecer, Jón. E *nós* vamos resolver isto juntos. Eu não te vou deixar arcar com toda a responsabilidade.

Do interior do quarto não veio resposta alguma.

Jón voltou a bater, um pouco mais alto desta vez.

— Dimma! — chamou ele. — Deixa-nos entrar. A tua mãe já voltou do trabalho.

— Dimma, meu amor — interveio Hulda —, abre-nos a porta. Eu preciso de falar contigo. Temos de conversar.

Continuava a não haver resposta. Contudo, na sua imaginação, Hulda ouvia Dimma a dizer: *Há muito tempo que precisávamos de falar. Porquê só agora, mãe? Porque não antes?*

O mesmo sentimento de inquietação apoderou-se dela, ainda mais intenso do que antes, e, pela primeira vez, Hulda sentiu-se realmente

assustada.

Ela empurrou Jón para o tirar da sua frente.

— Abre a porta, Dimma! Imediatamente! — Hulda começou a bater com os punhos cerrados na porta velha e pouco sólida que os separava da filha, quase à espera de que Jón tentasse demovê-la, que a aconselhasse a ter calma e a esperar para ver. Mas ele parecia hesitante. Talvez compreendesse finalmente que a situação era grave.

— Abre a porta imediatamente! — Hulda bateu com forças redobradas, ficando com as articulações a doer. Ocorreu-lhe que Dimma pudesse ter saído às escondidas durante a noite e ido... Ido para onde? A porta estava trancada por dentro, e era impossível ela ter saltado pela janela, porque esta não se abria o suficiente. Não, Dimma estava ali, tinha de estar. Porque não respondia?

Antes de Hulda se aperceber do que fazia, já começara a pontapear a porta furiosamente.

— Hulda, tem calma... Vamos... — Jón segurou-lhe no braço com suavidade.

— Nós vamos entrar no quarto da nossa filha — declarou ela, num tom que não admitia resistência, dando outro pontapé na porta com todas as suas forças.

— Dimma, por favor, abre a porta! — gritou Jón.

Então, Jón empurrou Hulda para o lado e investiu violentamente com o ombro contra a porta. Quando nada aconteceu, ele deu uns passos atrás e lançou-se novamente de encontro a ela. A porta não cedeu, mas estava perto disso.

Ele atirou-se mais uma vez contra ela e, desta vez, ouviu-se um estalido forte e a porta foi impelida violentamente para trás.

Com Jón a bloquear-lhe a vista, Hulda não conseguia ver o interior do quarto, mas então desviou-se e viu.

O cenário que veio ao seu encontro era tão inarrável, tão inimaginavelmente horrendo, que quase a destituiu das suas últimas forças. Com aquelas que lhe restavam, ela gritou com toda a sua alma.

PARTE II

Dois meses depois.

Fevereiro de 1988.

I

Os dias que se seguiram à descoberta por Hulda e Jón do corpo de Dimma perderam-se numa névoa.

Hulda conseguia recordar o momento em que Jón arrombara a porta; porém, quase logo a seguir, instalara-se nela uma espécie de amnésia, apagando os acontecimentos subsequentes. O trauma provara ser excessivo, mesmo para uma mulher-polícia calejada como ela, mesmo que Hulda já tivesse a sua quota-parte de encontros com cenas sinistras ao longo da sua carreira na polícia.

Desde então, ela andara perdida num estado de letargia. No entanto, nem mesmo isso a impedira de ver tudo, finalmente, sob a sua verdadeira luz. Ao fazer a retrospectiva dos factos que tinham conduzido à morte da filha, Hulda descobriu como andara cega. O tormento mental que daí resultou ultrapassava tudo o que alguma vez experienciara. A sua mente torturava-se com acusações contra si própria, para, no minuto seguinte, se inflamar com o ódio violento que ela nutria por Jón. À medida que o torpor começou a diminuir, Hulda deixou de suportar estar em casa. Ela tinha de sair dali, de ir trabalhar... fazer alguma coisa, qualquer coisa, que lhe desanuviasse os pensamentos e aliviasse, nem que apenas por instantes, aquele Inferno na Terra.

Agora, ali estava ela, acabada de chegar à pequena cidade de Egilsstadir, a maior comunidade a leste da Islândia, acompanhada por dois técnicos forenses cujo trabalho era efetuar a perícia ao local do crime. A viagem para leste não proporcionara melhorias ao nível do estado do tempo, em particular ali, num ponto tão interior do

território. A neve amontoava-se no solo e nuvens cor de chumbo sobrevoavam a paisagem descampada a baixa altitude, quase a roçar os topos das colinas rochosas distantes. Sob o céu invernosso, as águas turvas do lago comprido e estreito espelhavam um cinzento sombrio, enquanto áreas cobertas de pinheiros ao longo das suas margens conferiam àquele cenário uma imagem estranhamente não islandesa.

No aeroporto, eles foram recebidos pelo representante da polícia local, Jens, um indivíduo de meia-idade que os fora buscar num grande veículo todo-o-terreno. Hulda teria preferido sentar-se ao volante, já que detestava ser conduzida por outra pessoa, mas era difícil pedir ao homem, um inspetor, segundo ela veio a saber, para passar para o lugar do passageiro por sua causa.

Mesmo no veículo de tração às quatro rodas, a viagem não foi nada fácil. Quando se distanciaram do lago, o terreno, já desarborizado, tornou-se muito irregular e difícil. O piso gelado revelava-se traiçoeiro e a neve aumentava à medida que a cidade ficava para trás, tornando a progressão dolorosamente lenta. Atravessavam o que parecia ser um vale em forma de «U» entre colinas rochosas, extremamente longo e deserto, quando o inspetor rompeu o silêncio.

— Já não estamos muito longe da quinta — informou ele. — A estrada tem estado mais ou menos intransitável desde o Natal. Não havia notícias do casal, quero dizer, do Einar e da Erla, há um par de meses, e também não era possível contactá-los pelo telefone, pelo que resolvi ir ver se estava tudo bem com eles. Saber como tinham passado o inverno, compreendem? E... bom...

Ele não precisava de dizer mais nada. Tinham mostrado a Hulda fotografias da cena do crime. Ela passara a maior parte da viagem a cogitar, apreensiva, se estava em condições para lidar com aquele caso. Pior ainda, ela sentia que os colegas também tinham dúvidas sobre o seu estado de espírito. Ao pararem numa estação de serviço, algum tempo antes, para comprarem cachorros-quentes e *Coca-Cola*, ela vira os colegas dos serviços forenses a conferenciarem em voz baixa, sendo fácil perceber pela sua expressão que falavam dela. Era perfeitamente compreensível.

Acima de tudo, Hulda tinha consciência do sentimento de compaixão que eles nutriam por ela, mas até isso a deixava desconfortável. Era como se os colegas tivessem descoberto o seu ponto fraco, o que para ela era intolerável. Para Hulda, a ideia de

poder baixar a guarda era inconcebível, receando que isso os levasse a considerá-la uma mulher emotiva, sem a envergadura necessária para fazer aquele trabalho. Mas nada daquilo importava realmente; tudo parecia trivial perante o que acontecera no Natal. Depois, outra voz soou na sua cabeça, dizendo-lhe que, se ela não se recompusesse rapidamente, jamais o iria fazer.

Hulda tinha de traçar o seu caminho sozinha. Embora ela e Jón continuassem a partilhar o mesmo teto, aos olhos dela era como se ele estivesse morto.

Um silêncio constrangedor imperou durante grande parte da viagem. Hulda estava certa de que isso se devia ao facto de os colegas não saberem como agir junto dela, depois do que acontecera. Aquela atitude estava a deixá-la enervada. Certamente, cabia-lhe a ela decidir quando estava em condições de regressar ao trabalho, não? De qualquer modo, ela estava ali — quer eles gostassem quer não. Se aceitar aquele caso tivesse sido um erro, esse era um problema dela. Hulda não suportava que as pessoas andassem em bicos de pés à sua volta, mesmo que o fizessem com as melhores das intenções. Não suportava ser vista como uma vítima.

Começava a nevar com bastante intensidade, e os flocos pesados colavam-se ao limpa-para-brisas.

— Vai correr tudo bem — assegurou o inspetor, adivinhando o que ela estaria a pensar. Ele era um homem ligeiramente anafado, uns dez anos mais velho do que ela, com uma voz grave e o cabelo fino e ralo. — Nós estamos habituados a isto. Um pouco de neve não nos vai afetar... e isto não é nada comparado com o que se passava aqui no Natal.

O homem não obteve nenhuma réplica do banco traseiro, onde os dois indivíduos dos serviços forenses iam sentados, pelo que coube a Hulda fazê-lo.

— Exato.

O inspetor Jens entendeu isso como um convite para continuar a falar.

— Aquilo que me parece é que houve alguma espécie de tragédia doméstica. Não quero tirar conclusões precipitadas, claro, mas não estou a ver o que mais pode ter acontecido. Seja como for, a seguir à descoberta dos corpos, enviei dois rapazes robustos para lá para guardarem o local até vocês chegarem. Ainda lá estão ao frio, aqueles

desgraçados. Espero que tenham tido o discernimento suficiente para se abrigarem na casa. — Agora que começara, o inspetor parecia incapaz de parar. — Aquilo que escapa ao meu entendimento é o que levou o casal a ficar tanto tempo preso àquele local. É claro que aquela era a casa de família do Einar, mas tratava-se da única quinta ainda em funcionamento no vale. Todos os outros habitantes já tinham desistido de tentar sobreviver ali, e desertado há muito tempo.

— Certo — replicou Hulda, laconicamente, esperando que isso o desencorajasse de prosseguir.

— No entanto, é incrível como as pessoas conseguem resistir tanto tempo. Será uma espécie de casmurrice, diria eu. Afinal, a família do Einar sempre teve fama de ser obstinada; determinada a nunca desistir e a continuar a enfrentar a natureza até ao dia da sua morte. — Depois de uma breve pausa, o homem acrescentou: — Peço desculpa. Não queria dizê-lo no sentido literal.

Hulda optou por não o encorajar, ficando calada.

— Por vezes, ponho-me a pensar se aquilo não teria que ver com dinheiro, está a ver? — prosseguiu. — Talvez eles não tivessem meios para sair dali. Duvido que a propriedade rendesse grande coisa se fosse vendida, com as terras de pastagem tão pouco produtivas. Ninguém pensaria em investir numa quinta naquele local. Só um louco é que poria essa hipótese! E a casa está num estado bastante degradado, para ser franco.

— Já vamos ver isso daqui a pouco — replicou Hulda, um pouco bruscamente.

— É claro que a tragédia tem estado sempre presente naquela família...

A paciência de Hulda estava a esgotar-se. Ela desejava formar uma opinião própria sobre o caso, sem ter de escutar as teorias do inspetor.

— Estamos quase a chegar? — atalhou ela.

— Quase. Já não falta muito — respondeu ele num tom bastante mais comedido, compreendendo, por fim, que o que Hulda desejava era ficar em silêncio.

Na realidade, o silêncio pelo qual Hulda ansiava não lhe trouxe qualquer alívio. Em vez de lhe dar paz e sossego para ela se preparar para a investigação com a cabeça desanuviada, deixou-lhe apenas

mais tempo para ela começar a divagar sobre Dimma e o seu suicídio, a dolorosa descoberta do seu corpo, as horas e os dias obscuros que se lhe tinham seguido, e o sentimento corrosivo de ódio por Jón, embora ela não o tivesse acusado de coisa alguma e ele nunca tivesse feito qualquer confissão.

Isso, a par das questões que a atormentavam impiedosamente: *Porque não fiz alguma coisa? Porque não previ o que ia acontecer? Porque não o impedi?*

Qualquer pessoa diria que Hulda, a mulher-polícia, era completamente diferente de Hulda, a mulher e mãe: a primeira era batalhadora e um osso duro de roer; a segunda era fácil de manobrar, crédula, passiva. Fora a sua cobardia, somente a sua maldita cobardia, que deitara tudo a perder. Ela nunca tivera coragem de enfrentar a situação. Se o tivesse feito, poderia ter percebido o que se passava no segredo do seu lar.

— Meus senhores, aqui estamos nós — anunciou o inspetor, tentando falar com uma voz animada.

À frente deles, a casa materializava-se entre a chuva de flocos de neve. Era uma casa de quinta islandesa tradicional caiada de branco e aninhada no seu pequeno outeiro, com a parte mais antiga e pouco elevada construída em madeira e revestida com chapas de ferro onduladas; o anexo, mais recente, era de cimento, com as claraboias a remeter para a existência de um sótão. O telhado, despido de neve devido à força do vento, era vermelho e estava a precisar de uma nova demão de tinta. A casa tinha um aspeto extremamente solitário. Os próprios edifícios agrícolas estavam escondidos nalgum vale, não se vislumbrando no horizonte. Ao aproximarem-se, passaram por um velho jipe verde, coberto de ferrugem, estacionado a alguma distância da casa, que o inspetor informou pertencer ao casal. Mesmo sendo uma apaixonada pela natureza, Hulda jamais poria a hipótese de viver num sítio tão ermo e desolador, principalmente em pleno inverno. A solidão quase se tornava palpável. A única casa que eles tinham encontrado no caminho, a poucos quilómetros dali, era mais recente e com um aspeto ligeiramente mais convidativo, de paredes e telhado azuis.

No pátio, viram um veículo da polícia estacionado, e, no momento em que o inspetor parou ao lado dele, um jovem agente fardado surgiu à porta da casa, acenando-lhes cordialmente.

Hulda foi a primeira a sair do carro, impelida pela necessidade urgente de respirar ar fresco, apesar da neve. A viagem de carro fizera-a sentir-se enjoada e deprimida.

O inspetor Jens seguiu-a em direção à casa, manifestamente desejoso de não perder absolutamente nada.

— Eu vou consigo — disse ele, ultrapassando o seu subordinado para entrar com Hulda dentro de casa. No interior, o ar era desagradavelmente pesado, dotado daquele familiar odor enjoativo, informando Hulda que um cadáver permanecera ali durante algum tempo. — Ele está lá em cima — referiu Jens.

Os dois acederam a um vestíbulo simples, impressionantemente limpo e asseado, que dava para uma sala de estar. Hulda deteve-se ali uns momentos. Uma árvore de Natal quase seca desfalecia a um canto, com as agulhas espalhadas pelo chão e um pequeno conjunto de embrulhos disposto por baixo. Era evidente que aqueles acontecimentos terríveis deviam ter ocorrido muito perto do Natal.

Numa pequena mesa de apoio, via-se uma pilha de livros, as lombadas a revelarem-lhe que pertenciam a uma biblioteca. Ao lado dos livros, encontrava-se uma chávena ainda meio cheia de um líquido escuro, e, na mesa maior, havia mais duas chávenas, ambas vazias. Hulda foi dar uma olhadela rápida à pequena cozinha adjacente à sala de estar. Havia caçarolas em cima do fogão, mas, fora isso, não havia sinais de desarrumação. Talvez alguém tivesse estado a limpar tudo para o Natal.

Ela regressou à sala de estar, e dali passou para um corredor com quatro portas e umas escadas para o sótão.

— Lá em cima — indicou o inspetor a Hulda com ar grave, embora ele já lhe tivesse dito que o corpo se encontrava no piso superior.

Porém, Hulda recordou a si própria que havia mais de um cadáver.

Foi subindo as escadas na companhia do inspetor, fazendo o que lhe era possível para ignorar o cheiro, recusando-se a refletir sobre o facto de estar prestes a ser confrontada com um novo cadáver, passados dois meses apenas da descoberta do corpo da sua filha. Ela sempre tivera o sangue-frio necessário para enfrentar o que quer que o seu trabalho lhe exigisse. Contudo, agora, havia nela uma sensação vertiginosamente estranha e atordoante, como se estivesse no meio de um glaciário e fosse ofuscada pelo brilho intenso da neve, para onde quer que olhasse, enquanto à sua frente se abria uma brecha na

superfície gelada — uma fenda profunda que se aproximava e onde ela caía...

Ao cimo das escadas, havia um patamar exíguo com três portas. Uma delas estava aberta, e o inspetor fez sinal a Hulda para ela avançar. Lá dentro, foi-lhe revelada a origem daquele fedor que lhe arranhava a garganta: o corpo de um homem de meia-idade jazia no chão, de costas, com uma grande mancha de sangue seco junto dele. Não havia vestígios de nenhuma arma.

— É o Einar — disse Jens, escusadamente, passado um momento de silêncio respeitoso. — Perdão, *era* o Einar. O agricultor.

— Exato. Isto não tem bom aspeto, para ser sincera — afirmou Hulda. — Embora os meus colegas tenham de fazer um exame mais aprofundado, naturalmente.

— Sim, mas concorda que isto parece um homicídio, não é?

Hulda foi atingida pela suspeita de que o inspetor queria que assim fosse, que ele estava desejoso de poder trabalhar no caso de um crime grave. Mas talvez ela estivesse a ser injusta com o homem. Seria a idade que a tornava tão cínica? Ou teria apenas que ver com os acontecimentos do Natal?

— Bom, não me parece que isto tenha sido um acidente, de maneira nenhuma — respondeu ela calmamente. Algo de terrível tinha acontecido ali, disso não havia dúvidas.

— Vamos para baixo?

Hulda não se moveu imediatamente, varrendo o quarto com o olhar. Era uma divisão razoavelmente espaçosa, apesar do seu pé-direito baixo. Ao canto, debaixo da claraboia, existia um velho divã, ladeado de uma pequena mesa com um candeeiro, havendo ainda uma estante não muito grande na zona onde o teto rebaixava. Excluindo a aberração chocante do corpo que jazia no meio do chão, o quarto parecia ser um espaço bastante agradável, o típico cómodo para visitas; neutro, mas confortável.

O que teria estado o agricultor a fazer ali?

— OK, podemos descer — anuiu ela. — Já vi aquilo de que precisava de momento. A propósito, e em relação às outras divisões? Sabe o que existe lá dentro? — Hulda preferia não o averiguar pessoalmente para evitar destruir alguma pista antes de os colegas poderem fazer a sua perícia.

— Sim, eu dei-lhes uma olhadela quando chegámos, mas são

apenas arrecadações, pelo que as deixei fechadas de novo. Lá em baixo, há três quartos e uma casa de banho. Passei os olhos por todos para me certificar de que não estava mais ninguém na casa. E não estava.

— Obrigada. Os meus colegas irão fazer uma análise mais aprofundada.

Hulda seguiu o homem pelas escadas estreitas.

— Agora temos de ir para o frio, infelizmente — disse ele.

Hulda conservava o grosso blusão de penas vestido, e também tinha as luvas calçadas. Já à porta, retirou um gorro de lã do bolso.

— Não temos de andar muito — informou o inspetor. — Contornamos aquela esquina e descemos para a cave.

— Ah, sim? — Hulda ficou parada.

— Perdão, o relatório inicial que enviámos para Reiquiavique podia estar um pouco confuso, mas o segundo corpo está na cave.

Hulda seguiu-o, descendo um lanço de degraus íngremes, que o gelo e a neve entranhados transformavam numa rampa escorregadia traiçoeira. A cave, desprovida de janelas, tinha como único foco de luz uma lâmpada de baixa voltagem, mas a iluminação reduzida era suficiente para deixar ver o corpo de uma mulher de meia-idade caído junto a uma parede.

— Erla, a mulher do Einar.

Não havia sangue; no entanto, a cena ainda era mais arrepiante do que a primeira. O espaço fechado, frio e pardacento infundia em Hulda uma sensação insidiosa de claustrofobia. Ela estava parada junto à porta, incapaz de dar mais um passo.

— É evidente que ignoramos o que se terá passado aqui — afirmou o inspetor —, no entanto, há indícios que apontam para uma morte violenta. Talvez com uma pancada na cabeça, ou estrangulamento. Em breve, tudo se vai descobrir.

— Tanto quanto sabe, foram apenas eles os dois? — inquiriu Hulda, atalhando aquelas especulações.

— Sim, apenas eles.

— OK, já podemos sair daqui. — Hulda estava a conter a respiração. — Vamos apanhar um pouco de ar.

— O cheiro, pois — concordou o inspetor, levando a mão ao nariz.

— Uma pessoa habitua-se a isto — observou Hulda, assim que os dois chegaram ao exterior.

Não penses na Dimma, dizia ela para si própria. Ela tentou idealizar que Hulda, a inspetora, não era a mesma mulher que encontrara a filha morta no dia de Natal. Ela tinha de separar aqueles dois lados da sua vida se queria conservar a sua objetividade. Era a única maneira de continuar a trabalhar, ou de continuar, mais propriamente.

Num esforço para se distrair desses pensamentos, Hulda tentou concentrar a sua atenção no espaço circundante. A neve já deixara de cair, e o panorama, agora que ela o conseguia distinguir, tinha uma espécie de beleza desolada, coberto pelo seu leve manto branco. O contraste entre aquela paisagem pura e intocada e as cenas sórdidas no interior não podia ser maior. O inspetor contara-lhe que as ovelhas tinham morrido à fome no estábulo e que o cenário com que a polícia se deparara não era menos pungente do que aquele que se encontrava dentro de casa.

— Não eram três pessoas? — perguntou Hulda.

— Três? O casal vivia sozinho.

— Quero dizer, eles não tinham recebido uma visita?

— Nesta altura do ano, não. Isso está completamente fora de questão. Ninguém viria aqui. Não...

— Nem um convidado para passar o Natal?

— Duvido muito. Normalmente, a estrada está bloqueada no mês de dezembro, e os limpa-neves não chegam aqui ao vale, já que isso implicaria cobrir uma distância considerável a pé.

— Portanto, o inspetor acha que isso está completamente fora de questão? — insistiu Hulda, delicadamente.

— Não, é claro que não está completamente fora de questão... Era só uma maneira de dizer... Mas eu podia jurar que eles estavam aqui sozinhos. Por vezes, eles recebiam visitas no verão, e talvez na primavera e no outono, também. Eles tinham uma espécie de turismo rural... Não sei se será essa a designação certa...

— O que quer dizer?

— Convidavam jovens a permanecer aqui em troca de trabalho na quinta... uma espécie de mão de obra barata, está a ver? Na minha opinião, isto não é maneira de gerir as coisas, mas eu também sou antiquado.

— Para mim, a ideia parece-me perfeitamente aceitável — afirmou Hulda, sem hesitar em contradizer o inspetor, que estava a deixá-la cada vez mais enervada. Mas isso dever-se-ia a ela estar demasiado

sensível a tudo nesse momento; a sua capacidade de concentração estava afetada e a mente recusava-se a focar-se no trabalho.

— Em todo o caso, o que a levou a pôr a hipótese de poderem estar aqui três pessoas? — indagou Jens.

— As três chávenas de café na sala de estar.

— Talvez eles não se dessem ao trabalho de lavar imediatamente cada chávena de que se serviam.

— Bom, vamos apurar isso assim que recolhermos as impressões digitais deles. Mas, seja como for, a cozinha estava muito arrumada, transmitindo a ideia de que eram pessoas que gostavam de ter tudo no devido lugar — referiu ela, num tom evasivo. — Além do mais, isto não faz sentido, não é? Quero dizer, quem matou quem?

— O quê? Ah, pois, exatamente, estou a ver aonde quer chegar, claro — replicou Jens, embora Hulda desconfiasse que ele só tivesse apanhado a ideia nesse preciso momento. O homem franziu o sobrolho e acrescentou: — É uma situação dos diabos... uma situação dos diabos.

— Se o Einar atacou a mulher, quem o assassinou? — perguntou Hulda de forma retórica.

— Precisamente.

— E se a Erla atacou o Einar, quem é que a matou?

— Precisamente — repetiu Jens, e deixou-se ficar onde estava, de semblante carregado. — A não ser que um deles se tenha suicidado.

— Vamos dar outra olhadela à casa? — sugeriu Hulda, iniciando o caminho de regresso sem esperar pela resposta.

O inspetor seguiu-a, um pouco mais atrás.

— Nesse caso, onde está ele? — acabou o homem por perguntar. Hulda parou e virou-se para ele com um olhar inquisitivo. — Onde está ele, então?... O outro homem, a terceira pessoa?

— Nós vamos descobrir, não se preocupe — afirmou ela, com um tom seguro de autoridade na voz a disfarçar o facto de ela não ter a certeza de a sua teoria estar correta ou se chegaria alguma vez a identificar o visitante desconhecido.

Porém, Hulda tinha de manter a confiança em si própria. Ela tinha de continuar a acreditar, conforme tentava fazer em cada dia de trabalho, que era melhor do que os seus colegas homens e que não havia nada que não conseguisse alcançar.

Hulda sentiu alguma inquietação ao voltar a entrar naquela casa,

onde pairava um silêncio literalmente sepulcral e onde até os objetos mais vulgares, objetos do quotidiano, assumiam uma aparência estranha à luz do que acontecera. Ali estavam as três chávenas de café, que os seus colegas iriam levar para serem examinadas posteriormente. E as escadas para o sótão, onde Hulda não fazia tentções de regressar. Embora dissesse a si mesma que preferia deixar os peritos fazerem o seu trabalho, se fosse honesta consigo própria, sabia que recorria a qualquer pretexto para não ter de voltar a ver aquela cena macabra que a transportava para uma outra tragédia de teor mais pessoal.

O corredor no piso de baixo dava acesso a quatro divisões. A casa de banho tinha parado temporalmente na década de 70, com as suas louças amarelas, os azulejos verdes e amarelos, a alcatifa com um leve cheiro a humidade, e um frasco isolado de *Old Spice* numa prateleira. Não havia sinais de luta, manchas de sangue nas torneiras ou no lavatório, nem qualquer outro elemento dissonante. A seguir, ficava o quarto principal. Pelo menos, Hulda partia do princípio de que aquele seria o quarto do casal. A cama era larga e não estava feita; atendendo ao modo como os lençóis estavam amarrotados e às duas mesinhas de cabeceira, cada uma com uns óculos pousados, tudo levava a crer que duas pessoas dormiam ali.

A terceira divisão aparentava ser um quarto vago, dotado de uma cama individual e um guarda-vestidos. Nada indicava que alguém tivesse estado ali, e o ar que atingiu Hulda quando esta abriu a porta era seco e viciado, como se ninguém o usasse há muito tempo.

A última divisão. Outro quarto vago, deduziu ela; porém, esse tinha algo de diferente — ela sentiu imediatamente que alguém permanecera ali. Havia um toucador e uma cómoda com muitas fotografias em cima, mas Hulda não tinha tempo para as observar devidamente, porque o seu olhar estava fixo na cama. Alguém dormira ali: a almofada preservava as marcas de uso e a cama tinha sido desmanchada.

Hulda deu meia-volta. O inspetor estava no corredor, com ar hesitante, sem querer perturbar a sua concentração.

— Foi aqui que o visitante dormiu — disse-lhe ela, sentindo necessidade de partilhar aquela informação para comprovar a sua teoria. — Alguém utilizou a cama, está a ver? Esteve aqui uma terceira pessoa no Natal. Caso contrário, não acredito que a cama não

estivesse feita. Isso iria destoar, quando o resto da casa está tão arrumado.

Ele assentiu e, a seguir, ocorreu-lhe um pensamento.

— A não ser que o casal dormisse em camas separadas... Mas, partindo do princípio de que a Hulda acertou, onde estará ele?

— Essa é a questão.

Hulda voltou de novo para o exterior, com o inspetor atrás de si. Ela precisava de encher os pulmões com o ar puro e fresco para se livrar do odor enjoativo da carne em decomposição e limpar a cabeça das imagens dos mortos: do agricultor, da sua mulher... e de Dimma...

II

Erla apanhou o susto da sua vida ao ver quem ali estava.

Era como se o seu coração tivesse parado de bater, como se ela já estivesse morta. A seguir, ela voltou a si e sentiu genuinamente receio de ser o seu fim. Havia uma expressão transtornada nos olhos dele; a máscara tinha caído.

Não era Einar.

Era o intruso, Leó.

Einar? Oh, céus, onde estava ele?

Leó agarrou-a bruscamente, sem uma palavra, com um ódio violento estampado nos olhos, a par, estranhamente, de desespero.

Então, aquilo voltou-lhe de novo à cabeça. Erla recordou-se de onde Einar estava — a fazer numa poça de sangue escuro, no sótão; sem vida. Ela estava tão convicta de que estivera a delirar e de que ele ainda estava vivo; de que apenas eles os dois estavam em casa. Mas, agora, a pavorosa realidade abatera-se sobre si, e ela percebia que estava errada.

Leó apertava-lhe o braço como uma tenaz excruciante. Ele deu uns passos em direção à escuridão, arrastando-a atrás de si. Ocorreu a Erla, com uma clareza repentina, que ela fugira para a cave para se esconder dele. Tinha-lhe passado pela cabeça a ideia absurda de recorrer a pás e outras ferramentas para se defender.

Porém, agora, ela estava completamente impotente, incapaz de se mover, incapaz de fazer alguma coisa para impedir o que estava prestes a acontecer.

III

Hulda encontrava-se sentada no grande veículo policial, na companhia do inspetor. Este mantinha o motor do carro ligado para ter o aquecimento a funcionar na sua potência máxima. Os homens dos serviços forenses encontravam-se no interior da casa, dando seguimento à sua perícia minuciosa.

— O nosso trabalho deve partir do pressuposto de que estava aqui outra pessoa com eles — indicou Hulda, numa voz tranquila, esforçando-se por ser delicada. Ela tinha de se mostrar cooperante com o homem se queria beneficiar dos seus conhecimentos locais.

— Hã... sim, certo — replicou ele, com um ar circunspeto.

— A que distância ficam os vizinhos mais próximos? É possível que algum deles tenha passado por cá para os visitar... e que as coisas se tenham descontrolado?

— Vizinhos? — O inspetor sorriu. — Eles não tinham vizinhos.

— Como assim?

— Os vizinhos mais próximos do casal eram os habitantes da povoação, entre os quais eu me incluo. Todas as restantes quintas do vale foram abandonadas.

— Bom, e não poderia ser alguém da povoação?

— Tal como lhe disse, ninguém vinha cá no inverno, absolutamente ninguém. Não havia qualquer razão para alguém vir aqui, e o casal convivia pouco com o pessoal da povoação. Eles combinavam bem, o Einar e a Erla. Viviam um para o outro, compreende o que eu quero dizer?

Hulda estava a ficar impaciente com as conjecturas do homem.

— Nós não podemos excluir nenhum cenário — replicou ela, bruscamente. — Há sempre exceções.

— Sim, claro, claro...

— E a pessoa em questão podia deslocar-se de carro até... onde?... Até meio caminho daqui, conforme disse há pouco?

— Sim, ou talvez mais, mas o resto do percurso teria de ser feito a pé. E o tempo é imprevisível nesta zona.

Hulda pensou nos embrulhos, na árvore... Aquele drama devia ter-se desenrolado pouco tempo antes, ou até durante as festividades.

— Como estava o tempo no Natal?

O inspetor não precisou de fazer um esforço de memória.

— Nós tivemos uma tempestade de neve exatamente nessa altura, tão violenta que a visibilidade era quase nula. Houve uma quebra de energia na povoação, o que significa que aqui deve ter acontecido o mesmo. A eletricidade só regressou no dia 26. — Ele suspirou.

— Uma quebra de energia, é isso? Recorda-se exatamente do momento em que ocorreu? — Hulda imaginava a escuridão, interrogando-se sobre se a avaria teria acontecido após os acontecimentos ou se acabara por desempenhar um papel no que se passara ali. Era assustador pensar nisso.

— Sim, eu recordo-me muito bem. Foi no dia 23. A pior altura para uma coisa destas acontecer. Foi um verdadeiro martírio tentar preparar a ceia de Natal no dia seguinte, e perdemos as mensagens de boas-festas na rádio, a missa de Natal e tudo o mais. O velho Ásgrímur, da cooperativa, teve de abrir a loja na noite do dia 23 para as pessoas comprarem pilhas, velas e fósforos, entre outros artigos. Acho que ele esgotou o *stock* de pilhas por completo.

— E a tempestade? Quando é que se formou?

— Antes do Natal, o tempo já estava muito mau, caindo um forte nevão, mas sem se registar uma verdadeira tempestade de neve. A seguir, desabou uma tempestade violenta, mais ou menos na altura em que houve a falha de energia.

— Alguém conseguia chegar aqui a pé nessas condições?

— Não, estou absolutamente seguro de que ninguém o podia fazer — respondeu o homem com convicção. — Isso era impossível. E havia um alerta de emergência sobre a tempestade. O vento era tão forte que mal se conseguia andar na rua, e mal se via um palmo à frente da cara.

— E essas condições mantiveram-se até ao dia 26, é isso? Foi nessa altura que a eletricidade regressou? — insistiu Hulda.

— Sim, por aí.

— Nesse caso, a pessoa que os visitou deve ter chegado no dia 25, no máximo.

— Sim, ou nessa altura, ou a seguir ao Natal.

— É pouco provável, dado eles já estarem mortos nessa altura — argumentou Hulda. — Os presentes de Natal ainda não tinham sido abertos.

— Ah, sim, é verdade. Agora que fala nisso... — admitiu ele, apanhado em falta.

— Podemos sair daqui agora?

— Sair daqui? Mas os seus colegas ainda não acabaram.

— Não há problema. Nós vimos buscá-los depois.

— Aonde pretende ir?

— Só até ao ponto onde o nosso visitante misterioso teria chegado nos dias que precederam o Natal — esclareceu Hulda. — O sítio onde ele foi obrigado a deixar o carro.

— Ah, muito bem, podemos ir até lá, com certeza. Embora eu não tenha reparado em nenhum carro estacionado na berma da estrada.

— Bom, nós também não estávamos atentos a isso.

— Mas ele já não está lá, certamente — contrapôs o inspetor. — Certamente teria batido em retirada.

— Talvez. No entanto, pode dar-se o caso de haver indícios de um veículo estacionado ali. Marcas de pneus congeladas debaixo da neve, por exemplo.

— É verdade — concordou ele. — OK. Vou só informar os rapazes do nosso destino.

Os dois fizeram a parte inicial do percurso em silêncio. Jens já percebera a mensagem, obviamente, e Hulda não tinha nada a dizer-lhe. Apesar disso, decorridos alguns minutos, o silêncio começou a incomodá-la. Assim que a sua atenção se dispersasse, Dimma iria estar ali, à espera. Hulda falhara em relação a ela. E percebera isso demasiado tarde. A consciencialização desse facto era devastadora, angustiante. Sentia uma violenta dor de cabeça a formar-se, enquanto o nome da filha ecoava na sua mente com cada vez mais força, até ela não conseguir suportá-lo mais. Tinha de dizer qualquer coisa.

— Já... já vive aqui há muito tempo?

— Quem, eu? Vivi sempre aqui. Uma pessoa acostuma-se à vida da aldeia. Há sempre qualquer coisa para nos manter ocupados, compreende? Hobbies e coisas assim...

Pela maneira como ele falava, Hulda percebeu que Jens esperava que ela lhe perguntasse alguma coisa sobre os seus hobbies. Um desejo perfeitamente razoável de satisfazer, considerou ela.

— Ah, compreendo — disse Hulda. — Que espécie de hobbies?

— Bom, a música, como deve calcular.

— Como devo calcular?

— Sim, pela minha canção, está a ver?

Hulda não fazia a mínima ideia a que se referia o homem, mas também não lhe queria perguntar.

Ao ver a perplexidade dela, Jens fez um ar embaraçado.

— Ah, desculpe, pensei que talvez a conhecesse. Embora a maior parte das pessoas a conheça, se me é permitido dizer isso. — Ele referiu um êxito popular do início da década de 70, uma canção que era familiar a Hulda, de facto.

— Era o Jens?

— Era eu! Pecados da juventude e tudo isso. Eu fui aquela estrela de um êxito só. Embora as pessoas continuem a pedir-me para cantar essa canção. — Soltou uma gargalhada. — Nas ocasiões mais improváveis. E em quase todos os encontros de amigos. Eu costumo fazer-lhes a vontade... Pego na guitarra e canto-a com toda a alma.

Olhando para aquele homem entroncado, de meia-idade, Hulda tinha dificuldade em imaginá-lo como uma estrela de música *pop*. Agora, a melodia não lhe saía da cabeça, o que a deixava irritada.

— E também tenho uma espécie de acordo com o restaurante da povoação. Bom, restaurante é um bocado exagerado; na verdade, trata-se mais de uma cafetaria pomposa na estação de serviço, onde as pessoas vão comprar hambúrgueres com batatas fritas e coisas do género. Se a casa estiver cheia, por vezes eu canto para os clientes e recebo uma refeição grátis em troca... Cantar por um prato de comida, percebe a ideia? — Ele soltou uma risada. — A Hulda há de passar por lá, quando puder, tenho a certeza.

A seguir às confidências da antiga estrela de *pop*, o silêncio regressou. Hulda contemplava a paisagem agreste. Pelo aspeto do céu, a neve não tardaria a cair de novo. Por muito pitorescas que as vestes invernais do vale e das montanhas fossem, ela jamais se imaginaria a

viver ali. Ainda assim, não deixava de ser um bom sítio para fazer uma caminhada no verão.

Ocorreu-lhe que já não fazia caminhadas há muito tempo. Talvez fosse disso que ela precisava: de rumar às montanhas e sarar as feridas da alma no ambiente grandioso da natureza, em vez de ficar fechada em casa ou matar-se a trabalhar. Porém, agora, não havia tempo para isso. Hulda tinha de começar por resolver aquele caso, de preferência com distinção.

Veio-lhe à memória uma das informações avançadas pelo inspetor nesse dia.

— O Jens disse que ninguém conseguia contactá-los por telefone — referiu ela — e que foi isso que o levou a vir aqui pessoalmente para ver o que se passava. Por acaso, verificou se o telefone deles estava a funcionar?

— Não, quando eu tentei telefonar-lhes, não ouvi nenhum sinal, como se houvesse alguma avaria no telefone ou na linha. Contudo, esqueci-me de verificar se havia sinal de marcação quando estive lá em casa.

— Pode verificar isso depois?

— É claro que sim, eu vejo isso.

— Este é o ponto onde a estrada costuma ficar bloqueada. — O inspetor parou o carro, e os dois saíram.

Hulda girou sobre si própria devagar, observando atentamente a zona circundante.

— Ali, olhe — disse ela, passado um momento, apontando para um dos lados. — Está ali um carro. Parece um todo-o-terreno.

O veículo estava parado a alguma distância da estrada.

— Sim... Que diabo... Tem razão. Não tinha reparado nele. O condutor enveredou por um caminho estranho, mas... Bom, já que refere isso... talvez...

— Talvez o quê? — pressionou-o Hulda, impaciente.

— Talvez isso tenha uma explicação. Eu faço este caminho muitas vezes no inverno. A estrada costuma ficar bloqueada aqui devido à neve acumulada, e eles não se preocupam em levar os limpa-neves mais para a frente e desobstruí-la. Porém, alguém que não conhecesse a zona podia pensar erradamente que a forma de ultrapassar o

bloqueio era fazer um desvio para a esquerda. Neste ponto, com o veículo adequado, pode sair-se da estrada, porque o piso costuma estar limpo pela força do vento. Mas isso é uma ilusão. O nosso homem não ia demorar a arranjar problemas, posso garanti-lo. Antes de dar por isso, ficava completamente atolado.

Os dois dirigiram-se para o carro, palmilhando a dura crosta de neve em passos firmes. O veículo era branco, o que o tornava muito difícil de destacar do cenário nevado, e Hulda, ainda distante, não conseguiu reconhecer de imediato a marca. O inspetor foi mais rápido.

— Parece um *Mitsubishi*. Sempre quis ter um destes.

Hulda refletia que ela se dava por muito feliz com o seu *Skoda* quando observou de novo o carro, e, ao olhar de soslaio para o inspetor, viu que este tinha pensado o mesmo, quase ao mesmo tempo.

— Que diabo! — exclamou ele. — Não pode ser...

— Um *Mitsubishi* todo-o-terreno branco. Meu Deus!

É claro que eles tinham de confirmar se era a matrícula correta, mas não podia ser uma coincidência.

— Meu Deus! — repetiu Hulda. — Era a última coisa que eu esperava.

IV

Por razões óbvias, Hulda não chegara a retribuir a mensagem telefónica dos pais da jovem desaparecida no dia de Natal. Ela não os quisera incomodar nessa manhã e regressara a casa a meio do dia para ser confrontada com um cenário de horror tão indescritível que o seu mundo ficara virado do avesso. Hulda sentira que perdera a razão de viver.

A seguir à tragédia, outra pessoa teria tido a incumbência de ligar aos pais de Unnur, se é que alguém se dera a esse trabalho. Mais tarde, no entanto, ao começar a prestar novamente atenção às notícias, Hulda calculara a razão do telefonema. Constava que o pai de Unnur tinha desaparecido imediatamente antes do Natal, sem dizer uma palavra à mulher. O carro dele também seguira o mesmo destino. Hulda ouvia as notícias naquela forma ausente que era habitual nesses dias; contudo, essa em especial despertara a sua atenção, tratando-se de um caso que ela tinha em mãos. O desaparecimento do pai, no seguimento do da filha, dera bastante que falar. Todos os indícios sugeriam que ele se fora embora deliberadamente. Não havia motivo para se suspeitar de um ato criminoso, e também não existiam outras explicações óbvias. Hulda tirara as suas próprias conclusões, presumindo que o mesmo acontecera com os seus colegas — a única explicação lógica era: o pai era responsável pela morte da filha e, não conseguindo suportar aquilo que fizera, pusera fim à própria vida. A comunicação social não o tinha dito de forma tão precisa, mas permitira-se discretamente que as especulações em torno do caso se fossem extinguindo, como se todos concordassem que se havia tratado de uma tragédia familiar e que seria desadequado aprofundar demasiado a situação.

A investigação policial revelara-se completamente infrutífera, como se o homem tivesse desaparecido da face da Terra. Hulda desconfiava que o mais provável era ele ter-se atirado de uma falésia dentro do carro, mas ela estava de licença de nojo na altura, pelo que não estivera envolvida nos pormenores do caso. De qualquer modo, desde então, nada mais se soubera dele.

Até agora.

O pai tinha-se ido embora ao volante de um *Mitsubishi* branco.

Naquele momento, ali estavam eles, no meio do nada, diante de um carro semelhante.

— Tem de ser o mesmo carro, não acha? — perguntou Hulda em voz alta, embora já soubesse a resposta.

— Sim, tem de ser. Eu recebi instruções logo a seguir ao Natal para estar atento a um *Mitsubishi* branco, e o mesmo foi pedido às restantes esquadras do país. Lembro-me de ter dado uma volta pela povoação, pelo sim pelo não, mas não descobri nada, nem ouvi o que quer que fosse que me levasse a pensar que me ia cruzar com o homem. Nunca tive qualquer motivo para vir para estas bandas, até... Mas o que é que ele tem andado a fazer aqui?

— Bom, isso está longe de ser claro, mas eu suponho que isto podia...

— Podia estar relacionado com o desaparecimento da filha dele, não é? — sugeriu o inspetor, interrompendo-a.

Hulda estava imóvel, observando o carro com atenção.

Mas que raio estaria o pai da Unnur a fazer ali?

— Sim, eu suponho que isso seja possível — acabou ela por dizer.

— No entanto, ela desapareceu do outro lado do país...

— Sim, a última informação que temos dela situava-a nas imediações de Selfoss, o que fica muito distante daqui... Não consigo compreender isto, realmente.

— Nem eu... E agora já sei que vou receber uma valente reprimenda por não ter esquadrinhado melhor a zona na altura — comentou Jens, com um ar sombrio, mais para si próprio do que para Hulda.

Ela não tinha disponibilidade mental para o tranquilizar, com os seus pensamentos inteiramente focados no caso que tinha em mãos. Ou seriam antes casos? Porque aquilo munia-a finalmente de uma pista segura em relação ao desaparecimento de Unnur, não era?

Hulda espreitou para o interior do carro, tendo o cuidado de não tocar em nada. Cabia a outras pessoas fazer o exame adequado; ainda assim, ela queria assegurar-se de que não estava ninguém dentro do carro, pelo menos. Não estava, e também não havia nada que se destacasse e pudesse lançar alguma luz sobre a ocorrência.

— Acha que ele pode ter estado com o casal durante o Natal? — acabou Jens por perguntar.

Hulda refletiu sobre a questão.

— Existe essa possibilidade, embora eu não consiga sequer imaginar porquê. Mas que outra razão haveria para alguém vir até aqui se não fosse para os visitar?

— Nenhuma, absolutamente nenhuma. Isto sugere que ele terá seguido a pé para a quinta a partir daqui. É uma estrada, embora não seja difícil, desde que haja boa visibilidade.

— Mesmo que a pessoa não conhecesse a área?

— Sim, eu acho que era possível — disse ele. — A partir daqui a estrada segue a direito até à cabeceira do vale.

— No entanto, com uma tempestade de neve, não seria fácil a pessoa perder-se?

— Suponho que sim. Quando alguém se desvia da estrada, não existem muitos postes de sinalização que a ajudem a orientar-se, e há muitas histórias de viajantes que morreram de hipotermia por estas bandas. Histórias arrepiantes... Eu próprio não gostava de ser apanhado por uma tempestade se caminhasse por estes sítios, posso garantir-lhe.

Hulda empreendeu o regresso para o carro da polícia imersa em pensamentos, seguida pelo inspetor.

Depois de subir para o lugar do passageiro, dirigiu-se a Jens, quando este se sentou ao volante.

— O homem tem de andar por aqui... Partindo do princípio de que este é o carro dele — afirmou ela. — E julgo que a hipótese de ele continuar na quinta está completamente descartada, certo?

— É impossível que ele esteja lá — concordou Jens. — Acha que ele assassinou o casal? — perguntou.

Hulda não lhe respondeu imediatamente. Aquela era a única conclusão lógica a tirar, e, no entanto, ela não conseguia forçar-se a dizê-la em voz alta. Tinha entrado diversas vezes em contacto com o homem, na sequência do desaparecimento da filha, e ficara com boa

impressão dele. Ele revelara-se um advogado agradável e cortês, e um pai preocupado. Todavia... qualquer coisa na sua atitude deixara Hulda intranquila; ela sentira que, em certas circunstâncias, ele seria capaz de tudo, que era uma pessoa imprevisível. Poderia ele, de facto, ter assassinado a filha e o casal da quinta a seguir? Mas porquê? Aquilo não fazia sentido, não fazia sentido nenhum.

— Não me parece que possamos excluir essa hipótese — acabou ela por dizer. — Ou seja, que ele tenha sido o responsável pelo que se passou aqui no Natal.

— É claro que existe sempre a probabilidade... — começou Jens devagar, num tom reflexivo, deixando Hulda impaciente, à espera de que ele concluísse o raciocínio — a probabilidade de ele estar na outra casa.

— Aquela por onde passámos há bocado?

— Sim, a casa está desabitada.

— E o que... E ele deixava o carro aqui este tempo todo?

— Não, bom... Não sei.

Embora Hulda não estivesse convencida, valia a pena tirar a prova dos nove.

— Vamos passar por lá e dar uma vista de olhos? — propôs o inspetor, algo hesitante.

Hulda estava satisfeita por constatar que ele se submetia completamente à sua autoridade.

— Sim, vamos fazer isso — anuiu ela, num tom decidido.

V

A tinta azul nas paredes e no telhado estava desbotada pela ação do tempo, e, mesmo oculto sob um tapete de neve, o jardim em volta da casa parecia estar votado ao abandono. Quando Hulda e o inspetor experimentaram a maçaneta da porta da frente, descobriram que não estava trancada, pelo que nada os impediu de a abrir e entrar na casa.

Não havia sinais da presença de alguém ali recentemente, embora a casa estivesse completamente mobilada, com um sofá e poltronas na sala de estar, e uma mesa e louça na cozinha — como se o último ocupante se tivesse ausentado apenas por pouco tempo.

— A casa só tem um piso, mas eu julgo que também há uma cave — informou Jens. — Vou lá abaixo dar uma vista de olhos rapidamente, mas parece-me bastante claro que ele não deve ter estado aqui.

Hulda assentiu em silêncio, e Jens desapareceu-lhe da vista.

A casa tinha um ambiente estranho, com os seus testemunhos silenciosos sobre o passado, sobre uma vida que alguém tivera ali há não muito tempo, embora esse tempo não fosse também muito recente. Uma espessa camada de pó revestia todas as superfícies. Hulda vagueava de divisão em divisão, e sentia que todas lhe contavam a mesma história. No quarto, havia uma cama individual, mas não se via nenhum objeto pessoal. Devia ser uma casa de turismo rural à espera de visitantes. Ela regressou à cozinha e abriu o frigorífico; porém, o aparelho estava vazio e desligado. Ao dar um toque no interruptor da luz junto à porta da cozinha, para sua surpresa, a lâmpada acendeu-se. Descobriu igualmente que os aquecedores difundiam algum calor, não o suficiente para aquecer a casa, pelo que não se dava por isso, mas o bastante, presumivelmente,

para impedir que a canalização congelasse enquanto a casa estava desocupada. Aquela era claramente uma casa com história — uma história porventura interessante —, mas qualquer vontade de a aprofundar por parte de Hulda ia ter de esperar. Para já, a prioridade era descobrir o que acontecera ao casal na quinta vizinha e, não menos importante, o que acontecera ao pai de Unnur, o advogado Haukur Leó, que a família e amigos conheciam como Leó.

Depois de encontrarem o *Mitsubishi*, Jens fizera uma comunicação pelo rádio do carro da polícia para obter a confirmação de que aquele era realmente o veículo que eles procuravam. A descoberta alterara completamente os parâmetros do caso — de ambos os casos, na realidade: os acontecimentos trágicos na quinta, por um lado, e o desaparecimento de Unnur e do seu pai, por outro. Era óbvio que teria de existir uma ligação, embora Hulda ainda tivesse de descobrir exatamente qual.

— A cave estava trancada, mas eu tomei a liberdade de forçar a fechadura — informou Jens. — Não foi muito difícil. Mais tarde, peço para a virem arranjar.

— Encontrou alguma coisa?

O inspetor abanou a cabeça.

— Absolutamente nada. Onde diabo está o tipo?!

— Temos de organizar uma busca — decidiu Hulda, percebendo que eles lutavam contra o tempo.

Há muito que o rasto se esfumara, e ela tinha de envidar todos os esforços para avivar qualquer pequena brasa que pudesse iluminar-lhe o caminho. Não obstante, o seu principal objetivo era encontrar Unnur, a rapariga que ela procurava desde o outono. Se houvesse alguma esperança de que Unnur ainda estivesse viva, por mais ténue que fosse, Hulda *tinha* de a salvar.

Ou, pelo menos, dar o máximo de si nesse sentido.

VI

Unnur apenas conseguiu chegar a Kirkjubæjarklaustur naquele primeiro dia.

Era exatamente assim que se esperava que a sua viagem fosse, um misto de incerteza e aventura. Contudo, ela não sentia nenhum desejo especial de ficar naquela pequena cidade tranquila a sul da Islândia, situada no oásis verde entre as duas grandes calotas glaciares de Mýrdalsjökull e Vatnajökull. Ela procurava um tipo de experiência diferente, que envolvesse a busca de sítios remotos e paisagens marcantes, e não ficar a hibernar numa cidade ou aldeia. Neste momento, ela estava sentada numa pequena cafetaria anexa a uma estação de serviço.

O condutor do BMW que lhe dera boleia não ia seguir caminho, para já. Afinal, ele era estrangeiro, um simpático empregado de escritório alemão, de meia-idade, que sonhava visitar a Islândia há muito tempo. Tinham mantido uma conversa constante e agradável durante o caminho todo. Como Unnur adorava conhecer pessoas novas e ter uma visão sobre a vida delas, estava a gostar muito do modo como a sua viagem corria até ao momento.

A questão que se punha era para onde ir a seguir.

Pensou em apanhar um autocarro, mas ainda não decidira qual seria o seu destino, exceto que tinha de ser para leste. Ela não queria retrazar o seu percurso, rumando a ocidente, para Selfoss e Reiquiavique, já que isso se pareceria demasiado com um retrocesso, como se atirasse a toalha ao chão. Pelo contrário, Unnur sentia-se impelida a seguir em frente, em direção ao desconhecido.

A cafetaria estava tranquila. Ela tomou um café, acompanhado de uma sanduíche, ambos bastante sensaborões. Ao menos o café estava quente e a sanduíche era comestível, pelo que teriam de servir.

Avistou na mesa mais próxima um conjunto de folhetos publicitários e um jornal do dia anterior. Unnur começou a passar os olhos pelo jornal, mas desistiu passados breves minutos, sentindo que era algo deprimente voltar a ser arrastada para as tricas políticas do costume. Nos últimos tempos, ela optara deliberadamente por ignorar as notícias, não dando particular atenção ao que se passava no mundo.

Deixando o jornal de lado, passou um olhar distraído pelos folhetos, alguns a cores, outros a preto-e-branco, e, na sua maior parte, direcionados para os turistas nacionais que partiam à descoberta do seu país. Ao fundo da pilha, Unnur encontrou uma folha impressa, que se deteve a ler, atraída pelo seu estilo cativamente antiquado e amador. Era um anúncio para trabalho voluntário numa quinta, em troca de alojamento e alimentação.

À semelhança de muitos islandeses, em criança, Unnur passara alguns verões numa quinta, ajudando a fazer diversas tarefas e aprendendo sobre a vida tradicional no campo; porém, nunca lhe passara pela cabeça fazê-lo de novo quando crescesse. Em todo o caso, a oportunidade era demasiado fascinante para ser ignorada; aquele era exatamente o género de experiência que ela idealizava ter tanto de interessante como de diferente — uma breve incursão num modo de vida que estava em declínio. E o alojamento e alimentação gratuitos ajudavam a fazer durar as suas economias.

A folha impressa fornecia os dados principais, incluindo instruções de como chegar ao local, o que envolvia apanhar um autocarro para uma povoação a leste. A quinta em si ficava bastante distante da povoação; era uma jornada árdua para quem fosse a pé, mas seria possível arranjar uma boleia. Unnur resolveu imediatamente que faria o caminho a pé; iria ser uma aventura fantástica.

Na margem inferior da folha havia um número de telefone. Seria imprudente fazer todo aquele caminho para o Leste sem telefonar antes, e vir a descobrir mais tarde que o trabalho já não estava disponível. Pegando no anúncio, ela dirigiu-se ao balcão, deixando ficar o café e a sanduíche na mesa, confiante de que ninguém se ia dar ao trabalho de os roubar.

— Desculpe — disse ela ao adolescente que estava de serviço na loja nesse dia.

— Hum?

— Desculpe, posso utilizar o vosso telefone?

O rapaz revirou os olhos.

— Há uma cabina telefónica nas traseiras; ali, olhe... — Ele apontou para a esquerda. — Atrás daquela parede.

Unnur estendeu-lhe uma nota de 100 coroas.

— Pode trocar-me esta nota?

O rapaz hesitou, como se estivesse a considerar recusar, mas depois pegou na nota com um ar resignado, abriu a caixa registadora e entregou-lhe uma pilha de moedas de 10 coroas.

Unnur não tardou a encontrar a cabina telefónica e marcou o número.

VII

Estavam sentados no gabinete do inspetor, na esquadra de polícia da povoação.

O gabinete tinha dimensões reduzidas, como a própria esquadra; contudo, Jens dera-lhe um ar acolhedor. Havia fotografias de família numa prateleira e a sala estava assinalavelmente limpa; a secretária não se encontrava soterrada por uma avalanche de papéis como a de Hulda. Aquilo seria o resultado de menos pressão e um número menor de casos, eventualmente, ou então Jens era apenas mais organizado por natureza.

Agora que ele estava em terreno familiar, confortavelmente entronizado atrás da sua secretária, enquanto Hulda se acomodava na cadeira desconfortável destinada às visitas, parecia que os papéis de ambos se tinham invertido.

A comunicação social já estava ao corrente das mortes, o que fazia com que a pressão aumentasse ligeiramente. Um jornalista da radiotelevisão estatal telefonara para a esquadra, e Jens optara por atender a chamada pessoalmente, em vez de a passar a Hulda. Ela apanhara fragmentos do que o jornalista dizia, mas demorara demasiado tempo a intervir. A sua resposta imediata teria sido «Não tenho nada a comentar»; contudo, Jens estava obviamente a apreciar as luzes da ribalta. Na verdade, ficara tão arrebatado pelos seus cinco minutos de fama que deixara escapar muitas informações. Por sorte, já era tarde para a reportagem ser transmitida no principal noticiário televisivo da noite, mas ia marcar presença no noticiário da rádio, transmitido às 22 horas. Hulda esperava apenas que a imprensa não apanhasse a notícia a tempo de ela fazer as manchetes da manhã seguinte. Dava-lhe jeito dispor de mais algum espaço de manobra. No

entanto, para ser justa com Jens, este não dissera que a polícia suspeitava de homicídio, limitando-se a confirmar a descoberta dos dois corpos. Só isso era suficiente para gerar um enorme interesse, embora a experiência de Hulda lhe dissesse que os jornalistas islandeses costumavam ser merecedores da confiança da polícia, respeitando os interesses da investigação, sempre que havia casos como aquele. Felizmente, Jens também não aludira à possível ligação entre a presente ocorrência e os desaparecimentos misteriosos de Haukur Leó e da sua filha, Unnur.

Eles estavam no gabinete a aguardar a chegada do chefe da equipa de busca e salvamento, que ia a caminho da esquadra para falar com eles.

Ao ouvir um ruído vindo do corredor, Hulda olhou de relance para trás, vendo um homem magro, de óculos, a surgir à porta.

— Ora, vivam — saudou ele.

Hulda calculou que o homem teria à volta de 30 anos, menos 10 anos do que ela. Ele entrou na sala com uma passada enérgica e entendeu-lhe a mão.

— Chamo-me Hjörleifur — apresentou-se ele. — Sou responsável pelas operações de busca e salvamento da região.

— Como está? Eu sou a Hulda, do Departamento de Investigação Criminal de Reiquiavique — apresentou-se ela. — Agradeço-lhe a sua presença aqui. Vamos precisar de organizar a busca de um homem.

— Sim, já estava a contar com isso. — Hjörleifur manteve-se de pé, uma vez que não havia nenhuma cadeira disponível no pequeno gabinete. — O Jens referiu-me isso no telefonema. Estamos a falar do homem que desapareceu durante o Natal, certo?

— Exatamente — confirmou Jens ansiosamente, num tom solene.

— Muito bem. Podemos fazer isso, claro — afirmou Hjörleifur.

Ele desviou os olhos de Jens para fitar Hulda.

— Quando pode começar? — perguntou-lhe ela. — De quanto tempo precisa para reunir a sua equipa?

— Para reunir a minha equipa? Não preciso de muito tempo para isso, mas está a cair um grande nevão e ainda por cima está a escurecer, pelo que tão depressa não vamos a lugar nenhum. Se o homem estiver por estas bandas, o corpo dele já se encontra aqui desde o Natal, pelo que um ou dois dias a mais não fazem realmente muita diferença.

Hulda levantou-se da sua cadeira, fixando em Hjörleifur um olhar severo e falando-lhe de uma forma enfática.

— Pelo contrário, isto é extremamente urgente — afirmou ela. — Andamos à procura de uma rapariga que está desaparecida desde o outono passado. Não sabemos o que lhe aconteceu, mas detetámos-lhe o rasto, finalmente. Se existir a mais pequena possibilidade de ela ainda estar viva...

Por momentos, a veemência de Hulda deixou Hjörleifur demasiado desconcertado para lhe responder. Depois, o homem acenou com a cabeça.

— OK, certo, eu vou convocar o meu pessoal. Mas espero que não esteja a contar encontrar o homem com vida.

— Isso deixar-me-ia certamente surpreendida — observou Hulda, num tom mais comedido, voltando a sentar-se. — Podem começar imediatamente?

— Não com esta escuridão, mas amanhã, assim que surgirem as primeiras luzes do dia — resmoneou Hjörleifur, parecendo já mais submisso. — Agora, gostava que ficasse claro que, se as condições de tempo piorarem, nós temos de abortar a missão. Não vamos correr riscos.

— Compreendemos que assim seja — assegurou Jens.

Pelo tom dele, Hulda não sabia ao certo se o inspetor estava do seu lado ou do lado de Hjörleifur. Talvez fosse uma atitude imprudente ter uma equipa de busca a passar o campo a pente fino à procura de um corpo naquelas condições meteorológicas; porém, o desaparecimento da rapariga tocava-lhe num nervo sensível, e Hulda ia dar tudo por tudo para solucionar o caso. O que não significava que ela se iludisse a si própria, esperando um final feliz.

— Nesse caso, é melhor eu ir andando, já que é evidente que não há tempo a perder — disse Hjörleifur, sem sequer disfarçar a nota de sarcasmo na voz. Antes de sair, despediu-se dos dois.

— Não era melhor regressarmos à quinta? — propôs Hulda. Sentia-se demasiado agitada para ficar à espera sem ter nada para fazer.

— Tem a certeza? Isso implica fazer o percurso todo até lá, para depois regressarmos à noite. Os meus rapazes podem trazer os seus colegas, assim que eles acabarem. — A falta de entusiasmo do inspetor era óbvia.

Hulda acenou afirmativamente com a cabeça.

— Tenho toda a certeza. Gostava de estar lá pessoalmente para saber aquilo que eles estão a apurar ao analisarem o local do crime.

Desta vez, a viagem revelou-se mais penosa, devido à neve que se acumulara na estrada desde a manhã. Hulda dirigiu um pensamento contrito aos membros da equipa de salvamento, que iam ter de esquadrinhar o vale e as turfeiras naquelas condições.

Por fim, quando chegaram à casa da quinta, os colegas de Hulda estavam praticamente despachados. Já haviam recolhido amostras e tirado fotografias, considerando que tinham provas suficientes para analisar.

Eles referiram a descoberta de um facto inesperado: não havia dúvida de que alguém sabotara deliberadamente a ligação telefónica, arrancando parte dos fios e encobrindo os indícios a seguir.

— Isto não requeria os conhecimentos de um técnico e não deve ter levado mais de um minuto a fazer — disse um deles a Hulda, quando esta pediu mais pormenores.

A par disto, um exame preliminar às impressões digitais nas chávenas de café confirmava a teoria de Hulda de que tinham estado três pessoas na casa.

Os dois corpos já haviam sido removidos dali numa ambulância e a equipa de salvamento só deveria iniciar a sua busca a partir da quinta na manhã seguinte. Por isso, acordou-se que os dois veículos da polícia iam regressar à povoação em comboio, embora houvesse algo que Hulda queria fazer primeiro.

— Posso ir lá dentro agora e dar uma vista de olhos mais em pormenor? — perguntou ela a um dos colegas dos serviços forenses.

Ele anuiu com um aceno de cabeça.

Hulda tinha a sensação desconcertante de que penetrava na cena de um quadro: uma sala de estar acolhedora numa casa onde já não vivia ninguém, onde o tempo parecia ter parado no Natal, ainda que já decorresse o mês de fevereiro. Era como se a casa estivesse cativa num limbo estranho: havia sinais de vida em toda a parte, e, no entanto, o ar estava impregnado do cheiro a cadáver, lembrando que a Morte tinha feito ali a sua colheita recentemente. Ela tentou visualizar a cena. Teriam os três, o casal de agricultores e Haukur Leó, estado ali sentados nos dias que precederam o Natal? Seria ele um perfeito

estranho para Einar e Erla? Se sim, o que fazia ele ali em pleno inverno? Ou haveria laços familiares que o ligavam ao casal?

Quando estivera na esquadra de polícia, Hulda pensara em aproveitar para telefonar à mulher dele, a mãe de Unnur, informando-a de que o *Mitsubishi* tinha sido encontrado. Isso fornecia-lhe um pretexto para apurar junto dela a eventual existência de alguma ligação ao casal do Leste. No entanto, pensara melhor e decidira esperar até a investigação estar mais avançada. Até ela poder colocar um ponto final à angústia da pobre mulher, dizendo-lhe frontalmente que o marido estava morto... E dando-lhe eventualmente notícias da filha ao mesmo tempo.

Essa conversa teria de esperar até às primeiras horas do dia seguinte, a não ser que houvesse desenvolvimentos inesperados durante a noite.

Hulda não se deteve junto às escadas que subiam para o sótão, já que simplesmente não tinha a força mental que requeria subir até lá de novo. A um nível subconsciente, ela sabia que, além do sangue, isso se devia ao facto de a cena evocar de forma demasiado funesta o seu próprio trauma pessoal.

Optou antes por fazer uma nova visita ao quarto do casal. Jens sugerira que os dois poderiam dormir em quartos separados como uma explicação possível para a cama de casal e a cama no quarto de visitas terem sido usadas. Nesse momento, no entanto, havia provas suficientes para refutar tal teoria: uma terceira pessoa tinha estado presente — Haukur Leó teria estado ali com eles. E, a provar uma vez mais que o casal partilhava a mesma cama, encontravam-se ali, conforme Hulda havia notado antes, os dois pares de óculos de leitura. Havia ainda uma garrafa de água meio cheia numa das mesinhas de cabeceira, a par de um romance, *Salka Valka*, de Halldór Laxness, com o marcador do livro a revelar que o seu leitor ainda não passara das primeiras páginas.

À exceção do romance e dos óculos, era um quarto bastante sóbrio, no entender de Hulda. Impessoal, de certa maneira. Ela não conseguiu definir imediatamente em que se baseava essa impressão, até se lembrar das fotografias que vira na cómoda do quarto vago. Era isso: ali não havia retratos de família. Não era um detalhe necessariamente significativo, mas não deixava de ser estranho.

Hulda abandonou o quarto do casal e regressou ao quarto vago,

onde Haukur Leó deveria ter dormido. Lá estavam os retratos de família, todos reunidos. Hulda dera-lhes uma olhadela superficial ao observar o quarto pela primeira vez; porém, agora detinha-se a examiná-los com mais detalhe. Uma fotografia em particular captou a sua atenção. Nela, via-se o casal, Erla e Einar, provavelmente com cerca de 30 anos, de aspeto jovial e descontraído, e, entre os dois, uma bonita menina de cabelos ruivos que teria à volta de 10 anos... E... alguma coisa na menina chamou a atenção de Hulda; sim, ela fazia-lhe lembrar vagamente Unnur, a rapariga desaparecida de Gardabær. Talvez não passasse de uma impressão, por andar preocupada com ambos os casos, mas, ainda assim, a semelhança estava lá. Ambas eram ruivas, claro, mas era mais do que isso; na realidade, as duas eram bastante parecidas.

Hulda interrogou-se sobre quem seria a menina da fotografia, calculando que seria a filha do casal: a ambiência da imagem transmitia certamente essa ideia, já que os dois tinham o braço em volta dela, levando-a a concluir que se tratava de um retrato de família.

Mas, se assim era, onde estava a menina agora?

E por que razão ninguém lhe falara dela?

O inspetor Jens encontrava-se na rua, fustigado pela chuva de neve impelida pelo vento, o que parecia ser uma constante naquele sítio tão exposto.

— Posso dar-lhe uma palavrinha? — perguntou Hulda, mas o homem continuou a fitar o vazio. Ela aproximou-se e deu-lhe um toque no ombro, fazendo-o sobressaltar-se. — Queria perguntar-lhe uma coisa.

— Desculpe, não a ouvi. Vamos lá para dentro?

Ela assentiu, e os dois regressaram ao abrigo convidativo do vestíbulo.

— Estive a dar uma olhadela às fotografias, aos retratos de família, mais propriamente, e reparei numa onde estava o casal com uma criança. Eles tinham uma filha?

— Sim — respondeu o inspetor prontamente. — A Anna. — O rosto dele ensombrou-se.

— Onde está ela?

Desta vez, Jens demorou mais tempo a responder.

— Ela vivia na quinta vizinha, a casa azul onde estivemos hoje.

— Ela vivia ali? Nesse caso, onde está ela agora? — Pela sua cabeça desfilavam imagens das divisões da casa deserta, a casa de onde alguém parecia ter saído à pressa, para não mais voltar.

— Ela está morta — disse ele, pesarosamente.

— Morta? Mas... ela deve ter morrido muito nova. — Hulda estava a fazer um esforço imenso para se focar, para impedir que os seus pensamentos se dispersassem em torno de Dimma, mas sentia a voz a soçobrar.

— Muito. Não tinha mais de 20 anos, se não estou em erro. Ela tinha voltado para casa há pouco tempo, depois de ter concluído o ensino secundário. Bom, não foi exatamente para casa; ela foi viver para uma antiga propriedade arrendada. Isso deu azo a muitos falatórios na povoação. A maior parte das pessoas estava convencida de que ela iria viver para o Sul, para Reiquiavique, e fazer alguma coisa diferente com a sua vida. Todavia, o campo exerce um fascínio especial sobre as pessoas. Aquilo estava-lhe no sangue. Lembro-me de a ter encontrado não muito depois de ela regressar, e a Anna estava radiante de alegria. Ela vivia para isto.

Hulda estava demasiado chocada para dar seguimento à conversa. Tudo o que ela conseguia ver era Dimma, e sabia que ia ficar lavada em lágrimas a qualquer momento. A única maneira de as conseguir esconder era estando lá fora, a ser fustigada pelos flocos de neve. No entanto, clareou a garganta e obrigou-se a fazer a pergunta, tentando controlar o tremor na voz.

— O que... o que aconteceu à Anna?

Ela tinha de saber.

VIII

Unnur experimentava uma sensação inebriante de liberdade pura e genuína. Ela era livre como uma ave, sem depender de ninguém, com tudo o que lhe pertencia dentro da sua mochila — tudo o que lhe era importante, pelo menos. A sua escrita estava a correr bem. E ninguém sabia onde ela se encontrava. Ainda não se tinha decidido a contar aos pais qual era o seu próximo destino, porque havia tempo para isso. Unnur também estava a tirar um ano de descanso dos pais. É claro que ela os adorava, mas aquele era o seu tempo e ela estava determinada a geri-lo sozinha.

Tinha demorado dois dias a chegar ali. Saíra de Kirkjubæjarklaustur de autocarro, percorrendo a costa sul até Höfn í Hornafirdi. Aquela era uma das estradas mais espetaculares da Islândia: a sul, havia apenas o oceano imenso e plano; do lado terrestre, para norte, a vasta calota glacial de Vatnajökull, com a sua orla de picos denteada e a sucessão de línguas glaciares, precipitando-se umas após as outras em direção à planície. Ao sair, na companhia do pequeno grupo de passageiros, alguns locais e um ou outro estrangeiro, ela ficara deslumbrada perante o azul intenso da lagoa glacial de Jökulsárlón, com a sua multitude de icebergues em movimento constante. No entanto, por muito fascinante que aquele cenário fosse, a sensação levava-a a sentir-se mais uma turista do que uma aventureira. Unnur estava ansiosa por deixar para trás os caminhos convencionais, abandonar a Hringvegur, a Estrada Nacional 1, com as suas vistas famosas, e ascender aos vales solitários do interior, onde umas escassas quintas continuavam a resistir.

Depois de passar a noite na pousada da juventude em Höfn, Unnur prosseguira a sua viagem de autocarro, subindo a costa leste, deixando a calota glacial para trás e acedendo a uma nova paisagem verdejante, com

fiordes e montanhas de picos nevados, chegando finalmente à povoação que a mulher lhe referira ao telefone. A partir dali, fora fiel ao seu plano de prosseguir o caminho a pé, em vez de tentar arranjar uma boleia. Estava um dia magnífico, com aquela luminosidade extraordinária que apenas se consegue no outono islandês, com cada cumeeira e ravina a destacarem-se tão nitidamente no ar puro que parecia ser possível estender o braço e tocar-lhes. A caminhada demorou horas; porém, o exercício e a sensação de estar completamente sozinha, seguindo por uma faixa estreita de estrada e cruzando um vale desabitado e despido de árvores, deixava-a física e mentalmente revigorada. Unnur preparara um almoço para a viagem e desfrutara dele, empoleirada numa rocha junto à estrada. Ali próximo, as encostas acidentadas elevavam-se sobre o vale verdejante em forma de «U», e os únicos sons a romper o silêncio eram os chamamentos melancólicos dos maçaricos-galegos e o gorgolejar de uma corrente.

A mochila começava a pesar-lhe nos ombros quando Unnur avistou finalmente a casa no horizonte. Sentiu-se mais animada, mas esmoreceu logo de seguida ao ver que aquele não seria o sítio certo, tendo em conta a descrição que lhe tinham feito. Assim, Unnur seguiu em frente, caminhando ainda mais do que pensara ser possível, com a mochila a pesar mais a cada passo, e as bolhas a formarem-se-lhe nos pés, até a casa da quinta surgir inesperadamente a seguir a uma curva, na cabeceira do vale. Branca, com o telhado vermelho, como a mulher lhe dissera, destacando-se pelo seu total isolamento no seu outeiro, a única construção visível naquela paisagem vasta e despovoada. Unnur teve a sensação vertiginosa de atingir literalmente o fim do mundo habitado. Era exatamente aquilo que ela procurava.

Ali, ela ia encontrar a paz e o sossego por que tanto ansiava. Podia trabalhar durante o dia e escrever ao serão, sem a interferência de distrações externas. Unnur perguntava-se se eles teriam receção de televisão ali, esperando que não. Uma observação rápida ao telhado revelou-lhe que não havia nenhuma antena.

Duas ou três semanas parecia-lhe o tempo certo. Fora isso que ela combinara com a mulher do agricultor ao telefone. A mulher chamava-se Erla, e, a avaliar pela sua voz e atitude, Unnur ficara com a impressão de se tratar de uma boa pessoa.

A jovem caminhou penosamente até à porta da casa, para depois ter um momento de hesitação antes de erguer a mão e bater. Aquela era a sua última oportunidade de voltar para trás, pensou ela. Mas não havia

certamente qualquer razão para isso, pois não? Bateu à porta e esperou.

Quando a porta se abriu, Unnur viu à sua frente uma mulher de meia-idade, que ficou parada a observá-la durante uns segundos, com ar pensativo, como se estivesse a analisá-la. Por fim, a mulher saudou-a.

— Olá. Bem-vinda. Eu sou a Erla. Entra, entra — convidou ela.

Unnur seguiu Erla para a sala de estar, reparando numa chávena de café sobre a mesa, ao lado de um livro aberto.

— O teu quarto fica no sótão — informou Erla. — As escadas são ali. — Em seguida, após uma pausa, acrescentou: — Mas onde é que eu tenho a cabeça? Queres beber alguma coisa? Um café, talvez? Eu não ouvi o barulho de um carro. Com certeza que não fizeste o caminho todo até aqui a pé, pois não?

— Sim... sim, na verdade, fiz — admitiu Unnur, algo timidamente.

— Essa agora... Então, precisas mesmo de tomar alguma coisa. Gostas de café, não gostas? — perguntou Erla, e Unnur teve a impressão de que «não» seria uma resposta inaceitável.

— Com certeza.

— Então, senta-te. Tenho café quente na cafeteira.

Unnur obedeceu, desembaraçando-se da mochila com alívio e sentando-se no sofá. Olhou em volta da sala, absorvendo os móveis antigos e algo decrépitos, o relógio de pé que parecia não funcionar e as paredes decoradas com pinturas amadoras de paisagens e reproduções de obras reconhecidas. Tudo tinha um ar já gasto e caduco; todavia, o efeito geral era acolhedor.

Erla desapareceu, regressando quase de seguida com o café.

— Aqui tens, querida. Forte, simples e sem açúcar. — Ela fez uma pausa, perguntando a seguir: — Ou preferes com leite e açúcar? Eu posso ir buscá-los.

Unnur abanou a cabeça.

— Está bem assim, obrigada — disse ela.

— Deves estar exausta.

— Foi... hã... um bom exercício — observou Unnur, dando um gole na infusão marcadamente negra e forte.

— Neste momento, estou aqui sozinha — informou Erla. — O meu marido foi a Reiquiavique. Ele costuma ir lá nesta altura do ano. Por isso, há muita coisa para fazer. Não vais ter tempo de te aborrecer.

— Ah, certo, é bom que seja assim. Quero dizer, ter muita coisa para fazer.

— Disseste-me ao telefone que estavas a escrever um livro — continuou Erla, fitando-a com uma intensidade particular.

— Sim, ou estou a tentar, pelo menos. No meu tempo livre.

— Sim, claro, há muito para fazer aqui, mas também há muito tempo disponível. Assim que as tarefas diárias ficam despachadas, a nossa vida é bastante tranquila, a não ser que estejas a pensar ir até à povoação ao final do dia. — Ela sorriu. — Sabe bem termos alguma coisa para nos manter ocupadas. Eu gosto de ler. — Unnur acenou com a cabeça. — Em todo o caso, o teu quarto fica lá em cima. Não é muito grande, mas eu espero que te sintas ali bem. Até agora, ninguém se queixou.

— Obrigada — agradeceu a jovem. — Serve perfeitamente, tenho a certeza. Eu não preciso de muitos confortos materiais.

— Ah, isso é ótimo. Fico muito contente por estares aqui. Este é um sítio solitário, principalmente quando o Einar não está cá. Tenho impressão de que nos vamos dar bem. — Mais uma vez, Unnur acenou com a cabeça. — As refeições são muito tradicionais... Pratos à moda antiga, esse género de coisas. Comida rústica, por outras palavras. — Erla voltou a sorrir. — Vai ser um pouco diferente daquilo a que estavas habituada em...

— Gardabær — disse Unnur, concluindo a frase por ela. — Eu nunca fui esquisita com a comida e, sim, claro, tenho a certeza de que nos vamos dar bem.

IX

— Deve ter sido há cerca de dez anos — começou Jens, franzindo o sobrolho.

Ele e Hulda continuavam reunidos no vestíbulo, com as mãos enfiadas nos bolsos para se manterem aquecidas. O inspetor tinha fechado a porta, mas nem isso impedia uma corrente de ar frio de se infiltrar no espaço. Hulda estremeceu involuntariamente.

Jens refletiu um momento, para depois prosseguir.

— Sim, é isso — confirmou ele —, devem ter passado uns dez anos desde que a filha deles morreu. — Hulda não disse nada, ficando à espera. Ela ainda não confiava na sua voz. — Eu só conheço os antecedentes com base naquilo que ouvi de outras pessoas, mas, por outro lado, as coisas acabam sempre por se saber nestes meios pequenos. Seja como for, a filha deles regressou a casa depois de acabar os estudos e ficou a morar na quinta vizinha. Ao que parece, a Erla ficou muito aborrecida.

— Ah, sim?

— O que constava é que a Erla tinha mandado a filha para uma escola o mais longe possível daqui. Aparentemente, tinha esperança de que a filha ficasse a viver em ReiQuiavique. A própria Erla tinha sido criada na cidade e nunca se sentiu feliz aqui... Eu acho que a maior parte das pessoas sentiria o mesmo. Ela devia estar arrependida de ter saído da capital e queria garantir que a filha beneficiava das oportunidades que ela tinha perdido, está a compreender?

— Sim.

— Só que a Anna tinha a sua vontade própria e não ia deixar que ninguém lhe dissesse o que havia de fazer. Ela adorava a vida do campo, tal como a maior parte de nós que vivemos aqui, pelo que

acabou por voltar. — Hulda acenou com a cabeça. — A Erla odiava o isolamento, os invernos, a escuridão... Sempre que a encontrávamos, isso era evidente. Ela costumava ir à biblioteca requisitar livros antes de o inverno chegar em pleno, e a Gerdur, a bibliotecária, comentou comigo mais de uma vez que era como se ela lidasse com alguém condenado à prisão. Dir-se-ia que a Erla se preparava para cumprir uma pena de trabalhos forçados em regime de isolamento. — O inspetor deteve-se um momento, a refletir. — Eu julgo que, embora a Erla quisesse salvar a filha desse tipo de vida, na verdade, ela estava a tentar salvar a própria vida da filha, mesmo que nem ela nem ninguém o soubesse naquela altura, percebe o que eu quero dizer?

Mais uma vez, Hulda aquiesceu, mesmo não sabendo, obviamente, o que Jens queria dizer.

— Era o Einar? — perguntou ela subitamente, embora não quisesse fazê-lo.

— O quê? O Einar?

— Ela estava a tentar defender a filha do Einar?

— Está a querer dizer...? Não, santo Deus! O Einar não era dessas pessoas. De forma alguma.

Hulda olhou para o chão, com o seu pensamento focado em Jón e Dimma. Talvez, lá no fundo, ela estivesse à espera de que a história de Erla, de Einar e Anna fosse algo similar à sua. Que ela não fosse a única a viver aquela situação.

— Bom, e depois aconteceu a catástrofe — continuou Jens, baixando o tom de voz, como se estivesse relutante em contar a história. — Era inverno, claro. — Ele suspirou. — Os invernos são muito longos aqui, como deve imaginar. Não apenas longos, mas também opressivos devido à neve. Aquilo aconteceu em dezembro, pouco antes do Natal, na realidade. O mau tempo estava no auge. A neve não parava de cair.

Para Hulda era fácil conceber como seriam aquelas condições. Bastava abrir a porta, dar uma espreitadela ao exterior e imaginar a paisagem com um pouco mais de neve.

— Na altura, a Anna estava aqui com os pais. Ela tinha vindo visitá-los e o tempo piorou, obrigando-a a permanecer com os pais. O que se passou foi que a Anna se dirigiu à cave para fazer qualquer coisa e escorregou no gelo, caindo e batendo com a cabeça na quina de um dos degraus de cimento. Os pais não presenciaram o acidente,

mas a Erla encontrou-a não muito depois de ela ter caído, aparentemente. A rapariga estava inconsciente, mas ainda viva, embora tivesse perdido muito sangue. É claro que eles chamaram imediatamente uma ambulância... — A voz de Jens vacilou, e Hulda fez o possível para não o pressionar. — Eu recordo-me... — disse ele, com o olhar absorto — recordo-me perfeitamente da descrição que a Erla me fez. Eles não se atreviam a movê-la, pelo que se ajoelharam na neve, ficando ao lado dela, vendo-a morrer, basicamente. Aquilo demorou muito tempo. Eles tentaram controlar a hemorragia, e iam recebendo instruções pelo telefone, conseguindo fazê-lo até certo ponto, mas isso não bastou. A Erla contou que eles se limitaram a ficar ali uma eternidade, impotentes. O que aconteceu foi que...

— A ambulância não conseguiu chegar lá porque a estrada estava bloqueada. — Hulda terminou a frase por ele, adivinhando o resto.

— Exatamente. A ambulância acabou por chegar, mas teve de esperar que os limpa-neves passassem primeiro. Ainda chamaram um helicóptero, só que a decisão foi tomada demasiado tarde. A Anna já estava morta quando a ambulância conseguiu finalmente chegar à propriedade. O drama nisto tudo é que a vida dela ter-se-ia salvado facilmente se o médico tivesse chegado aqui mais cedo.

— Portanto, foi o isolamento que matou a Anna — murmurou Hulda.

— Sim, segundo sei, foi assim que a Erla encarou sempre aquilo que se passou. Como eu disse, ela já estava bastante desiludida com a vida daqui ainda antes de isto acontecer, pelo que pode imaginar como ela se sentiu depois da morte da Anna. Contudo, em vez de se ir embora, a Erla permaneceu aqui. Ela não quis deixar o Einar. Mas ficou diferente, e tornou-se um tanto estranha.

— De que forma?

— Era como se a Erla se recusasse a aceitar o que tinha acontecido. É claro que não se sabe como ela seria em casa, uma vez que o Einar jamais pronunciou uma palavra sobre o assunto. Para ele, as ações valiam mais do que as palavras. E ele nunca iria fazer comentários sobre a mulher. No entanto, a Erla vinha muitas vezes à povoação e era frequente ela referir-se à Anna como se ela ainda estivesse viva. Ouvi muitas histórias, contadas por diversas pessoas, na biblioteca, na loja, etc. Por vezes, a Erla chegava a dizer que esperava a chegada da Anna para mais tarde e que estava a fazer compras por causa da visita

dela, coisas desse género. Não me parece que muita gente tivesse coragem de a corrigir, o que me faz pensar que ela estava convencida de que a Anna não tinha morrido. A Erla criou um mundo alternativo na sua cabeça e vivia nele, em paralelo com o mundo real. — Após um momento, Jens acrescentou: — E quem pode censurá-la?

Hulda tentara escutar a história com objetividade profissional; no entanto, de cada vez que o inspetor dizia o nome de Anna, era a imagem de Dimma que ela via. E, agora, apenas conseguia pensar na possibilidade assustadora de ela própria, Hulda, poder vir a ter o mesmo destino de Erla; de que se refugiasse em algum recanto da sua mente para escapar, mesmo que por breves instantes, à dor insuportável que a perseguia como uma sombra desde aquele terrível momento no dia de Natal.

X

As suas memórias do funeral de Dimma estavam em parte esbatidas numa névoa, e em parte excessivamente vívidas, como que refletindo os seus desejos antagónicos de recordar e de esquecer. Naquele que fora um dos piores dias da sua vida, o tempo, como que num abraço de empatia, estava dolorosamente frio. A neve caía em rajadas intermitentes, e um vento feroz e tumultuoso fazia-se sentir, como era expectável no penúltimo dia do ano. Hulda estivera com o padre dois dias antes, para percorrer com ele os principais momentos da vida da filha, mas o encontro terminara abruptamente quando ela sucumbira, demasiado oprimida pela dor para poder continuar. Aquela era a primeira vez que ela falava com o padre. Como a família não era frequentadora assídua da igreja, a missão de conduzir o funeral da filha fora entregue a um estranho. Não é que isso importasse. Nada importava agora.

O padre fizera a devida alocução durante o funeral, mas Hulda não se lembrava do que ele dissera, já que não lhe prestara atenção. Em vez disso, dera por si a pensar na alocução que um dia seria proferida no seu próprio funeral, quando quer que isso fosse.

Embora estivesse sentada no banco da igreja ao lado de Jón, havia uma parede invisível e impenetrável entre os dois. Ambos sabiam que a morte da filha era inteiramente culpa dele. Aquilo que ele lhe fizera era tão imperdoável que não se podia pôr em palavras.

Por vezes, Hulda desejava que Dimma tivesse deixado uma nota de suicídio, mas havia outras alturas em que se sentia aliviada por isso não ter acontecido. Sem dúvida que essa carta teria sido uma acusação severa a ambos os pais: a Jón, pelos seus crimes, e a Hulda, pela sua complacência.

À medida que o caixão descia à terra, naquele dia de frio cortante, as lágrimas de Hulda faziam derreter a neve aos seus pés, e o uivo do vento repercutia o grito dentro de si.

XI

Era quase meia-noite. Hulda e o inspetor Jens estavam novamente a fazer a viagem de regresso à povoação no grande veículo da polícia. Embora ainda caísse alguma neve, os flocos eram mais líquidos e não se acumulavam, o que tornava a estrada mais fácil de enfrentar.

Na mente de Hulda, continuava a surgir a imagem de Unnur, a rapariga desaparecida, enquanto ela se tentava convencer de que a jovem ainda podia estar viva, que talvez fosse possível salvá-la. Tinha simplesmente de acreditar nisso.

Hulda temia a noite que se avizinhava. As noites eram sempre mais problemáticas. O seu sono era irregular; na melhor das hipóteses, perturbado por sonhos febris; no entanto, o pior eram as horas em que ela permanecia acordada, com a cabeça a debater-se na almofada, sozinha com os seus pensamentos implacáveis. Era nessas alturas que Hulda se sentia prestes a perder o controlo.

Nesse momento, a noite aproximava-se a uma velocidade inexorável. Hulda teria preferido permanecer na casa à espera de notícias, entretendo-se a conversar com Jens. Dessa forma, seria até capaz de dormir um pouco e recarregar baterias.

— Já tem alguma ideia formada? — perguntou o inspetor, com a voz pouco perceptível sobre o rugido do motor e o vento que fustigava os vidros.

Hulda tinha de reconhecer que faltava esclarecer muita coisa. A julgar pelos indícios no local do crime, não lhe sobravam muitas dúvidas de que uma terceira pessoa matara tanto o marido como a sua mulher, por razões ainda obscuras. Eles tinham igualmente apurado que havia outra pessoa com eles na casa, e que tudo apontava para que essa pessoa fosse Haukur Leó. De outro modo, como se explicava

que o carro dele estivesse abandonado ali? As questões sem resposta eram: o que lhe teria acontecido, e que motivos tinha ele para atravessar o país até àquele ponto remoto, precisamente antes do Natal?

Unnur.

A razão não podia ser outra. Ele só podia andar à procura da filha. Mas porquê ali?

Unnur teria alguma ligação ao casal da quinta? No inquérito inicial que se seguiu ao seu desaparecimento, nada apontara para isso, embora a busca tivesse sido muito exaustiva e cada possível pista tivesse sido seguida.

Não, não havia qualquer ligação. Excetuando a estranha coincidência de a filha do casal ter uma semelhança impressionante com Unnur. Seria possível existirem laços de parentesco entre eles?

Ela tinha de telefonar à mãe de Unnur assim que chegassem à povoação, embora já fosse tarde. Talvez ela pudesse lançar alguma luz sobre o motivo que levara o marido a deslocar-se a uma quinta remota no leste da Islândia, a uma distância de 600 quilómetros da sua casa. Além disso, a mãe de Unnur tinha todo o direito de saber que o carro de Haukur Leó fora encontrado.

*

Hulda estava sentada na cama da pequena pousada onde lhe fora reservado um quarto. Era asseado, embora bastante frio, como se o proprietário fosse demasiado avarento para aquecer devidamente os quartos.

Ela procurou o número da mãe de Unnur na lista telefónica. Depois de deixar passar uns momentos, para se preparar, decidiu-se a marcar o número. O telefone tocou repetidas vezes até a pobre mulher atender, com a voz enrouquecida pelo sono e a ansiedade.

— Boa noite, fala Hulda Hermannsdóttir, do Departamento de Investigação Criminal — disse ela formalmente, mesmo não havendo verdadeira necessidade de fornecer o nome completo, sendo ela uma visita frequente da casa do casal no período que se seguiu ao desaparecimento de Unnur.

— Hulda? Boa noite...

Hulda ouviu a inspiração brusca da mulher quando esta imaginou o

que aquilo podia significar.

— Peço desculpa por telefonar tão tarde. É por causa do seu marido, Haukur Leó... Nós encontrámos o carro dele.

— Como? Encontraram o carro? Mas ele... encontraram o meu marido?

— Não, ainda não. Vamos iniciar uma busca logo de manhã.

— Onde... onde estava o carro? — indagou a mulher, com as lágrimas a embargarem-lhe a voz.

— No Leste — disse-lhe Hulda, fazendo-lhe uma descrição mais detalhada da localização de seguida.

A perplexidade da mulher era óbvia.

— O quê... Porque... Mas o que fazia ele aí? Não consigo compreender.

— Algum de vocês tinha alguma ligação a esta zona? O carro foi encontrado perto da quinta de um casal. Os nomes deles são Einar e Erla. Dizem-lhe alguma coisa?

— Nós... nós não temos família no Leste. Eu nunca... nunca ouvi falar dessas pessoas.

— Para nós, é útil saber isso. Estamos a correr contra o tempo para tentar lançar alguma luz sobre esta questão. Tudo indica que o carro se encontrava ali desde antes do Natal.

— E a Unnur... há alguma...?

— Neste momento, não existe nada que sugira que a Unnur esteve aqui — indicou Hulda. — Mas é claro que estamos a tentar descobrir se existe alguma hipótese de isso ter acontecido.

— Sim... está bem... Eu posso telefonar-lhe se...?

— Pode entrar em contacto com a esquadra de polícia aqui da povoação. Mas fique descansada, porque eu informo-a assim que souber de alguma coisa. — Hulda deu-lhe o número de telefone.

— Está bem... está bem... Obrigada. — A mulher deixou escapar um suspiro trémulo.

— Boa noite. Eu mantenho-a informada.

Hulda estendeu-se na cama, fechou os olhos e foi imediatamente confrontada com a imagem de Dimma.

Ela já sabia que não ia pregar olho naquela noite, e também sabia que não estava sozinha. Do outro lado do país, a mãe de Unnur iria igualmente permanecer acordada ao longo daquelas horas escuras e solitárias.

XII

Como ela temia, Hulda mal passara pelo sono quando foi acordada pelo telefone da mesinha de cabeceira, de manhã cedo.

— Hulda, é o Jens. Espero não a ter acordado. Parece que foi encontrado algo bastante estranho atrás da casa, na quinta. A equipa de busca descobriu uma pá que a neve não chegou a cobrir. Tudo indica que alguém andou a cavar ali.

— O quê? Há alguma explicação para o facto?

— Não, mas nós estamos a trabalhar nisso. É claro que o chão está duro devido ao gelo. Mas quem quer que esteve a tentar escavar ali não foi muito longe.

— Terá alguém planeado enterrar ali os corpos?

— Ou isso ou tentou desenterrar alguma coisa — aventou o inspetor. Ele falava num tom grave. — Não sei se a Hulda se recorda, mas havia uma pilha de pás num canto da cave, embora as outras ferramentas estivessem arrumadas com cuidado. Dá ideia de que alguém foi buscar uma pá à pressa e derrubou as restantes, acidentalmente.

Hulda ficou em silêncio. Ela ainda não conseguia assimilar completamente aquele último desenvolvimento.

O quadro global continuava a escapar-lhe; porém, tudo podia tornar-se mais claro, desde que ela conseguisse interligar as várias pistas.

XIII

Unnur estava sentada no seu quarto no sótão. Era tarde e lá fora a noite já tinha caído; naquela altura do ano, a escuridão era deprimentemente rápida a voltar, depois de estar ausente durante todo o verão. A jovem continuava a trabalhar de modo diligente no seu livro e, embora não tivesse bem a certeza de que a narrativa seguia o rumo pretendido, tranquilizava-se a si própria com o pensamento de que podia solucionar isso mais tarde. Ela não tencionava deixar que alguém o lesse por enquanto, e, de qualquer forma, só estavam ali as duas. Einar, o marido de Erla, ainda continuava em Reiquiavique.

— Anna — ouviu Erla a chamar do piso de baixo. — Anna, o café está pronto. — Unnur ficou ligeiramente perplexa. Teria chegado alguma visita sem que ela desse por isso? — Anna! — voltou Erla a chamar, um pouco mais alto desta vez.

Unnur levantou-se da mesa para descer ao piso de baixo; porém, ficou hesitante. Talvez fosse melhor permanecer ali e fazer de conta que não tinha ouvido, porque ela podia jurar que não estava mais ninguém em casa.

Erla chamou mais uma vez:

— Anna, podes vir aqui?

Unnur abandonou o quarto e desceu as escadas. Ao chegar ao último degrau, deparou com Erla à sua frente.

— O que estavas a fazer lá em cima? — perguntou Erla, com um sorriso atordoado. — Porque não estavas no teu quarto? — Ela segurava uma chávena de café na mão e parecia perfeitamente normal.

Unnur sentiu um calafrio a percorrer-lhe a espinha.

— Erla... eu...

— Deixa lá, vem comer uma fatia de bolo. Se calhar, podíamos jogar

uma partida de cartas, o que dizes? E também pus uma garrafa de Coca-Cola no frigorífico. É melhor acabar com ela antes de o teu pai voltar para casa. Não é bom para a dieta dele. — Mais uma vez, aquele sorriso.

XIV

Unnur tinha desistido de tentar forçar a saída do quarto, pelo menos por agora. Ela sentia um medo terrível de Erla; havia um brilho estranho e inconstante nos olhos dela que sugeria que a mulher era capaz de qualquer coisa. Por alguma razão inexplicável, Erla teimava em tratá-la por Anna e ficava fora de si de cada vez que Unnur tentava explicar-lhe que não sabia quem era Anna; que o seu nome era Unnur e que ela era apenas uma rapariga de Gardabær que estava a fazer uma viagem pela Islândia.

Depois, certa manhã, Unnur despertara com o som da porta do quarto a ser trancada pelo exterior.

— Anna, eu não posso deixar-te partir — dissera Erla vezes sem conta.

Unnur agarrava-se à esperança de que Einar a viria salvar, partindo do princípio de que ele existia realmente. Decidira que, até ele regressar, seria melhor não afrontar Erla. Tinha liberdade para comer e ir à casa de banho; contudo, Erla levava sempre uma faca para a obrigar a voltar para o quarto e fechá-la de novo.

Escusado seria dizer que não era isto que Unnur planeava. A aventura da sua vida transformara-se num filme de terror.

Ainda assim, Unnur era resiliente por natureza e não ia deixar que aquilo a derrubasse. Ela tinha de se manter forte. Escrevia freneticamente, e o seu romance estava verdadeiramente a ganhar forma. Com um otimismo inato, ela continuava a dizer a si própria que tudo iria acabar por se resolver; porém, lá no fundo, estava aterrorizada. Ocorrera-lhe que podia tentar fugir da próxima vez que Erla destrancasse a porta, mas não sabia se conseguiria ir muito longe. A única via de fuga era a estrada para a povoação; porém, era mais do que sabido que uma mulher do campo robusta como Erla dispunha da forma física necessária para a apanhar. E não havia propriamente vizinhos nas redondezas de quem ela se pudesse

valer. Embora ainda fosse outono, o tempo tornara-se cinzento e sombrio, com a chuva gelada a cair dias a fio. Ela estava no meio do nada e tinha pavor de se perder ou de morrer de hipotermia, caso se precipitasse para o coração da natureza selvagem.

Tomara a decisão, apenas para jogar pelo seguro, de escrever uma carta aos pais. Ainda tinha muitas folhas no seu caderno, a par de vários envelopes na mochila, já que tencionara escrever-lhes regularmente ao longo da viagem. Assim que acabou de escrever a carta, Unnur introduziu-a num envelope, escondendo-o entre os livros na prateleira, tendo esperança de que aí Erla não o encontrasse. Se os seus piores temores se concretizassem, talvez a carta chegasse aos seus pais um dia...

XV

Hulda tomava o pequeno-almoço na pousada com os seus colegas dos serviços forenses, contando ainda com a companhia de Jens, que ia bebericando um café simples enquanto eles comiam. Eles mantiveram-se em silêncio a maior parte da refeição, apenas comentando de vez em quando um ou outro aspeto do caso. Hulda tinha uma forte suspeita em relação ao que eles iriam encontrar no terreno atrás da casa; no entanto, queria evitar verbalizá-lo, como se isso permitisse adiar o inevitável.

— Bom, está na altura de nos pormos a caminho, não? — sugeriu Jens, sem parecer apressado.

Já passava das 8 horas, mais de uma hora depois de Hulda ter sido acordada pelo telefonema dele. Ao ouvir o telefone a tocar na receção nesse momento, ela teve a intuição de que seria para eles.

Hulda assentiu com a cabeça, mesmo sentindo uma enorme relutância em regressar ao local do crime depois de ter sido posta a par dos desenvolvimentos mais recentes.

— Sim, acho que devíamos ir andando — disse ela. — Eles já começaram a procurar o Haukur Leó?

— Suponho que sim. E também devem estar a fazer escavações na casa da quinta.

— Peço desculpa, Jens. Uma chamada para si — disse o dono da pousada, que se aproximara deles sem ninguém dar por isso.

— Para mim? — Jens arrastou ruidosamente a cadeira para trás e levantou-se.

Hulda permaneceu sentada, mas conseguia ouvir a voz dele na receção.

O inspetor voltou quase de seguida.

— Encontraram um corpo atrás da casa — anunciou ele. Hulda não proferiu uma palavra. Ela já sabia o que vinha a seguir. — Eles acham que é a rapariga que desapareceu, a Unnur.

Hulda foi inundada por uma onda de desespero.

Ela depositara todas as suas esperanças em conseguir salvar Unnur de alguma maneira, embora a um nível subconsciente soubesse sempre que isso não passava de uma fantasia, seguramente. Apesar disso, aquela notícia quase parecia uma repetição tenebrosa do que acontecera no Natal.

Alguém assassinará Unnur. Hulda estava certa de que assim era, mas também tinha o pressentimento de que o culpado, quem quer que fosse, já pagara o seu preço.

Quando Hulda e Jens chegaram à quinta, foram informados de que o exame inicial aos restos mortais da jovem revelava a existência de ferimentos indiciando uma morte violenta.

Não se registava qualquer abrandamento na queda de neve, e o vento redobrava de força, tornando impossível estar ao ar livre durante muito tempo.

A casa parecia diferente à luz da manhã, mas, apesar do frio, Hulda estava extremamente renitente em voltar a entrar, se conseguisse evitá-lo. Já lhe tinham mostrado os restos mortais e a campa rasa, com a terra a criar uma mancha dissonante na neve em redor. Nesse momento, o corpo estava a ser levado para a casa a fim de ficar a salvo dos elementos.

Portanto, Unnur estivera ali todos aqueles meses numa sepultura desconhecida, num lugar onde ninguém se lembraria de ir procurá-la, nem num milhão de anos.

Hulda perguntava-se se podia ter feito alguma coisa diferente durante a investigação no outono passado. Teria ela negligenciado algum aspeto que a pudesse ter colocado no trilho certo? Ou todos os esforços teriam sido inúteis desde o início, porque a rapariga já estava morta quando o inquérito foi aberto?

Repreendeu-se a si própria, pois alguma pista tinha de facto passado ao lado, tendo em conta que o pai de Unnur chegara até àquele local.

Mas como fizera ele isso?

Hulda questionava-se se ele teria estado envolvido na morte de Unnur. Era apenas nisso que ela conseguia pensar agora.

— Isto só tende a piorar. Nunca vi uma coisa assim — resmoneou Jens, quando os dois procuraram abrigar-se do frio no carro da polícia. — E logo na minha área — acrescentou ele, com um suspiro profundo.

O médico que tinha vindo na ambulância dissera-lhes que, na sua opinião profissional, era impossível que a morte da jovem tivesse ocorrido na mesma altura que as do casal. Ela teria de ter sucedido semanas, ou até meses, antes. Mas só se poderia dispor de dados mais precisos após um exame minucioso. Nesse sentido, para já, Hulda punha de parte o cenário em que Haukur Leó fosse o autor dos três homicídios: de Einar, de Erla e da própria filha. A ideia seria absurda, de qualquer forma, já que ele devia ter ido ali à procura dela, logicamente.

Do mesmo modo, Hulda tinha de levar em consideração a pá abandonada na horta atrás da casa. Era evidente que alguém tentara abrir uma cova lá, embora a pá por si só não tivesse muito impacto na terra gelada.

Pouco a pouco, uma história ia germinando na sua cabeça. Unnur, que planeava passar um ano a viajar pela Islândia, devia ter ido parar àquela quinta remota por acaso, sem outra ideia no pensamento senão passar uns dias agradáveis. Hulda lembrava-se de o inspetor Jens lhe referir que o casal recebia jovens ocasionalmente, oferecendo-lhes alojamento e refeições em troca de trabalho. Por alguma razão desconhecida, a visita dela tivera um desfecho dramático.

— Pobre rapariga — proferiu Hulda, após um longo silêncio.

— Ele veio à procura dela, não foi? O homem do *Mitsubishi*. À procura da filha...? — Hulda assentiu. — E o resultado foi um banho de sangue — concluiu Jens.

— Talvez o casal se tenha recusado a dizer-lhe onde ela estava — conjecturou Hulda — ou... — Ela deteve-se a refletir por um momento, e depois continuou, falando mais para si própria do que para Jens. — Talvez eles lhe tenham confessado que haviam matado a filha dele e lhe tivessem dito onde ela estava... É impossível saber como alguém reagiria a uma notícia destas. Repare, Jens, mesmo a pessoa mais

comum pode... perder o controlo sobre si própria em circunstâncias tão extraordinárias como esta.

XVI

— Erla, tem de me dizer o que lhe aconteceu — pediu Leó, e ela sentiu o temor e desespero na sua voz.

No entanto, era Erla que devia estar assustada, era ela quem estava terrivelmente assustada.

— O que... o que...? — Parecia que não conseguia articular as palavras, que não conseguia delinear sequer um pensamento coerente na sua cabeça. A maldita névoa que pairava sobre ela tornava-lhe impossível pensar com lucidez.

— Sabe do que eu estou a falar, Erla. Isto tem de parar! Eu tenho de a encontrar! Tem de me dizer! Vai ter de me dizer, Erla!

Ela limitou-se a ficar ali, qual estátua. Quando ele a soltou, ela recuou uns passos, mas sabia que não tinha defesa, que estava encurralada como um animal enjaulado.

— Aquilo... aquilo descontrolou-se, compreende? — explicou Leó. — Nunca foi minha intenção... fazer mal ao seu marido.

— Ele está morto — proferiu ela num tom inexpressivo, e sentiu as lágrimas a rolar-lhe de novo pelas faces.

Na verdade, aquelas palavras não eram destinadas a Leó; ela precisava de as dizer em voz alta para se lembrar de que aquilo tinha acontecido, para tentar destrinçar a realidade da ilusão. Einar estava morto. Isso era real — agora, ela sabia-o. E Anna... Anna... Ela também estava morta. Era como se um véu se levantasse e Erla conseguisse lembrar-se de tudo com uma clareza inesperada. As lágrimas eram para ambos.

— Sim, mas tratou-se de um acidente, Erla. Eu não o queria ferir. Ele tinha uma faca e eu estava assustado. Tudo aquilo escapou ao meu controlo. Eu estava aterrorizado a pensar que ele me ia atacar com a faca... Nunca fiz nada assim em toda a vida, mas foi em legítima defesa,

apenas em legítima defesa.

Erla assentiu com um ar apático. Agora, nada iria trazer Anna e Einar de volta.

Ela tinha de assumir as consequências do que fizera. Talvez fosse melhor responder às perguntas do homem enquanto era capaz, enquanto tudo estivesse presente na sua memória... Porque agora, de repente, ela recordava-se de tudo o que se esforçara por esquecer. Ali, na escuridão da cave, ela não tinha outro remédio senão encarar a verdade.

— É dela que anda à procura... da Unnur? — perguntou Erla, com a hesitação subitamente ultrapassada.

— Sim, sim! Por amor de Deus! Eu ando à procura da minha filha. E a Erla sabe onde ela está, não sabe?

— Ela veio para cá trabalhar.

— Eu sei. Ela enviou-me uma carta, mas ela só chegou há uns dias. Deve ter sido a carta que o seu marido disse que tinha ido deixar ao correio.

Erla assentiu.

— É verdade — confirmou ela. — Eu ignorava isso. Não fazia ideia...

— O que aconteceu à Unnur?

— O Einar nunca chegou a saber. Não tinha de o matar.

— Foi um acidente, juro!

— E eu não queria fazer mal à Unnur, eu...

Ele voltou a agarrá-la, desta vez pelo pescoço. Erla não resistiu quando sentiu os dedos dele a apertarem até ela começar a arfar ruidosamente com falta de ar. De uma maneira estranha, aquela dor era bem-vinda. Ela não queria enfrentar mais nada...

— Erla, diga-me, diga-me! Ela está viva?

O olhar de Erla foi ao encontro do dele, apesar de ela estar prestes a perder os sentidos. Leó abrandou a força com que a agarrava; nos seus olhos havia uma centelha de esperança.

Porém, Erla extinguiu-a.

— Não, ela morreu. Sinto muito. — As mãos dele pressionaram-na de novo. — Eu não queria que ela se fosse embora. — Erla sufocava sob aquela tenaz estranguladora. — Ela ia abandonar-me, Leó. Outra vez. Ia abandonar-me outra vez. A minha Anna.

— O que significa isso da Anna? Endoideceu? Porque imaginou que a Unnur era ela? — Ele aliviou de novo a sua pressão, apenas o suficiente para lhe permitir falar.

— A Anna era a minha filha — explicou ela com a voz rouca. — A Unnur foi-me enviada porque a minha Anna partiu. Elas eram tão parecidas... Eu estava sempre confusa e a pensar que a Anna tinha voltado; na verdade, estava convencida disso. Pensei que me haviam dado outra oportunidade, e isso deixava-me muito feliz, embora eu não compreendesse realmente o que estava a acontecer. É que o Einar não estava cá. E, por vezes, eu não consigo aguentar estar sozinha aqui, sinto que estou a andar à deriva... pelo que pensei que ela era a minha Anna. Mas, depois, ela disse-me que se ia embora... — A voz de Erla vacilou. Quando ela voltou a falar, as palavras saíam-lhe num tom fino e plangente. — Ela ia deixar-me novamente, mas eu não suportava perdê-la pela segunda vez. Recusei deixá-la partir. — Erla inspirou o ar num som sufocado. — Aquilo aconteceu, simplesmente. Houve uma luta, lembro-me disso, e depois, não sei como, ela estava morta. Ela morreu e deixou-me outra vez. Acho que me lembro de ver algum sangue, mas é tudo muito confuso... Mais tarde, atirei a mochila dela ao mar, assim que surgiu a oportunidade, quando fui à povoação requisitar livros à biblioteca... — Os dedos dele estreitaram-se convulsivamente de novo. Esforçando-se por respirar, Erla acrescentou, com a voz sufocada: — Eu sabia que o Leó tinha vindo procurá-la. Senti isso quando chegou. Embora eu tivesse posto uma pedra sobre tudo aquilo. Não suportava lembrar-me disso...

— Onde está a minha filha? Como é que pôde matá-la? Como pôde?! — A voz de Leó embargou-se e as últimas palavras saíram-lhe impregnadas de lágrimas. — Onde está ela?

— Eu enterrei-a nas traseiras da casa, na horta. Não podia fazer outra coisa. Tinha de impedir o Einar de vir a saber.

A tenaz mortal apertou-se de novo em volta da garganta dela e Erla sentiu a consciência a esvaír-se.

Já não conseguia aguentar mais.

XVII

Hulda avistou um homem que não conhecia, envergando o uniforme laranja da equipa de salvamento, a correr em direção ao carro da polícia por entre a espessa cortina de flocos de neve. Deu um toque ao de leve com o cotovelo em Jens, que não estava a vê-lo, e saiu do carro.

O homem respirava a custo e, quando finalmente conseguiu falar, fê-lo com a voz agitada.

— Nós já... — Ele recobrou o fôlego e recomeçou: — Já o encontrámos. Ou, pelo menos, acho que o encontrámos.

Como vou contar à mulher dele? Este foi o primeiro pensamento que passou pela cabeça de Hulda. *Como posso dizer-lhe que encontrámos o marido e a filha... e que ambos estão mortos?*

Era-lhe tão penoso ter aquela conversa que, por momentos, chegou a ponderar pedir a outra pessoa que se encarregasse disso. Já não conseguia lidar com mais dor e tragédia.

— Morto? — perguntou ela, embora isso fosse óbvio.

— Como? Sim, claro, é o corpo de um homem. Eu levo-os lá. Não fica muito longe da quinta, o que nos leva a pensar que ele se deve ter perdido e seguiu na direção errada. É capaz de ter andado em círculos. Acontece muito quando as pessoas não têm experiência.

Jens também tinha saído do carro.

— Nós vamos atrás de si — disse ele ao homem da equipa de salvamento, num tom invulgarmente decidido.

Hulda estava parada, com os olhos ligeiramente cerrados por causa da neve, sentindo-se profundamente grata por estar com a equipa de

salvamento, já que nunca iria ser capaz de encontrar o caminho para a casa se tivesse ido ali sozinha. O ar enchia-se de milhares de flocos de neve que se dispersavam em todas as direções. Naquelas condições, seria incrivelmente fácil alguém perder-se. Teria sido certamente assim que Haukur Leó encontrara a sua morte.

Sozinho, numa tempestade de neve, longe da civilização.

Com duas mortes na consciência, quase de certeza.

O corpo dele jazia na neve, e a sua mochila não estava muito distante.

Por muito trágica que fosse a imagem da pobre mulher de Haukur Leó a aguardar a sua chegada em casa, não se podia fugir ao facto de que ele teria sido condenado por duplo homicídio se estivesse vivo.

Para Hulda, o homem era um perfeito desconhecido, embora ela se tivesse encontrado com ele diversas vezes no âmbito da investigação, num período difícil da vida dele e da mulher. Porém, a um nível mais profundo, Hulda sentia que o tinha conhecido bem. Enquanto observava o seu corpo sem vida, era invadida por uma poderosa onda de sentimentos. Numa breve sucessão, ele fora vítima de uma tragédia indescritível, vira-se enredado naqueles acontecimentos traumáticos e, finalmente, perdera a vida sem chegar a encontrar a filha, embora aparentemente tivesse suspeitado onde o corpo dela fora enterrado.

Mesmo que ele tivesse assassinado duas pessoas, Hulda não tinha a sensação de estar perante o corpo de um assassino impiedoso.

A vida não era assim tão simples; a linha entre o bem e o mal não estava assim tão bem definida.

— Há duas ou três coisas que lhe queremos mostrar — disse um dos colegas dos serviços forenses a Hulda.

O corpo de Haukur Leó já fora removido e levado para exames ulteriores, a par da mochila dele. Nesse momento, eles estavam sentados na casa da quinta. A noite já tinha caído, trazendo com ela uma ligeira melhoria do tempo; embora o vento ainda se fizesse sentir em rajadas fortes, a neve parara, pelo menos.

— Encontrámos uma faca manchada de sangue na mochila dele. — O homem mostrou-lhe a faca, já devidamente selada num saco de plástico transparente.

— Parece que tudo indica que essa foi a faca utilizada para matar o

Einar — afirmou Hulda.

— Bom, é claro que nós temos de prosseguir com os nossos testes — retorquiu o homem —, no entanto, aqui para nós, eu acho que isso não levanta dúvidas, dadas as circunstâncias. — Hulda assentiu. — Ele também tinha um molho de chaves desta casa.

— E a terceira coisa que referiu?

— Veja. — Ele estendia-lhe outro saco de provas de plástico. — Encontrámos esta carta. Tenho a certeza de que a Hulda a vai considerar esclarecedora.

XVIII

Queridos pais,

Sinto-me tão assustada. Como eu desejava estar em casa convosco.

Esta carta pode nunca chegar, mas eu não tenho outra maneira de vos enviar uma mensagem. Vou escondê-la aqui, entre os livros.

Tenho esperança de a levar comigo, se conseguir sair daqui com vida.

Ela trancou-me aqui dentro. Chama-se Erla e vive aqui. Eu estou no leste do país. Junto o anúncio que encontrei na estação de serviço em Kirkjubæjarklaustur. Ele tem informações sobre como chegar à quinta. Isto fica no meio do nada, e a mulher enlouqueceu.

Estou trancada num quarto no sótão.

Ela está sempre a tratar-me por Anna e não me deixa sair daqui. Eu não sei porquê. Não lhe fiz nada.

Eu sei que vocês não queriam que eu fizesse esta viagem, e arrependo-me de não vos ter dado ouvidos. Não me atrevo a tentar fugir, porque ela está sempre a ameaçar que me mata, dizendo que não me quer perder.

É claro que eu sei que é provável que vocês não cheguem a ver esta carta, mas sinto-me melhor só de a escrever. Tenho a sensação de que os dois estão muito perto de mim e que me hão de salvar de alguma maneira.

XIX

Haukur Leó acreditava que tinha encontrado o local mais provável. Nas traseiras da casa, escondida pela neve, parecia existir uma espécie de horta.

Ele lançara-se naquela viagem à procura da filha, receando não chegar a encontrá-la, mas temendo ainda mais obter a confirmação de que ela estava morta. Só que ele tinha de saber a verdade, urgência que partilhava com a sua mulher... Desde que Unnur desaparecera, os dois não falavam noutra coisa senão na necessidade desesperada de saber o que lhe tinha sucedido.

Eles asseguravam um ao outro que era melhor saber o pior do que viver a receá-lo; contudo, naquele momento, Leó tinha dúvidas de que assim fosse. Naquele momento, ele sabia, ou julgava saber, que Unnur não só estava morta como fora assassinada, e era tão horrendo constatar isso que ele não conseguia raciocinar com clareza ou decidir o que fazer. Era como se um buraco sem fundo se abrisse aos seus pés, como se ele se tivesse transformado numa pessoa diferente. Ele era boa pessoa, ou tinha sido, mas o desespero modificara-o... Ao receber a carta, ele não conseguira acreditar no que os seus olhos liam. Estava em casa quando a tinham inserido na caixa do correio. Nos tempos que corriam, era mais frequente ele trabalhar em casa porque se tornava difícil estar ao pé dos colegas no escritório. Quando a carta de Unnur chegara, precisamente antes do Natal, as palavras da filha pareceram-lhe absolutamente irreais.

Durante um momento de incredulidade, ele convencera-se de que Unnur estava viva e de que o pesadelo chegara ao fim; que o seu desaparecimento tinha sido voluntário e que a filha lhes escrevia agora a comunicar que estava tudo bem. Estava prestes a pôr-se em pé de um salto e a correr para o telefone para ligar para o emprego da mulher quando reparara na data

da carta.

O tempo parara. Com uma sensação de desmaio, enquanto as forças pareciam faltar-lhe, ele não conseguira ler muito de início; porém, quando o fizera, percebera que a carta era um pedido de socorro. Que Unnur não tivera forma de enviar quando escrevera.

Era evidente que Unnur estava aterrorizada. Haukur Leó lera e relera a carta, dominado por uma raiva e um ódio incontrolláveis por uma mulher chamada Erla. A carta estava datada de finais desse outono, não muito depois de ele e a mulher terem perdido o contacto com a filha. Desde então que não recebiam notícias dela.

Leó recordava-se de Einar referir casualmente que levava uma carta para o correio, acreditando que fora deixada lá acidentalmente por uns rapazes que tinham estado na quinta no último verão. No entanto, devia ser a carta de Unnur. Tornara-se claro para ele que Einar não tinha nada a pesar-lhe na consciência, desconhecendo em absoluto que Unnur estivera naquela casa.

Depois de ler a carta, Haukur Leó decidira ir à procura da filha. Nem parara um segundo para pensar. E, agora, ele concluía que aquela fora uma decisão insensata. Ele devia ter ido direito à polícia, claro. Em vez disso, pegara na mochila, onde guardara a sua faca de caça, apenas para jogar pelo seguro, não sabendo como iria ser acolhido, a par de uma bússola e dinheiro. Unnur tinha juntado um folheto com informações precisas sobre o caminho para a quinta. Feitos esses preparativos, ele partira no seu Mitsubishi para uma longa travessia da Islândia, marcada pela escuridão, sem dizer uma palavra à mulher. Na altura, afinal, a relação entre os dois era cada vez mais marcada pelo silêncio. Havia muito pouco para os dois conversarem naqueles dias.

Nesse momento, ao olhar para trás, Leó perguntava-se o que lhe passara pela cabeça. Bom, por um lado, ele não queria criar falsas esperanças à mulher e, por outro, ele sentia um desejo incontrollável de acertar contas com a mulher da quinta. Estava louco de fúria. Ainda o estava agora. Inundado por uma raiva amarga. As palavras eram desadequadas para descrever a intensidade dessa raiva. Já não se reconhecia a si próprio.

A viagem para leste tinha corrido melhor do que ele contava, apesar do tempo invernososo. Leó conduzira ininterruptamente, ultrapassando o limite de velocidade ao longo do percurso, arriscando continuamente a vida na estrada de uma faixa que se desenrolava à sua frente, seguindo

interminavelmente em direção ao Leste. Se calhar, teria sido melhor que a polícia o tivesse intercetado, já que ele seria obrigado a explicar-lhes qual era o seu destino, e cairia em si.

No entanto, parecia que tudo conspirava para o levar por aquele caminho. Hora após hora, estimulado pela fúria e pela esperança, ele seguiu por aquela estrada ao longo da imensa noite de inverno, atravessando as terras vazias das planícies glaciais e passando apenas esporadicamente por luzes de quintas remotas, até ser finalmente apanhado pelas quedas de neve no Leste e ter de reduzir a sua velocidade temerária. O dia já tinha nascido, com o despontar da madrugada cinzenta, quando ele chegara ao desvio. As condições da estrada, que haviam sido razoáveis até então, pioraram radicalmente quando ele abandonara a Hringvegur. Mais à frente, o caminho acabara por ficar bloqueado por bancos de neve impossíveis de transpor, levando-o a cometer a imprudência de tentar contorná-los, e acabando por ficar com o carro atolado. Depois disso, só lhe restava a opção de prosseguir o caminho a pé.

Ao sair do carro, a força do vento chocara-o, mas Leó estava bem equipado e tinha uma ideia aproximada da distância que o separava da quinta. Tudo o que ele tinha de fazer era seguir os postes de sinalização. No entanto, isso revelara-se mais difícil de concretizar do que parecera, já que eles estavam muito espaçados e o vento levantava nuvens de neve solta, quase como se os flocos caíssem do céu. Se o tempo estivesse ainda pior, ele podia ter-se perdido, mas a sorte, que já lhe permitira chegar em segurança àquele ponto, não o abandonara. Leó começara por avistar uma casa. Durante algum tempo, à medida que a casa ficava mais próxima, queria acreditar que se tratava da quinta que procurava; porém, ao vê-la mais de perto, percebera que estava abandonada e que não tinha caminhado tanto como julgara. Quando chegou finalmente à casa da quinta, não precisou de fingir um estado de exaustão. Avistara-a ao contornar a curva, com a luz a brotar das janelas e a projetar-se na neve como se se tratasse de um postal de boas-festas, embora ele soubesse que não era esse o caso. Leó sabia que algo de horrendo acontecera ali. A única coisa sobre a qual não tinha a certeza era se Unnur ainda estava viva. Aquela era a grande questão. Por isso, ele tivera de fazer uma abordagem prudente aos seus ocupantes e tentar investigar o local antes de lhes revelar o motivo por que ali estava. Antes do confronto. Na sua precipitação, ele revelara sem querer o seu verdadeiro nome, o nome do meio pelo qual era conhecido habitualmente. Mas partira do princípio de

que ia safar-se, uma vez que o patronímico da filha era Hauksdóttir, e não Leósdóttir.

A mulher, Erla, ficara desconfiada desde o início. Aquela cabra maldita adivinhara a razão da sua presença ali, com toda a certeza. Ela sabia que o seu crime monstruoso iria ser descoberto mais cedo ou mais tarde. Mantivera-o sempre debaixo de olho, tornando-lhe difícil empreender uma busca pela casa à procura de pistas. No entanto, ele arranjava forma de se esgueirar para o sótão durante a noite, encontrando ali o quarto onde Unnur deveria ter ficado, embora não estivesse lá ninguém agora. Ao entrar no quarto, Leó rompera num pranto, ele que nunca chorava, porque sentira que a filha estava morta. Que chegara tarde demais.

Já em relação a Einar, ele tivera mais dificuldade em decifrá-lo. Saberia Einar o que acontecera a Unnur? E o que tinha exatamente acontecido naquela casa, que tinha um aspeto tão normal? Aparentava ser um lugar confortável e acolhedor, com a árvore de Natal na sala de estar e os presentes a rodeá-la, o som da estática do rádio em plano de fundo; uma casa de campo islandesa à moda antiga. As mentiras que Leó contara não estavam bem alicerçadas: ele perdera-se e, no entanto, ninguém andava à sua procura. Ele não tinha visto outra casa... Um erro idiota a seguir a outro. Assim que teve oportunidade, ele desligara o telefone, tentando fazê-lo de uma forma hábil e o mais dissimulada possível. Precisava de mais tempo para estudar a situação e procurar pistas.

Depois, de alguma forma, tudo tinha escalado.

Sem o esperar, ele acabara por cair na mesma situação difícil de Unnur, ficando trancado no mesmo quarto que ela. Talvez Einar tivesse sabido ou desconfiado de alguma coisa e tivesse agido em defesa da mulher. Haukur Leó tentara arrombar a porta, recorrendo à força bruta, mas, mesmo sendo mais forte do que a filha, não conseguira fazê-lo. Como se teria ela sentido, ficando ali aprisionada por uma mulher demente? A raiva foi aumentando até Einar entrar no quarto, empunhando a sua faca, e fora então que a situação se tornara violenta. Leó tentara arrancar-lhe a faca à força, temendo pela própria vida, e a luta tivera um desenlace fatal, embora ele tivesse tido a sorte de escapar ileso. Não experienciara uma ponta de remorso em relação à morte de Einar. Sim, matara um homem, mas fizera-o em legítima defesa, e, de qualquer modo, a sua própria filha havia sido morta enquanto permanecera naquela casa. Tudo lhe parecia extremamente irreal: o sangue, o corpo no chão. Ele ficara ali algum tempo, com uma estranha sensação de alheamento, vendo a vida de Einar

extinguir-se, enquanto este se esvaía em sangue.

Depois, voltara a si e descera as escadas a correr à procura de Erla, acabando por descobrir que ela sumira. Fora muito difícil apanhá-la, mas, no final, Leó conseguira pô-la entre a espada e a parede, e ouvira a sua confissão; ouvira-a descrever como matara estupidamente a sua filha. Aquilo tinha sido o ato de uma pessoa tresloucada. As raparigas eram parecidas, a filha dele e a de Erla. No quarto vago, ele vira a fotografia de uma jovem que deveria ser, ou tinha sido, Anna. E, de facto, havia algumas semelhanças; na realidade, elas eram inegavelmente semelhantes, com o cabelo ruivo flamejante e uma certa expressão no olhar.

Leó procurou uma pá robusta e tentou escavar, picando e raspando o terreno duro e gelado. Contudo, os seus esforços revelavam-se inúteis. Há quanto tempo estava ele ali?

Sentia tanto frio e cansaço que perdeu por completo a noção do tempo, e já não sabia o que mais fazer para encontrar Unnur. Mas ele começava a ter noção de que aquilo não ia resultar. Teria de descobrir outra solução, arranjando uma ferramenta mais eficaz, ou pedir ajuda. Talvez limitar-se a chamar a polícia...

Ele matara duas pessoas.

Da primeira vez, tinha sido um acidente; contudo, da segunda, fora um homicídio a sangue-frio; era preciso encarar esse facto. Ele matara deliberadamente a maldita cabra, apertando-lhe o pescoço até ela deixar de respirar. E isso soubera-lhe bem. Ele tinha vingado Unnur. Mas depois, uns segundos mais tarde, Leó tomava consciência do horror do seu ato. Já não havia volta a dar. Tudo tinha mudado. No entanto, agora que perdera Unnur, talvez isso não importasse. Ele nem decidira se ia tentar ocultar os seus crimes. Afinal, pareciam ter pouca importância no grande plano da vida. A filha dele estava morta.

Não era assim que devia ser.

Leó continuou a tentar raspar o terreno duro como o aço, concentrando unicamente os seus pensamentos nesse esforço, mas mal conseguia penetrar na superfície gelada para desbravar a terra por debaixo. Era como um pesadelo, saber que ela estava enterrada aos seus pés e não conseguir alcançá-la. Ele quase não conseguia respirar. Enquanto isso, a tempestade continuava a troar à sua volta. Estava enregelado e completamente extenuado. Porém, uma e outra vez, Leó sentia uma torrente de adrenalina a correr-lhe nas veias ao pensar em Unnur a fazer ali, debaixo da terra congelada. Mas ele já não conseguiria resistir muito mais. Precisava de

descansar e, a seguir, tomar uma decisão sobre se iria procurar ajuda. É claro que ele podia contactar a polícia, confessar os seus crimes e implorar-lhes que encontrassem a filha. Leó estava preparado para arcar com as consequências, mas temia o efeito que isso teria sobre a sua mulher. Ela ficaria sozinha, com Unnur morta e ele na prisão... Ou talvez ele conseguisse safar-se; talvez o juiz tomasse em conta as suas circunstâncias atenuantes e optasse por não o punir. Mas, ao mesmo tempo que lhe ocorria esse pensamento, Leó sabia como era improvável.

Parou de raspar com a pá e olhou de relance para cima. A ventania fugitava-o com projéteis de gelo, e ele mal conseguia ver mais do que escassos metros em cada direção. Estava encurralado num turbilhão de neve, sozinho, sem que alguém soubesse do seu paradeiro, e havia atingido o limite das suas forças, físicas e mentais, destroçado ao saber como a sua filha tinha ido ao encontro da morte. E, de vez em quando, vinha-lhe à ideia que era um assassino. Ele! Embora Leó fosse uma pessoa perfeitamente normal até ao momento em que a filha desaparecera.

Talvez fosse melhor recolher-se na casa durante algum tempo para recobrar as forças. Todavia, embora ele precisasse urgentemente de descansar depois de mais de 48 horas sem dormir, era insuportável pensar que ia estar ali a cismar sobre Unnur e a sua morte, e sobre Erla e Einar, as pessoas a quem ele tirara a vida. Precisava de arranjar uma maneira de esvaziar a mente. Não conseguia suportar tudo aquilo.

Tentou continuar a escavar e, a seguir, dominado por uma onda de exaustão, atirou com a pá e partiu em direção à casa, prometendo a si próprio regressar mais tarde e tentar de novo. Não ia abandonar a filha.

A porta estava trancada, mas Erla devia ter uma chave. Ele desceu os degraus da cave a correr e penetrou na escuridão. Lá estava ela, mal se conseguindo vislumbrar à luz pálida que se filtrava pela porta. A mulher que ele matara. Leó sentiu o estômago a revolver-se e esteve prestes a vomitar, mas inspirou profundamente e concentrou-se no que tinha a fazer — descobrir as chaves. Encontrou-as, por fim, no bolso da mulher. Apressou-se a sair e a subir os degraus cobertos de gelo, contornando a casa para chegar à porta. Tinha as mãos tão frias e debilitadas que levou muito tempo a tentar fazer rodar a chave na fechadura, mas conseguiu entrar, finalmente. Ao cruzar o vestíbulo e a sala de estar, parecia que nada tinha acontecido, com tudo ainda preparado para o Natal, como se ninguém tivesse sido morto, como se não estivesse uma pessoa a jazer numa poça de sangue no piso de cima... Haukur Leó foi acometido por

tonturas e teve de fazer um esforço para não desmaiar. A imagem do homem no sótão era insuportável. Ele não conseguia permanecer naquela casa, e muito menos dormir ali.

Dirigiu-se para o quarto vago, onde deixara a mochila em cima da cama, agora com o seu conteúdo espalhado no chão. Com as mãos a tremer, voltou a guardar tudo na mochila, pegou nela bruscamente e saiu da casa.

Porém, não avançou muito. Leó ficou imóvel uns segundos, fustigado pelo vento, ofuscado pela neve. Era como se fosse a correr contra uma parede. Estava demasiado frio. Era impossível escavar naquelas condições. Mas ele também não suportava a ideia de voltar a entrar na casa. Estava completamente desorientado, com a privação do sono a enfraquecer-lhe a capacidade de pensar. O que devia fazer? Não sabia como podia desenterrar a filha, não conseguia decidir se ia confessar tudo à polícia e sofrer as consequências. Já deixara de conseguir raciocinar.

Como se as pernas decidissem por ele, Leó começou a andar, de cabeça inclinada, lutando contra a tempestade e movido pelo único pensamento de regressar ao seu carro. Assim que estivesse no Mitsubishi, ele conseguiria recuperar as forças, aquecer-se com o radiador e tentar decidir finalmente o que fazer a seguir.

Ele descobrira o caminho para a casa da quinta à vinda, pelo que não havia razão para não ser capaz de encontrar o caminho de regresso. Ou assim tentava convencer-se, mesmo que o tempo estivesse inclemente agora. Afinal, o percurso era mais ou menos reto, com postes de sinalização aqui e ali a indicar o sentido da estrada. Sim, não lhe restava outra alternativa.

Leó lembrava-se mais ou menos da distância a que ficava a casa seguinte, e a distância dali ao carro. Isso ajudava-o a ter uma ideia da extensão do caminho percorrido. O mais importante era seguir sempre em frente, percorrendo a estrada que estava soterrada pela neve, algures sob os seus pés.

Prosseguiu a sua travessia, mantendo uma passada o mais firme possível, consciente de que a distância era grande e de que era preciso mover-se rapidamente para se manter aquecido. Ele não podia ser vencido pelo frio. Acreditava que tinha energia suficiente para levar aquilo até ao fim, desde que conseguisse enganar a fadiga mais algum tempo.

Foi avançando intrepidamente através dos bancos de neve, recusando deixar-se intimidar pelas violentas rajadas de vento. Era obrigado a manter a cabeça inclinada devido à neve pungente, sem conseguir olhar em frente,

mas estava no caminho certo, tinha a certeza.

XX

Onde estava a casa abandonada? Ele precisava de a encontrar para ter a certeza de que estava no rumo certo para regressar ao carro.

Já tinha passado por ela?

Seria possível?

Talvez tivesse sido a tempestade de neve ou a pouca visibilidade que o impediram de dar por ela.

Haukur Leó sentia que caminhava há muito tempo e tinha a certeza de que já deveria ter chegado à casa. Era isso, ele passara por ela sem a ver.

Ao pensar nisso, ocorreu-lhe que não via um poste de sinalização há algum tempo, mas, a seguir, lembrou-se de que havia alguns hiatos entre eles. Leó sentia instintivamente que seguia pelo caminho certo e que não estava longe do seu carro nesse momento. Devia ser capaz de chegar lá, embora não pudesse negar que estava terrivelmente enregelado, e tão cansado que mal tinha forças a que se agarrar, como se as últimas reservas de energia se tivessem esgotado.

Mas ele tinha de conseguir chegar ao carro.

Ia regressar a Reiquiavique; sim, agora tudo parecia mais claro. Ia regressar a casa, para junto da sua mulher, pedia-lhe que se sentasse e contava-lhe a verdade. Ela devia estar morta de preocupação depois da forma como ele desaparecera antes do Natal, sem lhe dizer uma palavra, como um perfeito idiota. Ela merecia melhor.

Ia explicar-lhe o que acontecera a Unnur; dizer-lhe o que aquelas pessoas pífidas haviam feito. A mulher dele era uma pessoa forte; ela não ia deixar que aquilo a destruísse. Então, ele contar-lhe-ia como tinha terminado a sua viagem para o Leste, com a morte do casal e a descoberta de que a filha deles estava enterrada na horta nas traseiras da casa. Depois, perguntaria à sua mulher o que deveria ele fazer. Ela iria

aconselhá-lo a entregar-se, e Leó sabia que ela estava certa.

Erla e Einar estavam mortos e, apesar disso, ele ainda se sentia dominado por uma raiva amarga e incontrolável.

Agora, avançava devagar, com a adrenalina que o motivara a caminhar já a esgotar-se. Ao parar por momentos, olhou em redor; porém, a vista era idêntica em qualquer direção: uma parede branca. Por fim, Leó reconheceu para si próprio que era capaz de ter andado em círculos, tanto quanto se apercebia, já que não fazia a mínima ideia do ponto onde se encontrava.

Não havia nada a fazer, a não ser continuar a andar e apenas desejar ardentemente que não se tivesse desviado da estrada.

Ele perdera a noção das horas; a verdade é que não fazia ideia de há quanto tempo andava ali. Tudo era absolutamente desesperante. Deveria voltar para trás? Não, isso não lhe traria qualquer benefício, porque a neve já devia ter coberto os seus rastros.

Talvez a medida mais sensata fosse sentar-se e ficar aninhado num banco de neve. Descansar um pouco. Esperar por um golpe de sorte; uma melhoria do tempo, por exemplo, embora ele soubesse que isso era improvável.

Sim, era o melhor que ele podia fazer. Abrigar-se num banco de neve.

Leó voltou a parar e deixou-se afundar no chão. Sabia bem recuperar o fôlego e conceder umas tréguas aos músculos doridos.

Desembaraçou-se da mochila e pousou-a, usando-a como almofada para descansar a cabeça. Não se ia deixar adormecer, apenas descontraír uns minutos.

Levou a mão direita ao bolso do casaco onde guardava a carta de Unnur; tinha de a proteger.

Em seguida, fechou os olhos, e os seus pensamentos foram ao encontro da sua filha.

XXI

Hulda tinha reservado um lugar ao fundo do avião, onde ia sozinha, bastante afastada dos outros passageiros.

Ia a caminho de casa.

O barulho era ensurdecedor, mas Hulda tentava não deixar que isso a afetasse; ela tinha de aguentar a viagem, malgrado a turbulência, o banco desconfortável e o café morno que ia bebericando em goles cuidadosos, para não o entornar sobre si própria de cada vez que o avião dava um solavanco.

O café era pavoroso, mas, por outro lado, que outra coisa se podia esperar num avião? Ela comprara um jornal no aeroporto para ler durante o voo; porém, acabara por ser dinheiro deitado fora. Hulda mal conseguia ler uma palavra, porque começava a ficar agoniada assim que se concentrava na leitura, e o cheiro do papel e da tinta combinado com o odor penetrante e desagradável do combustível e do café amargo resultava num cocktail intragável.

Sim, ela ia a caminho de casa.

A viagem tinha sido uma provação. A última coisa de que ela precisava era de ficar encalhada com um grupo de estranhos num ambiente desconhecido, em pleno inverno, enredada no meio de uma tragédia. Como se não tivesse já problemas suficientes nesse momento — ter de lidar com a própria dor.

Tinha sido demasiado precipitada a aceitar o caso, demasiado precipitada a regressar ao trabalho. Ela ainda não conseguira recuperar. Assim que esse pensamento lhe surgiu, Hulda rejeitou-o, porque era evidente que ela *nunca* iria recuperar.

Precisava apenas de aprender a esconder aquilo que verdadeiramente sentia atrás de uma fachada que fosse

completamente intransponível, ao mesmo tempo que agia em relação aos outros como se nada se passasse, de modo a conseguir levar a sua vida por diante... Se se podia chamar vida àquilo.

Hulda considerava que o caso, na medida do que era possível, estava resolvido. Era provável que eles nunca chegassem a apurar exatamente a causa da morte de Unnur — pobre rapariga... Embora não fosse difícil preencher as lacunas, agora que eles estavam a par dos antecedentes e do conteúdo da carta que ela escrevera aos pais. A sequência exata dos acontecimentos que haviam conduzido à morte do casal da quinta era igualmente impossível de estabelecer, ainda que se tornasse bastante claro que Haukur Leó fora o responsável.

Quatro pessoas haviam perdido a vida, e três tinham sido assassinadas quase de certeza; porém, nenhuma delas ia ser punida.

Mas o seu trabalho era assim, às vezes — um jogo praticado na fronteira cinzenta entre o dia e a noite. Nenhuma vitória tinha alguma vez um sabor doce; o trabalho nunca estava realmente completo, e não valia a pena esperar um elogio ou uma recompensa. A resolução dos casos era recebida com indiferença, genericamente. No entanto, talvez isso lhe acontecesse mais a ela, uma mulher num mundo masculino, do que aos seus colegas. Hulda sentia isso de uma forma muito profunda e reiterada, a ideia de que alguns dos colegas desejavam que ela cometesse um erro, que tivesse um desempenho pior do que o deles. Era isso que desencadeava a enorme necessidade que ela sentia de provar o seu valor, de fazer sempre melhor, se bem que nem mesmo isso bastasse.

Apesar disso, as pequenas vitórias acabavam por lhe dar algum grau de satisfação. Pelo menos, ela própria podia orgulhar-se de um trabalho bem feito, mesmo que mais ninguém o admitisse.

Todavia, hoje, Hulda apenas tinha uma sensação de vazio, ainda que tivesse cumprido bem o seu papel, apesar da sua incapacidade em concentrar-se. Na verdade, ela duvidava que alguém pudesse ter feito melhor. Contudo, existia um vazio dentro de si que coisa alguma podia preencher. Como um buraco na alma.

Enquanto seguia naquele avião trepidante, com as mãos crispadas em volta do café a arrefecer, Hulda sentia o frio a infiltrar-se-lhe no corpo.

Ela fazia o seu regresso ao lar, mas o que a esperava lá? Podia ela sequer chamar à casa de Álfanes um lar?

Nunca mais.

Era como se a casa tivesse ruído numa pilha de escombros no dia de Natal, quando a família se havia desintegrado para sempre. E, no entanto, era para lá que ela se dirigia, era lá que ela vivia, por enquanto, pelo menos. Não tinha outro sítio para onde ir.

É claro que podia sempre ir bater à casa da mãe, mas não estava a pensar fazê-lo. A relação entre as duas não era suficientemente próxima, ou não era do lado de Hulda, em todo o caso.

Hulda sabia que iria continuar a trabalhar após aquela viagem, mesmo não estando em condições de o fazer. Nessa altura, Jón trabalhava muitas vezes em casa, mais ainda do que o fazia antes, e ela tinha de permanecer longe dele. Pelo menos, quando estava a trabalhar, Hulda conseguia pensar ocasionalmente em algo mais do que em Dimma.

Podia fazer um esforço para se focar em coisas que não lhe fossem muito importantes. Era provável que as suas investigações se ressentissem da sua falta de concentração, apesar de ela garantir o contrário aos seus superiores, mas era tudo o que conseguia dar. De agora em diante, Hulda ia aprender a pôr-se a si própria em primeiro lugar. Ela tinha de fazer aquela travessia sozinha. Não lhe restava outra opção. Jón não lhe dava qualquer apoio, e Hulda jamais aceitaria o que quer que fosse dele. Era como se *ele soubesse* que *ela sabia*, mesmo que nenhum dissesse uma palavra.

O silêncio entre os dois era quase total.

Hulda presumia que ele se iria embora depois do intervalo de tempo apropriado e que desaparecia da sua vida. Porém, nem mesmo aí ela se livrava dele. Numa cidade pequena como Reiquiavique, havia o risco de ela o encontrar por acaso, e, mesmo que tal não acontecesse, ela saberia que ele andava por ali, que estava vivo, a usufruir da sua existência enquanto Dimma jazia morta na sua sepultura. Isso não era justo.

Por vezes, Hulda ainda pensava em ganhar coragem e apresentar uma queixa contra ele. Passar à ação. Expor à vista de todos os pecados secretos da família, aguentar os murmúrios que se seguiriam, em torno deles, em torno dela, para onde quer que Hulda fosse; as línguas viperinas a formularem — em voz alta — a mesma pergunta que ela nunca deixava de colocar a si própria, vezes sem conta: *Mas certamente ela devia saber, não? Porque não agiu ela antes que fosse tarde*

demaís?

Por que diabo não podia Jón enfrentar simplesmente a sua culpa?

Porque não se limitava a morrer, aquele pulha nojento? Fazer esse favor a Hulda. Repor um pouco de justiça no mundo. *Praticar uma boa ação na sua vida miserável e inútil.*

Nos velhos tempos, ela estaria ansiosa por regressar a casa depois de uma viagem como aquela. Não haveria nada melhor do que refugiar-se no abraço familiar, na sua casa acolhedora junto ao mar, o santuário onde ela estava a salvo do quotidiano stressante da cidade. Porém, aqueles dias faziam parte do passado e, a bem da verdade, aquela sensação já se tinha desvanecido muito antes de Dimma pôr termo à própria vida. Tinha sido um processo longo e doloroso, ao longo do qual a casa fora perdendo toda a alma. Agora, Hulda esperava ansiosamente que ela fosse vendida. Se Jón não se decidisse a fazê-lo quanto antes, seria ela própria quem ia colocá-la à venda. Não conseguia suportar ter de passar junto ao quarto de Dimma dia após dia. O momento da descoberta fora tão traumático que ela queria obliterá-lo da sua memória, mas nada estava a resultar nesse sentido. A sua mente continuava a evocar a cena, quer ela estivesse a dormir ou acordada, e Hulda tinha a noção de que esse momento iria perdurar enquanto ela vivesse. Aquela era a última memória da sua filha, mesmo que ela desse qualquer coisa para conseguir focar-se antes nas reminiscências dos tempos felizes.

Regressava a casa, para o frio. Agora, na sua imaginação, a casa estava sempre gelada e inóspita; a dor estava à espreita em qualquer divisão por onde passasse. Hulda não conseguia sequer ter prazer, como antigamente, em ir para o jardim e espriar a sua vista pelo mar. Em vez disso, ela permanecia dentro de casa, passando os serões na cama, por vezes cozinhando qualquer coisa quando sentia fome, mas apenas para si. Ou, então, contentava-se com uma refeição quente no refeitório da esquadra, a meio do dia. Dormia sozinha. Jón mudara-se para o quarto vago.

Hulda deu mais um gole no café frio. O sabor não tinha melhorado. De uma maneira ou de outra, ela precisava de ganhar coragem para enfrentar o dia que tinha pela frente.

Tentar persistir, dia após dia.

Continuar a trabalhar. Fazer o seu melhor. Afinal, Hulda não conseguia permanecer inativa.

Não fazia ideia se conseguiria levar o plano em frente.

Ela tinha quase 40 anos. Onde iria estar dali a 10 anos? Ou 20, já agora?

Nessa altura, a memória de Dimma já se teria esbatido?

E onde estaria Jón?

Eles já não estariam juntos, essa era uma certeza, mas o mais provável era ele ter arranjado uma vida confortável noutras paragens, com uma nova mulher, talvez, enterrando cuidadosamente a recordação do que havia feito.

Sim, *ele* iria estar vivo, ao passo que Dimma estava morta.

Por outro lado, o pulha tinha um coração fraco, embora os médicos lhe dissessem que ele podia viver tranquilo, desde que tomasse os comprimidos.

Como tudo se resolveria facilmente se ele parasse de tomar os comprimidos. Sim, isso seria o melhor para todos os envolvidos.

Então, com esse pensamento, os ânimos de Hulda elevaram-se ligeiramente.

Nota do Autor

Leio livros ao longo de todo o ano; porém, as leituras que faço na época do Natal dão-me um prazer especial. Na Islândia, existe uma tradição antiga de oferecer livros como presente de Natal, para depois passar a véspera de Natal a ler pela noite fora. E os livros com um cenário natalício contam-se entre os meus preferidos. Assim de repente, posso citar alguns exemplos magníficos, como *O Natal de Poirot*, de Agatha Christie (1938), *O Caso dos Gémeos Desconhecidos*, de Ellery Queen (1958), *Tied Up in Tinsel*, de Ngaio Marsh (1972) e *The Christmas Crimes at Puzzel Manor*, de Simon Brett (1991).

Quando comecei a escrever policiais, soube que gostaria de escrever histórias de suspense que tivessem lugar em épocas festivas. A primeira dessas obras foi *Branco Puro* — que faz parte da minha série *Dark Iceland* — e a segunda foi *A Névoa*. Escrevi também alguns contos que se passam na véspera de Natal, um dos quais é publicado neste livro pela primeira vez, «O Silêncio da Neve Que Cai».

Nos meus escritos em torno do Natal, recebi naturalmente influências das minhas próprias tradições, e ainda de histórias contadas pela minha família, uma das quais gostaria de partilhar convosco. É uma memória singela escrita há alguns anos, pela minha mãe, Katrín Guðjónsdóttir, um breve olhar sobre o Natal islandês na década de 60, quando ela tinha 10 anos.

Um Natal com maçãs, 1960

Era uma sensação confortável, quando o meu pai comprava as maçãs de Natal e a caixa chegava a nossa casa, em Háagerdi, ReiQUIAVIQUE. Nessa altura, eu sentia que o Natal estava mais

próximo.

Só comíamos maçãs na altura do Natal, pelo que eu e os meus irmãos íamos vezes sem conta ao cimo das escadas para lhes sentir o cheiro. Embora a caixa estivesse aberta, nós só espreitávamos; nenhum de nós podia comer uma maçã antes do Natal.

Eu estava sempre ansiosa por dar uma dentada numa assim que começasse a ler o meu novo livro no Natal.

Ainda sinto o cheiro das maçãs...

Katrín Guðjónsdóttir

Leia em exclusivo um conto
de Ragnar Jónasson

**O
SILÊNCIO
DA
NEVE QUE CAI**

Os flocos de neve caíam na terra, um após o outro, de forma majestosa; contudo, apenas Ari Thór Arason estava ali a admirá-los. Ele encontrava-se junto à janela da sala de estar, enquanto escutava um antigo disco de melodias clássicas do Natal. A missa de Natal ia ser transmitida na rádio dali a cerca de uma hora, e ele apenas queria começar a jantar nessa altura, precisamente às 18 horas da véspera de Natal. Era assim que tudo acontecera sempre, desde o seu tempo de criança com os pais.

O jantar compunha-se de lombo de porco fumado, outra tradição que ele herdara dos seus progenitores. Fora difícil encontrar uma peça que desse apenas para uma pessoa, por isso, teria a oportunidade de desfrutar das sobras ao longo da quadra natalícia. Uma das vantagens de ter finalmente um segundo-comandante, um jovem polícia chamado Ögmundur, era Ari poder estar de folga no Natal, ainda que fosse um período habitualmente tranquilo e ele não tivesse ninguém com quem o partilhar.

Kristín mudara-se para a Suécia com o filho de ambos, Stefnir. Hoje, Stefnir fazia 3 anos, e Ari sentia profundamente a dor de estar tão longe dele. Na realidade, ele propusera a Kristín ir passar o Natal com eles na Suécia, e ela refletira bastante sobre o assunto, mas acabara por decidir em contrário.

«Estamos a acabar de nos instalar, e pode ser perturbador para o Stefnir, ele é tão pequeno. Nós passamos a Páscoa em Siglufjörður e tu podes vir passar o Natal a seguir connosco, prometo. Vamos fazer isto gradualmente, está bem?» Ari gostaria de lhe ter dito que não estava bem; porém, não quisera dar início a uma discussão ao telefone.

A música festiva foi interrompida pelo toque do telemóvel, e Ari dirigiu-se para o piano onde o tinha pousado. Era Ögmundur, o seu adjunto.

— Sim? — atendeu Ari, com alguma brusquidão. Ele não imaginava qualquer razão suficientemente importante para Ögmundur o incomodar na véspera de Natal.

— Ari, uma mulher telefonou à tua procura — disse Ögmundur, indo direto à questão.

— Que mulher?

— Uma senhora idosa que vive na rua Hólavegur.

— É alguém que eu conheço?

— Não, acho que não. Ela chama-se Halla, e tem 80 e tal anos.
— E qual é a urgência? — perguntou Ari Thór, ainda algo irritado.
— Na verdade, não sei. Ela só me disse que queria falar contigo diretamente.

— E tu não pensaste em resolver o assunto sozinho?

Uma pequena pausa.

— Não, e, seja como for, eu sabia que tu estavas sozinho, sem nada para fazer. Então, queres o número de telefone dela?

Ari Thór suspirou.

— Pode ser...

Dez minutos depois, Ari estava sentado na espaçosa sala de estar de Halla. Deixara o lombo de porco no forno, considerando que podia dispor de meia hora para se encontrar com a senhora idosa, e tencionando regressar a casa a tempo de ouvir a missa. Por outro lado, também se tornava revigorante dar um passeio na neve quando a cidade estava quase deserta e se avistavam as tradicionais decorações de Ano Novo no cimo da montanha, com as luzes a formarem o ano corrente. À meia-noite do dia 31 de dezembro, as luzes mudavam de 2015 para 2016.

Ari nunca se cruzara com Halla, mas era óbvio que a senhora o conhecia. Ela não era muito alta, embora não deixasse de ter uma boa figura. Com a indumentária a fazer jus à quadra natalícia, estava bem conservada para a idade; no seu olhar, um brilho erudito.

— Foi muito amável em conceder-me o seu tempo — agradeceu ela num tom cordial. — Não sei porque senti a necessidade de lhe telefonar agora, mas é uma carta muito estranha. — A seguir, ela acrescentou: — E eu também sei que estudou Teologia, pelo que pensei que compreendia estas coisas.

Ari não lhe perguntou o que queria ela dizer com «estas coisas».

— Fale-me um pouco mais sobre essa carta — pediu ele, ao invés. Ao telefone, Halla já aflorara o assunto com ele.

A senhora levantou-se e saiu lentamente da sala, regressando com uma carta na mão.

— Ela não é a única, compreende? Trata-se apenas da mais recente — indicou ela, estendendo a carta a Ari Thór.

A carta não era muito extensa, consistindo apenas numa folha

manuscrita, com uma letra bastante intrincada. Vinha dirigida a «Querida Halla» e era assinada por um homem chamado Einar. O seu conteúdo não tinha nada de suspeito ou inquietante, consistindo apenas em algumas memórias de tempos passados, e finalizando com votos de boas-festas.

— Conhece este homem? O Einar? — Ela assentiu. — E não é a primeira carta que recebe dele?

— Não, eu recebo uma em cada Natal. Deseja vê-las?

Então, voltou a afastar-se, sem esperar pela resposta. Ao voltar, trazia uma pequena caixa de madeira nas mãos. Colocou-a sobre a mesa e abriu-a. Estava cheia de cartas. Ari Thór foi passando os dedos pelo conjunto. A caligrafia era sempre a mesma, e todas as cartas que ele via de relance estavam dirigidas a Halla, e assinadas por Einar.

— Peço desculpa — disse ele —, mas não estou realmente a entender a questão. Este homem... — Ari escolheu as palavras com cuidado. — Este homem está a assediá-la de alguma maneira?

— Não, de forma algum. — Ela abanou a cabeça energicamente. — É que nós fomos casados, compreende?

— *Foram* casados? Já não são?

— Não. Nós casámo-nos logo a seguir à guerra. Eu era muito jovem na altura, tendo 19 anos apenas. Ele era mais velho.

— E viveram sempre aqui, em Siglufjörður?

— Sim, eu nasci aqui. Ambos nascemos, na verdade.

— E divorciaram-se? — perguntou Ari Thór.

A senhora ficou em silêncio algum tempo, e depois respondeu:

— Não, ele morreu — disse ela.

— Ele morreu?! — Ari Thór não esperava ouvir aquilo, embora a resposta fosse plausível, de certa forma. A mulher estava na casa dos 80, ou pelo menos fora essa a informação avançada por Ögmundur, e ela acabava de lhe dizer que tinha desposado um homem mais velho. — Quando?

— Há 30 anos — respondeu ela. — Foi nessa altura que as cartas começaram a chegar.

Ari sentiu um calafrio desagradável a percorrer-lhe a coluna.

— Ele morreu ou... foi-se embora? Desapareceu? — Os seus pensamentos desviaram-se para o seu próprio pai, que desaparecera sem deixar rasto quando Ari Thór ainda era pequeno.

Halla não lhe respondeu de imediato.

— Ele morreu, posso assegurar-lho — retorquiu ela, de modo categórico.

— Nesse caso, alguém anda a enviar-lhe cartas em nome dele? E já faz isso há 30 anos.

Ela limitou-se a olhá-lo fixamente, sem aderir exatamente àquele raciocínio. Talvez Halla acreditasse verdadeiramente que aquelas cartas emanassem de além-túmulo...

— Faz alguma ideia de quem pode querer assustá-la desta maneira?

— Não.

— Já tinha contactado a polícia para falar em relação a isto?

A resposta foi a mesma.

— Não.

— De qualquer forma, não estou a ver o que possamos fazer neste ponto — continuou Ari. — Podemos rever o assunto no início do ano, se continuar preocupada. — Em seguida, ele perguntou ainda: — Tem medo de que alguém possa fazer-lhe mal?

A senhora sorriu.

— Não, de forma alguma. Sou demasiado velha para ter medo. Já não estarei muito mais tempo aqui.

— Nesse caso, sente-se bem em ficar sozinha aqui no Natal?

— Claro, eu precisava apenas de falar com alguém. Obrigada por ter vindo cá. — Ela levantou-se.

— Se calhar, vou deixar-lhe o meu número de telefone, para o caso de ser preciso — ofereceu ele.

— É muito amável. Eu também lhe dou o meu — disse ela.

Halla saiu novamente da sala, antes de ele ter tempo de dizer que Ögmundur já lhe dera o número de telefone dela. A senhora regressou com uma pequena nota, e depois registou também o número de Ari Thór.

Ari só reparou na nota quando se encontrava à porta a despedir-se de Halla.

O nome e o número de telefone dela.

A caligrafia era a mesma.

Eles estavam de novo na sala de estar. O relógio de pé bateu as 18 horas.

— Não se preocupe, vai chegar a casa a tempo do Natal. Há anos

que este relógio está adiantado 20 minutos. — disse ela. — Não mora muito longe daqui, pois não?

— São uns cinco minutos a pé — esclareceu Ari.

— Eu sei. Nesta cidade, todos sabem de tudo, compreende?

Halla convidara-o a entrar de novo, depois de Ari lhe referir que a caligrafia da sua nota correspondia à das cartas.

— De certa forma, eu estava à espera de que o descobrisse — confessou a senhora. — Ele não era um homem gentil — acrescentou ela. — E, no entanto, eu tenho vindo a escrever estas cartas ano após ano, no mês de dezembro. Registrando memórias de alguns dos bons momentos que vivemos.

— Tiveram filhos?

— Sim. Ambos vivem no estrangeiro, e, este ano, nenhum deles conseguiu vir a casa no Natal. Eles têm uma vida muito ocupada, claro.

— Mas, mais uma vez, escrever cartas a si própria em nome de um homem morto não é certamente um caso para a polícia...

— Eu pedi-lhe que viesse cá porque ia contar-lhe, mas acabei por perder a coragem. Ainda assim, estou satisfeita por a minha nota me ter denunciado. Eu queria dizer-lhe a verdade. Seja como for, e como lhe referi, não acho que vá viver muito mais tempo.

Ela voltou a ficar em silêncio. Lá fora, a queda de neve aumentava de intensidade a cada minuto.

— É que eu matei o meu marido, compreende? Há 30 anos. Ninguém desconfiou de nada. Ele era muito... Ele era um homem muito violento.

Sentado à frente dela, Ari Thór ficou sem reação.

— Está a dizer-me que o *assassinou*?

Ela assentiu.

— Eu acho que precisava apenas de o confessar a alguém, antes de partir. Sinceramente, não me importa o que possa acontecer agora, porque sei que aquilo que fiz está errado. Há 30 anos que o sei, embora nunca me tenha arrependido de o ter feito. Eu julgo que ele ia acabar por me matar.

Ari Thór gostava de lhe ter perguntado como é que ela o fizera, mas, a bem da verdade, ele não queria saber muito mais pormenores. Talvez, um dia, quando Halla tivesse falecido, ele desse uma vista de olhos ao processo antigo. Neste momento, não havia necessidade de a

perturbar a ela ou aos filhos.

Ele levantou-se.

— Pediu especificamente que viesse eu, em vez do meu colega Ögmundur?

A senhora confirmou com um aceno de cabeça.

— Queria falar com um polícia ou... bom, com alguém que esteve quase a ser padre?

Halla sorriu.

— Acho que sabe a resposta. Agora, é melhor ir andando para casa, jovem, para não perder o seu Natal.

Agradecimentos

Um agradecimento especial a Hulda María Stefánsdóttir pelo seu aconselhamento sobre procedimentos policiais.

A minha profunda gratidão aos meus pais, Jónas Ragnarsson e Katrín Guðjónsdóttir, pela leitura do manuscrito.

Texto original em islandês
Título: *Mistur*
Texto: © 2017 Ragnar Jónasson

Edição em inglês
Título: *The Mist*
Tradução: © 2020 Victoria Cribb
Capa: Chris Bentham/MJ
Fotografia da capa: © Willing-Holtz/plainpicture
Publicado pela Michael Joseph,
uma chancela da Penguin Books, Londres.
Todos os direitos reservados.

Edição em português
Título: *A Névoa (Ragnar Jónasson)*
Tradução: Maria da Fé Peres
Revisão: Teresa Antunes
Paginação eletrónica: Wonder Studio
Por acordo com Copenhagen Literary Agency ApS, Copenhaga.
ISBN edição impressa: 978-989-564-655-5
ISBN edição ePub: 978-989-564-699-9

1.^a edição: julho de 2021
Versão 1.0: julho de 2021

© 2021 **Topseller**, uma chancela da **20|20 Editora**.
Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização da editora.



Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal
Tel. +351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304
contacto@topseller.pt • www.topseller.pt •  [topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá contactar diretamente a Topseller, juntando a fatura de compra, e será reembolsado sem mais perguntas. Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

A Névoa (Ragnar Jónasson) é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

Também disponível em versão impressa.